

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DO BOM FIM À CIDADE BAIXA:
O USO DOS ESPAÇOS DE LAZER
NOTURNO (1964 – 2006)**

VANESSI REIS

**PORTO ALEGRE
2013**

VANESSI REIS

**DO BOM FIM À CIDADE BAIXA:
O USO DOS ESPAÇOS DE LAZER NOTURNO (1964 – 2006)**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na linha Sociedade, Ciência e Arte.

Orientadora Dr^a. Maria Lúcia Bastos Kern - PPGH/PUCRS

PORTO ALEGRE

2013

VANESSI REIS

**DO BOM FIM À CIDADE BAIXA:
O USO DOS ESPAÇOS DE LAZER NOTURNO (1964 – 2006)**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na linha Sociedade, Ciência e Arte.

Aprovada em: 26 de agosto de 2013.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora Dr^a. Maria Lúcia Bastos Kern - PPGH/PUCRS

Dr^a. Glenda Pereira da Cruz - UFRGS

Dr^a. Núncia Santoro de Constantino - PUCRS

PORTO ALEGRE
2013

Dedicada à memória de Porto Alegre, a seus
notívagos, boêmios, à gente da noite: seus
músicos, artistas e amantes.

AGRADECIMENTOS

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ao Programa de Pós-Graduação em História.

À CAPES.

À Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões – URI.

Aos diretores da URI – Professores Maurílio Tiecker, Neusa Scheid e Gilberto Pacheco e às colegas Thaís Brum, Patrícia Prado e Daniela Viaro.

À Faculdade São Francisco de Assis e à Faculdade da Serra Gaúcha, em especial à Ada Schwartz, pela amizade, incentivo e apoio.

À Equipe de Pesquisa do Museu UFRGS, em especial à Cláudia Aristimunha e Berenice.

À Equipe de Pesquisa da Secretaria Municipal de Obras e Viação – Mapoteca, em especial à Eliane.

À Equipe de Pesquisa do Arquivo Público Municipal.

À Raquel Rodrigues Lima, Nara Helena Neumann Machado e Vera Corazza, pelas orientações e incentivo à pesquisa e ao desafio da sequência na vida acadêmica.

À Glenda Pereira da Cruz, orientadora e “mestra”, pela parceria, cumplicidade e forte incentivo à sequência acadêmica, principalmente na conquista do título.

A Charles Monteiro, Jurandir Malerba, Maria Cristina dos Santos e Núncia Constantino, pelas orientações, indicações e pelos ensinamentos na área de História.

À Eunice Einloft, pelo incentivo, questionamentos e parceria, sem a qual este projeto jamais teria se iniciado.

À Camila Eberhardt e Maria do Amparo de Carvalho, pela amizade, companhia, discussões, indicações, reuniões e apoio; a Cristian Hendler, pelas indicações, sugestões e críticas; a Régis Marques, pelas indicações e parceria; a Marcelo Pereira, pelo suporte e ajuda; e a todos os demais amigos que participaram desta trajetória.

À minha mãe, Vanda Reis, pelas inúmeras ajudas, companhia, incentivo, cobranças, motivação e apoio.

À professora Maria Lúcia Bastos Kern, pelo acompanhamento efetivo e orientações, direcionamentos, sugestões e pelo sempre cuidadoso modo de conduzir o processo.

A todos os entrevistados – pela disponibilidade, confiança, boa vontade e por compartilharem de suas lembranças, emoções e vida, que tornaram possível este trabalho acontecer.

*As descrições historiográficas e os guias de viagem têm tudo em comum. (E assim também a organização espacial do urbano a partir da hierarquia da arquitetura). Numa paisagem à primeira vista pouco diferenciada e rica, indicam perspectivas, desenham percursos, destacam monumentos ou curiosidades e ordenam o mundo, utilizando, com ponderações diferentes de acordo com o público visado, os critérios do notável e do útil. [...] historiadores [...] desempenham o papel de intermediários culturais entre o visitante estrangeiro e uma sociedade local inicialmente pouco compreensível. [...]*¹

¹ SALGUEIRO, Heliana A. (Org.). **Por uma nova história urbana**: Bernard Lepetit. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 45.

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a reconstituir, territorialmente, os espaços de lazer noturno do bairro Cidade Baixa, desde o início da Ditadura até o ano de 2006. Por sua intrínseca relação com o Bom Fim, os lugares deste bairro lindeiro também são levantados, assim como os das áreas próximas com as quais dividiram o público e partilharam rotas, deslocamentos e usos. A dissertação percorre quatro períodos do bairro, buscando demonstrar as diferenças de perfil social, motivação e características espaciais existentes nos lugares de convivência social noturna da área. Busca localizar as mais significativas unidades de espaços de lazer noturno de cada época, a partir do cruzamento de fontes, informações em periódicos (entrevistas e reportagens), publicações da área e depoimentos de pessoas que vivenciaram estes momentos. No primeiro período (da fundação da cidade até 1964), são apresentadas as mudanças urbanas e a consolidação das morfologias e tipologias, no Bom Fim e na Cidade Baixa, e seus elementos de memória. No segundo (1964-1985), durante a Ditadura, é apresentada a fase de crescimento da Cidade Baixa, associada a seu uso noturno, a partir de uma migração de público do Bom Fim para seu território, motivada pela oposição ao regime vigente, manifestada na panfletagem subversiva e posteriormente potencializada pelo fechamento dos bares deste seu lindeiro: a Esquina Maldita. No terceiro momento (1985-1995), trata-se do desenvolvimento do outro *point* de bares no Bairro Bom Fim, seu auge e a instalação de violência no local, que atinge um nível tão elevado, impossibilitando o uso do espaço, induzindo à migração de seus frequentadores a outras partes da cidade, principalmente para o bairro Cidade Baixa. No quarto período (1995-2006), trata-se das transformações deste bairro, a partir do “fechamento” definitivo dos espaços de lazer noturno no Bom Fim e do desenvolvimento da Cidade Baixa, em função da criação do Centro Cultural Nova Olaria. O trabalho é concluído mostrando a tendência de crescimento local. A pesquisa produz mapeamentos físico-territoriais, registrando e localizando o desenvolvimento deste território como lugar de vivência noturna e suas ligações com áreas do entorno. A pesquisa busca contribuir com o conhecimento da cidade, de sua história e memória.

Palavras-chave: Cidade Baixa. Bom Fim. Memória. Lazer. Bares.

ABSTRACT

The present work proposes reconstitute, spatially, the places of night entertainment from Cidade Baixa district, since the beginning of Dictatorship until the year of 2006. Due your intrinsic relation with Bom Fim, the places of this neighboring district also are collected, as well as the nearby areas with which divided the public and shared routes, moves and uses. The dissertation covers four periods of the district, trying to demonstrate the public differences, motivation and desired spatial characteristics of the nightlife interaction places from the area. It tries to localize spatially the most significant nightly entertainment places of each period, from crossing sources, information in periodicals (interviews and reports), area publications and testimonials from people who have experienced these moments. In the first period (from city foundation until 1964) are presented the urban changes and the consolidation of morphologies and typologies at Bom Fim and Cidade Baixa, and their memory elements. In the second (1964-1985), during the Dictatorship, demonstrates the growth phase of Cidade Baixa associated to its nightly use, from a public migration of Bom Fim to its territory, motivated by the opposition to the current regime, manifested in subversive pamphlets, and subsequently enhanced by the closing of the bars of this neighboring until the Esquina Maldita. In the third moment (1985-1995), treats of the development of the other point of bars in Bom Fim district, its height and the violence taking the place, which reaches a high level that precludes the use of space, inducing the migration of its visitors to other parts of the city, especially for the Cidade Baixa district. In the fourth period (1995-2006), treats of the transformation of this district, from the ultimate “closing” of the nocturnal leisure spaces of Bom Fim and the development of Cidade Baixa from the creation of Nova Olaria Cultural Center. The work finalizes showing the propensity of local growth. The research builds physical-territorial maps, registering and locating the development of this space while nightlife place, and its links to the surrounding areas. The research tries to contribute with the knowledge of the city, of its history and memory.

Keywords: Cidade Baixa. Bom Fim. Memory. Lounge. Bars.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Planta da Cidade de Porto Alegre, 1833.....	42
Figura 2 - Detalhe da planta da Cidade de Porto Alegre, 1839.....	44
Figura 3 - Bairros Cidade Baixa e Bom Fim. 1926.....	47
Figura 4 - Bairro Centro, Bairro Bom Fim e Bairro Cidade Baixa (foto Aérea). 1952.	48
Figura 5 - Armazém de Victorio Pilla. Osvaldo Aranha com Sarmiento Leite, 1918.	49
Figura 6 - Bar Fedor.	55
Figura 7 - Cavalarianos a caminho do largo, em São Paulo.....	61
Figura 8 -... e os estudantes acuados nas arcadas.	61
Figura 9 - No Viaduto do Chá, a rápida refrega: de repente, o coronel Erasmo cansou de esperar. (Rio de Janeiro).	62
Figura 10 - No centro de Porto Alegre, prevenidos contra qualquer eventualidade.	62
Figura 11 - No território neutro da UFRGS, a contribuição gaúcha ao protesto nacional..	62
Figura 12 - Estudantes em frente ao RU.....	64
Figura 13 - Polícia na Av. João Pessoa.	64
Figura 14 - Estudantes na UFRGS. Polícia na Av. João Pessoa.	64
Figura 15 - Pichação em monumento.....	72
Figura 16 - Imagem de capa.	72
Figura 17 - Cena com os protagonistas no espaço em frente ao Auditório Araújo Viana. .	73
Figura 18 - Cena com os protagonistas no espaço da casa que dividiam.	73
Figura 19 - Cena com o protagonista num café.....	73
Figura 20 - Demarcação da possível localização do Café Vera Cruz no Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre (1941).....	79
Figura 21 - Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre – esc. /1000, (1941).....	80
Figura 22 - Lawson Pereira, Teresinha Melo Fernandes e filhos. Ao fundo, o prédio da Santa Casa, em construção.	80
Figura 23 - Demarcação em verde, amarelo e azul, dos novos edifícios construídos na esquina, sobre Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre – esc. /1000, (1979).....	81
Figura 24 - Placa indicativa da Padaria da Universidade.	82
Figura 25 - Fachada do bar Alaska.....	83
Figura 26 - Rotas Estudantis a partir da Esquina Maldita.	87
Figura 27 - Mapa sintético do Apêndice S (1964 – 1985).	88
Figura 28: Fachada da Lanchonete Joe’s.....	89

Figura 29 - Interior do Rib's.....	90
Figura 30 - Interior do Restaurante Floresta Negra.....	90
Figura 31 - Fachada do Clube de Cultura.	91
Figura 32 - Interior do Bar do Espaço IAB.	93
Figura 33 - Esquina Maldita.	95
Figura 34 - Ligação entre cinemas alternativos.	96
Figura 35 - Rota Estudantil UFRGS CENTRO – UFRGS SAÚDE.	98
Figura 36 - Carteirinha de cliente VIP.	99
Figura 37 - Bar Ocidente.	100
Figura 38 - [...] bandas de rock, de sucesso ou inéditas, têm espaço no Ocidente.....	100
Figura 39 - Fachada do bar Lola.....	101
Figura 40 - Fachada do bar João.....	103
Figura 41 - Mercado do Bom Fim.	104
Figura 42 - Cartaz Cio da Terra – 1982.	107
Figura 43 - Auditório Araújo Viana.	113
Figura 44 - Delimitação dos bairros Cidade Baixa e lindeiros.....	117
Figura 45 - Interiores do Bere & Ballare.....	118
Figura 46 - Interiores do Bere & Ballare.....	118
Figura 47 - Mapa sintético do Apêndice T (1985 – 1995).	119
Figura 48 - Campanha Bom Fim – Pequim.....	136
Figura 49 - [...] movimentada esquina da João Telles, fronteira entre os bares Ocidente e Lola [...].	140
Figura 50 - Demolição do Baltimore.	157
Figura 51 - Bar João.	158
Figura 52 – Limite imaginário do bairro pela boêmia em reportagem “Roteiro de bares da Cidade Baixa”.	161
Figura 53 - Mapa sintético do Apêndice U (1995 – 2006).	162
Figura 54 - Mapa sintético do Apêndice V (1964 – 2006).	163
Figura 55 - Mapas de roubos automóveis zona central e Cidade Baixa.	171
Figura 56 - Sem Teto no centro e Cidade Baixa.....	173

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEMA E DA SUA DELIMITAÇÃO.....	13
1.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	24
1.3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	29
1.4 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS	39
2 HISTÓRICO DA CIDADE BAIXA E DO BOM FIM.....	42
2.1 HISTÓRICO DOS ESPAÇOS DE LAZER DA CIDADE	50
3 PRIMEIRA FASE DO MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE USO NOTURNO: MOBILIZAÇÃO POLÍTICA	58
3.1 1964-1985: DITADURA E LIMITAÇÕES AO ESPAÇO PÚBLICO.....	58
3.2 1964-1985: DO BOM FIM À CIDADE BAIXA – VIA RUA SARMENTO LEITE	76
3.2.1 Bom Fim: Esquina Maldita	77
3.2.2 Da Esquina Maldita ao Mercado do Bom Fim.....	95
3.2.3 Da Esquina Maldita à Cidade Baixa.....	108
4. SEGUNDA FASE DO MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE USO NOTURNO: MOBILIZAÇÃO CULTURAL.....	114
4.1 1985-1995: PERÍODO DE TRANSIÇÃO E DE RETOMADA DO ESPAÇO PÚBLICO	114
4.2 1985-1995: DO BOM FIM À CIDADE BAIXA – VIA RUAS JOSÉ BONIFÁCIO E VENÂNCIO AIRES.....	129
4.2.1 Violência no Bom Fim	129
4.2.2 Fechamento do Bom Fim	138
4.2.3 Desenvolvimento da Cidade Baixa.....	138
5. TERCEIRA FASE DO MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE USO NOTURNO: MOBILIZAÇÃO PELO LAZER E PRAZER	155
5.1 1995 - 2006: DEMOCRACIA E ABUSOS NO ESPAÇO PÚBLICO	155
5.2 1995 - 2006: CIDADE BAIXA - VIA RUAS JOSÉ BONIFÁCIO E VENÂNCIO AIRES	159
5.2.1 Super adensamento de bares.....	159
5.2.2 Problemas com a vizinhança residencial.....	170
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190

APÊNDICE A - Listagem dos cafés por Hardy Vedana (1920 A 1970)	203
APÊNDICE B - Listagem dos cabarés e boates por Hardy Vedana (1920 A 1970)	205
APÊNDICE C - Listagem dos espaços de lazer noturno do Centro (1964- 2006)	209
APÊNDICE D - Listagem dos espaços de lazer noturno do Bom Fim (1964 - 2006)	212
APÊNDICE E - Listagem dos espaços de lazer noturno da Cidade Baixa (1964-2006)	216
APÊNDICE F - Listagem dos espaços de lazer noturno da Av. Venâncio Aires (1964 - 2006)	225
APÊNDICE G - Listagem dos espaços de lazer noturno da Av. Cristóvão Colombo (1964 - 2006)	226
APÊNDICE H - Listagem dos espaços de lazer noturno da Av. Independência (1964 – 2006)	228
APÊNDICE I - Listagem dos filmes produzidos pela juventude (Bom Fim e Cidade Baixa)	231
APÊNDICE J - Listagem dos Cinemas (Centro, Bom Fim e Cidade Baixa).....	232
APÊNDICE L - Listagem dos Teatros (Centro, Bom Fim e Cidade Baixa).....	233
APÊNDICE M - Listagem dos Grupos de Teatro (Bom Fim e Cidade Baixa).....	234
APÊNDICE N - Listagem das Casas de Estudantes (Centro, Bom Fim e Cidade Baixa) ..	235
APÊNDICE O - Listagem dos espaços de lazer noturno dos altos da Av. Protásio Alves (1964 - 2006)	236
APÊNDICE P - Listagem dos espaços de lazer noturno da Av. 24 de Outubro (1964-2006)	237
APÊNDICE Q - Espaços Históricos da Baixa Cidade	239
APÊNDICE R - Listagem de depoentes - Entrevistas abertas	241
APÊNDICE S - Mapa dos espaços de lazer noturno Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Avenida Independência e Avenida Cristóvão Colombo (1964 – 1985)	242
APÊNDICE T - Mapa dos espaços de lazer noturno Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Avenida Independência e Avenida Cristóvão Colombo (1985 – 1995)	243
APÊNDICE U - Mapa dos espaços de lazer noturno Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Avenida Independência e Avenida Cristóvão Colombo (1995 – 2006)	244
APÊNDICE V - Mapa dos espaços de lazer noturno Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Avenida Independência e Avenida Cristóvão Colombo (1964 – 2006)	245
ANEXO A - Recorte da planta da Cidade de Porto Alegre, 1839. Autor: Luís Pereira Dias.	246
ANEXO B - Recorte de Planta da Cidade de Porto Alegre pelo Engenheiro Henrique Breton, 1881.	247

ANEXO C - Recorte de Planta da Cidade de Porto Alegre pelo Engenheiro Militar João Cândido Jacques, 1888.	248
ANEXO D - Recorte de Planta da Cidade de Porto Alegre por Alexandre Ahrons, 1896. .	249
ANEXO E - Recorte de Porto Alegre Antigo, 1906. Mapa Histórico. Escala Gráfica	250
ANEXO F - Recorte da Planta da Cidade de Porto Alegre. Plano Geral de Melhoramentos por Moreira Maciel, 1914.	251
ANEXO G - Recorte da Planta da Cidade de Porto Alegre. Prefeitura Municipal. 1935. Compilada e desenhada por F. Billanca.	252
ANEXO H - Recorte da Planta da Cidade de Porto Alegre. Prefeitura Municipal. 1937. Direção Geral de Obras e Viação. Administração do Prefeito Major Alberto Bins.	253
ANEXO I - Recorte da Planta da Cidade de Porto Alegre. 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre. 1959	254
ANEXO J - Recorte do Levantamento Aerofotogramétrico do Município de Porto Alegre, na administração de Alceu Collares. 1979	255

1 INTRODUÇÃO

[...] as paredes silenciosas e atentas dos casarões altos da Cidade Baixa sobrevivem ao tempo, aos modos, à moda e ao estranho ritmo do crescimento desta urbe. Altos edifícios, montes de concreto, convivem blocos modernos e modernos circundando o casario quase em desatino. Há vida nas ruas desta cidade dentro de uma cidade. É pura e intensa. [...] Única. Território mundial consagrado definitivamente nos bares, antros e botecos seus. Corpo de tudo que é possível ainda neste mundo, ainda neste tempo, ainda nesta noite. Ardente cidadela².

O Bairro Cidade Baixa é a área reconhecida pelo seu caráter boêmio. Palco de ações e vivências da juventude, principalmente estudantil, reforça-se no imaginário urbano da cidade como espaço de lazer noturno. Consagrado por sua história ligada à exclusão social, econômica e de minorias, é território-refúgio para a prática de ações não tão aceitas na cidade, atualmente. Lugar de encontro e prática do pessoal da música, do teatro, do cinema, das artes, da arquitetura, das letras e todas as demais formas de representações artísticas, é *point* cultural e de maior concentração de espaços de lazer noturno de Porto Alegre.

Comparável à Lapa, no Rio de Janeiro, ao Largo da Ordem, em Curitiba e à Vila Madalena e ao Bairro Bixiga, em São Paulo, imprime *status* e soma valor à prática social noturna de seus espaços pela memória que o espaço evoca de sua história e do histórico boêmio antecedente local. Seu caráter como espaço de minorias soma-se à importância e valorização da vivência de Lupicínio Rodrigues no local, além das peculiaridades de seu histórico como espaço de excepcionalidades sociais e urbanas que existiram na área (Emboscadas, Príncipe Negro, Rua do Imperador, Matadouro, Riachinho, Olarias...) e a prática social ganha maior valor e reconhecimento. Estar neste lugar e ser visto desfrutando dele tem destacado valor social na cena noturna atual, por ser lugar de inclusão e liberdade em várias formas de ações e vivências sociais do urbano.

Por se tratar de espaço especial na cena noturna da cidade, desperta a atenção de várias áreas de pesquisa, de forma a desvendar diversos aspectos deste local cosmopolita e de longo uso como espaço noturno.

1.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEMA E DA SUA DELIMITAÇÃO

O presente trabalho dá sequência a uma trajetória de pesquisas sobre as quais me dediquei nos últimos anos, com a temática do uso social urbano nas áreas de bares e suas

² ROSA, Iran. Paredes de Segredos. Disponível em: < http://www.girocidadebaixa.com.br/opiniao/opi_iran.asp.> Acesso em: 01 set. 2008.

adjacências, como paisagem urbana, na cena noturna de Porto Alegre.

As pesquisas iniciaram-se pelo bairro Bom Fim, do início da Ditadura a meados dos anos 90, ao findar a sua ocupação como espaço expoente de uso noturno de bares. A primeira³ buscava recuperar a forma de desenvolvimento arquitetônico e social dos bares da chamada “Esquina Maldita” (esquina da Rua Sarmento Leite com a Avenida Osvaldo Aranha) e dos próximos ao Mercado do Bom Fim, por se constituírem em cenários que se prestavam à prática juvenil (estudantil ou não) de uso do bar, como espaço de contestação contra a Ditadura, conspirações e libertação (sexual, política, ideológica).

Na segunda pesquisa⁴, foi analisada a arquitetura dos bares noturnos da região do Bairro Moinhos de Vento, próximos à Hidráulica que leva o nome do bairro, no complexo de bares formados pelas Ruas Padre Chagas e perpendiculares - com destaque à Rua Fernando Gomes, com a qual se consolidava o “T” da Fama, ampliando a abrangência do apelido da área, até então conhecida como “Calçada da Fama”, devido ao perfil e às ações do público que a frequenta.

Ao longo destes anos de pesquisa, buscando fontes impressas (registros em revistas, jornais, impressos alternativos, fotos, mapas, etc.), orais (em entrevistas-depoimentos ou testemunhos) ou mesmo criados (como mapas mentais⁵), foram feitas muitas publicações, aprofundando olhares sobre aspectos do tema.

A dissertação também dá desenvolvimento a pesquisas sobre as áreas de lazer da cidade de Porto Alegre, principalmente em seu uso noturno e em zonas suburbanas e marginais à área central.

Foram muitas as pesquisas realizadas sobre estas práticas sociais, em bairros como Centro, Cidade Baixa, Bom Fim, Moinhos de Ventos e nos arredores da Avenida Goethe. Pesquisas de cunho histórico, etnológico ou antropológico sobre comportamento e/ou ações de grupos em determinados locais, ou arquitetônico, com análises das alterações tipo-

³ REIS, Vanessi e PUIG, Renata G. **Bom Fim – o espaço como refúgio nos bares – décadas 60 e 70**. 2000. 21 f. Monografia (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Ritter dos Reis, Porto Alegre. 2000.

⁴ REIS, Vanessi. **Exteriorização dos Interiores dos bares noturnos de Porto Alegre – Bordas das Ruas Fernando Gomes e Padre Chagas**. 2003. 211 f. Monografia (Especialização em Arquitetura de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UniRitter, Porto Alegre. 2003.

⁵ De acordo com Kozel (2001), o termo “carta mental” foi introduzido na geografia por Peter Gould, ao discutir o imaginário individual e coletivo, relacionado à concepção de mundo. De acordo com Andrews (1996 – citado por Seemann, 2003), o mapa é “uma imagem simbolizada da realidade geográfica, representando feitos ou características selecionadas, que resultam do esforço criativo da escolha do seu autor e que são desenhados para o uso em que relações espaciais são de relevância espacial. KOZEL, T. S. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba, a “capital ecológica”. 2001. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo. SEEMANN, Jörn. **Mapas e Percepção Ambiental**: do Mental ao Material e vice-versa. Vol. 3, nº 1, p. 200 – 223. Setembro de 2003.

morfológicas da arquitetura local, medições de sintaxe espacial e percepção ambiental.

No caso da Cidade Baixa, existem muitas pesquisas sobre a história do bairro. A boêmia⁶ da Ilhota⁷, vinculada a Lupicínio Rodrigues⁸, foi trabalhada em pesquisas que abordaram as práticas noturnas⁹ e a imagem idealizada do boêmio, lidando com a boêmia de forma relacional, complementar e interdependente à experiência do dia e do trabalho¹⁰.

A permanência da “Aura Lupiciniana” também foi analisada em trabalho que tratou da importância simbólica do músico ainda hoje, buscando identificar os elementos que fazem com que sua obra e figura permaneçam no tempo¹¹ - aspectos que foram registrados, também, em livros¹².

O carnaval na região da Cidade Baixa, tradicional na cidade, também foi abordado em pesquisas, que analisaram a prática social nos períodos de 1930 a 1940¹³ e de 1752 e 1990¹⁴.

A área do Areal da Baronesa¹⁵, pertencente ao perímetro estudado nesta dissertação,

⁶ Atualmente, segundo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – Associação Brasileira de Letras ABL, as duas formas “boêmia” e “boemia” são aceitas. Optou-se neste trabalho pelo uso do vocábulo original *boêmia*.

⁷ Ilhota refere-se à região das quadras que abrigam, atualmente, o Centro Municipal de Cultura, a Vila do Tesourinha e o Ginásio de Esportes que dá nome à ocupação, sendo, mais precisamente, no local deste último e de parte da vila, o posicionamento correto da pequena ilha. GERMANO, Íris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40**. 1999. 278 f. Dissertação. (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

⁸ Lupicínio Rodrigues foi um renomado músico porto-alegrense, nascido e crescido na Cidade Baixa, à Travessa Batista, nº 97, na Ilhota (NASI, Eduardo; RAMOS, Paula. *Mestres do século. Música. O poeta da boêmia. Aplauso - Cultura em Revista*. Porto Alegre, ano 1 nº. 11, p. 26), viveu e trabalhou no bairro por muitos anos, onde construiu (e manteve) a imagem da área como reduto boêmio de músicos noturnos. É considerado o pai da “dor de cotovelo” pela natureza de suas músicas, em que os amores traídos e fracassados e a tristeza estão sempre presentes. Disponível em: <http://cifrantiga3.blogspot.com/2006/04/lupicnio-rodrigues_06.html>.

⁹ OLIVEIRA, Márcia Ramos de. **Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos**. 1995. 246 p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

_____. **Uma leitura histórica da produção musical do compositor Lupicínio Rodrigues**. 2002. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. **Lupicínio Rodrigues e a musicalidade da negra cidade baixa**. In: *Presença negra no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995. p. 32-39

¹⁰ DE MATOS, Maria Izilda S. e FARIA, Fernando A. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues – O Feminino, o Masculino e Suas Relações**. Bertrand Brasil, 1996. 184p.

¹¹ FRYDBERG, Marina B. **Lupi, Se acaso você chegasse: um estudo antropológico das narrativas sobre Lupicínio Rodrigues**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2007.

¹² RODRIGUES FILHO, Lupicínio (Org.). **Foi assim: o cronista Lupicínio Rodrigues**. Porto Alegre, L&PM, 1995; GONZALEZ, Demosthenes. **Roteiro de um boêmio: vida e obra de Lupicínio Rodrigues**. Porto Alegre, Sulina, 1986 e GOULART, Mário. **Lupicínio Rodrigues**. Coleção Esses Gaúchos. Porto Alegre: Ed. Tchê. 1984. 100p.

¹³ GERMANO, Íris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

¹⁴ KRAWCZYK, Flávio. GERMANO, Iris. POSSAMAI, Zita. **Carnavais de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/SMC, 1992.

¹⁵ O Areal da Baronesa era, por volta de 1890, a área de “um matagal cerradíssimo onde os “negros fugidos” iam esconder-se de seus implacáveis e desumanos senhores que, quando os conseguiam apanhar, com o auxílio do “capitão do mato”, os retalhavam a vergalho até lhes arrancar, com o couro e o sangue, a alma do corpo.

foi delimitada¹⁶ e estudada em sua territorialidade negra, concentrada próximo à Rua Luis Guaranha¹⁷, contemplando esta que era uma das ruas que fizeram parte da “zona perigosa” desta área da cidade, que, em conjunto com a Travessa Pesqueiro, formaram o complexo sombrio e perigoso amplamente difundido por antigos cronistas da cidade.

Questões sobre as qualidades estéticas, arquitetônicas e culturais, cenário de um bairro tradicional da cidade¹⁸, e de seu planejamento urbano e tipologia arquitetônica, além das alterações tipo-morfológicas, decorrentes das alterações nas legislações regentes sobre a região¹⁹, foram abordadas em trabalhos da área da arquitetura.

Estudos das áreas de sintaxe espacial avaliaram o setor urbano, segundo medidas sintáticas de integração, inteligibilidade e outras características em relação ao conjunto da cidade²⁰, além do estudo dos Guetos Urbanos de Porto Alegre, que incluíam a área²¹.

Na área de Percepção Ambiental, existem pesquisas sobre os aspectos perceptuais do bairro, em toda sua extensão, com minucioso levantamento fotográfico local à época de sua execução²² e sobre a influência das variáveis associadas aos aspectos configuracionais e

Os pobres escravos que se revoltavam contra a tirania do seu dono, procuravam de preferência aquele lugar para esconderijo, porque a mata era espessa e eles encontravam ali, para alimentar-se, o araçá, a cereja, a pitanga, o maracujá, o joá, o ananás, e tantas outras frutas silvestres [...]. De resto, a um passo, ficava a praia, com a limpa cristalina, para lhes mitigar a sede.” PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**. 1940. p. 41. A região começou a ser chamada por este codinome quando, em 1879, a Baronesa do Gravataí resolveu dividir sua chácara em ruas para vendê-la mais facilmente. Em 1826, fora construído o palacete que era a maior e mais suntuosa edificação da época, dentro e fora da capital. O título alcançado pelo casal de comerciantes bem sucedidos, proprietários de uma ribeira que montava barcos à Praça São João Batista foi atribuído por D. Pedro II, por ocasião de sua visita à capital da província, em 1845, quando hospedou-se com sua esposa no seu palacete. Por seus préstimos, o Imperador resolveu agraciá-los com os títulos de Barão e Baronesa de Gravataí. SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas de minha cidade**. 2.ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979, p.203-205.

¹⁶ MATTOS, Jane Rocha de. **Que arraial que nada, aquilo lá é um areal: O areal da Baronesa: imaginário e história (1879-1921)**. 2000. Dissertação. (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre, 2000.

¹⁷ MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

¹⁸ MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre**. 2001. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre, 2001.

¹⁹ INDA, Pedro Augusto Alves de. **O planejamento urbano e seu impacto na tipologia arquitetônica, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre**. 2003. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura) Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

²⁰ RIGATTI, Décio. **Morfologia urbana, memória coletiva e formas de socialidade em Porto Alegre: o centro da cidade: relatório final**. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Propur, 1991. 273p.

_____. **Cidade e memória**. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Propur, 1993. 92p.

_____. **Transformação espacial em Porto Alegre e dinâmica da centralidade**. 2002. 114 p.

²¹ AGUIAR, Douglas Vieira de. “Guetos urbanos”. **AU: Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, n.111 (jun. 2003), p. 60-61.

²² KOHLER, Raquel. Percepção da estrutura e desempenho de um setor urbano: bairro Cidade Baixa, Porto Alegre-RS. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR. 7, 1997, Recife. **Anais**. VII Encontro Nacional da ANPUR: novos recortes territoriais, novos sujeitos sociais: desafios ao planejamento. Recife: UFPE, ANPUR,

formais dos estabelecimentos de lazer noturno na definição da satisfação e preferência dos usuários de bares, danceterias e restaurantes na Cidade Baixa²³.

A construção social de identidade masculina em classes populares foi estudada em pesquisa etnográfica sobre a boêmia de seus bares²⁴.

A exclusão social²⁵, a diferenciação social, a predominância da baixa renda, os costumes e práticas sociais ilícitas e condenáveis que aconteciam na região, a urbanização da cidade (na virada do séc. XIX), as críticas feitas pelos jornais da época, as atitudes tomadas pelos órgãos responsáveis, a prostituição e os crimes foram retratados como práticas comumente exercidas no local e criticadas pela sociedade em publicação da área da história²⁶.

Outras pesquisas, relativamente recentes, procuraram investigar o bairro “Bom Fim”, por sua intrigante consolidação como prática social e ambiência urbana, tratando da temática de zona boêmia atual, descrevendo uma “etnografia de rua”, na Avenida Osvaldo Aranha²⁷, ou com o registro do tempo nas formas de ocupação de seu território, durante o dia e a noite²⁸, e dos diferentes grupos urbanos que se apropriam de seus diferentes territórios, compreendendo as práticas diversas de lazer e consumo²⁹.

Também existem trabalhos de memória³⁰ e de estudo antropológico³¹ do movimento

1997, vol.1, p.341-362.

²³ RECKZIEGEL, Daniela. **Lazer noturno: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários.** 2009. 218p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

²⁴ JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar: identidade masculina e auto segregação entre homens de classes populares** 1991. 247p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

²⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade.** 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. 149p.

_____. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. 357 p.

²⁶ MAUCH, Cláudia. Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890. In: VARGAS, Anderson Zalewski; MAUCH, Cláudia e ELMIR, Cláudio Pereira. (org.) **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. 154 p.

²⁷ MYLIUS, Leandra. Um percurso afetivo e um olhar lógico: Descrição de uma etnografia de rua na Avenida Osvaldo Aranha, Bairro Bom Fim, Porto Alegre/RS [recurso eletrônico]. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 2000. Porto Alegre. **Livro de resumos.** Porto Alegre: UFRGS, 2000.

²⁸ ZAMBONI, Vanessa. O Bairro Bom Fim dia e noite: uma perspectiva do registro do tempo nas formas de ocupação de um território urbano em Porto Alegre. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 2004. **Livro de resumos.** Porto Alegre: UFRGS, 2004, resumo 327, p. 833.

²⁹ ZAMBONI, Vanessa. Percorrendo as marcas de distintas temporalidades no Bairro Bom Fim: exercício de etnografia nas ruas de um bairro. Orientação de Cornelia Eckert. 21p. Disponível em: < <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Ksi5qgZd6gJ:seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/9259/5336+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 15 maio 2012.

³⁰ REIS, Nicole I. dos Santos. Deu pra ti anos 70: sob uma perspectiva de memória e geração. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 13, 2001. **Livro de resumos.** Porto Alegre: UFRGS, 2001, p.506.

_____. “Deu pra ti anos 70” – Rede social e movimento cultural em Porto Alegre sob uma perspectiva de memória e geração. Projeto Integrado “Estudo Antropológico de Itinerários Urbanos, Formas de Sensibilidade e Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo” (CNPQ). Orientadora profª. Ana Luiza Carvalho da Rocha. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9265>>. Acesso em 15 maio 2012.

“Deu pra ti anos 70”.

Sobre o Bom Fim, a Esquina Maldita, ainda há o trabalho sobre a escrita dos 100 anos de atuação do CEUE (Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia)³², que recompõe a ação e o posicionamento da entidade ao longo de seu centenário, incluindo temas adjacentes à sua atividade principal, como os Bailes da Reitoria, à década de 50; o Movimento Estudantil e o engajamento dos alunos da Engenharia da UFRGS no mesmo, além das conquistas de espaços na Universidade pela Engenharia em disputa com demais cursos criados.

Há, também, a pesquisa sobre o uso social noturno do bairro³³, além do recente livro que remonta a história da Esquina Maldita³⁴ - seus bares, proprietários e frequentadores -, do período da Ditadura até seu fechamento.

Sobre o uso do bar como prática social existem muitos estudos etnográficos. Dentre eles, há o trabalho sobre o Clube do Choro³⁵, no Bairro Santana, em Porto Alegre, que trata da sociabilidade entre as pessoas que frequentam o local supracitado³⁷, além do trabalho que trata da análise de quatro bares existentes às extremidades do Viaduto Otávio Rocha, no Centro³⁸, no qual são analisadas a presença e a propriedade femininas, como administradoras do negócio, em ambiente de sociabilidade tipicamente masculina, com ingestão de bebidas alcoólicas e conversas sobre mulher e futebol.

Há, ainda, o trabalho etnográfico do Bar Odeon, na Rua Andrade Neves, no Centro³⁹, e o estudo foto-etnográfico sobre a memória coletiva das bancas de venda de alimentos do Mercado Público de Porto Alegre⁴⁰.

³¹ REIS, Nicole I. dos Santos. Lembranças de uma geração: estudo antropológico do movimento deu pra ti anos 70 em Porto Alegre. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 14. 2002. Porto Alegre). **Livro de resumos**. Porto Alegre: UFRGS, 2002, resumo 188, p.823.

³² SIRTORI, Bruna, QUEROTTI, Carlos e., MENEZES, Rafael F., FREITAS, Renata D.S. **CEUE 100 anos: uma história no movimento estudantil**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. A pesquisa foi feita sob orientação do professor Benito B. Schmidt.

³³ FERNANDES, Lúcio P. **Transgressão no Bom Fim**. 2009. 174p. Dissertação. (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

³⁴ TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012. 212p.

³⁵ Espaço Cultural-Musical fundado e mantido por antigos músicos locais. É local de referência dos antigos músicos da cidade e local de encontro e reencontro de muitos deles. O Clube localiza-se à Rua Princesa Isabel, 795, no espaço do Ypiranga Futebol Clube.

³⁷ MENDES, Ana. **Nos conhecemos há anos. Nunca nos vimos durante o dia!** A sociabilidade construída a partir da boêmia, da dança e dos jogos de sedução. Uma fotoetnografia do Clube do Choro de Porto Alegre. 2010. 75 p. Monografia (Graduação). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia.

³⁸ GIORDANI, Caroline G. **Mulheres gerenciando espaços de identidade masculina: um estudo sobre os bares do Viaduto Otávio Rocha**. Pesquisa CNPq. Projeto Integrado. Orientadora Neusa Rolita Cavedon. Departamento de Ciências Administrativas. Escola de Administração, UFRGS.

³⁹ MACHADO, Cauê; BRIZOLA, Juliana; ROSA, Laura; BARROSO, Priscila F. **Odeon: etnografia de um bar**. Orientação de Cornelia Eckert e Viviane Vedana. 21p.

⁴⁰ VANZELLOTTI, Cátia Agne. Mercado Público para ver e comer. Pesquisa de Iniciação Científica sob orientação de Maria Eunice Maciel e co-orientação de Cornelia Eckert. **Livro de Resumos**. SALÃO DE

Sobre os bares e espaços de lazer noturno e diurnos da cidade, há produções sobre a história da música e dos músicos porto-alegrenses, com extensa pesquisa dos bares, cafés e boates existentes pela cidade, de 1920 a 1970⁴¹, e sobre a casa noturna Casa Elétrica⁴², de grande destaque na cena noturna da zona sul da cidade⁴³. É preciso referir, além dos já citados, a recente publicação sobre os bares da Independência, Cristóvão, Altos da Protásio e Esquina Maldita, dos anos 70 ao final dos 80, em Porto Alegre.⁴⁴

Versando sobre a música e os espaços da cidade, há trabalho destacando o Bom Fim e a Cidade Baixa, dos anos 1980 a meados dos 90, assim como as suas sociabilidades⁴⁵.

Fonte de inspiração para o desenvolvimento da presente dissertação é a publicação sobre a música e a noite na boêmia paulistana e a trajetória de Adoniran Barbosa⁴⁶. A pesquisa discorre acerca da polifonia urbana, das experiências de seus agentes sociais e dos sentimentos, memórias, vivências versus espaços e lugares, retratando a cidade como espaço de sujeitos históricos e palco de representações.

Sobre o Bairro Bom Fim, sua vivência e paisagem urbanas, há livros e artigos que registram experiências e curiosidades locais em tramas fictícias, principalmente apoiadas nos costumes, vivências, sofrimentos e memórias do povo judeu, ali instalado após viagem intercontinental, para fuga em busca de melhores condições de vida⁴⁷.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA (23. 2011 out. 3-7: UFRGS, Porto Alegre, RS).

⁴¹ VEDANA, Hardy. **Jazz em Porto Alegre**. Porto Alegre: L&pm, 1987. 184 p. Hardy Vedana era renomado músico da cidade. Foi clarinetista da Banda Municipal e liderou uma série de grupos musicais, chegando a gravar dois LPs na década de 60. Teve programação nos sábados à tarde (e posteriormente aos domingos, no mesmo horário), durante três anos, no programa radiofônico “Encontro com a Saudade”, no grupo “Hardy Vedana e seus Picaretas”, na TV Piratini ou na TV Gaúcha. Foi o principal idealizador do Museu da Imagem e do Som do RS. O músico faleceu em 2008, deixando anotações de seu próximo livro, em andamento, que também tratava da cena musical noturna de Porto Alegre.

⁴² Situada à Avenida Sergipe, Bairro Glória, onde funcionou a pioneira gravadora fonográfica, no começo do século XX.

⁴³ VEDANA, Hardy. **A Elétrica e os discos gaúchos** Porto Alegre: PETROBRAS, 2006. 251p.

⁴⁴ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre**. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. Claudinho Pereira é renomado DJ (Disc Jôquei) da cena noturna porto-alegrense, desde a década de 60 até os dias atuais, tendo em sua carreira passagem pela TV Piratini, TV Difusora (produtor do programa Porto Visão), apresentador do programa Agenda, Agente 1120, na Rádio Continental, Rádio Itá FM (programa Estéreo Combo), Rádio Pampa, TV Gaúcha, TV Guaíba (diretor do Guaíba Feminina e dos programas Kriptonita e Via-Vídeo), Rádio Jornal do Brasil, Rádio Cidade, Rede Atlântida FM (criação Planeta Atlântida), Itapema FM (programa Círculo Noturno), Net TV e Rádio Gaúcha AM, além da produção de discos a pedido da gravadora RCA e BNDE e da produção e seleções musicais para a gravadora EMI-Odeon. É premiado com quatro discos de ouro na categoria DJ e também foi sócio de duas casas noturnas da Rua José do Patrocínio: Macumba e Maria Fumaça.

⁴⁵ BORBA, Mauro. **Prezados Ouvintes. Memória Afetiva**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1996. 217p. O livro fala sobre as experiências nas rádios, com a música do autor na Cidade Baixa, e também dos espaços de vivência cultural deste período. Mauro Borba é reconhecido locutor e radialista, tendo sua carreira desenvolvida nas Rádios Cachoeira (de Cachoeira do Sul), Bandeirantes FM, Difusora, FELUSP FM e Rádio Ipanema FM.

⁴⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. **A Cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007. 190p.

⁴⁷ SCLIAR, Moacyr. **A guerra no Bom Fim**. Porto Alegre: L&PM, 1991. 90p.

Dos zoneamentos étnicos nos bairros, na virada do século XX⁴⁸, há trabalho cuja abordagem está relacionada à quantificação do número de imigrantes, por etnia, nas residências e sobrados que pagavam aluguéis, nos bairros Independência, Bom Fim, Cidade Baixa, Centro, Floresta, Navegantes, desde os anos 1900 até 1940, bem como à quantificação de cortiços em bairros considerados de classe média - Bom Fim e Cidade Baixa -; e populares - Floresta e Navegantes.

A interação entre zonas boêmias na cidade é relatada em um estudo comparativo entre o lazer noturno nos bairros Moinhos de Vento e Cidade Baixa, buscando as razões para a migração que vem ocorrendo ultimamente de frequentadores do primeiro para o segundo espaço⁴⁹. A pesquisa trabalha simultaneamente com variáveis sociais e espaciais, procurando relacionar o perfil socioeconômico de *habitués* e migrantes com os lugares onde ocorrem a sua interação, bem como os padrões de comportamento socioespacial.

Os encontros físicos nos espaços citadinos é tema de pesquisa sobre migração de encontros sociais virtuais em salas de chat na internet⁵⁰, para encontros físicos dos componentes dos grupos em bares da cidade. Para estes encontros, as duas opções de locais usualmente sugeridos e frequentados são a Avenida Goethe e a Rua Lima e Silva, no Bairro Cidade Baixa. No estudo, fica demarcada a diferenciação de custos e de adesão aos encontros conforme a área, pois a escolha implica custos mais ou menos elevados, definidos por bares abertos ou fechados, que cobram ou não consumação e que possibilitam a circulação de maneira mais ou menos despojada.

Pesquisas aprofundam estudos sobre os bairros lindeiros que são frequentemente identificados como pertencentes ao Bom Fim. A extensão do caráter e imagem do espaço urbano, frequentadores e/ou do próprio bar a outros próximos, são características que estendem a aparência de uma área, confundindo-se com outra, semelhante. Na pesquisa, foram abordadas marcas territoriais e estilos, assim como o modo de ser e estar dos frequentadores dos bares Bambus, Beco 203 (ou Porão), Cabaret Poa, Café da Oca, Bar

SCLIAR, Moacyr. **O exército de um homem só**. Porto Alegre: L&PM, 1983. 184p.

_____. **Histórias de Porto Alegre**. Porto Alegre: L&PM, 2004. 174p. Recentemente falecido, escritor e médico, nascido e criado no bairro Bom Fim. Ocupava a 31ª cadeira da Academia Brasileira de Letras.

⁴⁸ CONSTANTINO, Núncia S. Espaço Urbano e Imigrantes: Porto Alegre na virada do século. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 1, p. 149-164, junho, 1998.

_____. **O Italiano da Esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade étnica entre moranenses. Universidade de São Paulo, 1990.

⁴⁹ FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre**: Dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento. 2006. 221p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

⁵⁰ DORNELLES, Jonathan. **O encontro**: entre “Goethe” e “Lima e Silva”. 13p. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9188>>. Acesso em 15 maio 2012.

Ocidente e Lancheria do Parque (situados à Avenida Independência e Bom Fim). A pesquisa redefine o recorte selecionado para a pesquisa, abordando apenas os bares Cabaret Poa e Beco 203, “ambos situados na Avenida Independência, que na cartografia geográfica tradicional da cidade fazem parte do bairro Independência, mas pelos seus frequentadores, são descritos como ‘pertencentes’ ao Bairro Bom Fim”.⁵¹ Com as palavras da autora: “Esta é uma característica comum na cidade de Porto Alegre, pelo fato de bairros vizinhos trazerem cargas identitárias muito semelhantes.”⁵² A pesquisa investiga como jovens frequentadores destes territórios subjetivam e não são subjetivados pela moda.

Têm-se, ainda, os periódicos produzidos sobre Cultura, tanto das regiões da Cidade Baixa e do Bom Fim, abordando seus espaços, artistas e músicos. Trata-se das Revistas “Aplauso” e “Porto & Vírgula”, além dos periódicos específicos das opções noturnas dos bares e *points* boêmios da cidade, como as revistas “Conversinhas de Bar” e “Cidade B”.

Neste contexto, apesar de existirem tantas pesquisas que abordem o tema, as questões sobre os espaços de lazer noturno, no bairro Cidade Baixa, ainda não foram investigadas, deixando uma lacuna na história urbana e social da cidade.

Conforme Lepetit: “Toda pesquisa histórica nasce no fim provisório de uma série de pesquisas sucessivas: definem-se suas características e aprecia-se sua pertinência também de acordo com as proposições das precedentes”⁵³.

Assim, encaixa-se esta pesquisa exploratória na sequência de tantas outras sobre a mesma área, com o intuito de preencher lacunas no conhecimento sobre a região.

Esta pesquisa procura aprofundar o conhecimento sobre a região da Cidade Baixa, no período de 1964 a 2006, do início da Ditadura até o momento posterior ao fechamento do Bar João, no Bom Fim, com a análise do impacto decorrente deste fato na grande expansão dos bares da Cidade Baixa.

O trabalho busca registrar os espaços de lazer noturno desta região, em mapas temporais. Parte do cruzamento de fontes: reportagens e produção bibliográfica sobre a temática do uso noturno dos espaços de lazer e de seus pontos específicos. Além disso, está alicerçado nos depoimentos coletados em entrevistas, que apontam quais são estes locais, bem como o uso que é feito deles.

Conforme Brissac, “A estrutura urbana descontínua e variável das cidades

⁵¹ HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. **À moda da casa:** éticas e estéticas da cultura jovem no cenário contemporâneo do bairro Bom Fim, Porto Alegre. Monografia (Especialização). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte. 2011. p. 11.

⁵² Ibid., loc. cit.

⁵³ SALGUEIRO, Heliana A. (org.) **Por uma nova história urbana.** Bernard Lepetit. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 34.

contemporâneas torna problemático todo mapeamento”. Esta afirmação não se valida nas questões físico-espaciais da área estudada, mas às questões dinâmico-sociais da região. “O espaço demarcado por monumentos, radiais ou fronteiras implica em visão de longe, distâncias variáveis em relação a referências inertes, perspectiva central”. Elementos físicos servem de referências norteadoras para deslocamentos, localização, percepção de movimento e de alterações físicas. Entretanto, estas atividades sociais que são perceptíveis em contraposição à ordem física e estável, como os deslocamentos e movimento, impedem que sejam cartografadas:

Impossível cartografar este espaço desprovido de delimitações. Os limites traçados pelas regiões administrativas ou pelas vias de transporte não servem para contornar esses fluxos imperceptíveis, estas relações de proximidade e distância, que se fazem independentemente de toda métrica. São relações não-localizáveis. Territórios que se armam e se dissolvem por ajustes paulatinos e locais, diferenças que fazem variar uma mesma distância: dissolução das escalas que balizavam a percepção da metrópole. O território passa a ser a distância crítica entre as situações⁵⁴.

A presente pesquisa objetiva o estudo dos espaços físicos, cuja importância e significado se dão por sua consolidação como lugar, atrelado a estas práticas sociais de difícil mapeamento. Busca demonstrar os usos de seus espaços como conjuntos de ação de grupos, com características diferenciadas nas motivações e aparências. Entretanto, seus deslocamentos são resgatados como migrações diárias ou semanais entre espaços de lazer noturno, sobre as dinâmicas impostas em cada sítio e de acordo com os estabelecimentos existentes.

Não pretende reconstruir os deslocamentos e dinâmicas específicas de grupos, tampouco mapeá-las, senão quando de grande importância ao empreendimento ao qual se vincula.

A dissertação busca ampliar, aprofundar e contribuir para o conhecimento da cidade, nesta área reconhecidamente importante no seu contexto cultural, social, econômico, musical e artístico, recorrentemente abordada em pesquisas, realizadas em diferentes áreas do conhecimento. Trata-se de lugar com práticas sociais que conflagram o espaço e que se destaca como excepcionalidade urbana como ambiência, requerendo estudos sobre este fenômeno.

Pretende contribuir para o conhecimento de alguns espaços sociais noturnos da cidade, aprofundando a história local, resgatando lembranças, construindo memória⁵⁵ e resguardando registros temporais sobre os espaços de atuação de diferentes agentes sociais.

⁵⁴ BRISSAC, Nelson. Mapear em grande escala. **Revista Farol**, Espírito Santo: Editora da UFES. Setembro de 2005, nº 6, ano 6, p. 8.

⁵⁵ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

Supõe-se que o uso noturno dos espaços de lazer da Cidade Baixa pela juventude tenha iniciado a partir da migração dos estudantes do Bairro Bom Fim - dos bares da Esquina Maldita, dos Diretórios ou Centros Acadêmicos e/ou das aulas na Universidade - em direção à Cidade Baixa, para panfletagens contrárias ao regime vigente nos poucos bares existentes e/ou nas Casas de Estudantes ou para participar das festas promovidas pelas Casas de Estudante existentes neste bairro e/ou simplesmente para o retorno às residências, visto que a região, pela proximidade à Universidade e grande oferta de imóveis para aluguel a custos razoáveis, recebe grande parte dos estudantes universitários vindos de interior ou de outras cidades e estados. A instalação das moradias neste bairro também facilitou o comércio, como padarias e restaurantes. Este comércio foi estimulado em função da proximidade às residências dos estudantes, dos preços e horários de atendimento (após horário de fechamento dos mercados próximos e após o término das aulas) e da praticidade no consumo (economizando tempo de cocção dos alimentos, aproveitado para estudos ou mesmo para descanso ou lazer).

Também se supõe que a perpetuação deste uso noturno, inicialmente para panfletagem e consumo nos bares, deu-se a partir da mudança de uso destes espaços para lazer e fruição dos mesmos, numa vivência noturna que se aliou à memória local. A imagem desta área urbana está associada à permanência da “aura” como lugar de excluídos e minorias. Foi espaço de excluídos econômicos: pobres⁵⁶, prostitutas, desempregados, ladrões e imigrantes, proveniente da localização destes nesta área⁵⁷, desde a fundação da cidade até a urbanização da mesma, no final do séc. XIX. Foi, também, espaço de refúgio de excluídos sociais – escravos e negros em fuga, em busca de liberdade (à época das “Emboscadas”); de negros, na Ilhota (região pobre e perigosa), na área de batuque frequentado por Mãe Rita e na residência e no batuque do Príncipe Negro (residente na região). Além disso, foi berço de Lupicínio Rodrigues (nascido e crescido na Ilhota) e da boêmia, que se consagrara na região, imprimindo-lhe este caráter e uso.

Assim, o Bom Fim e a Cidade Baixa, por terem áreas de excluídos sociais (visto no primeiro ter se instalado a Colônia Africana – reduto de alforriados em situação de miséria ou pobreza extremas, aglomerados em cortiços), por terem sido urbanizados à mesma época, por serem áreas externas aos limites urbanos da cidade e por terem, portanto, a mesma tipologia

⁵⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. p. 149. 472p.

⁵⁷ MAUCH, Cláudia. Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890. In: VARGAS, Anderson Zalewski; MAUCH, Cláudia e ELMIR, Claudio Pereira. (org.). **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre. Ed. da Universidade/UFRGS, 1994. 154 p.

arquitetônica e topologia morfológica do espaço público⁵⁸, tornaram-se espaços semelhantes e compatíveis/receptivos à troca de público entre áreas, o que pode ter facilitado a migração de público, em função da proximidade espacial (as áreas são separadas apenas pelo Parque Farroupilha).

Supõe-se que existam conexões entre as áreas de bares do Centro e da Avenida Independência com as áreas do Bom Fim e da Cidade Baixa, no uso de espaços noturnos - pela proximidade espacial e pela concentração final de todos os perfis dos diferentes públicos no território da Cidade Baixa.

1.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

As pesquisas anteriormente desenvolvidas e o material coletado desde o início das mesmas, em 2000, permitiram constatar “períodos” com diferenciação de tipos sociais, comportamento e espaços da área. Foi possível associar estes períodos a características específicas que os definem – podendo, em alguns casos, ter recorrência de alguns deles, diferenciando-se nas intensidades em que se dão.

A presente dissertação baseia-se numa pesquisa empírica, apoiada sobre o levantamento físico-territorial e fotográfico do sítio e de “visitas” ao mesmo, com depoentes, para averiguação da correta posição dos lugares pesquisados.

O crescimento da cidade é analisado com base no levantamento de mapas históricos da Mapoteca Municipal. O repertório dos espaços de lazer foi demarcado sobre desenho feito a respeito do Levantamento Aerofotogramétrico do Município de Porto Alegre (de 1979) – último levantamento dos quarteirões, lotes e construções efetuado na cidade.

A pesquisa está embasada, também, nos depoimentos e testemunhos das vivências dos frequentadores dos espaços de lazer noturno dos bairros Cidade Baixa e Bom Fim através de entrevistas abertas, individuais e em duplas, realizadas com a finalidade de entendimento do fenômeno de interligação entre os bairros e identificação de seus espaços de lazer, período de funcionamento, público e características sociais e físicas locais.

As entrevistas foram executadas mediante apresentação da pesquisa e agendamento da mesma com os depoentes. Para a documentação das mesmas, foram fornecidas cartas de cessão dos direitos de publicação do material em trabalhos acadêmicos. Foi facultado fornecer testemunho oculto ou identificado às entrevistas, dispondo de 2 modelos de cartas de cessão ofertados aos depoentes. Por isso, as fontes do presente trabalho apresentam topônimos ou

⁵⁸ Informações concluídas em leituras interpretativas dos mapas municipais (ANEXOS A-J).

pseudônimos, sendo ambos identificados com nomes próprios, localizando a origem da fala. Os topônimos de todos os depoentes são localizáveis, em listagem, junto à gravação das entrevistas e as respectivas cartas de cessão, que serão depositadas, junto aos áudios das falas, no Laboratório de História Oral da PUCRS.

Na dissertação foi utilizado método qualitativo, utilizando a Metodologia da História Oral, para coleta, registro, arquivamento e análise dos testemunhos das pessoas que vivenciaram as áreas objeto da pesquisa, e as Metodologias Arquitetônica e Urbanística de levantamentos em campo, de tipologias e sua localização na malha urbana, para coleta, registro, arquivamento e análise dos espaços de lazer que se configuraram singulares, e se transformaram em “lugares” os “espaços” na área pesquisada.

Para averiguação dos dados, as informações obtidas em entrevistas foram confrontadas com outras fontes, como reportagens, notícias em periódicos e demais publicações.

As entrevistas serviram de norteadores para a pesquisa em outras fontes documentais⁵⁹ para os dados quantitativos, como a localização de datas de abertura e fechamento dos espaços de lazer noturno e também como fonte de dados qualitativos, em relação à organização espacial, práticas e vivências locais. Foi utilizado um total de 19 entrevistas, com donos de bares, frequentadores, moradores do bairro, estudantes, jovens “secundaristas”, músicos, etc.

Conforme Chartier, o discurso histórico é construído a partir de técnicas específicas, e, para produzir história, é necessário ler os documentos, organizar suas fontes, manejar técnicas de análise e utilizar critérios de prova. Na etapa de busca de fontes, no caso da documentação dos mapas históricos da cidade, foram constatadas “lacunas históricas” referentes à falta de mapas antigos da cidade, perdidos em incêndio. Cartas-fragmentos de um grande Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre (Aerofotogramétrico), de 1941, na escala 1/1.000⁶⁰, que limita a pesquisa e a análise, é uma perda na história e uma lacuna de memória, portanto, abuso de esquecimento⁶¹. São perdas inestimáveis de levantamentos, que limitam reflexões e conclusões históricas sobre a cidade e muitas leituras possíveis sobre seu traçado, sua morfologia, tipologia, legislação e, até mesmo, funcionamento. Representante do objeto físico, arquitetônico e urbano da pesquisa, a documentação do território analisado apresenta limitações.

Representantes documentais das ações sociais efetuadas nas territorialidades

⁵⁹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4ª ed. rev. e ampl., São Paulo: Loyola, 2002.

⁶⁰ Cartas Aerofotogramétricas de 1940 - Escala 1/1000 - Cartas faltantes: 16XI - D; 3XVI - A,C; 6XVI - A; 7XVI - A.

⁶¹ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2010. p. 82-150.

instauradas em vários lugares do bairro analisado estão nos depoimentos coletados em entrevistas.

Assim como em Monteiro⁶², os espaços são tratados separadamente dos “sujeitos” e “tempos” da memória social da experiência urbana, como um procedimento para facilitar suas explicações. O trabalho foi organizado, separando o território citadino por regiões, necessariamente vivenciadas pelas práticas sociais no lazer noturno e interligadas ao desenvolvimento deste uso nos bairros objeto deste estudo.

Os sujeitos são muitos, dependendo dos territórios, tempos e motivações analisadas. O presente trabalho foca-se no desenvolvimento físico espacial, em temporalidades distintas, nas quais muitos sujeitos interferem nas práticas urbanas do lazer. As temporalidades são definidas por eventos que modificaram as lógicas das experiências locais, interferindo, inclusive, nas alterações de agentes sociais envolvidos. Em relação aos sujeitos, estes são tratados como frequentadores ou proprietários dos espaços analisados, moradores locais ou tribos. Não há aprofundamento na análise sociológica das dinâmicas sociais internas a cada grupo e/ou na relação entre eles, tampouco uma análise antropológica ou etnográfica das práticas sociais exercidas nos interiores ou exteriores dos bares, mas sua expressiva ação social, motivada pelo consumo simbólico das imagens desta prática, como influência da moda, anseios de pertencimento ou busca de identidade.

Diferentes tribos e grupos que frequentam seus territórios imprimiram-lhes territorialidades bem definidas e percebidas, conformando uma distinção simbólica, a partir da identificação de diferenciação estética nas formas de vestir, agir.

As ações sociais também são tratadas como capital artístico⁶³ local, pois nos espaços encontram-se pessoas vinculadas às atividades culturais que constituem o capital cultural⁶⁴ da cidade num todo.

⁶² MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: Histórias e Memórias da Cidade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006, p. 235.

⁶³ Espécie do gênero capital cultural, definida como a acumulação das obras de arte de um indivíduo, grupo ou território. Não ligada a um capital artístico da humanidade – capital sempre passível de conversão em moeda, independentemente de seu valor simbólico. COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 84.

⁶⁴ Aponta para o conjunto dos instrumentos de apropriação dos bens simbólicos. Sob este aspecto, considerando-se a questão do ponto de vista do consumo cultural – um dos modos de apropriação dos bens simbólicos - a alfabetização integra o capital cultural ou capital simbólico de um indivíduo tanto quanto sua educação em geral e seu treinamento par apreciar qualquer modalidade cultural. Do lado da produção cultural, fazem parte do capital cultural os produtos intermediários e equipamentos necessários à geração do bem simbólico final, como, no caso, arquitetura e o espaço urbano que serão transformados em lugares de ação social sob a forma cultural e de lazer instruído. Considerações de ordem estética, étnica, religiosa, econômica podem determinar quais conjuntos de bens simbólicos constituem um capital cultural, que surge assim como a coleção dos bens simbólicos tidos como dignos de serem desejados e possuídos, à exclusão de todos os demais. COELHO, op. cit., p. 85.

O espaço é intitulado como o lugar de consumo e de produção cultural, que definem sua identidade.

Para facilitar a localização de cada um nos bairros analisados e adjacências, foi feita uma separação do território dos locais apontados em depoimentos ou verificados em pesquisa em periódicos e publicações em grandes “regiões”. Assim, o trabalho está separado em: Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Avenida Venâncio Aires e arredores, Avenida Cristóvão Colombo e arredores, Avenida Independência e arredores, Altos da Protásio Alves e Altos da 24 de Outubro. O zoneamento não respeitou fielmente a definição dos limites de cada bairro pelas leis municipais, mas pelo zoneamento e inter-relações apontadas nos depoimentos, a partir das conexões entre espaços de áreas lindeiras, com caráter aproximado ou com mesma aparência.

Os apêndices com listagens de bares (APÊNDICES A – H; O - Q), por área, têm legenda de cor, sendo categorizados por períodos dos espaços de lazer noturno desenvolvidos, sendo: antes de 1964: cor rosa; de 1964 a 1985: cor cinza claro; de 1985 a 1995: cor roxa; e de 1995 a 2006: cor verde. As casas de estudantes anteriores a 1967 são destacadas em amarelo.

Os mapas confeccionados sobre os períodos estudados (APÊNDICES S-U) necessitam de consulta aos apêndices supracitados, com a listagem dos bares em cada região, que são suas legendas. Estes seguem as mesmas numerações das planilhas, diferenciando cada zoneamento (Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, etc.) por cor, conforme legenda no próprio mapa.

Terrenos em que há mais de uma edificação utilizada como espaço de lazer ou edificações que tiveram sequência de diferentes lugares aparecem desenhadas, inscritas num retângulo. A diferenciação entre estes casos é de possível averiguação a partir da leitura das planilhas, verificando os itens: período, endereço e curiosidades.

Na coluna “curiosidades” estão colocados dados como proprietário, modo de funcionamento, serviços ou produtos oferecidos, diferenciais e características especiais locais. Diante destas informações, é possível compreender sua forma física e seu funcionamento.

Lugares que dividiram a mesma edificação constam, em planilha, com o mesmo endereço e com a ressalva de estarem dividindo a construção. Alguns destes locais não apresentam data de abertura e fechamento (quando ocorrido), portanto, para compreensão da sequência de sobreposições, os bares mais antigos encabeçam a listagem de nomes para o mesmo endereço, sendo o último o mais atual.

Algumas áreas possuem certa ambivalência, intrínsecas a seus lugares, por seus

objetos (espaços e agentes sociais) ou evento, mais de uma categoria (apropriações e práticas sociais), numa desordem classificatória⁶⁵. A ambivalência é uma possibilidade de classificação, dando ao objeto observado uma estrutura, na qual é possível enquadrá-lo em mais de uma categoria classificatória. Classificar como ação dos atos de incluir e excluir em categorias prévias, estipuladas⁶⁶. A ambivalência é um subproduto do trabalho de classificação e exige maior esforço classificatório. Embora nascida do impulso de nomear ou classificar, ela só pode ser combatida com uma nomeação ainda mais exata e classes definidas de modo ainda mais preciso: com operações que farão demandas ainda mais exigentes à descontinuidade.

Lugares que permitem uma leitura ambígua em classificações claras pré-definidas tornam-se espaços polissêmicos. A dissonância cognitiva, as definições polivalentes, a contingência, os significados superpostos no mundo das classificações em arquivos bem ordenados⁶⁷ ofertam possibilidades de leituras múltiplas, de diferentes interpretações e significados. O território passa a receber significados que o classificam e o caracterizam, em subjetividades e afetos.

Todas as áreas apontadas têm alguma conexão com a dinâmica espacial noturna, nos espaços de lazer.

Este capítulo introdutório inicia-se com a apresentação da origem e vinculação da pesquisa com a trajetória da mestrandia e com o levantamento de revisão bibliográfica a respeito do tema (uso de locais de lazer noturno, como bares, restaurantes, botecos e locais de encontro de pessoas) e das áreas abordadas na pesquisa (bairros Centro, Cidade Baixa, Bom Fim, Moinhos de Ventos). A revisão tem como objetivo demonstrar o contexto do que já foi produzido e discutido na comunidade técnica e acadêmica, que seja relevante para o conhecimento do assunto e demonstrar o estado atual de conhecimento sobre o mesmo, apresentando suas lacunas e disponibilizando sugestões, enquadrando, assim, a pesquisa proposta, embasando sua relevância e justificando o trabalho. Nem todos os trabalhos apresentados como levantamento sobre a temática servem de referência a esta pesquisa, principalmente por abordarem o tema em horário diferenciado do analisado - locais de uso noturno em ações mensuradas no âmbito diurno; ou por se tratarem de metodologias específicas de outras áreas do conhecimento, como os trabalhos etnográficos e antropológicos, que fogem da área de formação da pesquisadora e da área do programa; ou ainda por se

⁶⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 9.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 11.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 16.

aprofundarem em modos de fazer – como o alimentar-se: comer, beber – ou em questões específicas atribuídas a gêneros ou a questões de cunho econômico, que fogem do cerne da questão abordada neste estudo.

1.3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Para Bernard Lepetit, devemos ter uma visão geral e metodológica da História e específica da pesquisa urbana em si, organizadas num sistema de críticas, que remontem um sistema de explicações solidamente amarrado. Um trabalho deve conter representações abstratas, construídas a partir de relações hipotéticas que não entram em contradição com os dados, respondendo a princípios de coerência interna⁶⁸.

Esta trama pode tecer uma narrativa, entretanto a história não se contenta em ser uma, porque ela também explica. Ela é uma narrativa, onde a explicação é a trama de organização numa “intriga” compreensível⁶⁹.

Baseada nas diretrizes sobre o fazer da história, através desta trama de intrigas e de explicações possíveis para uma rerepresentação verossímil de fatos individuais, buscou-se o desafio de fazer uma reconstrução histórica do espaço urbano do Bairro Cidade Baixa, através da ação social do uso dos seus espaços de lazer noturno.

A área de formação e especialização da pesquisadora em contraponto à “ciência” da História, seus métodos e críticas já impuseram desafios de pesquisa, ao se tentar cruzar áreas diferentes, com seus respectivos termos, conceitos e métodos de trabalho. Entretanto, o desafio lança-se com o intuito de que estas diferenças somem-se no resultado de análise.

Para superar este desafio, foram utilizadas a teoria e a metodologia do historiador, precocemente falecido, Bernard Lepetit.

Ele categorizava seu processo como interdisciplinar, e enxergava a cidade não apenas como um cenário, mas como um ponto de convergência de enfoques pluridisciplinares, um objeto complexo que exigia a confrontação cruzada das interrogações das ciências humanas⁷⁰. Buscava *atingir um ‘optimum metodológico’*.

Esta postura inovadora de utilizar concomitantemente os métodos de diferentes áreas não significava, entretanto, desrespeitar as identidades de cada disciplina. Lepetit acreditava em trocas interdisciplinares, defendendo a formação de centros de pesquisa para reflexão

⁶⁸ SALGUEIRO, Heliana A. (org.) **Por uma nova história urbana**. Bernard Lepetit. São Paulo: EDUSP, 2001. p.14

⁶⁹ VEYNE, Paul. Compreender a Intriga. In:_____. **Como se Escreve a História**. Brasília: Editora da UNB. Cap. VI, p. 107.

⁷⁰ SALGUEIRO, op. cit., p.17.

conjunta e debate das diversas práticas ⁷¹.

Propôs a liberdade do pesquisador frente a seu objeto, buscando viabilizar “uma interpretação que deve constituir-se tomando como base o cruzamento de fontes de natureza diversa e em vários níveis de articulações”⁷².

Assim, a presente pesquisa busca construir sua narrativa e explicações possíveis, baseadas nos métodos de análise de cada fonte e documento, sobre o tema físico-territorial da área do Urbanismo, para isso dispondo de seus termos e conceitos.

Sustenta-se a divisão tradicional da história, segundo o espaço e o tempo⁷³. O espaço, neste trabalho, é tratado como por Philippe Panerai e Yi-Fu Tuan⁷⁴, ou seja, é considerado área ou volume entre limites determinados, cuja área pode conter um objeto material ou uma atividade; como a forma em que se estruturam os elementos materiais que a compõem, na relação dialética que mantém com o conjunto que forma a lógica de sua organização. Um “espaço” pode trazer à memória o sentido de um “espaço anterior”, precedente, a fundi-lo à sua própria história, agregando-lhe um sentido maior e mais profundo, que não lhe pertence de fato - aumentando ou diminuindo a identidade do usuário com a área em questão.

A noção de território é trabalhada como Hillier & Hanson⁷⁵: um espaço que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano ou uma instituição. A noção de território é formada através da materialidade, sendo ela apenas um componente, visto que as demais representações sobre o território são abstratas.

Utiliza-se o conceito de territorialidades tratado por Sack, como as manifestações humanas que animam um espaço determinado - o território - e que decorrem das articulações estruturais e conjunturais a que estes indivíduos ou grupos sociais estão submetidos numa determinada época, tornando-se, portanto, intimamente ligado ao tempo e ao modo de produção vigente. É um padrão de comportamento e atitudes apresentado por um indivíduo ou grupo de indivíduos que está baseado no controle real ou percebido de um espaço físico definido, que pode envolver ocupação habitual, defesa, personalização e marcação, refletindo historicidade própria, para controle e apropriação física ou simbólica do espaço ou do território. A territorialidade é uma função social entre os indivíduos que promove segurança, identidade, status, estabilidade social e sentido de lugar. É fruto das relações econômicas,

⁷¹ SALGUEIRO, Heliana A. (org.) **Por uma nova história urbana**. Bernard Lepetit. São Paulo: EDUSP, 2001. p.16.

⁷² *Ibid.*, p.17.

⁷³ VEYNE, Paul. Definição do conhecimento histórico. In:_____. **Como se Escreve a História**. Brasília: Editora da UNB. p.79.

⁷⁴ PANERAI, Philippe. **Elementos de Analisis Urbano**. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1983. 280 p. ; TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

⁷⁵ HILLIER, B & HANSON, J. **The social logic of space**. Cambridge, Cambridge University Press. 1984.

políticas e culturais e, por isso, se apresenta de diferentes formas, imprimindo heterogeneidade espacial, paisagística e cultural. É uma expressão geográfica do exercício do poder em uma determinada área e esta área é o território⁷⁶.

O lugar é tratado como um espaço com significado, o espaço qualificado, nomeado, “produzido” pela prática diária (atividades, percepções, recordações, símbolos). Um espaço identificado pela aproximação morfológica pode aparecer como um lugar, mas também como vários, simultaneamente ou de forma sucessiva⁷⁷. O “lugar” como o lugar do sentido inscrito e simbolizado, do lugar antropológico e contrário ao conceito de Não-Lugar de Augé⁷⁸.

Na pesquisa é utilizado recorrentemente o conceito de espaços de lazer noturno. Dentro desta categoria, que abrange diferentes modos de fazer as vivências das práticas sociais em espaço de sociabilização e integração “recreativas”, com animação cultural⁷⁹, estão incluídas as ações efetuadas em espaços de bares, bistrôs, botecos, cafés, restaurantes, lancherias ou lanchonetes e tabernas, boates ou prostíbulos.

Dentre estas categorias, há distinção não somente da organização físico-espacial destas estruturas, mas também nas dinâmicas espaciais exercidas nestes locais. O bar, surgido em 1899, é considerado, conforme Houaiss⁸⁰, como estabelecimento público popular composto de um balcão e bancos altos, onde são vendidas e servidas bebidas e refeições ligeiras, também conhecido como botequim; e/ou local onde se servem bebidas e comidas em mesas. Na presente dissertação, o conceito atualmente mais utilizado para se referenciar ao equipamento abrange um espaço onde há mesas e cadeiras, onde pessoas se reúnem para conversar e beber, geralmente. O “comer” não está necessariamente vinculado a esta prática, visto que, como acompanhamento de bebidas, muitos destes estabelecimentos oferecem apenas alguns aperitivos ou “tira-gostos”. Trata-se de espaço de sociabilização informal nas interações sociais, onde se reúnem conhecidos e estranhos e se estabelecem novas relações. Conforme Corona, numa versão mais direcionada à forma de funcionamento do serviço, trata-se de

⁷⁶ SACK, R.D. **Human Territoriality** – its Theory and History. Cambridge, Cambridge. Univ. Press. 1986.

⁷⁷ PANERAI, Philippe. **Elementos de Análisis Urbano**. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1983. 280 p. ; TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

⁷⁸ Não-Lugar: espaço que não pode se definir como identitário, nem como relacional, nem como histórico. “Não-lugares” como espaços que não são em si mesmos antropológicos e que não integram os lugares antigos. É representado pelos espaços públicos, de rápida circulação, como aeroportos, rodoviárias, estações de metrô e também grandes cadeias de hotéis e supermercados. Uma espécie de qualidade negativa do lugar, de uma ausência do lugar em si mesmo, que lhe impõe o nome que lhe é dado. AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2001. 111 p.

⁷⁹ Primeira expressão a que se recorre, contemporaneamente, para indicar processo de mediação entre os indivíduos e modos culturais considerados genericamente. A animação cultural foi um dos instrumentos básicos da organização e promoção do lazer entendido não como simples ocupação do tempo, mas como utilização instruída ou esclarecida do tempo livre. COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. P. 43.

⁸⁰ HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 398.

“Depósito de bebidas cujas garrafas estão em uso, fato que o distingue da adega”⁸¹.

O bistrô (1960) é um restaurante pequeno, onde se servem também bebidas, típico da França, mas não necessariamente ao estilo francês⁸². Na pesquisa, o bistrô é considerado um espaço como o de bar, mas com maior requinte, com frequência mais abastada ou com frequentadores cujas vestimentas e comportamentos são mais sofisticados. O bistrô geralmente apresenta cardápio com poucas opções de refeições, em porções bem apresentadas e geralmente confeccionadas por um *chef* ou cozinheiro com habilidades para pratos mais elaborados. Geralmente, tem apresentação física mais elitizada, com tratamento especial às superfícies, cores, texturas e iluminação em seus interiores, sendo um espaço mais introspectivo, onde se conversa em tom mais baixo do que num bar. É mais formal e apresenta valores de consumo mais altos.

O boteco, surgido em 1918, refere-se a um botequim, cuja denominação é pejorativa - uma *“pequena venda onde servem bebidas, algum tira-gosto, fumo, cigarros, balas, alguns artigos de primeira necessidade etc. geralmente situada na periferia das cidades ou à beira de estradas”⁸³*. Trata-se de um bar pequeno, nem sempre com espaço para mesas e cadeiras, pois pode se resumir a um espaço de venda e consumo de bebidas, em pé ou em balcão, em local exíguo. Semelhante, também, a uma tabacaria. Atualmente, este conceito atribuído pejorativamente a espaços de má apresentação e “baixa” frequência⁸⁴ é associado a espaços de bares, com uma versão mais simples e despojada, apresentando mobiliário para permanência, arranjo espacial interno mais sofisticado do que os botecos convencionais e preços mais altos do que bares tradicionais, pela aparência e descontração locais.

O café (1622) é um estabelecimento comercial, geralmente com balcão e/ou mesas, onde café e outras bebidas são servidos, eventualmente com pequenas refeições; bar, botequim; bistrô⁸⁵. Assemelha-se à prática do bar. Fortemente vivenciado em Paris, de onde a influência se disseminou pelo mundo, teve diferentes formas de vivência, no Brasil. Na década de 1950, era espaço de sociabilidade predominantemente masculina⁸⁶, como espaço de vivência do início do dia: lugar de passagem e parada às primeiras horas da manhã, para leitura de jornais, encontro com amigos, conversas de cunho político e o consumo do café da

⁸¹ CORONA, Eduardo. **Dicionário da arquitetura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Artes, 1998. p. 70.

⁸² HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 463.

⁸³ HOUAISS, op.cit., p. 497.

⁸⁴ “Baixa” frequência refere-se à frequência de pessoas de nível social ou econômico menos avantajado.

⁸⁵ HOUAISS, op.cit., p. 558

⁸⁶ JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar: identidade masculina e auto segregação entre homens de classes populares**. 1991. 247p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

manhã. Esta tarefa diária não era feita em casa, com a família, mas nos cafés, às esquinas da cidade, trocando informações, atualizando-se e reforçando laços sociais de grupo e pertencimento. Atualmente, tem apresentação de espaço e bar, sendo que a pedida do lugar é o café, sendo acompanhado por chás, sucos, refrigerantes e porções de salgados, tortas e outros acompanhamentos. É um lugar sofisticado, como o bistrô, dispendo, geralmente, de mesmo nível de apresentação, entretanto focado nos lanches ou apenas no consumo do café.

A lanchonete (1924) ou lancheria é um pequeno restaurante que serve refeições ligeiras, geralmente no balcão⁸⁷. Comumente, lanchonete é referenciada a espaços com uma apresentação física mais próxima das instaladas nos Estados Unidos, que ditaram moda nos anos 60. Lancheria é referenciada como espaço “local”, mais simples, que busca a mesma forma de serviço e consumo social, entretanto com apresentação menos sofisticada. São locais onde se consomem lanches rápidos, como sanduíches, empadas, pastéis e vitaminas, sucos, refrigerantes.

O restaurante (1845) é um estabelecimento que se dedica a servir refeições, que tem o objetivo de “restaurar” seus consumidores. Refere-se, também, ao salão, ao aposento onde são servidas as refeições⁸⁸ ao público, por meio de pagamento⁸⁹. Trata-se de lugar geralmente maior do que os demais equipamentos descritos, com organização interna de atendimento ao público apresentada com mesas e cadeiras. Dispõe de atendimento *a la carte* ou sob a forma de *buffet*, sendo, para esta forma, necessária a presença de mobiliário para a colocação dos pratos. A apresentação pode ser mais popular ou sofisticada, dependendo do enfoque do negócio. Independente de sua forma física, é local de maior permanência, como os cafés, bares e bistrôs, nos quais o público interage entre amigos e se entretém, enquanto nas lancherias e lanchonetes a permanência é mais curta, por disponibilizarem refeições menores e serem de uso apenas para realizar a refeição. Atualmente, as permanências nestes estabelecimentos têm se aproximado das dos restaurantes, também devido à duração dos encontros e interações.

A taberna (1858) é um local de venda de vinho, para consumo local, além de petiscos (queijo, chouriços, etc.), mas que não serve pratos de comida. Tem caráter pejorativo, servindo de denominação à casa muito suja e desordenada. O funcionamento é semelhante ao do bar, da bodega, do boliche, do boteco, do botequim, da tasca⁹⁰, tendo “baixa” frequência.

⁸⁷ HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1720.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 2442

⁸⁹ CORONA, Eduardo. **Dicionário da arquitetura brasileira**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Artes, 1998. p. 408.

⁹⁰ HOUAISS, *op.cit.*, p. 2653.

Estas não são identificadas na atualidade, no campo de pesquisa. Entretanto, boates e prostíbulos foram recorrentes principalmente na região central. As boates são espaços de shows musicais e danças femininas, em cujos locais de “alta” frequência⁹¹ não há nudez. As moças ficam vestidas com peças mínimas. Já as casas de prostituição, que também funcionam como boates, disponibilizam “programas” com as dançarinas locais. A distinção entre os tipos de funcionamento destes locais não foi abordada na pesquisa. Entretanto, os dois podem estar mesclados às listagens de boates levantadas por Hardy Vedana (APÊNDICES A e B).

Pub é um lugar de funcionamento similar ao do bar, priorizando o consumo de *drinks*, com acompanhamento de petiscos. Destaca-se pelo repertório musical, que geralmente o categoriza e seleciona o público. Pode, também, dispor de pequena pista de dança, pois os locais são, geralmente, pequenos.

Danceterias são locais de encontro para a prática da dança. São lugares de consumo de bebidas, com ou sem acompanhamento. Alguns lugares oferecem pequenas refeições. Apresenta expressiva pista de dança e um bar de apoio. Até pouco tempo atrás, cobrava-se “consumação⁹²” – como também era cobrado em locais como *pubs*. Atualmente são cobrados ingressos de entrada.

Estas diferenciações tornam possível a compreensão das práticas sociais exercidas em cada um destes lugares. Entretanto, a distinção tipológica das atividades dos seus interiores, entre bar, bistrô, boteco, lanchonete, restaurante, taberna, pub, danceteria, dentre outros, não se faz necessária, visto que a pesquisa trata de todos estes espaços, no que diz respeito ao seu uso noturno. As atividades somam-se no mesmo “modo de fazer”⁹³ o lazer noturno, em múltiplas formas do viver urbano, como prática social de vivência de espaço público e social⁹⁴, distinguindo-se apenas nas motivações do fazer, em cada temporalidade analisada.

O conceito de boêmia, quando utilizado, refere-se às atividades de lazer que envolvem alegria, euforia e agitação, sendo considerada, neste trabalho, como as práticas noturnas, vinculadas à música ao vivo, ao consumo de bebidas alcoólicas e a Lupicínio Rodrigues e aos demais músicos que, como ele, vivenciavam a música em serestas e rodas de samba, com canções categorizadas, no senso comum, como músicas “dor-de-cotovelo”. Era, geralmente, praticada por pessoas de faixa etária superior às analisadas nesta pesquisa.

O trabalho desenvolve pesquisa sobre espaços de ações juvenis tendo pela definição de

⁹¹ “Alta” frequência refere-se à frequência de pessoas oriunda de classes sociais e econômicas mais abastadas.

⁹² Consumação é uma modalidade de ingresso na qual o frequentador tem direito de consumir o valor pago para a entrada em produtos oferecidos no estabelecimento.

⁹³ DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁹⁴ SENNETT, Richard. O público e o privado. In: _____. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 466 p.

juventude a parcela de jovens, pós-adolescentes e adultos, que estavam mobilizados por ações que alteraram a dinâmica social num todo, destacando-se como paisagem da cidade, seja na militância contra o governo, ou pelas liberdades sexuais, na luta contra o capitalismo e o consumo exagerado, ou ainda na contravenção através da cultura, seguido pela defesa da mesma, em períodos seguintes.

Várias formas do viver juvenil influenciaram ações na cidade. Inclusive daqueles que não participavam do movimento, mas que dividiam os espaços de mobilização, testemunhando estas ações e ajudavam a consagrar a paisagem, ainda que isentos, formavam a ambiência local.

O lazer, neste trabalho, foi tratado como⁹⁵ culturas vividas no tempo livre, de fruição, de divertimentos e prazeres⁹⁶, nos quais os jovens constroem suas expressões e seus modos de ser, colaborando na formação de identidades e relações sociais⁹⁷.

Por identidade⁹⁸ é compreendido o lugar em que o sentimento de pertencimento é sentido, que solicita o convívio e impede a sensação de solidão e abandono⁹⁹.

O conceito de tribos é tratado no trabalho no sentido utilizado por Maffesoli¹⁰⁰, como grupos que “geram sentimentos de pertença e os seus marcos conviviais são garantia de afirmações identitária”. Neles é possível encontrar resistência à adversidade, além de vínculos de sociabilidade e de integração social¹⁰¹.

Underground é tratado no senso comum, como conduta, apresentação e/ou conteúdo que anda na contramão da ordem. Subversivos, alternativos, proibidos, são irreverentes, provocativos e abrangem várias formalizações. Pode ser atribuído a várias formas de vestimentas, comportamento, atitudes, etc. No trabalho, está vinculado às ações sociais e ao caráter impresso por elas, aos lugares onde se desenvolvem.

Por morfologia se compreende o conjunto de características decorrentes de diretrizes normativas ou de ações vernaculares de construção arquitetônicas e urbanas que conformam os espaços abertos, públicos, os fechados, privados (edifícios) e seus desenhos, proporções e relações. Um conjunto espacial que implica sensações e impressões, no espaço aberto, a partir

⁹⁵ BRENNER, Ana K., DAYRELL, Juarez, CARRANO, Paulo. Juventude Brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: editora do Ministério da Saúde, 2008. 218p. p. 29-45.

⁹⁶ BRENNER, op. cit., 29.

⁹⁷ BRENNER, op. cit., 30.

⁹⁸ LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. p. 18.

⁹⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 37.

¹⁰⁰ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. Passim.

¹⁰¹ PAIS, José Machado. Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais. In: PAIS, José Machado; BLASS, Leila M. S. (coord.) **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 23.

da delimitação do mesmo pelas edificações.

Tipologia é o conjunto de características da arquitetura, como seu ordenamento interno: necessário pela sua função e programa de necessidades; e externo: sua volumetria e elementos compositivos, que lhe dão um caráter vinculado a um período, estilo ou movimento histórico, artístico e arquitetônico.

Entende-se por paisagem urbana, a imagem física-espacial de espaços abertos, que podem compreender ruas, edificações, praças e todos os demais elementos que compõem o urbano. São recortes físicos configurados pelos elementos que compõem a imagem requerida, mediante a situação a que se impõe, que pode ser da ordem edilícia, botânica, social, industrial, etc. Já a ambiência urbana ocorre na paisagem urbana, prescindindo de ações sociais, que conformam um ambiente. A paisagem urbana está para o “espaço” assim como a ambiência está para o “lugar”.

Sobre a estruturação do trabalho, ele segue posicionamento defendido por Lepetit, no qual questões como cidade¹⁰² e espaço tratam o urbano como uma gênese de representações espaciais. Para ele, “pensar a cidade significa pensar junto à malha urbana e territorial, enfocando-a ainda como um observatório das relações entre os homens, onde “passados” diversos se encontram formando novos sistemas”¹⁰³. Na mesma linha, Aldo Rossi¹⁰⁴ já chamava a atenção dos arquitetos e da comunidade em geral para o território da cidade como um “canteiro de obras”, um “palimpsesto” de redesenhos e reconstruções sobre traçados originais e sobre vestígios arquitetônicos e urbanos de outras vivências. Ele considerou as permanências físicas edilícias da cidade como “testemunho vivo” do passado vivido no cenário a que se prestaram, como “pano de fundo” na sobreposição de revestimentos e edificações sobre um mesmo esquema prévio.

¹⁰² “[...] a cidade como objeto complexo pedindo a confrontação das interrogações das ciências humanas afirmadas em sua identidade, ou seja, a interdisciplinaridade como um processo controlado de empréstimos recíprocos; a fecundidade da articulação dos diferentes níveis, do cruzamento das fontes, das múltiplas e complementares escalas de observação; a dinâmica experimental dos atores sociais e de suas trajetórias; a diferenciação das temporalidades, os processos de mudanças e as reutilizações das formas passadas; os desníveis que ocorrem entre as dimensões econômicas, sociais e culturais. São estimulantes [...] os enfoques [...] que dão à diacronia o lugar perdido nas ciências sociais, os que destacam as discontinuidades do espaço em que os indivíduos atuam simultaneamente numa pluralidade de esferas diferentes, quase sempre contraditórias. [...]” SALGUEIRO, Heliana A. (org.) **Por uma nova história urbana**: Bernard Lepetit. São Paulo: EDUSP, 2001. p.16. Ibid., p.27. “[...] eu não definiria a interdisciplinaridade como um movimento de unificação das ciências sociais por redução de suas diferenças, nem como a combinação de abordagens diversas aplicadas a um objeto comum previamente definido. A ambição [...] contrária à conduta das ciências sociais que não encontram, e sim constroem seu objetos. [...]”. “[...] Eu proporia definir a interdisciplinaridade [...] como um processo controlado de empréstimos recíprocos, entre as diferentes ciências do homem, de conceitos, problemáticas e métodos para leituras renovadas da realidade social.”. Ibid., p. 42

¹⁰³ SALGUEIRO, op. cit., p.15

¹⁰⁴ ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Lisboa: Cosmos, 1966. p. 36-69.

Rossi sustenta que as permanências podem se revelar através dos monumentos, os sinais físicos do passado e através, ainda, da persistência dos traçados e dos planos anteriores. Lepetit compartilha deste posicionamento.

As cidades permaneceriam sobre seus eixos de desenvolvimento, mantendo a posição dos seus traçados, crescendo segundo a direção e com o significado de fatos mais antigos que os atuais, que são substituídos com o passar do tempo. A permanência mais significativa seria dada, portanto, pelas vias e pelo plano. Este permanece sob diferentes edificações, diferencia-se nas atribuições, deforma-se frequentemente, mas não é substancialmente deslocado¹⁰⁵.

Sobre estas permanências, Walter Benjamin¹⁰⁶ aponta para a “dialética da paralisia”, quando presente e passado podiam ser captados num mesmo instante, “um momento de sincronia entre o passado e o presente, em que é possível “salvar o passado”, porque nele o presente se vê”.

O uso social do espaço cria relação entre significado e função. A arquitetura não é simplesmente uma “arte” ou uma “ciência” social porque os edifícios que criam são símbolos visuais importantes para a sociedade, mas pela ordenação do espaço (individual e coletivo) que cria¹⁰⁷. A permanência da arquitetura, das imagens mentais e da própria história está vinculada à memória e pode estar diretamente ligada à identidade do local e do usuário com o local. É um elemento importante na ideia de lugar. “As coisas e os objetos são resistentes e confiáveis de modo diferente dos seres humanos, que não resistem nem são confiáveis”¹⁰⁸. Inerentes aos seres humanos, as lembranças vindas à memória nem sempre são “confiáveis”. Conforme De Certeau:

A memória praticada é feita de clarões e fragmentos particulares; escrituras invisíveis só são claramente ‘lembradas’ por novas circunstâncias. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são lembranças. Diferenciada é a mobilidade dessa memória onde os detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais, nem fragmentos, pois oferecem também o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem, estáveis, pois cada lembrança os altera¹⁰⁹.

Memória é aqui tratada como “uma ‘forma de experiência do’ tempo”, que “não se sujeita a marcos fixos e rigidamente definidos como as periodizações e datações da história enquanto disciplina”¹¹⁰.

¹⁰⁵ ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Lisboa: Cosmos, 1966. p. 36-69.

¹⁰⁶ PESAVENTO, Sandra J. O Desfazer da ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. **Cultura Vozes**. Nº. 5. Setembro-outubro, 1995. p. 41.

¹⁰⁷ HILLIER, B & HANSON, J. **The social logic of space**. Cambridge, Cambridge University Press. 1984.

¹⁰⁸ ROSSI, op. cit., loc. cit.; TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

¹⁰⁹ DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹¹⁰ MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: Histórias e Memórias da Cidade**. Porto Alegre:

Lepetit trabalha a relação espaço/tempo através das formas da experiência nas cidades, que ele analisa como “nós de temporalidades plurais onde o passado sedimentado nas formas é sempre colocado no presente nas práticas”.¹¹¹ Estuda a diferença temporal das dinâmicas urbanas e dos espaços, que não têm a mesma duração e sugere a consideração da diversidade dos tempos da cidade e suas relações com os usos e práticas sociais¹¹². Ressalta a relação indissociável entre os grupos sociais e a configuração material das cidades, alertando ao mesmo tempo sobre os limites das relações imediatas entre espaço e sociedade, território e comunidade¹¹³: nós que permanecem em características espaciais ou nas memórias e demais práticas ou espaços evocados no instante de acionamento de memória vivida ou herdada.

O tempo é tratado no trabalho como a dimensão das experiências, sua durabilidade. Não é categorizado ao longo da escrita, mas é assim apreendido e referenciado na estrutura do texto: ora relativamente datado, quando a precisão não é necessária ou obtida, referenciando-se as décadas; ora pontual e datado, com períodos ou datas bem definidas – quando sabidas e, por fim, tempo perdido¹¹⁴, quando referente, principalmente, aos lugares de lazer sobre os quais não se obteve informações como período de funcionamento e localização, mantidos vagando nas memórias, sem se amarrarem a estruturas temporais ou físicas, sendo citados como estratégia de evitar seu esquecimento.

O espaço, palco de ações sociais, por sua permanência, garante a consolidação de memória e sensação de continuidade com o passar do tempo. Conforme Norbert Elias: “A sucessão irreversível dos anos [...] serve de meio de orientação dentro da grande continuidade móvel¹¹⁵, natural e social. [...] Não há como resolver o problema do tempo, separando as esferas físicas das sociais”¹¹⁶.

Mas pode haver limitações nesta prática, também. Conforme Milton Santos: “Ações novas podem dar-se sobre velhos objetos, mas sua eficácia é assim, limitada”¹¹⁷. Esta restrição se dá pelas novas lógicas e relações entre as ações, os espaços e seus significados.

Conforme Chartier¹¹⁸, as formas e os motivos das representações da vida social

Edipucrs, 2006. p. 299.

¹¹¹ MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: Histórias e Memórias da Cidade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. p.20.

¹¹² Ibid., p. 21.

¹¹³ SALGUEIRO, Heliana A. (org.) **Por uma nova história urbana**. Bernard Lepetit. São Paulo: EDUSP, 2001. p.19.

¹¹⁴ MONTEIRO, op. cit., p. 307.

¹¹⁵ Continuidade móvel como permanência ou não-alteração dos objetos móveis.

¹¹⁶ ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 10.

¹¹⁷ SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2002. p. 97.

¹¹⁸ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,

constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. Ele considera importante identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler. O espaço influencia no processo de identidade e construção de uma imagem local, social (individual ou de grupo) e que perpetua uma ambiência ou “aura local”, visto que as representações podem ser tomadas como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”¹¹⁹.

Paul Ricoeur trabalha com esta capacidade do lugar de evocar antigas existências, histórias, vivências e de perpetuar a memória, que é atributo percebido dos processos de apropriação e dotação de sentido que a ação comporta¹²⁰, assim como os fenômenos de formação social do valor no espaço, mensuráveis no tempo com a memória das relações entre grupos sociais e seu território, estudados por Maurice Halbwachs¹²¹. Este trata das memórias individuais e coletivas vividas e herdadas. E ainda que elas não sejam plenamente confiáveis¹²², é a ela que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo¹²³.

1.4 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

O trabalho se apresenta em ordem cronológica, em períodos definidos pelas diferenciações supracitadas em relação à temporalidade, aos agentes sociais, à motivação e ao sítio de ocupação, na organização que se segue.

No capítulo 1, é desenvolvida a Introdução, com a apresentação do tema da pesquisa e de sua metodologia; a produção bibliográfica existente sobre o tema ou áreas estudadas e os conceitos tratados ao longo do trabalho.

No capítulo 2, é demonstrado um breve histórico dos bairros Cidade Baixa e Bom Fim, desde a fundação da cidade até 1964, introdutórios para o entendimento da inter-relação entre as duas áreas, semelhantes nas tipologias e morfologia urbanas, por serem loteadas e desenvolvidas no mesmo momento e por serem vinculadas pelo uso dos seus espaços de lazer noturno pela juventude, a partir da Ditadura.

No capítulo 3, que corresponde à 1ª fase dos espaços de lazer noturno do Bairro

1990, passim.

¹¹⁹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

¹²⁰ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2010. pp. 82-150.

¹²¹ HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

¹²² DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹²³ RICOEUR, op. cit., pp. 107-108.

Cidade Baixa (1964-1985), é abordado o uso dos bares como espaço de liberdade juvenil, na Esquina Maldita¹²⁴, no Bom Fim, bem como o seu desenvolvimento, auge e fechamento e a transição de seu público para a outra extremidade da Avenida Osvaldo Aranha, próximo ao Mercado do Bom Fim¹²⁵ e à Cidade Baixa¹²⁶. Neste período, são analisadas questões como militância política, liberdade (de ir e vir no espaço público; sexual; de experimentação de drogas, dentre outros) e identidade, que foram os elementos mais marcantes do período. O público principal analisado é predominantemente os jovens, destacando-se os universitários. O período coincide com o período de vigência da Ditadura e em seu término ocorre o fechamento do Auditório Araújo Viana.

No capítulo 4, que corresponde à 2ª fase dos espaços de lazer noturno do Bairro Cidade Baixa (1985-1995), é analisada a mudança social pelo alívio da repressão ao término do período da Ditadura, pelas diferentes motivações no uso noturno dos espaços de lazer, utilizados com mais liberdade por grupos sociais bem definidos. Há uma demarcação territorial afirmada por disputas territoriais, em rixas e brigas entre gangues, que garantiam reforço de identidade aos diferentes grupos. Neste período, são analisadas questões de memória, território e pertencimento, que foram os elementos mais marcantes do período. O público principal analisado é, predominantemente, os jovens e estudantes, destacando-se pessoal ligado às manifestações artísticas, como das áreas de artes, música (*rock*, *nativistas*, *alternativas*), teatro, literatura, cinema, arquitetura, publicidade, design e jornalismo.

Neste período, é tratada a transição do Bom Fim à Cidade Baixa, através da Rua José Bonifácio e Avenida Venâncio Aires. A instauração da violência no Bom Fim se deu, até o fechamento quase total de seus espaços de lazer, do qual decorreu a migração de público para a Cidade Baixa, em função do desenvolvimento potencializado pela demanda de consumidores disponibilizados pela crise no Bom Fim. O período delimita-se pelo início do governo democrático, com as reaberturas do Auditório Araújo Viana e Cinema Avenida, encerrando-se com o fechamento e reabertura do Bar Ocidente (por ocasião das ações de controle de violência) e pela inauguração, na Cidade Baixa, do Centro Cultural Nova Olaria – que potencializa e propõe um desenvolvimento ainda mais forte na área.

No capítulo 5, que corresponde à 3ª fase dos espaços de lazer noturno do Bairro Cidade Baixa (1995-2006), trata-se da consolidação do uso de bares como lugar de libertação e reduto de várias “minorias” ou não aceitos sociais: gays, lésbicas e transexuais, em

¹²⁴ Complexo de bares formados pelo Acapulco, Alaska, Estudantil, Copa 70 e Máriu's.

¹²⁵ Complexo de bares formados pelo Lola, Ocidente, Bar João, Baltimore e Bristol, Lancheria do Parque, Luar-Luar e Escaler, principalmente.

¹²⁶ Van Gogh, Marcelina, Doce Vida e das Casas de Estudante (masculinas e femininas).

harmonia com estudantes e jovens que se mesclam com adultos mais “maduros” e dividem a prática dos espaços de lazer, zoneadamente e em recintos específicos para diferentes usos: degustação de bebidas e gastronomia; *shows* ao vivo, partidas de futebol, bate-papo em mesa de bar e dança. São analisadas questões sobre memória, prazer e lazer de um público predominantemente composto de jovens e estudantes, destacando-se pessoal ligado às manifestações artísticas, de diferentes faixas etárias e condições econômicas, setorizando o local.

Este novo desenvolvimento se dá com a inauguração do Nova Olaria, com o super crescimento da Cidade Baixa e o fechamento definitivo do Bom Fim, após o fim do funcionamento do Araújo Viana para reformas, do Cine Avenida e a demolição do Mercado que recebe seu nome - todos em 1996 -, seguidos do início da demolição dos edifícios do Baltimore e Bristol, do comprometimento da estrutura da edificação do Bar João e de seus fechamentos, em 2003. Este ciclo dura um período de oito anos, no qual há uma efetiva migração de público entre estes dois bairros, que aponta desenvolvimentos medidos até 2006, frutos do acompanhamento deste fenômeno. Foram feitos levantamentos fotográficos e de localização em mapas aerofotogramétricos dos bares da região, em 2004, 2005 e 2006, logo após o “fechamento” do Bom Fim.

No capítulo 6, são tratadas as conclusões da pesquisa e os possíveis desdobramentos dela, assim como a tendência de crescimento do bairro Cidade Baixa.

2 HISTÓRICO DA CIDADE BAIXA E DO BOM FIM

O presente capítulo trabalha o desenvolvimento urbano dos bairros Bom Fim e Cidade Baixa, que são objetos de análise da presente pesquisa, buscando explicitar parte de suas histórias urbanas, traçados e construções, expressos na forma de morfologias urbanas e tipologias arquitetônicas, desenvolvidas concomitantemente e, por consequência, com inúmeras semelhanças. Demonstra-se o crescimento espacial e o surgimento de seus lugares de vivência, aqui estudados apenas na prática do lazer noturno.

Porto Alegre é fundada em 1772, em terreno dividido por um espigão granítico que separa o sítio, desenvolvendo-se na direção Leste-Oeste do território, separando-o em duas encostas: ao norte e ao sul. Sobre esta “crista”, desenvolve-se a Rua Duque de Caxias, que separa o sítio, em área urbana e rural, como se pode verificar no mapa abaixo:

Figura 1 – Planta da Cidade de Porto Alegre, 1833.



Autor: Lívio Zambeccari

Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.

Ao Norte do espigão, em região de grande calado, protegida dos ventos frios e fortes vindos do sul, desenvolve-se o Centro da cidade. Ali se instala o porto e o comércio e se inicia a urbanização. É a área considerada “urbana” da cidade, chamada “Centro Urbano”¹²⁷.

Na outra encosta do espigão, em região de pouco calado, castigada pelo vento sul, em

¹²⁷ O “Centro Urbano”, na época, correspondia à área limitada pelas Ruas Bento Martins, Duque de Caxias e Marechal Floriano e era definido pelas Posturas Policiais. PORTO ALEGRE. Câmara Municipal. *Posturas Policiais*. Porto Alegre, Tip. Do Comércio, 1847. p.1. In: MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre**: história e vida da cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973. p.73.

terreno alagadiço e argiloso, sem drenagem e com empoçamento d'água e concentração de mosquitos, desenvolvem-se as plantações de produtos agrícolas para suprimento da cidade¹²⁸ e outras atividades menos nobres, que não precisavam estar na região central. É a área rural da cidade, chamada “Baixa Cidade”¹²⁹.

À extensão da Rua Duque de Caxias, ao final do séc. XIX, início do XX, é criada a Avenida Independência, como continuação da mesma, em direção ao bairro¹³⁰, sobre a crista da cidade.

A “Baixa Cidade” recebia as águas pluviais descidas do espigão, que lavavam a encosta sul e empoçavam na antiga Várzea – lugar de paragem de tropeiros e, também, de despejos do lixo urbano até final do séc. XIX¹³¹.

Ao norte da Baixa Cidade, localiza-se o atual bairro Bom Fim. Ao sul, o atual Bairro Cidade Baixa. Entre os extremos, ficava a Várzea, hoje transformada em Parque Farroupilha (Redenção). Nela se construía o Colégio Militar e seu terreno passou a servir para as práticas da escola, com ocupação para seus alunos.

A área da Baixa Cidade foi local destinado à recepção do que não era bem vindo ou bem visto pelo Centro da cidade. Nela se instalou o Matadouro do Mingote Penella (que ficava entre o ex-Cinema Avenida e a Rua Quatro Jacós, antiga ponte do Menino Deus). Nele se esfolava o animal e o couro era estaqueado precisamente onde hoje é a Praça Garibaldi¹³², de onde os detritos restados da prática eram despejados no leito do riachinho, que por ali corria antes da sua canalização, encarregando-se de escoar o sangue e os vestígios dos animais até o Rio Guaíba¹³³. Próximo ao Matadouro ficava o Potreiro da Várzea, que ocupava a área equivalente à atual Av. Venâncio Aires, entre a Praça Garibaldi e a Av. João Pessoa¹³⁴.

¹²⁸ VILHENA, Luiz dos Santos. **Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasília Contidas em XX Cartas**. Volume III. 1870-1802. Manuscrito p. 629-652. Disponível em: < http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1304881/mss1304881.pdf>. Acesso em 15 maio 2012.

¹²⁹ Tal como ficou conhecida, desde meados do século XIX, toda a região situada ao sul da colina da Rua Duque de Caxias. Sendo constituída, a princípio, apenas pela Rua do Arvoredo, que nasceu ainda no século XVIII, nos tempos da Vila, ampliou-se progressivamente à medida que o povoamento se estendia para a chamada Praia do Riacho (hoje Rua Washington Luís), para a Rua da Varzinha (hoje Demétrio Ribeiro) aberta a meio caminho entre a Rua do Arvoredo e a Praia do Riacho, para a Rua da Figueira (atual Rua Cel. Genuíno), para a Rua da Olaria (atual Rua Lima e Silva) e sua transversal, Rua Sarmiento Leite.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998. p.111-112.

¹³⁰ *Ibid.*, p.215.

¹³¹ *Ibid.*, p.161-165; PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**. 1940. p. 53

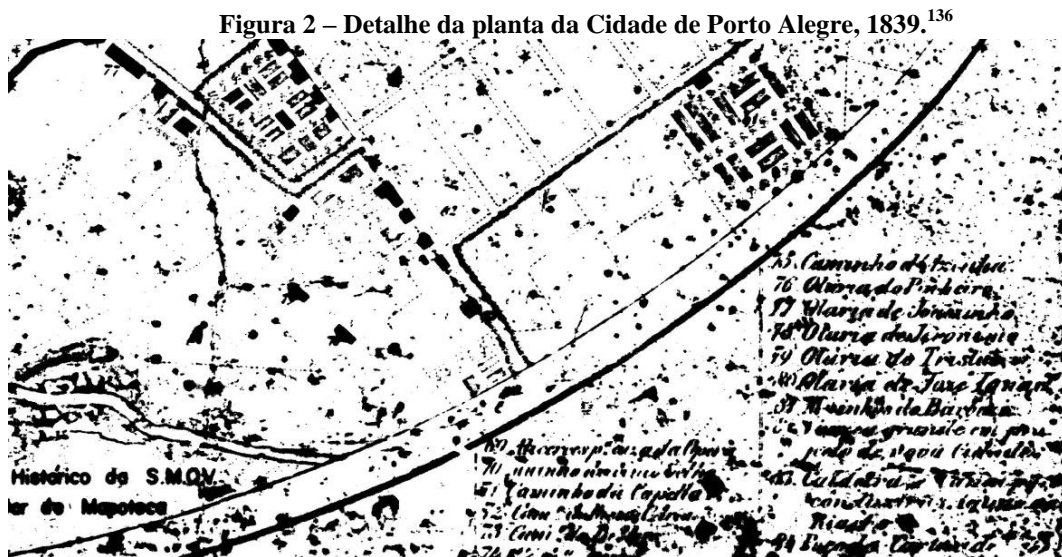
¹³² SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas de minha cidade**. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.14.

¹³³ Código de Posturas Municipais (1893) citado em MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: Origem e Crescimento**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1968; MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p.45.

¹³⁴ FRANCO, op. cit., p.112.

O riachinho perfazia seu leito original, que pela facilidade de percurso e disponibilidade do recurso, fazia o escoamento dos produtos produzidos na região (como o trigo plantado pelas imediações da Avenida Azenha), que rumava a novos portos¹³⁵.

Esta facilidade de escoamento da produção, somada à qualificação do tipo de solo existente (argiloso, propício à construção de telhas e tijolos) oportunizou a instalação de muitas olarias ao longo de seu curso.



Autor: Luís Pereira Dias.

Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal.

Além das olarias, também ribeiras se instalaram ali. Destas, destaca-se a de João Batista da Silva Pereira, que obteve muito sucesso em seu empreendimento, tornando-se rico comerciante, construindo destacada residência na região. Em seu palacete dera hospedagem à D. Pedro II e sua esposa, em visita à Capital da Província, em 1845. Pelos préstimos do casal, o Imperador atribuiu-lhes a titulação de Barão e Baronesa do Gravataí. Estes eram proprietários da mais desenvolvida ribeira local, situada à antiga Praça São João Batista, atual Praça Cônego Marcelino, onde hoje está edificada a Igreja do Pão dos Pobres.

Esta região teria ficado conhecida, por volta de 1879, por Areal da Baronesa, quando esta lançava o desmembramento de sua chácara em quadras, para facilitar a venda do terreno.

Próxima a essa região, havia uma área conhecida por “Emboscadas”. Tratava-se de lugar onde os escravos que se revoltavam contra a tirania do seu dono e fugiam, buscavam

¹³⁵ FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre**: Guia Histórico. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998. p.50.

¹³⁶ As imperfeições da imagem, que dificultam a leitura da mesma, são provenientes do original na fonte citada. Devido à grande ampliação de pequeno setor do mapa, as sujidades, dobras, rasgos e pontos existentes no mesmo são ampliados, prejudicando a legibilidade do material.

para esconderijo e onde permaneciam até partirem para pouso distante, fugindo dos capitães do mato. A área era quase intransitável, em função da quantidade de obstáculos como moitas, capões, árvores e outros acidentes. Ela limitava-se, aproximadamente, à região delimitada pelas ruas Venâncio Aires e República, pela Avenida João Pessoa e as já desaparecidas margens do Riachinho¹³⁷, ou pelo espaço compreendido entre as Ruas Lopo Gonçalves, Luiz Afonso, República e Concórdia (atual José do Patrocínio).¹³⁸

O curso de riacho desenvolvia-se serpenteado, isolando uma região chamada Ilhota. Hoje correspondente à região das quadras que abrigam, atualmente, o Centro Municipal de Cultura, a Vila do Tesourinha e o Ginásio de Esportes que dá nome à ocupação, é mais precisamente no local da vila o correto posicionamento da pequena ilha¹³⁹. Sua população era pobre e sua área era considerada perigosa¹⁴⁰. Era um reduto negro, no qual nascera Lupicínio Rodrigues¹⁴¹.

Ao norte da “Baixa Cidade”, no atual bairro Bom Fim, logo à Abolição da Escravatura, ex-escravos negros e seus descendentes encontraram um lugar para viver. Libertos e desempregados, ou empregados com baixos salários, buscaram moradia em lugares de baixos aluguéis, concentrando-se em cortiços insalubres, com grande concentração de pessoas e doenças.

Assim foi se consolidando o espaço conhecido por “Colônia Africana”, no local do atual bairro Rio Branco e arredores¹⁴², mais precisamente nas ruas Castro Alves, Casemiro de Abreu, Vasco da Gama, Cabral e Liberdade¹⁴³ (APÊNDICE Q).

A Baixa Cidade iniciara seu desenvolvimento urbano antes de 1831, quando as Posturas Policiais estabeleciam a ampliação nos novos limites urbanos, incluindo parte dos atuais bairros Bom Fim e Cidade Baixa:

Limita-se esta cidade de Porto Alegre, pela rua travessa, que vai do Caminho Novo

¹³⁷ SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre**: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p. 208.

¹³⁸ PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**. 1940. p. 59.

¹³⁹ GERMANO, Iris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia**: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40. 1999. 278p. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

¹⁴⁰ MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a avenida Luís Guarânia e o Quilombo do Areal**: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre. 2006. 165p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

¹⁴¹ NASI, Eduardo; RAMOS, Paula. Mestres do século. Música. O poeta da boêmia. **Aplauso** - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 1 n°. 11, p. 26.

¹⁴² MAUCH, Cláudia. Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890. In: VARGAS, Anderson Zaleski; MAUCH, Cláudia e ELMIR, Cláudio Pereira. (org.). **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p.10.

¹⁴³ FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre**: Guia Histórico. – 3. Ed. Ver. Ampl. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 115.

(atual Voluntários da Pátria) aos primeiros moinhos de vento que são hoje pertencentes a Antônio Martins Barbosa até o meio da largura da estrada imediata (atual Avenida Independência) e desta, em linha reta, até a embocadura da Rua da Olaria (atual Lima e Silva) pela frente da chácara do Sargento-Mor João Luiz Teixeira, e da mesma embocadura em linha reta até o riacho, segundo por ele até a sua embocadura.¹⁴⁴

O desenvolvimento pode ser visto nas plantas municipais. O recorte do mapa metropolitano de Porto Alegre de 1839 (oito anos depois da modificação das Posturas Policiais – ANEXO A) já apontava a região norte da Várzea, no Bom Fim, na região entre a área central e, aproximadamente, a atual rua Tomaz Flores, e alguns lotes concentrados à locação aproximada do perímetro entre as Ruas José Otão, Barros Cassal, Avenida Independência e Rua Garibaldi, a existência de edificações e arborização, em área “extra muros”.

Ao Sul, o crescimento do centro deu-se até a Rua da República, onde estava fisicamente demarcado o novo limite urbano, definido pela “muralha”¹⁴⁵ que protegia a cidade contra a invasão dos farrapos. A cidade foi atacada e tomada, pela metade do ano de 1836, quando rebeldes forçaram passagem no ponto onde atualmente é a esquina da Rua João Alfredo com a Rua da República, perdendo ali muitas armas, porque era um lugar de onde se tirava barro para as olarias e estava cheio de água¹⁴⁶.

Fora do limite de proteção da cidade, no perímetro definido pelas ruas Luis Afonso, Joaquim Nabuco, Lima e Silva e Avenida João Pessoa, também havia adensamento urbano, com edificações e arborização. Nesta região situava-se a antiga olaria que hoje recebe o Complexo Cultural Nova Olaria, provavelmente devido à produção deste ponto comercial.

Entre o riachinho e a beira da praia, à Praia de Belas, o adensamento também se estendeu além do centro, até aproximadamente a atual Rua Cel. André Bello.

Os demais espaços dos dois bairros (Bom Fim e Cidade Baixa) permaneciam divididos em chácaras, com limites sutis de cercamentos.

O Mapa de 1881 (ANEXO B) já mostra a abertura de algumas ruas, no norte, como as ruas Sarmiento Leite, Santo Antônio, Gen. João Telles e Ramiro Barcelos, com ínfimo

¹⁴⁴ Posturas Policiais era um código que orientava o saneamento, controlava a abertura e fechamento de comércio e estipulava os locais e a intensidade para o castigo dos escravos, dentre outras determinações. Foram aprovadas pelo Conselho Geral da Província, em 10 de fevereiro de 1831, definindo novos limites urbanos. PORTO ALEGRE. Câmara Municipal. *Posturas Policiais*. Porto Alegre, Tip. Do Comércio, 1847. p.1. apud MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: história e vida da cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973. p.73.

¹⁴⁵ O sistema de defesa da cidade conhecido como “muro” ou “muralha”, era constituído apenas de uma trincheira de duas estacadas paralelas, com terra socada entre elas (caixão com terra). Acompanhada, pelo lado de fora, por um fosso de 3,10m e 4,40m de largura, que dificultava a escalada da trincheira. Em certos trechos havia bases para instalação de artilharia.

¹⁴⁶ MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: Origem e Crescimento**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1968. 138p.

crescimento edilício. Ao sul, surgem as ruas Sarmento Leite e da República (somente até a Lima e Silva), Luiz Afonso, Lopo Gonçalves e Av. Venâncio Aires, em completude, com um sutil crescimento no número das construções.

O mapa de 1888 (ANEXO C) já demonstra o total loteamento das regiões, evidenciando seu traçado atual. Há um expressivo adensamento das construções, com edificações definindo os limites das ruas que configuram como Avenida João Pessoa e Ruas Lima e Silva, Sarmento Leite e início da Avenida Osvaldo Aranha. No restante do território, há uma disseminação concentrada de edificações, que não chegam a configurar a morfologia urbana a que estão destinadas as edificações, pela tipologia definida nos códigos municipais de posturas (que definiam os modos de construções).

O mapa de 1896 (ANEXO D) já demonstra um adensamento e uma consolidação das “bordas” das ruas e avenidas com as construções, com algumas áreas a construir, a leste do Colégio Militar e ao sul do Riachinho.

O mapa de 1906 (ANEXO E) mostra a construção das ruas faltantes, com a configuração do espaço da rua. Os mapas de 1914 (ANEXO F), 1935 (ANEXO G) e 1937 (ANEXO H) só reapresentam o resultado então obtido.

Figura 3 - Bairros Cidade Baixa e Bom Fim. 1926.¹⁴⁷



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

¹⁴⁷ As imperfeições da imagem, que dificultam a leitura da mesma, são provenientes do original na fonte citada. Algumas dobras sugerem plissê do negativo ou fotolito pré-revelação. As marcações de círculos numerados são intervenções que não apresentam legenda. O afastamento do negativo ao papel fotográfico ou a decomposição da foto original, por exposição excessiva à luz, conferem um efeito de embaçamento, com perda de definição dos elementos da parte superior da foto, que representam parte da região central da Cidade e do Bairro Bom Fim.

O fato das zonas terem se originado de chácaras locais e de estarem se desenvolvendo simultaneamente, coincidindo seus desmembramentos em terrenos e iniciando junto duas construções, implicou criação da mesma tipologia e morfologia urbanas, constatáveis à comparação das dimensões de quadras, lotes e tipologias arquitetônicas. “Irmãs”, as áreas se desenvolvem com aparência semelhante, exceto os acidentes de terreno (mais íngreme ao Bom Fim – o que lhe garantiu maior drenagem) e excepcionalidades locais (de acordo com cada região, conforme acidentes geográficos e naturais, como riacho, tipo de solo, etc.).

A imagem aérea (figura 4), datada de 1952, já demonstra a canalização do riachinho, que fica evidente nos mapas seguintes: 1959 (ANEXO –J) – onde não é visível por estar canalizado e 1979 (ANEXO L), onde só é demonstrado seu trecho final, no lago artificial mantido sob a ponte de Pedra que unia territórios do sul da cidade, separados pelo seu leito.

Na foto abaixo, fica evidente a semelhança tipo-morfológica entre as regiões dos Bairros Bom Fim e Cidade Baixa, que ganham estas delimitações a partir da Lei 2022 de 07/12/59, sendo que a Cidade Baixa tem seus limites alterados pela Lei 4685 de 21/12/79¹⁴⁸.

Figura 4 - Bairro Centro, Bairro Bom Fim e Bairro Cidade Baixa (foto Aérea). 1952.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

No mapa de 1959, é possível verificar as semelhanças de diretrizes de desenvolvimento desejadas e projetadas para as duas áreas. Nas cores amarela e laranja,

¹⁴⁸ Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p_secao=43> - <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=13&p_secao=43>. Acesso em 18 maio 2013.

verificamos duas situações propostas de crescimento, onde cada cor representa um conjunto de índices projetuais (com alturas, recuos, área construída e percentuais de suas projeções no solo), que atingem quase a totalidade de seus territórios. Verifica-se que os dois bairros cresceram norteados por estas diretrizes idênticas que implicou semelhanças morfológicas e tipológicas locais.

Fora as semelhanças físicas, as regiões também apresentam espaços de uso para excluídos sociais: os imigrantes.¹⁴⁹ No Bom Fim a predominância de judeus estabeleceu uma Colônia Judaica, lindeira à Colônia Africana, existente na área do atual bairro Rio Branco. Na Cidade Baixa, a concentração de italianos foi destacada.

Os bairros acabaram desenvolvendo diferentes características sociais pela influência das culturas importadas com a imigração. Entretanto, ambos desenvolveram-se com grande quantidade, variedade e qualidade de serviços, sendo, até hoje, considerados “bairros-cidades”, por oferecerem, dentro da estrutura do próprio bairro, todos os serviços que dispensam o deslocamento de seus moradores à região central, concentradora do comércio¹⁵⁰.

Figura 5 - Armazém de Victorio Pilla. Osvaldo Aranha com Sarmiento Leite, 1918.



Acervo Gladis Neolli. Rep. Dan Berger.
Fonte: KLIEMANN, BF álbum de retratos, 1990.

Esta grande oferta de serviços foi atraente a quem buscou moradia, além da vantagem da proximidade a grandes vias de deslocamento urbano, ao centro e aos Cursos das Escolas de Farmácia, Química, Engenharia e Medicina (no caso de estudantes)¹⁵¹.

¹⁴⁹ CONSTANTINO, Núncia. Espaço Urbano e Imigrantes: Porto Alegre na virada do século. **Estudos Ibero-Americanos**, v. XXIV, n. 1, p. 149-164, junho de 1998.

¹⁵⁰ Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA). **Justificativa**. Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1997. p. 1-10.

¹⁵¹ Em 1934 se transformariam em Universidade de Porto Alegre, em 1947 em Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), e em 1950 em Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Os dois bairros constituem espaço de classe média¹⁵², abrangendo em sua população grande parte dos comerciantes locais e estudantes em função da proximidade à UFRGS.

2.1 HISTÓRICO DOS ESPAÇOS DE LAZER DA CIDADE

Porto Alegre vivenciou um momento de “glamour” e status social na frequência da área central, entre as décadas de 1910 a 30, pela presença das famílias abastadas da Cidade nos espaços públicos: frequentando as praças para passeios e exposições de notáveis herdeiros – bons partidos para promissores casamentos - assim como na frequência das casas de chás, teatros e cinemas, que faziam a programação para a sociabilização da “alta sociedade”, como pode ser percebido folhando-se periódicos da época¹⁵³.

Esta camada social já havia feito sua migração da região central (com destaque à Rua Duque de Caxias - área nobre, destacada pela arquitetura dos casarões mais imponentes e abastados da alta sociedade), aos novos espaços da Avenida Independência¹⁵⁴ (logo à sua abertura, ao final do séc. XIX), em busca de espaços mais arejados, ventilados e nobres na cidade: o espaço oferecia serviços de eletricidade e acesso aos bondes, residências com nova tipologia (lotes maiores, implantação com afastamentos frontais e laterais para maior iluminação, ventilação e melhor orientação solar dos cômodos), além de entrada lateral para carruagens, posteriormente substituídas pelos automóveis, e farto jardim de fundos¹⁵⁵. Também na região há a oferta de serviços como o Hospital Beneficência (no qual também as famílias exerciam a caridade). Entretanto, os espaços de sociabilização e lazer ainda se encontravam no centro, onde havia maior demanda de clientes. A região da Avenida Independência era predominantemente residencial, na proposta de abertura da grande e nova via da cidade, rumando sua expansão ao progresso, ampliando a urbe com qualificação de espaços e oportunizando melhor qualidade de vida.

¹⁵² Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p_secao=43> - <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=13&p_secao=43>. Acesso em 18 de maio 2013.

¹⁵³ RAMOS, Paula (org.) **A Madrugada da Modernidade (1926)**. Centro Universitário Ritter dos Reis. Editora UniRitter. Porto Alegre, 2006.

¹⁵⁴ LIMA, Raquel Rodrigues. **Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado. Estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre – nos anos 50**. Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. 2005.

¹⁵⁵ GÉA, Lúcia Segala. **Arquitetura residencial da elite porto-alegrense: 1893-1929**. In: WEIMER, Günter (Org.). **Arquitetura: História, teoria e cultura**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000. pp.13-46.

_____. **O espaço da casa: arquitetura residencial da elite porto-alegrense: 1893-1929**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 1995. 233 p.

BITTENCOURT, Dóris Maria Machado de. **Casas residenciais em Porto Alegre em fins do século XIX e início do século XX**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 1996.

Na sequência, ao início do séc. XX, há também o lançamento de rico loteamento junto à Hidráulica recém-inaugurada, no Bairro Moinhos de Ventos. Bairro novo, recém-projetado, com infraestrutura de iluminação (postes com energia elétrica para abastecimento das casas e da rede de bondes que findava seu percurso neste bairro), além da canalização de água potável da lindeira Hidráulica, serviços de calçamento e oferta de lotes de grandes dimensões e com a possibilidade de construção de palacetes ainda maiores, em Arquitetura Eclética, ainda mais ornamentada que na região da Independência.

O centro inicia um processo de “abandono” na ação “morar”¹⁵⁶ pela “alta sociedade”, que mantém seus serviços na ação “lazer”, ofertada a esta população ávida de exposição e reconhecimento. Continuou a ser frequentado nos espaços das praças, *points* de encontro da sociedade da época e nos muitos locais de serviços instalados às proximidades dos de maior frequência¹⁵⁷.

Casas de chás, lojas de bombons e licores, lojas de perfumes ou tecidos... Todos os serviços e produtos direcionados a uma classe mais abastada rodeavam os espaços das praças, destacando-se, em Porto Alegre, o espaço da Praça da Alfândega.

Nesta época, a frequência diurna oportunizada no espaço público da área central era aproveitada pelas famílias, que nele demonstravam toda sua educação, bons modos, adequada maneira de se vestir e correta etiqueta.

A frequência noturna era mal vista, sendo permitida apenas ao sexo masculino. E destas ações, muitas eram mal afamadas, mas comungadas pelo gênero: as boates, casas de shows, prostíbulos, inclusive, cinemas, como o Odeon, que era conhecido por passar, após as 23hs, “sessões só pra homens, com ‘filmes fortes’, com nus artísticos ou com ‘temas científicos’ sobre doenças venéreas”¹⁵⁸.

Nestes locais, diurnos ou noturnos, havia a atuação dos músicos. Atuação reconhecida, desejada, ovacionada pelas habilidades e talentos desenvolvidos. A música era parte significativa de qualquer programa cultural, até, pelo menos, a década de 1940.

Até este momento, o mercado de trabalho do músico apresentava muitas oportunidades: apresentações em casas de chá, teatros e cinemas, onde, antes da chegada do cinema sonoro e das gravações de som, reproduziam músicas e trechos musicais de suspense,

¹⁵⁶ DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹⁵⁷ A “função morar” teve o auge deste esvaziamento no Centro com a implantação dos primeiros dispositivos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre (1º PDDU), datado de 1959, que encareceram sobremaneira o preço da terra urbana da área central, induzindo a “saída” das residências, ainda que algumas permanecessem, pagando alto preço pela permanência na região.

¹⁵⁸ GASTAL, Susana. Salas de cinema: Cenários de uma história porto-alegrense. **Aplauso** - Cultura em Revista. Ano 1, nº 11, 1999. P. 40.

alegria, tristeza a complementar o cinema mudo. Com o advento deste, os músicos foram dispensados de seus serviços e começaram a viver a primeira de três grandes crises que abalariam fortemente o setor¹⁵⁹.

Na sequência, as ações repressoras do governo do Marechal Dutra fecharam cassinos, e, posteriormente, cabarés, nos quais músicos também trabalhavam. Os que não tinham trabalho nas rádios locais ou em clubes ficaram desempregados.

Com o advento da televisão, as grandes emissoras de rádio da época acabam entrando em declínio, substituindo os músicos por discos ou fitas gravadas. Estes profissionais migram para a TV, até esta começar a transmitir somente programas feitos no centro do país, dispensando-os – o que culminou na segunda crise do setor musical¹⁶⁰.

Com a TV, as pessoas começaram a permanecer mais em casa e a procurar nos programas televisionados o entretenimento que buscavam nas casas noturnas. Também, o aparecimento dos equipamentos de som e reprodutores de discos, como a vitrola, acabou por substituí-los. Motivadas pelos avanços tecnológicos e pela possibilidade de poder escolher suas canções e ouvi-las quando e quantas vezes quisessem¹⁶¹, as pessoas começaram a adquirir equipamentos de som e discos, e, por consequência, a ir cada vez menos aos shows. Lentamente as casas de eventos começaram a se modernizar e adquirir estes equipamentos elétricos, desejados pelo público, que seguia uma tendência mundial, em buscas de shows eletrônicos, com novidades musicais, técnicas e com custos mais baixos dos ingressos, causados pela dispensa dos músicos, bandas e orquestras, visto a economia de custos¹⁶².

Além disso, com o advento da TV, as emissoras começaram a montar suas próprias orquestras e restou aos músicos a opção de serem contratados por elas ou ter que arranjar outro local para trabalhar. Fora a terceira crise, que comprometeu fortemente estes profissionais.

Paralelo a isso, na década de 50, o centro se torna lugar de encontro, principalmente nos cafés (Apêndice A), por uma sociabilidade da alta sociedade, predominantemente masculina¹⁶³, numa frequência mais modesta, com músicos e público de classe média e à

¹⁵⁹ VEDANA, Hardy. **Jazz em Porto Alegre**. Porto Alegre: L&pm, 1987. 184 pp. 13-14.

¹⁶⁰ Ibid., loc. cit.

¹⁶¹ Visto que as pessoas dependiam da programação da rádio ou apresentações ao vivo para conhecer e ouvir as canções.

¹⁶² “A ‘Orquestra Invisível’ foi um dos primeiros bailes com música mecânica no Brasil. Os bailes sem orquestra eram mais populares e a diferença estava no preço dos ingressos. Enquanto as festas com orquestra eram verdadeiros shows, com músicos impecáveis, som da melhor qualidade e até iluminação caprichada, nós nos virávamos com um toca-discos e uma pequena luminária pra enxergar as ranhuras do vinil e identificar as faixas.” PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha**. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 37.

¹⁶³ JARDIM, Denise. **De Bar em Bar**: Identidade Masculina e Auto segregação entre Homens de Classes

presença de Lupicínio Rodrigues, em bares e no Mercado Público (Graxaim, Treviso)¹⁶⁴.

Neste período, “a cidade já despontava como cenário internacional pela sua efervescente musicalidade e diversão noturna. A cidade contava com cinco rádios, 25 cinemas e 30 casas noturnas¹⁶⁵, além de teatros, auditórios e casas de chá”. Era o momento em que iniciavam os bailes da Reitoria da UFRGS e as reuniões dançantes das Faculdades.

As famílias abastadas migram dos espaços públicos, das casas de chá e cinemas da região central, para os Clubes, Sociedades e Associações, muitos em bairros mais distantes, deixando o Centro à ação de uma população menos privilegiada.

Este espaço perde a imponência, *status* e *glamour* que alcançara em épocas anteriores, mantendo apenas seus espaços de serviços e socializações para cidadãos com menos reconhecimento na sociedade. Permanecem espaços de atendimento à classe trabalhadora, como servidores, trabalhadores do comércio e população em geral, pertencentes a uma classe média, média-baixa e baixa.

Entretanto, o uso dos espaços do Mercado Público (que atende aos operários do porto - marinheiros, estivadores, prostitutas e clientes do mercado), assim como comércios menores, como lancherias, sorveterias e, também, as boates e casas de prostituição permanecem atuantes. Destas últimas, as mais famosas, luxuosas e mais bem frequentadas estavam localizadas ao longo do Eixo Voluntários da Pátria/Farrapos, local onde os músicos tinham bastante trabalho, como se pode averiguar à quantidade de boates identificadas por Hardy Vedana. (Apêndice B).

Nesta época, Lupicínio Rodrigues era um dos avaliadores nas audições de seleção dos músicos no SBACEM¹⁶⁶, para a retirada da autorização para atuação profissional na cidade. Assim, acabou por conhecer cada novo talento surgido e sabia onde encontrar cada um deles, com quem estava sempre em contato, buscando uma nova voz para interpretar suas canções.

Em busca de espaço para tocar e exercer o prazeroso ofício que lhes garantia a sobrevivência, os músicos acabaram por montar seus próprios bares, muito incentivados pelo próprio Lupicínio. Por não disporem de muita condição econômica para investimento,

Populares. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 247p.

¹⁶⁴ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha**. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 99-100.

¹⁶⁵ CAMPOS, Marcello. **A Porto Alegre dançante dos anos 50**. Os anos dourados dos bailes em Porto Alegre. Publicado em 9/5/2005. Disponível em: <<http://www.guaiba.com.br/reportagens.asp?id=240>>. Acesso em 25 julho 2012.

¹⁶⁶ SBACEM- Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de músicas. ROZANO, Fernando. Santo de Casa – Lupicínio Rodrigues. **Porto & Vírgula**. Porto Alegre, n.º. 55, out./dez 2005. p. 16 e PRIKLADNICKI, Fábio. Muito além da dor-de-cotovelo. **Aplauso - Cultura em Revista**. n.º. 59, p. 16.

acabaram por procurar zona barata para instalar seus pontos noturnos, em busca de público para mantê-los atuantes, ou mesmo em busca das casas dos colegas de profissão ou contatos, em busca de uma oportunidade de trabalho.

O espaço onde encontraram sítio mais propício ao início de seus serviços teria sido a Cidade Baixa. Ali, onde desde a fundação da cidade teriam se instalado os excluídos sociais e econômicos, seria o lugar que teria recepcionado o grupo de músicos substituídos pelos avanços tecnológicos que a grande capital teria incorporado às práticas sociais.

Estes sobreviveram pela prática de seus serviços em pequenos botecos, bares, ou pequenas casas de shows - casas implantadas por eles mesmos ou nas quais prestavam serviço. O bairro se tornou uma vitrine de bons músicos. Os que tocavam em rádios, orquestras e grandes boates, sempre passavam por lá, e Lupicínio aproveitava este ritual para conhecer novos talentos e promover a divulgação de seu trabalho. Lupi já se despontava, no cenário nacional, a partir da difusão de sua produção musical pela Rádio Nacional. Sua projeção alavancou, também, alguns companheiros de boêmia, e, por conseguinte, os que a eles foram se juntando ao longo dos anos, nas noites da Cidade Baixa. Esta, que já é local de nascimento deste notável porto-alegrense, se consagrou como berço da boêmia local, destacando-se pela qualidade de seus músicos e canções, assim como se transformou em vitrine musical-artística da cidade.

Na década de 60, Centro e Cidade Baixa ofertavam espaços de lazer com o tradicional conceito de boêmia: apresentando espaços introspectivos, com músicas melancólicas, tocadas com instrumental, ao vivo, e com renomados músicos locais¹⁶⁷. Conforme Pereira, “o silêncio ainda era sagrado. [...] Era proibido bater palmas, substituídas por estalo de dedos, para não atentar contra a moral e os bons costumes daqueles anos 60. Porto Alegre era uma festa. Silenciosa”¹⁶⁸. Era o “período histórico dos bares com música ao vivo da capital gaúcha, as casas noturnas tinham um papel importante na vida da cidade: eram templos culturais, com muita bebida, comida, conversas e risadas”¹⁶⁹.

No Centro, ainda funcionavam os já citados bares frequentados por Lupicínio, como Graxaim e Treviso (1922)¹⁷⁰, além do Gambrinu’s e do Naval, também no Mercado Público, a

¹⁶⁷ Todos estes ambientes retrataram a riqueza de raízes musicais de Porto Alegre e exaltaram a arte de autores e intérpretes de sambas-canção, serestas, choros e canções de dor-de-cotovelo. PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha**. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 99.

¹⁶⁸ PEREIRA, op. cit., p. 55.

¹⁶⁹ PEREIRA, op. cit., p.99.

¹⁷⁰ Os locais citados aparecem com suas datas de abertura, estando em funcionamento normal à década de 60, a qual o texto faz referência.

Boate do Clube do Comércio (déc. 50) e outras já existentes na região central¹⁷¹ (Apêndice B). Surgem o Adelaide's (final dos anos 60), o Teatro de Arena (1967), a Casa de Estudante Aparício Cora de Almeida - CEUACA (1934), a Casa do Estudante Universitário de Porto Alegre (CEUPA) – “CASA”, a Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CEUFRGS (1956), e o Bar do Antônio - UFRGS (1967) (Apêndice C).

No Bom Fim, já existiam o Fedor (1937), que era lugar de passagem, após as sessões do Baltimore na década de 60¹⁷², e o Zé do Passaporte¹⁷³ (1960/70), que “formaram, durante muito tempo, uma dupla imbatível na noite para os boêmios famintos de Porto Alegre”¹⁷⁴, Baltimore (1930 ou 40), Clube de Cultura (1950), Cine Rio Branco e Cine Atlas, Bar Azul (1952), Casa de Estudantes Santa Cruzense (1953), Acapulco (1958); Padaria da Universidade (1958), Estudantil (1959). Surgem Alaska (1965), Centro de Arte, Sensibilização e aprendizagem - CASA (aprox. 1968), Casarão do DOPS e Mini Baltimore (1967) (Apêndice D).

Figura 6 - Bar Fedor¹⁷⁵



Fonte: Acervo Museu da UFRGS

Na Cidade Baixa, já existem Cine ABC (1914)¹⁷⁶ e Cine Avenida (1923/1929), e

¹⁷¹ Vedana faz levantamento e data somente da abertura das boates. Portanto, aquelas que não trocam de endereço, permanecendo recorrente em seu levantamento, não são possíveis de localizar temporalmente. Assim, não é possível afirmar que as boates abertas entre as décadas de 20 e 50 tenham permanecido funcionando até a década de 60, ou até meados desta. Tampouco é possível afirmar que as que abriram no período entre 1960 a 1964 tenham permanecido abertas após a instauração da Ditadura. A listagem serve de referência apenas para a existência de grande quantidade de boates na região central.

¹⁷² Também conhecido como “Bar do Serafim”. “O apelido surgiu por causa dos mictórios colocados perto das mesas de sinuca. [...]Tinha até uma cancha de jogo o osso”. PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha**. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 83

¹⁷³ Inicialmente, o nome era “Passaporte para o inferno”, em função dos molhos apimentados. PEREIRA, op. cit., 84.

¹⁷⁴ PEREIRA, op. cit., p. 84.

¹⁷⁵ As imperfeições da imagem, que dificultam a leitura da mesma, são provenientes do original na fonte citada. Fotografia em baixa resolução, obtida de jornal, disponível no formato digital no Museu da UFRGS.

¹⁷⁶ Foi inaugurado no dia 8 de dezembro de 1914 na Rua Venâncio Aires, nº 77, bairro Cidade Baixa. Foi

surgem: a Casa do Estudante Universitário de Porto Alegre (CEUPA) II (1960), III e IV (1964), Van Gogh (1964), Copacabana (déc. 60), Ressaca (1968) e Pedrini (1960). (Apêndice E). Na Avenida Venâncio Aires, entre Bom Fim e Cidade Baixa, surge o Centro de Artes Dramáticas – CAD (aprox. 1968) (Apêndice F).

Ao mesmo tempo em que na região central e na Cidade Baixa se concentravam pontos noturnos da boêmia tradicional, o início dos anos 60 marcou mudanças de comportamentos e trouxe movimentos contraculturais.

Nos EUA, Europa e Américas, destacando-se o Brasil, disseminavam-se os *happenings*, nas artes visuais, como novos modos de fazer a arte e desta provocar e se relacionar com o público. O corpo estava in voga. A dança estava em alta e proporcionava uma maior revelação e expressão de sensualidade. Entrava em cena também a “política do corpo”, a luta ecológica e a luta pela conquista de direitos das minorias (negros, mulheres, homossexuais)¹⁷⁷.

Neste mesmo período, na área considerada “alta” da cidade, iniciava-se a instalação de novos bares, influenciados por sons internacionais: Disco, Beatles, etc. Conforme Pereira, a partir dos anos 60, a cidade “Com casas noturnas charmosas passou a atrair novos públicos”¹⁷⁸.

Aos arredores da Avenida Independência, surgem: Sala 1 Cinema Vogue (1959), Joe’s (1960), Crazy Rabbit (1960 ou 1962), Baiuca (1962), Teatro Leopoldina (1963), Encouraçado Butikin (1965), Paraphernália (1966), Drink Bar (1967/70), Tia Dulce (déc. 60), Whisky a Go-Go (1960/70), La Locomotive (1964) e Scavi (1968). Conforme Pereira, era o “Momento em que Porto Alegre achou que poderia ser Nova York e ter uma noite feérica com discotecas, glitter e muito brilho”¹⁷⁹. (Apêndice H).

Conforme Pereira, havia um “tour” da Independência:

Começava pelo crepe da Torta de Panela, no Parcão. Barriga cheia, o povo rumava para a boate do Clube do Comércio, ou para o Barrico, no Petrópolis ténis Clube, ou a Vila Rica, no Leopoldina Juvenil. Quando sobrava dinheiro, as opções eram o Encouraçado Butikin, a Makumba, a Looking Glass e a Discoate. A noite acabava no Zé do Passaporte ou no Tia Dulce. No domingo, a ressaca pegava forte. Depois do almoço, na casa da mãe, era hora de ir para o Parcão, Redenção ou Timbuca, na

reinaugurado em 1º de janeiro de 1969 com o nome de ABC. Fechou definitivamente suas portas no dia 10 de julho de 1994.

RIBEIRO, Milton. **A migração dos cinemas de Porto Alegre (Parte 2 – alguns bairros)**. Disponível em: <http://miltonribeiro.sul21.com.br/2012/10/21/a-migracao-dos-cinemas-de-porto-alegre-parte-2-alguns-bairros/>. Acessado em 04.06.13 15:28.

¹⁷⁷ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Coleção Repensando a História. p. 121

¹⁷⁸ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre**. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 18.

¹⁷⁹ Ibid., p. 18.

Vila Assunção. E pra finalizar o domingão, a moçada atracava no Baile dos Magrinhos, no Sava Clube”¹⁸⁰.

Estas atividades mesclavam diferentes formas de fazer o lazer e as práticas cotidianas de viver, como o comer, conviver, etc. Estas formas de lazer correspondiam às dinâmicas socioculturais da vida juvenil e o modo como organizam sua vida nas culturas vividas no tempo livre¹⁸¹. Atitudes de momentos de fruição de divertimentos, prazeres e distância relativa do mundo do trabalho, considerando-se que este último é, geralmente, caracterizado como um atributo do mundo adulto¹⁸², e que o afastamento desta prática é preguiça e desocupação.

Conforme Brenner:

É principalmente nos tempos livre e nos momentos de lazer que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser, que os diferenciam do denominado mundo adulto. No contexto de menor controle das gerações adultas, os jovens elaboram subjetividades coletivas em torno de culturas juvenis. Há uma tendência da sociedade em enxergar nessas culturas traços de marginalidade, um tempo social potencialmente negativo e, em geral, pensado em oposição ao trabalho, este entendido como tempo de positividade, naquilo que se refere à formação humana¹⁸³.

Atividade de formação pessoal na juventude, as práticas do lazer consolidam o tempo sociológico, no qual a liberdade de escolha é o elemento preponderante e participa da construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. Nessas práticas, os indivíduos buscam realizar atividades que proporcionem formas agradáveis de excitação, expressão e realização individual e criam consciência de liberdade ao administrar sua fuga temporária à rotina cotidiana de trabalho e de obrigações sociais¹⁸⁴.

Brenner afirma que “Esta prática é uma atividade social historicamente condicionada pelas condições de vida material e pelo capital cultural, que constitui sujeitos e coletividades”¹⁸⁵.

Ao final dos anos 60 e início dos 70, começam a surgir boates assumidamente gays, principalmente nesta região que despontou como local de vanguarda dos anos 60¹⁸⁶.

¹⁸⁰ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha**. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 119.

¹⁸¹ BRENNER, Ana K., DAYRELL, Juarez, CARRANO, Paulo. Juventude Brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: editora do Ministério da Saúde, 2008. 218p. p. 29.

¹⁸² Ibid., pp. 29-45.

¹⁸³ Ibid., p. 30

¹⁸⁴ Ibid., loc. cit.

¹⁸⁵ Ibid., p. 31.

¹⁸⁶ Neste momento, à Rua Cristóvão Colombo e arredores, surge o Clube dos Cozinheiros (1966) e o Lawson's (1966) (Apêndice G).

O capítulo se encerra após apresentação do desenvolvimento urbano do Bom Fim e da Cidade Baixa, e de um rápido panorama do surgimento de espaços de lazer nas duas regiões supracitadas e nas áreas próximas, conectadas por semelhanças nas atividades e nos modos de fazer, até o início da Ditadura.

3 PRIMEIRA FASE DO MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE USO NOTURNO: MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

O presente capítulo apresenta brevemente o panorama econômico e político instalado no pós-golpe militar, que atingiu diretamente as regiões do Bom Fim (principalmente) e da Cidade Baixa, pela proximidade à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que era objeto de controle, repressão e vigilância militar. Além disso, era local de concentração da juventude, interna ou externa à Universidade e, por isso, merecia vigilância.

Trabalha com as limitações impostas pelo regime às ações no espaço público e com a ligação entre o Bom Fim e Cidade Baixa, da qual resultou a migração do público do primeiro para o segundo, com o fechamento do *point* de bares vivenciado pela juventude, existente no primeiro.

O trabalho apresenta o crescimento e fechamento dos bares da Esquina Maldita e a migração deste público a outro *point* no próprio bairro, junto ao cinema Baltimore, e à Cidade Baixa, aos bares lá existentes.

Trata, também, do afrouxamento da repressão, ao final do período, e das modificações sociais no território do Bom Fim, onde houve a instauração de ações de violência, promovidas por grupos, que iniciou seu período mais contestatório e marginal, destacado na cena da cidade.

3.1 1964-1985: DITADURA E LIMITAÇÕES AO ESPAÇO PÚBLICO

1964: Era imposta a Ditadura Militar como governo no Brasil. A sociedade civil sofre o golpe, as restrições dos direitos e a imposição de duras sanções à desobediência da nova ordem. A estrutura social busca acomodar-se às novas “liberdades”, preservando-se de atitudes suspeitas de “subversão”.

1968: Porto Alegre vivenciava a efervescência política que mobilizava os espíritos juvenis. Conscientizados por professores e colegas de esquerda, estudantes da UFRGS se mobilizavam com a força embativa, idealista e apaixonada da juventude, contestando o governo vigente e opondo-se, desarmados, numa luta de ideologia x violência. Esta como uma

violência banal¹⁸⁷, que, conforme Ruth Gauer, “está ativa na paixão social, é retratada na resistência das massas (o silêncio das massas), como descrita por Michel Maffesoli¹⁸⁸”, “uma ritualização da violência”.

O poder das forças militares violentava os corpos daqueles movidos por ideais. Conforme Sandra Pesavento¹⁸⁹, a arma de luta destes jovens era a politização, que podia ocorrer dentro ou fora da universidade, antes ou depois do ingresso ao curso superior: nos grêmios estudantis das escolas secundárias ou nos centros acadêmicos de então.

A tomada de decisão e o posicionamento pela resistência implicavam um grande investimento de tempo e grandes riscos.

Ser politizado era ser de esquerda e ser contra o *status quo*, por princípio; era argumentar contra tudo e contra todos, politicamente. Era atrapalhar sempre, sistematicamente, era denunciar tudo o que o governo fazia, era mobilizar continuamente. Havia a ideia de que era preciso resistir, sempre e mais. Havia medo, misturado com coragem [...] ¹⁹⁰.

Assim, os espaços da cidade, principalmente os próximos à Universidade, permaneciam vigiados, diuturnamente. O controle nesta área contemplava a implantação de “falsos alunos” e “falsos professores”. Estes “espiões” penetravam por toda a Instituição, apoiados ou não pelas forças administrativas desta, submissas ao poder do governo. “Conviver com ‘ratos’, delatores e censura na aula, no teatro, na dicção, no jornal foi uma necessidade doentia introduzida pelo golpe e radicalizada pelo AI-5¹⁹¹. Viviam-se à sombra da dúvida, inquietação e insegurança”¹⁹².

Policiais disfarçados infiltravam-se em todos os ambientes em que houvesse concentração de pessoas.¹⁹³ Para identificá-los, bastava prestar atenção a detalhes: geralmente tinham idade maior do que maioria dos jovens, apresentavam cabelo mais curto ou raspado, tinham barriga proeminente, principalmente se com 2 ou 3 botões abertos e apresentavam o “indício infalível” dos infiltrados: os sapatos Vulcabras¹⁹⁴.

¹⁸⁷ GAUER, Ruth M.C.G. Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: GAUER, Gabriel J. C., GAUER, Ruth M.C.G. (Org.) **A Fenomenologia da Violência**. Curitiba: Giruá, 2001. p. 19

¹⁸⁸ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

¹⁸⁹ PESAVENTO, Sandra J. Brasil: a cultura da resistência. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org). **1968: Contestação e utopia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 30

¹⁹⁰ Ibid., loc. cit.

¹⁹¹ O Ato Institucional Nº5 ou AI-5 foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro durante o Golpe Civil-Militar de 1964 no Brasil, atribuiu poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais.

¹⁹² MARTINI, Maria Luiza. **Mai de 1968 no Rio Grande do Sul**. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org). **1968: Contestação e utopia** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 113

¹⁹³ DILMAR MESSIAS – diretor de teatro citado por TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 84.

¹⁹⁴ Paulo Burd citado por TEIXEIRA, op. cit., p. 85.

As pessoas temiam, sendo paranóicas com a existência de fotos. Neste período, quem tirava foto era “rato”¹⁹⁵ e, para controle, investigações e até mesmo forçosas delações.

Influenciados, também, pelas mobilizações estudantis mundiais, como o Maio de 68, em Paris, e a Primavera de Praga¹⁹⁶, os jovens brasileiros se jogavam, literalmente, de corpo e alma nas ações estudantis. Tanto que muitos deram literalmente seu sangue ou mesmo sua vida pela “batalha” (desleal) no “corpo-a-corpo” dos armados contra os desarmados.

O mundo estava em busca de mudanças sociais, de comportamento e de estilo de vida, que já vinham sendo construídas, mas que eclodiram. Refletia-se sobre “liberdade sexual, o fim do autoritarismo no relacionamento entre pais e filhos, na escola e em outras instituições, do novo papel da mulher na sociedade, dos direitos das minorias étnicas, do respeito ao meio ambiente”¹⁹⁷. Questionava-se o casamento: a escolha do parceiro, a conservação e duração da união, a opção de experimentar o sexo e a convivência com o futuro companheiro antes do compromisso, os antigos casamentos mantidos pelas aparências, os reais sentimentos que existiam nas uniões... Assim como também sentimentos e desejos em relação a outras pessoas¹⁹⁸.

Comissões, passeatas, protestos, cartas, manifestos e incidentes memoráveis¹⁹⁹, como a tomada da Faculdade de Filosofia pelos estudantes, ou o enfrentamento com as forças de repressão, que resultou na invasão da Catedral Metropolitana pelas tropas de choque²⁰⁰, eram ações comuns que implicam reações tipo agressões, prisões e espancamentos, como o sofrido por estudantes que apanharam entre senhoras que comungavam na Catedral, após manifestação na Avenida Borges de Medeiros²⁰¹.

O ato de se manifestar trazia riscos a si próprio, mas também à sua família. “Cada um travava sua luta íntima entre o medo e o imprevisível, com mais ou menos consciência sobre o politicamente correto, o que poderia e saberia fazer”²⁰².

¹⁹⁵ João Rovati, professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS citado por BRANCO, Nara. Bar da Filô. Uma janela para a história. **Jornal Adverso**. Memórias. Central. Nº 138. Novembro de 2005. p. 16.

¹⁹⁶ MACIEL, Maria Eunice. **Quando o mundo era jovem**. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org). **1968: Contestação e utopia** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 35

¹⁹⁷ Ibid., loc. cit.

¹⁹⁸ TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 103-105.

¹⁹⁹ PESAVENTO, Sandra J. **Brasil: a cultura da resistência**. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org) **1968: Contestação e utopia** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 31

²⁰⁰ MACIEL, Maria Eunice. **Quando o mundo era jovem**. In: HOLZMANN, op. cit., p. 30.

²⁰¹ MARTINI, Maria Luiza. **Maio de 1968 no Rio Grande do Sul**. In: HOLZMANN, op. cit., p. 112

²⁰² Ibid., loc. cit. “[...] era apoio, não ia para a linha de frente, face a face com policiais, cassetetes, cachorros e cavalos. Também não ficava na última fila. Ia de preto, sapato sem salto e o de salto na bolsa, resolvida a não correr e pousar de garota elegante, se necessário. Na última passeata, quando começou a correria, andou no sentido contrário, trocou os sapatos e lentamente, coração aos pulos, voltou à Rua da Praia. O que acontecia? Poucos passos e nenhuma dúvida: eles brotavam das esquinas. Subiam. Desceu a Borges. Vinham do abrigo, onde passavam os bondes, Ela entrou no saguão, acho que do edifício da União de Seguros. Dois colegas

Com o AI5, a perspectiva de luta armada entrou em pauta: debatia-se sobre a opção de sacrificar a própria vida em nome de uma guerra com um desfecho absolutamente incerto. Conforme Koutzii, “De qualquer modo, o que parecia claro pra nós é que a disputa pelos destinos do mundo já havia ultrapassado o estágio do debate para o da crítica das armas, literalmente”²⁰³. Quase inconscientemente, ou induzidos pelos direcionamentos dos fatos, discutiam-se maneiras de enfrentamento e resoluções dos acontecimentos. Conforme Gonzaga, “Mesmo que você não estivesse disposto a pegar em armas acabava participando de uma discussão teórica a respeito da estratégia mais eficaz”²⁰⁴.

Muitos aderiram, contam os que declinaram. E jamais voltaram.

Muitos entre nós estavam absolutamente crentes de que iam mudar o mundo ou de que, a partir daqueles eventos, o mundo nunca mais ia ser o mesmo²⁰⁵. Nessa hora, não havia meio-termo. Ou a pessoa mudava de nome e mergulhava na vida clandestina, ou largava de vez a militância. Preferi me afastar²⁰⁶.

A década de 70 exterminou muitos sonhos e castrou as liberdades de muitos jovens, controlados e inibidos, tanto pela polícia quanto pela família (por proteção), por ocasião das mobilizações. Ficou conhecida como a “década da infâmia”²⁰⁷.

No Brasil, as mobilizações eram muitas. Em levantamento das Revistas Isto É do período, do universo de temas das publicações produzidas durante a década de 70, destaca-se a movimentação estudantil representada em fotografias, principalmente nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre, onde, aparentemente, o movimento estudantil fora mais expressivo ou onde tivera maior confronto com as forças policiais.

Figura 7 - Cavalarianos a caminho do largo, em São Paulo



Fonte: Isto É, 25 de maio, 1977. n. 22, p. 7-2.

Figura 8 -... e os estudantes acuados nas arcadas.



Fonte: Isto É, 25 de maio, 1977. n. 22, p. 7-3.

entraram logo depois. Não havia possibilidade de reorganizar qualquer manifestação. A rua era da polícia”.

²⁰³ Flávio Koutzii (militante) citado por TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 74.

²⁰⁴ Sérgio Gonzaga, ex-Secretário Municipal da Cultura de Porto Alegre, citado por TEIXEIRA, op. cit., p. 75.

²⁰⁵ Giba Rocha, jornalista, citado por TEIXEIRA, op. cit., p. 76.

²⁰⁶ Joacir Thadeu Medeiros, professor da UFRGS, citado por TEIXEIRA, op. cit., p. 82.

²⁰⁷ BORBA, Mauro. **Prezados Ouvintes. Memória Afetiva**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1996. 217p.

O sítio mostrava-se um campo de batalhas constantes. O planejamento dos ataques estava sendo continuamente articulado, estrategicamente armado para fazer clamar pelas ruas da cidade o descontentamento com o regime e a luta idealista pela democracia, liberdade de expressão e, depois de certo ponto, anistia aos presos políticos. Sendo, mais tarde, também cobradas satisfações sobre os desaparecidos.

Jovens do Brasil, tomados pelos ideais revolucionários, ocupavam fisicamente os espaços públicos, tentando reconhecimento de seus pedidos e fortalecendo-se moralmente na busca inquietante por seus direitos e de muitos outros que não compravam a briga.

Figura 9 - No Viaduto do Chá, a rápida refrega: de repente, o coronel Erasmo cansou de esperar. (Rio de Janeiro).



Foto de Hélio Campos Mello. Fonte: Isto É, 11 de maio, 1977. n. 20, p. 14.

Em Porto Alegre, as ações militares cercavam os campi da UFRGS, invadindo-o frequentemente, assim como a área equivalente à Avenida João Pessoa, em frente às Faculdades de Direito e Economia, próximo à Casa de Estudante da UFRGS (CEUFRGS) e ao Restaurante Universitário (RU). Esta área aparece invadida em grande parte das fotografias da década de 70, disponibilizadas no Acervo Digital do Jornal Zero Hora. Assim como a área próxima à Reitoria da UFRGS.

Figura 10 - No centro de Porto Alegre, prevenidos contra qualquer eventualidade.



Foto de Leonid Streliaev.
Fonte: Isto É, 25 de maio, 1977. n. 22. p. 6-1.

Figura 11 - No território neutro da UFRGS, a contribuição gaúcha ao protesto nacional.



Foto de Leonid Streliaev.
Fonte: Isto É, 25 de maio, 1977. n. 22. p. 6-2.

Sobre o panorama de Porto Alegre, foi feita seleção de matérias sobre o “Movimento Estudantil”, no Acervo do Jornal Zero Hora. A busca se deu por esta temática e, do universo de reportagens encontradas²⁰⁸, foram selecionadas quatro edições da revista, nas quais os confrontos entre juventude estudantil e forças policiais foram intensos²⁰⁹.

As reportagens do Jornal Zero Hora descrevem detalhadamente as ações policiais, estudantis, os posicionamentos, ações das autoridades, de lutas entre partidos políticos (vigente e oposição) e seus posicionamentos diante do movimento estudantil.

Universidades públicas e privadas entram em greve, pelas reivindicações não atendidas pelos alunos, geralmente ignoradas pelas Reitorias²¹⁰.

Passeatas de mobilização e ocupação paravam as cidades e provocavam congestionamentos e transtorno nas atividades “normais”. Eram intencionalmente calculadas, nas lutas pelas reivindicações já citadas, além da luta pela anistia e liberdades democráticas. Caso ícone em Porto Alegre foi o Dia Nacional da Luta, em 23 de agosto de 1977. O movimento foi programado por entidades estudantis para prestar solidariedade aos acadêmicos da Universidade Federal da Brasília. Jatos d’água, fumaça, gás lacrimogêneo e cassetetes foram empregados para impedir a perturbação da ordem pública. Nas ruas, os jovens tomaram o centro, a partir do meio dia. O movimento tinha início às 12hs, mas atrasou, dificultado pela ação policial que tentava impedir a aglomeração. A movimentação foi intensa durante toda a tarde, registrando o maior congestionamento já visto na cidade até aquele dia. Houve confronto, perseguições, violência. Nem mesmo os jornalistas escaparam da ação quando a polícia iniciou a dispersão de grupos. Houve concentração dos estudantes nas calçadas da Avenida João Pessoa, em frente ao Restaurante Universitário (RU) e à Faculdade

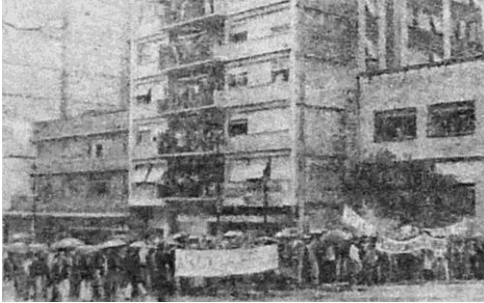
²⁰⁸ Não são muitas, pois o acervo digital só tem escaneadas as reportagens já solicitadas em algum pedido anterior, e as pesquisas ao acervo estão restritas, devido às reformas no prédio. Além disso, em consulta ao acervo do Museu Hipólito da Costa, a média de consulta para todos os volumes mensais de cada mês de cada ano dura em torno de 1,5 horas, em leitura rápida dos títulos de reportagens. A estimativa de tempo de pesquisa para todo o acervo é de 2,5 a 3 meses, só em levantamento de reportagens de jornal. Devido ao enfoque deste trabalho, optou-se por utilizar-se do acervo digital da Zero Hora, para fins de amostragem, baseada em seleção que concorda com a amostragem nacional em levantamento da Revista Isto É.

²⁰⁹ Nas ruas, a passeata dos universitários. **Zero Hora**, sábado 18 de agosto de 1979; Dois estudantes em greve de fome. **Zero Hora**, sábado 18 de agosto de 1979; Segunda-feira uma nova reunião no Araújo Viana. **Zero Hora**, segunda-feira 18 de agosto de 1979. p. 19; 7 mil alunos da Unisinos já entraram em greve. **Zero Hora**, quarta-feira, 22 de agosto de 1970. p. 31; Estudantes preparam manifestações no país. **Zero Hora**, terça-feira, 23 de agosto de 1977. p. 14; Passeatas de estudantes acabam em congestionamento do centro. Polícia dissolve manifestação. **Zero Hora**, 24 de agosto de 1977. p. 26-27

²¹⁰ “Das reivindicações solicitadas, são semelhantes a falta de laboratórios, melhor remuneração de professores, inclusão ou exclusão de disciplinas, desconto na passagem escolar, diminuição do valor das refeições nos Restaurantes Universitários, garantia de vagas, nenhuma punição a alunos grevistas, dentre outras. As Universidades particulares solicitavam, também, diminuição de mensalidades, discussão das trocas curriculares, ampliação do tempo de curso, aproveitamento de disciplinas, além da retirada dos alunos instalados diariamente no campus”. 7 mil alunos da Unisinos já entraram em greve. **Zero Hora**, quarta-feira, 22 de agosto de 1970. p. 31.

de Economia. Os policiais tomaram a Praça Raul Pilla, onde iniciaria a concentração.

Figura 12 - Estudantes em frente ao RU.



Fonte: Jornal Zero Hora, 24/08/1977. p. 27.

Figura 13 – Polícia na Av. João Pessoa.



Foto de Armênio Abascal Meireles.

Fonte: Jornal Zero Hora. - 24 de Agosto de 1977.

Figura 14 - Estudantes na UFRGS. Polícia na Av. João Pessoa.²¹¹



Foto de Luiz.

Fonte: Jornal Zero Hora. 23 de Agosto de 1977.

Estudantes conseguiram contornar os policiais e mobilizar outro movimento à Rua da Praia, que foi rapidamente combatido. A juventude invadia o centro. Papéis picados, rolos de papel higiênico e sacos d'água eram jogados das janelas, sendo os últimos atirados sobre a Brigada²¹².

²¹¹ As imperfeições das figuras 12, 13 e 14, que dificultam a leitura das mesmas, são provenientes dos originais nas fontes citadas. São fotografias obtidas de jornais, nos quais as folhas de papel já se encontravam em estado de oxidação, com escurecimento da cor e baixo contraste na imagem, implicando falta de definição. Reportagens “Passeatas de estudantes acabam em congestionamento do centro. Polícia dissolve manifestação”, “Incidentes entre estudantes e policiais repercutiram na Assembléia Legislativa em Porto Alegre” e “32 prisões nas passeatas em Porto Alegre”, respectivamente.

²¹² Em nota oficial, o Governador Sinval Guazelli diz ter acompanhado as manifestações estudantis, recebendo constantemente informações dos órgãos de segurança pública sobre os problemas no tráfego do centro da cidade, ocasionados pela movimentação estudantil e da ação da Brigada no sentido de evitar concentrações de impedimento do trânsito e com o devido cuidado de evitar ferimentos aos manifestantes. No movimento teriam se ferido quatro brigadianos e uma servente do RU que teria sofrido uma queda do telhado do prédio da Reitoria, onde havia subido para acompanhar os fatos. O Secretário de Segurança Pública emite, minutos antes do final da dispersão, nota similar, confirmando e detalhando fatos e justificando a prisão dos 32 estudantes, aos quais tentaram demover da intenção de realizar passeatas nas praças Argentina e Raul Pilla. A minoria que não atendeu ao apelo foi detida e estava prestando depoimento no Departamento de Ordem Pública e Social (DOPS). Os alunos teriam invadido o Restaurante Universitário e dele atirado batatas nos policiais, que se feriram também com estilhaços de vidro. Há também a nota do Sindicato dos jornalistas, que manifestava repúdio às intensas e indiscriminadas violências sofridas aos jornalistas, impedindo o livre exercício da atividade da imprensa à cobertura do movimento estudantil – situação recorrente não só na cidade como em todo o país. Passeatas de estudantes acabam em congestionamento do centro. Polícia

Movimentos de repúdio às prisões, violências e repressão em unidades universitárias mobilizavam todo o país. Já haviam se tornado comuns as movimentações (passeatas, enfrentamentos, ocupações) contrárias às ações policiais. Em época de destaque de movimentos nas cidades supracitadas, universidades particulares como PUC/RS, PUC/SP, Federal do Paraná e da Bahia (dentre outras) compartilham do descontentamento em relação ao tratamento dos demais colegas em outras capitais²¹³. Ao ponto que Universidades de São Paulo, Minas e do Rio de Janeiro estavam frequentemente nas páginas de jornais.

Foi uma época, também, de movimentos de greve de fome, por parte dos estudantes. As greves, apesar de incorrerem em graves riscos à saúde, eram promovidas pelo grupo LIBELU (Liberdade e Luta) e pelo comitê pela Libertação dos presos políticos²¹⁴.

O final dos anos 70 ainda apontava grandes mobilizações. Uma, ao final de agosto de 1979, destaca-se pela surpreendente condução estudantil. Quatrocentos estudantes se uniram numa passeata pela anistia ampla, geral e irrestrita, pedindo a libertação de três membros da Convergência Socialista, presos durante a greve dos operários da construção civil. Apesar do aparato policial, não chegou a haver choques entre estudantes e Brigada Militar. Pelo contrário, houve uma negociação.

O ato público iniciou-se no largo da Prefeitura. Houve negociação entre líderes estudantis e oficiais da Polícia Militar, no momento em que estes se preparavam para investir contra os estudantes. Percorreram as Ruas Voluntários da Pátria e Dr. Flores, chegando à Avenida Salgado Filho, fazendo retorno na esquina com a Borges de Medeiros e voltando pela Salgado Filho. Neste ponto defrontaram-se com uma barreira de PMs, na esquina com a Marechal Floriano. Os estudantes sentaram-se no chão e ficaram cantando o Hino Nacional, repetindo palavras de ordem. O pelotão avançava, dava três passos e interrompia a marcha. Era horário de saída do trabalho e centenas de pessoas pararam para assistir.

Com um megafone, um estudante iniciou uma negociação com dois PMs, pedindo permissão para continuar a passeata, a pé, até o DCE (Diretório Central de Estudantes), à Avenida João Pessoa. Foram autorizados desde que desobstruíssem a rua e seguissem pela calçada. Com insistência, os estudantes conseguiram autorização para seguirem ao seu destino, sendo aplaudidos por populares e recebendo chuva de papel picado dos edifícios. Chegando a seu destino, desistiram de ocupar a Praça Raul Pilla e entraram no pátio da faculdade de Direito, pois não podiam ficar ocupando a rua, seguidos por barreiras policiais e

dissolve manifestação. **Zero Hora**, 24 de agosto de 1977. p. 26-27.

²¹³ Estudantes preparam manifestações no país. **Zero Hora**, terça-feira, 23 de agosto de 1977. p. 14.

²¹⁴ Dois estudantes em greve de fome. **Zero Hora**, sábado 18 de agosto de 1979.

dois caminhões de PM durante o percurso²¹⁵.

Neste momento, na área da educação, proliferam faculdades particulares que, até o final da década, somavam quase um milhão de universitários. No programa oficial do ensino do segundo grau, a disciplina de filosofia é eliminada e a de história é reduzida a seu conteúdo crítico. A justificativa foi de que essas eram matérias em que o professor poderia passar mensagens subversivas²¹⁶, podendo, portanto, ter as reduções impostas com validação.

Muitos jovens fizeram uso de drogas para “viagens alucinógenas” ou utilizaram a meditação através do misticismo oriental. Proliferaram em quase todas as capitais do mundo jovens *Hare Krishnas*, vestindo roupas indianas, vendendo incensos e divulgando suas crenças filosóficas e religiosas.

Muitos fizeram uso da carona, criando inclusive uma movimentação divulgada em rádios para oferta de espaço nos carros ou de “caroneiros” e destinos. Alguns se tornaram conhecidos e até amigos, aprofundando relações. Era comum sair de casa com a mochila nas costas, disposto a horas de espera e munido de placas indicativas do destino, para pedir carona, nas estradas, às inúmeras praias desertas, naquela época ainda existentes – um resquício da filosofia *hippie*.

Nos cinemas multiplicaram-se filmes eróticos nacionais – as pornochanchadas. Outros demonstravam as situações de vida, como aflições, dúvidas e questionamentos políticos vivenciados. Surgem: “Bye, Bye, Brasil – Caravana Rolidei” (1979), de Carlos Diegues e “Eu te amo” (1981), de Arnaldo Jabor, são referenciados em produção bibliográfica da época como filmes que representavam esta geração.

A geração de jovens mulheres entre 20 e 30 anos vivia um questionamento de valores institucionais que davam sustentação ao que chamavam, com desdém, de “casamento burguês”: a monogamia, a fidelidade, o ciúme, a virgindade. Tratava-se de abandonar o conforto de um lar e se aventurar pela experimentação existencial, na busca de uma profissão, em novas e descomprometidas relações ou, às vezes, em um mergulho na solidão²¹⁷ - ações que faziam a moda do momento.

Uns tentavam subverter o casamento pela sua destruição, outros começavam a experimentar formas alternativas de relacionamento que não reproduzissem os compromissos matrimoniais tradicionais. Havia o desejo da descoberta pela experimentação – uns na

²¹⁵ Nas ruas, a passeata dos universitários. **Zero Hora**, sábado 18 de agosto de 1979.

²¹⁶ CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001. p.107.

²¹⁷ VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 29

política, outros no comportamento.²¹⁸

Alguns, se aventurando pelos namoros com “maior liberdade”, acabaram guardando “ciúmes eternos”. Conforme Ventura, “A teoria era uma coisa e o coração, outra. Era a ilusão de que se podia driblar a emoção”²¹⁹.

Das resistências de âmbito público, uma das poucas alternativas a serem utilizadas como meio de expressão, e sobre a qual se podia articular era a cultura. Artes, teatro, música, literatura... “[...] a metáfora era o único estreito caminho de resistência civil”²²⁰. Foi a maneira como os jovens começaram a conquistar seus espaços e os espaços públicos e sociais, e pelo qual continuavam com canal de comunicação, na transição entre os regimes, além de fazer das artes, em geral, seu porta-voz velado dos ideais, críticas e contestações por algum período.

Uma característica dos primeiros anos deste período foi a criação de “cooperativas”, com produção “independente” ou “alternativa” - iniciativas desenvolvidas e muito compartilhadas, na época²²¹.

A produção artesanal ampliava-se, também, a produção (por mimeógrafo ou xerox) de jornais, revistas ou panfletos, muitas vezes vendida de “mão em mão” nos mais diferentes locais: mesas dos botecos, museus, portas de cinemas, recintos universitários e teatros.

Muitos jovens desejavam sair de casa e ser livres, tendo uma vida própria, sem as cobranças paternas, tampouco a participação dos pais em decisões ou modo de vida escolhidos. Muitos²²² queriam apenas ter uma vida modesta, contentando-se com pouco: um colchão no piso do quarto, com o aparelho de som, revistas, discos e livros, almofadões em substituição ao sofá e geladeira, que formavam o lar “suficiente”. Havia um desejo de sair do convencional²²³ e de viver com simplicidade e sem exageros, como estimulava o capitalismo.

Na década de 60, o movimento de contracultura foi liderado pela juventude de classe média, como os *hippies* norte-americanos e os estudantes de Paris. Uma das bandeiras de resistência *hippie* e da revolta estudantil foi o ataque à sociedade de consumo²²⁴. Já na Inglaterra, os *hippies* não gozavam de boa acolhida entre os jovens operários que se intitulavam *skinheads* (cabeças raspadas). Apesar deste movimento ter surgido antes do

²¹⁸ VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 30.

²¹⁹ Ibid., p. 31.

²²⁰ MARTINI, Maria Luiza. Maio de 1968 no Rio Grande do Sul. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org) **1968**: Contestação e utopia. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p.113.

²²¹ CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001. p. 115.

²²² No trabalho, são tratadas as sociabilidades juvenis, principalmente daqueles envolvidos na militância estudantil e resistência ao governo, movidos pelos ideais democráticos de liberdade e de igualdade.

²²³ CARMO, op. cit., p. 118.

²²⁴ CARMO, Paulo S. Juventude no singular e no plural. In: _____. As caras da juventude. **Cadernos Adenauer II** (2001), nº 6. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, dezembro 2001, p. 12.

hippie, ele cresceu entre a juventude operária como forma de oposição, tanto na vestimenta quanto no corte do cabelo – uma forma de ressaltar a aspereza, o machismo e a virilidade da classe operária. Conforme Carmo: “[...] arruaças, droga, violência, prisões e sexo faziam parte do seu cotidiano”²²⁵ “O cenário barra-pesada do *punk* espantou as “pessoas do bem”. Bebidas, drogas, arruaças em shows deram recuo ao movimento. Para alívio dos executivos das gravadoras, parte do *punk* tendeu para a *new wave*, uma versão mais comercial”²²⁶. Este grupo imprimiu a sua categoria às ações de violência, desordem e insegurança. Além disso, diferenciavam-se, também, dos *hippies*, pelo tipo de droga consumida: estes utilizavam seus alucinógenos psicodélicos, enquanto os *punks* iniciavam o uso da cocaína, “mais cara e chique”²²⁷. O movimento *punk* abre espaço às manifestações de pessoas de menor poder aquisitivo, que se iniciam nos anos 1980²²⁸.

Conforme Coelho²²⁹, os *hippies* procuravam levar sua coerência tentando rebater o comportamento sobre o discurso cultural e vice-versa – o que implicou fundação de dezenas de comunidades utópicas, afastadas dos centros urbanos, onde instauraram um “novo modo de vida”, mais próximo da natureza (do qual é originado o movimento ecológico dos anos 80).

Inovando também nos espaços de produção cultural, os centros culturais independentes (ou centros alternativos) começaram a se disseminar, sobretudo na Europa ao longo da década de 80, sendo os herdeiros imediatos da contracultura dos anos 60. Coelho esclarece:

[...] abrigando-se nos restos arquitetônicos dos centros urbanos, esses centros apresentaram-se como comunidades “*neohippies*” no sentido em que, aceitando a vida da cidade, propunham-se como nichos onde tribos específicas (homossexuais, grupos étnicos) tinham a possibilidade de conviver num ambiente de intensa troca cultural [...]. [É um] Movimento marginal de subversão do movimento artístico vigente.

É momento do auge do *rock'n roll*²³⁰, da cultura pop como um todo e de mudanças no

²²⁵ CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001. p. 128.

²²⁶ Ibid., p. 129.

²²⁷ Ibid., p. 131.

²²⁸ Em sua grande maioria, garotos moradores dos subúrbios e periferias, filhos de famílias de trabalhadores de baixa renda, que ouviam *rock* e viviam em busca de informações, novos discos e tendências musicais. CARMO, Paulo S. Juventude no singular e no plural. In:_____. As caras da juventude. **Cadernos Adenauer II** (2001), nº 6. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, dezembro 2001. p. 13

²²⁹ COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 101

²³⁰ A partir dos anos 20 e 30, surgiram movimentos contraculturais com poder e desejo contestatório, dentre eles o *jazz* e as danças de salão, culminando no *rock* e, depois, nas danças de rua dos bairros negros norte-americanos, que se apresentaram ou foram consumidas como modos de entretenimento. COELHO, op. cit., p. 99.

Jazz²³¹. A experiência musical se torna espaço de um exercício de “liberdade” criativa e de comportamento, junto à busca de “autenticidade”, categorias importantes de expressão da rebelião jovem, sobretudo dos oriundos das classes trabalhadoras inglesas ou da baixa classe média americana, que deram origem aos *skinheads* e *punks*.²³²

Todas estas mudanças marcam este momento com características específicas, como a valorização do direito à diferença, do “estar na sua”, dando continuidade aos movimentos *undergrounds*, iniciados em várias partes do mundo e das experiências de vida em comunidades naturalistas²³³. Foi um período de busca de equilíbrio e simplicidade.

Em contraponto, neste mesmo período, atingindo mais fortemente a classe alta e média-alta, destacou-se a “onda disco”, originada de *Discothèque*, composta de músicas dançantes, dinâmicas e que proporcionavam uma exploração dos movimentos corporais. Surgiam as Discotecas, locais em que se dançavam as músicas “Disco”, tocadas do vinil²³⁴.

A redescoberta do corpo e de seus ritmos na dança instaurava um novo comportamento, inspirado nos movimentos sugestivos de John Travolta, no filme “Os embalos de sábado à noite”. Com estas mudanças, as escolas de dança, que estavam em declínio, foram reavivadas. Garotas admiravam os movimentos sensuais do ídolo, e os rapazes buscavam se inspirar em seus passos e gestos para impressionar as garotas. Para muitos roqueiros, a discoteca era reação de executivos das gravadoras que odiavam o *rock*, ou era uma resposta ao emergente *punk*, que estourava na Inglaterra²³⁵.

Nas discotecas, havia um salão, que ficava cheio de gente bonita (que por vezes era selecionada, à porta, para entrar – funcionamento comum à época) e dispunha de globos espelhados, muitas luzes e músicas dançantes, oferecendo às pessoas a oportunidade de se exibirem em passos ensaiados²³⁶.

Esta contradição entre o modo de vida simples e despojado, com posses apenas indispensáveis, em contraposição com um lazer de luxo, glamour e brilho vivido nas discotecas fazia parte do contexto de contradição dos jovens daquele momento. Conforme Napolitano:

O meio universitário era a base da cultura alternativa e sofrera, nos anos 1970, uma grande expansão, incluindo cada vez mais jovens da classe média baixa, bastante

²³¹ NAPOLITANO, Marcos. **História & Música** – história cultural da música popular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 120p. p. 13.

²³² Ibid., loc. cit.

²³³ CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001. p. 114

²³⁴ CARMO, Paulo S. Juventude no singular e no plural. In: _____. As caras da juventude. **Cadernos Adenauer II** (2001), nº 6. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, dezembro 2001. p. 130.

²³⁵ Ibid., p. 131.

²³⁶ Ibid., loc. cit.

influenciados pela indústria cultural. Essa juventude universitária era marcada por um conjunto de atitudes ambíguas e até contraditórias: recusa e, ao mesmo tempo, aceitação dos produtos e linguagens da cultura de massa; uma atitude política oscilando entre a vontade de participar e discutir os temas nacionais e um certo “descompromisso” em nome da liberdade comportamental e existencial; o culto à individualidade e às relações privadas e afetivas em detrimento das imposições coletivistas – que até então marcavam a cultura de esquerda; o recurso ao humor e ao deboche como formas de crítica social; a perda de referenciais de mudança revolucionária da realidade social em nome de uma “revolução individual”, que muitas vezes caía num vago autoconhecimento psicologizante ou num esoterismo místico²³⁷.

Apesar da crise juvenil no consumo, havia forte e consensual resistência à cultura oficial, amparada pelo governo, e necessidade de espaços alternativos, como opção tanto àqueles que se recusavam a aceitar o mundo artificial dos *shopping centers*, que começavam a se proliferar, substituindo os *magazines* em locais de oferta conjunta de espaços de consumo e lazer, quanto aos mais “resistentes” à moda no vestir, procurando vestuário e adereços fora do convencional, comprados em brechós e feiras *hippies*, para contrariar as convenções sociais e o mundo estreito da classe média e da sociedade de consumo²³⁸. Por este caráter resistente à cultura oferecida como “aprovável” pelo governo, somado à necessidade de espaços para suas expressões culturais, os novos locais de encontro para lazer desta juventude abriram-se às manifestações culturais de várias áreas, como artes, teatro e música, dentre outras e à convivência de grupos minoritários, como homossexuais e simpatizantes, democratizando, efetivamente, os espaços de convívio social.

Na segunda metade da década de 70, as oposições crescem com o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) aumentando seus quadros. A cada eleição, novas críticas ao crescimento da dívida externa, ao arrocho salarial e aos gastos com grandes obras que enriqueciam empreiteiras²³⁹. A classe média estava cada vez mais sensível à oposição, questionando os adeptos do regime, a censura rígida e os métodos clandestinos de repressão como sequestros, torturas e assassinatos, amplamente utilizados pelo regime militar, sobretudo entre 1969 e 1975. A derrota do partido do governo nas eleições legislativas de 1974 foi um recado da insatisfação da sociedade brasileira: apesar de todo o controle, o regime perdia a legitimação política, mesmo dentro dos limites estreitos das regras impostas.²⁴⁰

O governo tentava utilizar-se da cultura e da imprensa como uma forma de se

²³⁷ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Coleção Repensando a História. p. 124

²³⁸ CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001. p. 118

²³⁹ Ibid., p. 131.

²⁴⁰ NAPOLITANO, op. cit., p.106.

aproximar dos intelectuais e formadores de opinião, ao ponto que a sociedade utilizava-se dela como território de rearticulação política, uma espécie de esfera pública da oposição civil ao regime militar²⁴¹. Por volta de 1976, dentre os diversos setores da cultura, a Música Popular Brasileira consolidou sua vocação oposicionista, de resistência ao regime militar²⁴². Os artistas se expressavam criticamente ao regime sob a forma de metáforas, tentando driblar a censura, mas quando eram decifradas, traziam como consequência a imediata proibição²⁴³.

Expressivas deste momento eram algumas músicas que marcaram gerações. Delas, citam-se as canções “Deu pra ti”²⁴⁴, de Kleiton e Kledir (1981), “Vento Negro”²⁴⁵ e “Horizontes”²⁴⁶, de José Fogaça, “Alegria, alegria”²⁴⁷, de Caetano Veloso (1967) e “Pra não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré. Estas músicas representavam o espírito de época. Nelas, também se podia ler, nas entrelinhas ou nas metáforas, mensagens de contestação, oposição, alerta... A cultura permitia este canal, mas muitos artistas e músicos foram punidos por utilizarem-se deste para expressão num momento de repressão. Havia mensagem subliminar, metafórica no conteúdo das letras das canções. Por isso, muitos compositores e intérpretes foram exilados, presos, agredidos.

Consolidava-se uma “rede de recados”²⁴⁸, que fazia circular mensagens de liberdade e justiça social, ainda que se utilizando de uma linguagem sutil e simbólica. Conforme Napolitano, “Não é exagero dizer que a MPB foi uma espécie de “trilha sonora” da abertura, estando no centro das várias manifestações e lutas da sociedade civil nos anos 1970”²⁴⁹.

Entre os artistas e intelectuais de esquerda, a participação política passou de uma fase

²⁴¹ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Coleção Repensando a História. p. 107.

²⁴² *Ibid.*, p. loc. cit.

²⁴³ Conforme Carmo (**Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001. p. 112), a música Cálice (trocadilho para “Cale-se”), de 1973, de Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil, que souberam representar o momento que vivíamos: a canção foi emudecida pela censura durante sua primeira apresentação no Anhembi, em São Paulo, com o desligamento dos microfones. Desde o título, expressa a mudez da palavra presa na garganta. Vivia-se um tempo de mentira e de força bruta, e os compositores simbolizaram-no por meio da alusão ao desespero de Cristo. “Pai, afasta de mim esse cálice/De vinho tinto de sangue./Como beber dessa bebida amarga/Tragar a dor, engolir a labuta/Mesmo calada a boca, resta o peito/Silêncio na cidade não se escuta./De que me vale ser filho da santa/Melhor seria ser filho da outra/Outra realidade menos morta/Tanta mentira, tanta força bruta.”

²⁴⁴ Música “Deu pra ti”, de Kleiton e Kledir Ramil. “Deu pra ti/ Baixo astral/Vou pra Porto Alegre/ Tchau... Quando eu ando assim meio down/Vou pra Porto e... Bah! Tri legal/Coisas de magia, sei lá/ Paralelo 30... Alô tchurma do Bonfim/As gurias tão tri afim/ Garopaba ou Bar João/Beladona e chimarrão... Que saudade da Redenção/Do Fogaça e do Falcão/Cobertor de orelha pro frio/E a galera do Beira-Rio”.

²⁴⁵ Música “Vento Negro”, de José Fogaça. “Quem me ouve vai contar /Quero lutas, guerras não/Erguer bandeira sem matar/Vento negro é furacão...”.

²⁴⁶ Música “Horizontes”, de José Fogaça. “De seguir livre muitos caminhos.../[...]/De ter idéias, de liberdade... [...] 64, 66, 68 um mau tempo, talvez/Anos 70, Não deu pra ti./E nos 80 eu não vou me perder por aí...”

²⁴⁷ “Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento, no sol de quase dezembro... Eu vou...”. Letra cujo trecho “Lenço sem documento” foi acusada de fazer alusão ao ácido LSD.

²⁴⁸ José Miguel Wisnik citado por NAPOLITANO, op. cit., pp. 107-108; NAPOLITANO, op. cit., p. 121.

²⁴⁹ José Miguel Wisnik citado por NAPOLITANO, op. cit., pp. 107-108.

de resistência para uma fase mais crítica e agressiva. Conforme Napolitano, “Com a revogação oficial do Ai-5, em 1º de janeiro de 1979, e o conseqüente fim da censura prévia, abriu-se uma nova era para a cultura brasileira. Músicas, peças de teatro e, sobretudo, livros de ficção, reportagens e ensaios históricos puderam ser publicados”²⁵⁰.

O mercado editorial foi muito beneficiado com o fim da censura, lançando inúmeros títulos que narravam as experiências do exílio, da luta armada, da tortura.

As pichações, anônimas e unânimes eram um dos poucos canais de expressão, à época. O ato de vandalismo era a única fonte de expressão possível. Violava o patrimônio público e privado, mas, sobretudo, a imposição do silêncio e da impotência diante das forças policiais, de repressão, perseguição e violência.

Figura 15 - Pichação em monumento.



Fonte: <http://ssreis.blogspot.com.br/>

Figura 16 - Imagem de capa.



Fonte: Isto É, 30 de Maio, 1979. n. 127. CAPA.

A força e recorrência das pichações eram tamanhas, que foram utilizadas como forma de representação da força juvenil em capa da Revista Isto É, sendo considerada a ação possível como voz e representação, se tornando instrumento e espaço do que chamaram ser o “espaço político” dos estudantes.

Outra forma de expressão utilizada para manifestações juvenis foi o cinema. Foi espaço de criação de roteiro, expressão, escolha de termos, linguagem e roupas, e no qual podiam expressar seu dia-a-dia, com suas angústias, repressões, conquistas, etc. O início da década de 80 foi período de grande produção do cinema gaúcho, destacando-se a projeção aos primeiros cineastas porto-alegrenses a se lançar no mercado, dentro de uma temática totalmente vinculada com o cotidiano e a vida urbana juvenil. Foi produzida uma série de longas-metragens em Super-8, que premiou e consagrou jovens cineastas gaúchos: “Deu pra ti

²⁵⁰ José Miguel Wisnik citado por NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação** (1950-1980). 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Coleção Repensando a História, p. 121.

anos 70” (1981), de Nelson Nadotti e Giba Assis Brasil, “Coisa na Roda” (1982), de Werner Schönemann, “Inverno” (1983), de Carlos Gerbase, “Verdes Anos” (1984) de Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil. (Apêndice I).

Figura 17 - Cena com os protagonistas no espaço em frente ao Auditório Araújo Viana.



Fonte: Filme “Deu pra ti anos 80”.

Figura 18 - Cena com os protagonistas no espaço da casa que dividiam.



Fonte: Filme “Coisa na Roda”.

Figura 19 - Cena com o protagonista num café.



Fonte: Filme “Inverno”.

O cinema amplia sua oferta e identidade para além da pornografia, galgando reconhecimento com filmes infantis de produção nacional, como os dos Trapalhões, Xuxa, etc. Dentre os muitos espaços de cinema de calçada existentes na cidade, àquele momento, destacam-se os cinemas atuantes na região pesquisada (APÊNDICE J).

Junto a este desenvolvimento de uma cultura socialmente legitimada, há uma valorização da cultura urbana, a linguagem das histórias em quadrinhos invade as ruas na forma de grafites e cartazes e os skates e patins tornam-se febre entre os jovens.

As muitas ações paralelas às dadas pela ordem e, portanto, não reconhecidas, sendo até mesmo consideradas “subversivas”, faziam parte de um circuito cultural²⁵¹ de produção e

²⁵¹ Universo em que circula determinado modo cultural. Pode estar confinado preferencial ou exclusivamente a um único território ou segmento social. Determinado segmento da população, quando este é demarcado de modo mais ou menos rígido (em tal segmento a população transita preferencialmente por este e aquele modos culturais, mas não por aquele outro). É um conjunto compreendendo agentes produtores, meios de produção

fruição de ações culturais promovidas pela juventude. Dentre as muitas já citadas, soma-se também a produção na área do teatro, quando se criaram muitos grupos, como Grupo de Teatro Província (aproximadamente em 1968), Ói Nós Aqui Traveiz (1978), Vem-Dê-Sê Sonhos, C. T. Balaio de Gatos, Faltou o João, Grupo Humberto Mauro e Terreira da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz (1984) (APÊNDICE M), que atuaram em espaços alternativos espalhados pelo Centro, Bom Fim e Cidade Baixa (APÊNDICE L). Destes, alguns eram originários de comunidades de vida alternativas, onde os jovens iniciavam sua vida “independente”, dividindo espaço com outros amigos e colegas de aula ou de ensaios, quando atores, e comungavam de uma vida mais “alternativa” e sustentável, muito baseada na produção e consumo dos produtos das cooperativas supracitadas. Eram Centros Culturais Independentes²⁵², que funcionavam com estrutura semelhante às Casas de Estudantes atuantes na cidade.

Várias atividades tiveram desdobramentos em ações de atividades clandestinas. Inclusive a imprensa escrita, que a partir da segunda metade dos anos 1970 dividiu-se entre a “grande imprensa”, dos jornais pertencentes às grandes empresas de comunicação, e a “imprensa alternativa” ou “imprensa nanica”, dos jornais independentes, geralmente em formato menor, conhecidos como tablóides. Esta última dividia-se em jornais mais politizados (*Opinião, Movimento, Repórter, Coojoral, Em tempo*) e os jornais mais comportamentais (*O Pasquim, O Bondinho*). A grande imprensa abrangia jornais do Rio de Janeiro (*O Globo, Jornal do Brasil*), de São Paulo (*O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo*) e as revistas nacionais (*Veja - Editora Abril*)²⁵³.

Os anos 70 encerravam ainda efervescentes. Conforme Ventura, “houve muitas hipóteses para tentar explicar aquela explosão de sexualidade, violência, prazer e ansiedade, que marcou tanto as reminiscências da época”. “Foi um delírio coletivo”, explica Calmon²⁵⁴. “Todas as crises internas explodiram ali. Pessoas com problemas sexuais, como eu, que não conseguiam transar com isso, uniões infelizes, fantasias não realizadas, violências reprimidas, a perda na fé política, veio tudo à tona”. A excitação vivenciada com a música, bebida e por

(tecnologia, recursos econômicos), produtos culturais, agentes distribuidores, dispositivos de troca e público, além de instâncias organizacionais, como agências financiadoras, produtores privados, órgãos públicos de controle e estímulo, etc.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 92

²⁵² Desvinculado da administração pública e que tampouco se encontra sob o guarda-chuva fixo de alguma empresa ou fundação privada. *Ibid.*, p. 92.

²⁵³ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Coleção Repensando a História. p. 122.

²⁵⁴ Calmon citado por VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

vezes drogas agia como uma névoa encobrindo uma visão clara sobre a vida e sobre o futuro do país.²⁵⁵

Entre 1977 e 1985 foi o auge de uma significativa “cultura independente e alternativa”, que se manifestava não só na expressão artística, mas em posturas comportamentais diante dos novos quadros social e cultural que o país atravessava, como: o clima de abertura política, uma sofisticada indústria cultural e as novas perspectivas libertárias instauradas pelo Partido dos Trabalhadores, de esquerda, fundado em 1980²⁵⁶.

Em São Paulo, o movimento cultural teve notável destaque, com a distinção de um bairro inteiro como centro geográfico da vida independente e alternativa - a Vila Madalena. Ao lado do tradicional bairro do Bexiga, eram os centros da boêmia alternativa. A “Vila” concentrava a população estudantil de São Paulo devido à sua localização próxima à Cidade Universitária e por causa dos seus aluguéis baratos. Semelhante à relação entre Bom Fim, centro da contestação política da época, e a Cidade Baixa, seu lindeiro que concentrou as ações alternativas, sendo ambos próximos à Universidade Federal - bairros autossustentáveis pela concentração de serviços – as suas configurações espaciais e sociais se aproximavam. Conforme Napolitano:

Bares, escolas, livrarias, repúblicas estudantis e de artistas dividiam espaço com famílias de classe média e velhos moradores, criando uma paisagem urbana acolhedora e aconchegante, numa época em que a cidade passava por mudanças profundas, com bairros inteiros sendo destruídos pela especulação imobiliária.

Noutras capitais²⁵⁷ como Rio de Janeiro, Belo horizonte e Curitiba os movimentos artísticos alternativos conquistaram um espaço significativo da vida cultural e urbana²⁵⁸.

A virada pros anos 80 trouxe um abrandamento, numa década de “esfriamento” dos ânimos de lutas e enfrentamentos estudantis por liberdade política, substituída por lutas por liberdades: de expressão, cultural, etc.

Ao início desta década, houve mais contestações, coroadas com as “Diretas Já”. Conforme Carmo, “a inflação de 1983 ficou em 211%, a de 1984, em 223%. As greves ocorridas nessa década já não se restringiam aos setores operários. As assembleias de trabalhadores continuaram a se realizar em estádios e praças e a reunir um número enorme de pessoas²⁵⁹.” O descontentamento com a situação econômica tornava-se insustentável. A

²⁵⁵ VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 28

²⁵⁶ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira**: Utopia e Massificação (1950-1980). 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Coleção Repensando a História. p. 124

²⁵⁷ Coincidentemente ou não, onde houve mais destacada militância estudantil, sendo foco de recorrentes publicações, como palco de manifestações, em revistas e em notas de jornais, à época.

²⁵⁸ NAPOLITANO, op. cit., p. 125.

²⁵⁹ CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo,

mobilização popular pró-diretas iniciou-se timidamente em meados de 1983²⁶⁰. O povo reagia com entusiasmo, mobilizado pela oposição²⁶¹.

Em 1985, a queda da Ditadura, substituída pela Democracia, acalmava os espíritos juvenis. A partir da troca de governo, houve abertura política, com “respiro social” a todas as práticas urbanas e ao total domínio do espaço público. A juventude tinha plena liberdade e podia usufruí-la no âmbito público.

A partir de meados da década de 80, a perseguição ainda existente já não focava mais nos estudantes, mas nos jovens em geral, por ocasião das drogas. Era o controle e a repressão, mesmo no Pós-Ditadura, que continuou a assombrar grupos e aglomerações.

A partir de sua militância, jovens construíram uma identidade a partir do sentimento de pertencimento a um grupo, movidos por ideais de libertação e contraposição ao sistema político. Formaram uma comunidade - como identidades que definem entidades – formada por ideias ou princípios²⁶² que lhe garantiram o reconhecimento e o caráter de juventude de lutas por mudanças nos campos sociais, políticos, econômicos, interpessoais, etc. Queriam mudanças – e este desejo os unia pelas causas.

2001. p. 141.

²⁶⁰ CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001, p. 143.

²⁶¹ Entre janeiro e abril de 1984, ocorreram em todo o país grandes concentrações populares. No Rio de Janeiro e em São Paulo, mais de meio milhão de pessoas foi às ruas.

²⁶² BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 17.

3.2 1964-1985: DO BOM FIM À CIDADE BAIXA – VIA RUA SARMENTO LEITE

3.2.1 Bom Fim: Esquina Maldita

Os protagonistas na mobilização do espaço urbano foram os jovens e, destes, parte expressiva era formada por estudantes secundaristas ou universitários, unidos pela politização e movimento estudantil. Seguindo uma tendência mundial, sonhavam mudar o mundo, através da defesa de suas ideias, contrárias ao regime imposto, e com suas condutas, de resistência e enfrentamento desarmado, às forças policiais.

Uma época em que as pessoas enterravam livros para se livrar da prisão, inspiravam-se em Friedrich Engels, Karl Marx, Herbert Marcuse, Lukács e nos Manuais revolucionários de Moscou²⁶³ para contestar o sistema capitalista e criar uma tendência de esquerda. O que movia a ação juvenil e Estudantil no espaço público, neste período, era a resistência e a contração.

O local onde encontraram refúgio às suas conspirações foram principalmente os bares – seus espaços de encontros informais, até então utilizados para lazer. Fizeram destes o lugar de discussão política, filosófica e resistência cultural ao regime vigente, além de espaço para a organização de passeatas, protestos, conspirações, enfrentamentos, invasões e concentrações, feitura de rascunhos de cartas e manifestos, divisão, recebimento e distribuição de materiais para panfletagem, militância, discussão política, filosófica e resistência cultural, de encontros, namoros e lazer também.

A politização que atingia a juventude era expoente na Universidade. A efervescência da idade somada aos ideais da juventude, motivadas ou inspiradas pelo entendimento alcançado na Universidade sobre a dimensão do momento vivido, tornou o espaço universitário um local privilegiado de concentração de militantes.

A juventude mais engajada, esclarecida e mobilizada encontrava-se neste campo, na maioria dos casos, em Universidades Federais. Dali saíam as grandes manifestações, conspirações, enfrentamentos. Por isso seus campi eram tão visados pelo controle policial.

Em Porto Alegre, o espaço do Campus Central da UFRGS teve especial destaque nesta época. Citada em matérias de periódicos da região sudeste do Brasil, as movimentações que nela ocorreram tiveram importância significativa no cenário nacional – período em que a UFRGS dispunha dos campi Centro e Saúde.

Alunos se concentravam, nos intervalos das aulas, ou, com maior permanência, ao

²⁶³ TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 68.

final das mesmas, em seus diretórios acadêmicos e bares universitários - dentro dos campi ou nas suas proximidades. Na região central – foco da movimentação estudantil, alunos utilizavam-se do Diretório Acadêmico do curso de Arquitetura (DAFA), dentro do prédio da Faculdade de Arquitetura (na esquina da Rua Sarmiento Leite com a Av. Osvaldo Aranha), do Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia (CEUE), dentro do prédio da Engenharia Velha (na esquina da continuação da Avenida Osvaldo Aranha com a Avenida João Pessoa, em frente à Praça Argentina) e do bar da Filosofia, ou bar da “Filô” (como era conhecido, então, o Bar do Antônio, surgido em 1967), que funcionava num anexo do prédio da Reitoria, onde funcionou, também, o Diretório Acadêmico dos Institutos Unificados (DAIU) – que passou a ocupar uma parte do prédio.

Nestes locais, faziam reuniões e os rascunhos dos textos e as matrizes do material a ser “rodado” em mimeógrafo para panfletagens, nos equipamentos existentes no CEUE (1903) e no posterior DAIU.

A conexão entre estes espaços era bastante grande, como pode ser verificado na grande recorrência destes nas entrevistas. Houve, também, menções aos Diretórios da Economia e à participação do Diretório da Sociologia nas panfletagens.

Fora do espaço Universitário, mas não livre da vigilância dos “ratos”, havia os espaços que foram se criando ao redor da Universidade. Em frente à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, do outro lado da Avenida Osvaldo Aranha, até o Golpe da Ditadura, existiam pequenos comércios que atendiam a comunidade local. Um dos mais antigos prestadores de serviços da região é o Café Vera Cruz (1951), situado no terreno do atual estacionamento da Santa Casa²⁶⁴ (Informação Verbal). Este estabelecimento atendia aos trabalhadores da redondeza, servindo pastel matinal (Figura 20). O ponto foi vendido em 1958, quando seu proprietário, o comerciante português Mário Fernandes, iniciou novo ponto na área limdeira ao Café, também na Avenida Osvaldo Aranha, defronte à atual Faculdade de Arquitetura.

²⁶⁴ Informação verbal obtida de Mário Fernandes, proprietário do bar Máriu's – 2000, em entrevista individual em 03/07/2000.

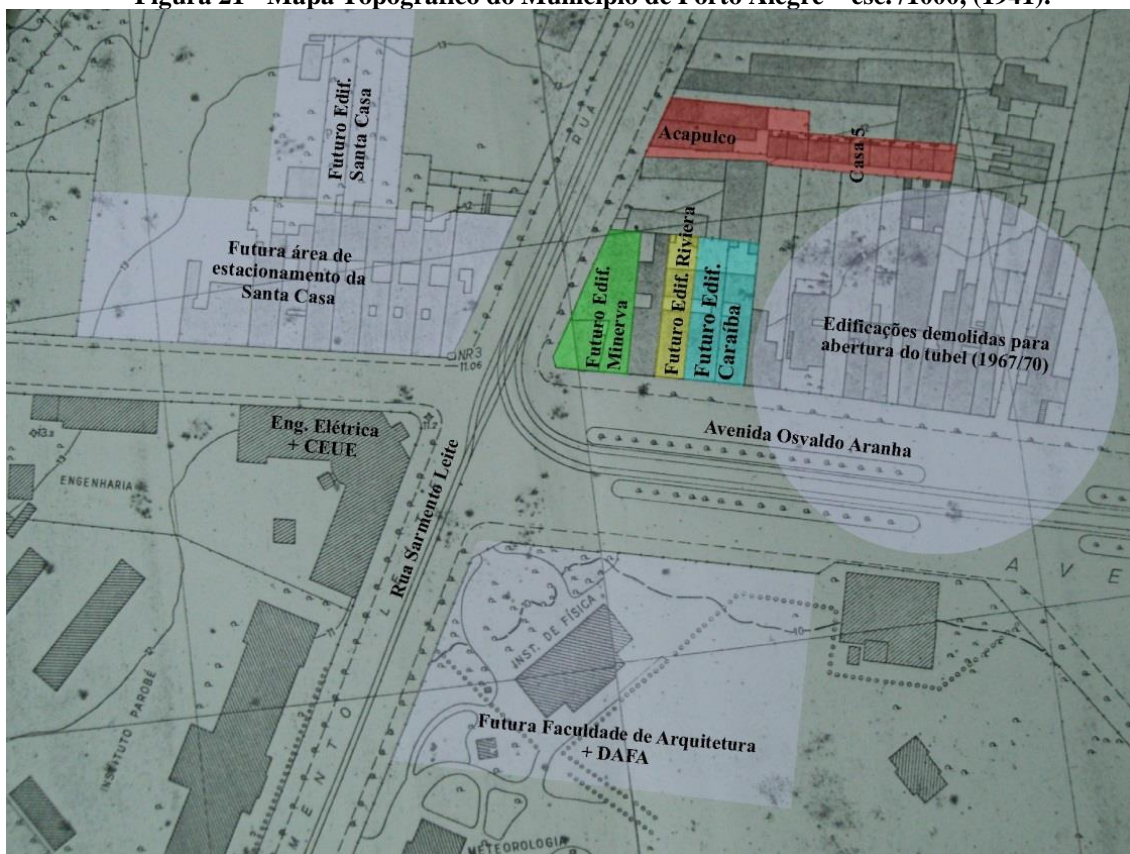
Figura 20 - Demarcação da possível localização do Café Vera Cruz no Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre (1941).



Fonte: a autora.

Nesta outra esquina, se desenvolveriam vários pontos comerciais. O primeiro (e mais antigo) bar desta esquina é o Acapulco. Datado de 1958, ocupava uma antiga residência remanescente do loteamento original desta área. Tratava-se do sobrado da frente de um profundo terreno, que abrigava mais um sobrado e 10 pequenas casas, acessíveis por um beco de 1,5m de largura. Num dos sobrados funcionava o bar, no andar térreo, e, no segundo piso, ficava a residência do proprietário do conjunto de imóveis. Na 5ª casa do beco morava a família de Lawson Pereira (Filhinho) e de sua esposa, Teresinha Melo Fernandes, proprietários do bar (Figura 21).

Figura 21 - Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre – esc. /1000, (1941).



Demarcação da possível localização do Bar Acapulco e da casa de seu proprietário (em vermelho), e das demais alterações locais (em lilás). Em verde, amarelo e azul, os novos edifícios a serem construídos na esquina.

Fonte: a autora.

O bar vendia torradas e sanduíches, apesar da especialidade do dono ser sorvetes artesanais. No Acapulco trabalhou como garçom Alfredo Ribeiro, que posteriormente abriria o Bar Alaska.

**Figura 22 - Lawson Pereira, Teresinha Melo Fernandes e filhos.
Ao fundo, o prédio da Santa Casa, em construção**



Fonte: TEIXEIRA, Paulo César. Esquina Maldita.
Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 30.

Com a abertura do Túnel da Conceição (entre 1969/75), feito sobre os destroços do casario da face norte às edificações da Universidade e da ampliação da rua que lhe dá nome, começa a se intensificar o uso da área, e as antigas residências foram sendo substituídas por edifícios altos com base comercial, a fim de explorar o valor de mercado aumentado da zona (Figura 23).

Figura 23 - Demarcação em verde, amarelo e azul, dos novos edifícios construídos na esquina, sobre Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre – esc. /1000, (1979).



Fonte: a autora.

Neste momento, a casa ocupada pelo bar Acapulco foi desapropriada e demolida, por ocasião do alargamento viário para a abertura do Túnel da Conceição. No local, ficou apenas um terreno baldio, onde jovens estacionavam os carros para frequentar os bares, para consumir drogas ou para namorar.

Nessa esquina, em frente à atual Faculdade de Arquitetura, na diagonal da atual Faculdade de Engenharia Elétrica, foram construídos cinco novos edifícios. No Edifício Caraíba (o mais próximo ao bairro, pela Avenida Osvaldo Aranha, em azul nas figuras 22 e 23), Mário (ex-proprietário do café Vera Cruz) instala, em 1958, seu novo negócio: uma

padaria que abasteceria com pão a carrocinha de cachorro quente do Colégio Rosário, os lanches de intervalo do Colégio Ruy Barbosa, dos Institutos de Educação e de Aplicação (UFRGS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (do outro lado da rua). Tratava-se da “Padaria da Universidade”, sito à Avenida Osvaldo Aranha, nº 228²⁶⁵. Conforme o proprietário:

... No atual local estou desde 1958, e aí abri a padaria. Lá eu vendi [...] [refere-se ao ponto comercial que tinha no terreno onde hoje encontra-se o estacionamento da Santa Casa]. Vendi lá e abri padaria aqui... Quando eu tinha o café, o edifício que é hoje o Mariu’s estava em construção...²⁶⁶

Eu fazia 300 sonhos ao meio-dia. Às 3hs da tarde, já não tinha nenhum. O colégio até fechou o portão, mas não adiantou: a gurizada pulava o muro²⁶⁷.

A Padaria foi alugada por um breve período, em que Mário se dedicou ao restaurante “Tejo”, na Av. Cristóvão Colombo.

Figura 24 - Placa indicativa da Padaria da Universidade.



Casal à frente: Luiz Eurico e Suzana, irmão (desaparecido no Movimento Estudantil) e cunhada de Nei Lisboa. Foto do dia de seu casamento, em 1969. Ao fundo: Engenharia Elétrica da UFRGS.

Fonte: TEIXEIRA, Paulo César. *Esquina Maldita*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 78.

Em 1959, surge, no térreo do edifício Minerva, à Rua Sarmiento Leite, 288, loja 272, em frente à Santa Casa (em verde, nas figuras 22 e 23), o Bar Estudantil. De propriedade do português Benjamin de Abreu Maia, Antônio Ferreira (Manata) e seu filho, também chamado Antônio, era um bar bem simples, com um grande salão cheio de mesas de granito e cadeiras. Bem ao fundo tinha um balcão e o acesso à cozinha. Estava sempre cheio e era difícil de arranjar um lugar. Sua cerveja e carreteiro eram baratos.

²⁶⁵ TEIXEIRA, Paulo César. *Esquina Maldita*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 59.

²⁶⁶ Informação verbal obtida de Mário Fernandes, proprietário do bar Mariu’s – 2000, em entrevista individual em 03/07/2000.

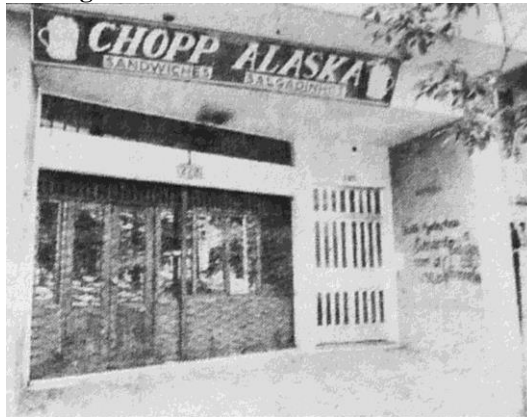
²⁶⁷ TEIXEIRA, op. cit., p. 59.

O bar foi ampliado para a sala adjacente, referente à loja de número 282 do Edifício Minerva. Conforme informação de depoentes, nesta área existia, em separado, um espaço fechado com cortinas. Era um lugar muito escuro, carinhosamente apelidado como “escurinho”, no qual ocorriam beijos e “amassos”. Conforme Teixeira²⁶⁸, num salão interno ao bar, existiam mesas isoladas por cortinas, com campainha para chamar o garçom, que não importunava se não fosse à solicitação dos clientes.

Conforme depoentes, o bar servia o “melhor bife acebolado da cidade”. Era um restaurante simples, indicado para “matar fome e sede”. Memoráveis do seu cardápio eram o carreteiro com feijão mexido, sanduíche aberto e o croquete. Tinha preços apazíveis a estudantes com dinheiro restrito, visto que um prato servia três ou quatro pessoas e tinha um preço “em conta”.

Em 1965, surge o Bar Alaska. Situava-se à Av. Osvaldo Aranha, 222, na parte térrea do edifício Riviera (em amarelo, nas figuras 22 e 23). De propriedade de Alfredo Ribeiro (ex-garçom do extinto Bar Acapulco) e de sua esposa, Diaci Ribeiro, fora aberto após o fechamento do boteco pioneiro, utilizando como referência o seu cardápio.

Figura 25 - Fachada do bar Alaska.²⁶⁹



Fonte: VIECELLI, Maria das Dores Costa. Quem frequenta hoje o Alaska.

Fonte: Folha da Tarde. Porto Alegre ano 210. 2 de abril de 1982.

Seu garçom era Isake Plentis de Oliveira, que teria conhecido seu patrão quando trabalhavam no Restaurante Treviso, no início da década de 50. Apesar de bonachão, simpático e eficiente, não deixava ninguém fazer bagunça.

O bar oferecia comida farta e barata: era um tipo de “*fast-food* alemã”. Era o bar mais sofisticado, mais caro e o único que servia chope, da esquina. Com o preço de um chope, nele,

²⁶⁸ TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 51.

²⁶⁹ As imperfeições da figura 25, que dificultam a leitura da mesma, são provenientes do original na fonte citada. É fotografia obtida de jornal, no qual a folha de papel já se encontrava em estado de oxidação, com escurecimento da cor e baixo contraste na imagem, implicando falta de definição.

se tomava três garrafas de cerveja nos demais bares. Era um lugar mais “requintado”²⁷⁰.

Conforme alguns depoentes, era um bar com preços mais acessíveis em relação a outros bares da cidade, mas acima da disponibilidade financeira de boa parte dos frequentadores dos bares próximos à universidade.

Muitas fontes apontam qualidades ao seu mobiliário, como marcante e interessante. Havia visuais disputados no interior do bar, que determinavam a disputa por alguns lugares específicos. O bar estava organizado em três fileiras de mesas: as laterais tinham bancos duplos de madeira posicionados junto às paredes, com bancos de espaldar alto virados de costas uns para os outros, para separar pessoas sentadas em lados opostos; no corredor central, cadeiras comuns, como nos demais bares.

Seu espaço interno, pequeno, não conseguia atender a todo seu público, que ficava na calçada, provocando um “entra e sai” permanente.

No início da década de 1970, adjacente à ampliação do Bar Estudantil (também à base do Edifício Minerva, na loja de número 200, à esquina da Avenida Osvaldo Aranha com a Rua Sarmiento Leite), surgiu o bar “Copa 70”, que fazia vizinhança com o Bar Alaska, intercalado pela copiadora Uirapuru, à Avenida Osvaldo Aranha.

Teve duração muito pequena. Era uma lanchonete simples, muito semelhante ao Estudantil e ao Máriu’s (que surgiria na sequência). Era um bar para consumir cerveja barata e que tinha televisão como atrativo aos torcedores da Copa de 1970 para acompanhar os jogos.

No início de suas atividades, tinha público diurno: atendia aos funcionários do comércio e estudantes da Faculdade Católica de Medicina. Com o passar do tempo, fez ampliação do horário para 24hs, beneficiando-se do transbordamento do público excedente do Alaska²⁷¹. Conforme Silva:

Estávamos pelo campus da UFRGS, até que um dia alguém sugeriu ao dono do Copa 70 que deixasse o bar aberto durante a noite. Deu certo. Nunca mais parou. Mas era diferente. Não havia lugar pra dançar ou cantar. O pessoal estava ali era mais para beber e discutir política²⁷².

Tinha configuração de lanchonete e bar, com balcão único, grande, com bancos altos, justapostos, e um espaço de mesas e cadeiras. Era um ambiente com *layout* diferente dos demais bares da esquina, que tinham mesas, para receber pequenos grupos. Conforme Beck:

²⁷⁰ TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 35.

²⁷¹ Emílio Chagas (jornalista e cliente do bar) citado por TEIXEIRA, op. cit., passim.

²⁷² SILVA, Juremir Machado da. **A noite dos cabarés**: histórias do cotidiano de uma cidade grande. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p. 82.

“Lembro do balcão arredondado de fórmica com muita gente sentada em volta. Eu sempre pedia um sanduíche com vitamina”²⁷³.

Intercalando-se o Copa 70 com outras lojas, foi fundado, em 1975, o último e mais recente bar deste conjunto: o Bar e Restaurante Mariu’s. Os locatários da Padaria da Universidade haviam falido e Mário retomou seu imóvel à base do Edifício Carafba, ao número 228 pela Avenida Osvaldo Aranha, trocando de ramo, baseando-se no sucesso dos bares vizinhos. Sua fachada dispunha de um grande mosaico de pastilhas, com uma figura indígena que lhe garantiu um apelido que atravessa décadas: “Bar do Índio”.

Tinha um mezanino, onde, no início da década de 1970 ocorriam shows com músicos locais e artistas destacados em nível nacional²⁷⁴.

Estes cinco bares – pontos comerciais de atendimento ao público estudantil da UFRGS e servidores (professores e funcionários da própria Universidade ou comércios próximos) acabaram por sediar espaços de contestação juvenil, em espaço externo à Universidade.

Este lugar receptivo e ao alcance econômico da juventude, juntava também professores, críticos, pessoal do Teatro, Artes, Arquitetura, Ciências Sociais, Filosofia, etc... Era um lugar próximo à Universidade e palco de conversas extensivas ao âmbito universitário, da vida em geral.

Era espaço de convívio da manhã à noite, em intervalos de aulas e durante as mesmas para público não-universitário. Tratando-se de bares, também tinha uso noturno, no pós-aulas, para estudantes e público em geral.

A circunstância de estar sob regime militar implicou mudanças de comportamento e convívio em público. Concentrações eram dispersas, no espaço público e nos espaços privados, como salas de aula e bares, eram vigiados²⁷⁵. Conforme Carmo: “Havia um sentimento no ar de se viver num “vazio cultural”, em que conciliam repressão, censura, exílio e tortura. A ordem era evitar aglomerações”²⁷⁶.

Pela proximidade à Universidade, sua formação crítica, aberta e questionadora, os bares desta esquina acabaram sendo cúmplices de assuntos proibidos neles praticados. Tornaram-se espaço de conspiração, subversão e resistência. Dentre ações proibidas e exercidas no lugar, citam-se também troca de “livros proibidos”, uso de drogas e namoros²⁷⁷.

²⁷³ Paulo Francisco Beck, escrevente do cartório ao lado do Mariu’s, citado por TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 55.

²⁷⁴ Trecho por Tagore Rodrigues, 53a., em entrevista individual em 16.03.07.

²⁷⁵ DILMAR MESSIAS (diretor de teatro) citado por TEIXEIRA, op. cit., p. 84.

²⁷⁶ CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001. p.107.

²⁷⁷ TEIXEIRA, op. cit., p. 68.

Pela execução e frequência das práticas ali exercidas e, por consequência, do conhecimento delas pelas forças policiais, iniciaram-se invasões e batidas da polícia no local. A recorrência tornou insensíveis seus frequentadores à presença policial (à paisana ou não), pois a maioria dos “ratos” já era conhecida e evitava-se falar de assuntos subversivos quando eles estavam no recinto. Temiam-se os estranhos²⁷⁸.

Com o passar do tempo, até mesmo as “revistas”, passaram a ser feitas por soldados armados com metralhadoras em mãos, enquanto os frequentadores do bar bebiam, em pé²⁷⁹. Conforme Eduardo San Martin: “A coisa virou rotina, a ponto de ficarmos de pé, sem parar de beber ou conversar, enquanto eles revistavam os nossos bolsos”²⁸⁰.

Pela frequência e continuidade das ações juvenis, aliadas à forte e violenta repressão impressa pelos militares, no local, o espaço recebeu o apelido de “Esquina Maldita”.

A década de 1970 seguiu com a turbulência das mobilizações já citadas. A agitação no Bom Fim estava resumida ao entorno da Universidade, ao norte desta, na Esquina Maldita, com seus cinco bares. No Campus Universitário funcionavam DAFA, DAIU e o espaço do Bar da Filosofia (Bar do Antônio). Ao sul, existiam a Casa de Estudantes da UFRGS (CEUPA), o Restaurante Universitário (RU), o Diretório Acadêmico da Economia e CEUE (Centro de Estudantes Universitários de Engenharia).

As paradas, ocupações e resistência se deram, em número expressivo, à Avenida João Pessoa e nas Praças Argentina e Raul Pilla, próximas aos espaços supracitados ao sul da Universidade. As conspirações que se davam ao norte sofriam intervenções militares para suspensão ou dispersão. Quando chegavam a se concretizar, ocupando o território ao sul, as ações militares eram mais ponderadas, vigiadas e registradas pelos olhos da imprensa.

Da Esquina Maldita, os jovens disseminavam-se pela cidade, em pequenos grupos, distribuindo jornais e panfletos “subversivos” em área de concentração juvenil²⁸¹. Assim, dentre outros lugares visitados, citam-se bares do centro; os poucos existentes no outro extremo do Bom Fim, próximo ao Cinema Baltimore; os do início da Avenida Independência e os da Cidade Baixa, bastante acessados pela proximidade espacial e facilidade de deslocamento a pé, sem custo. (Figura 26)

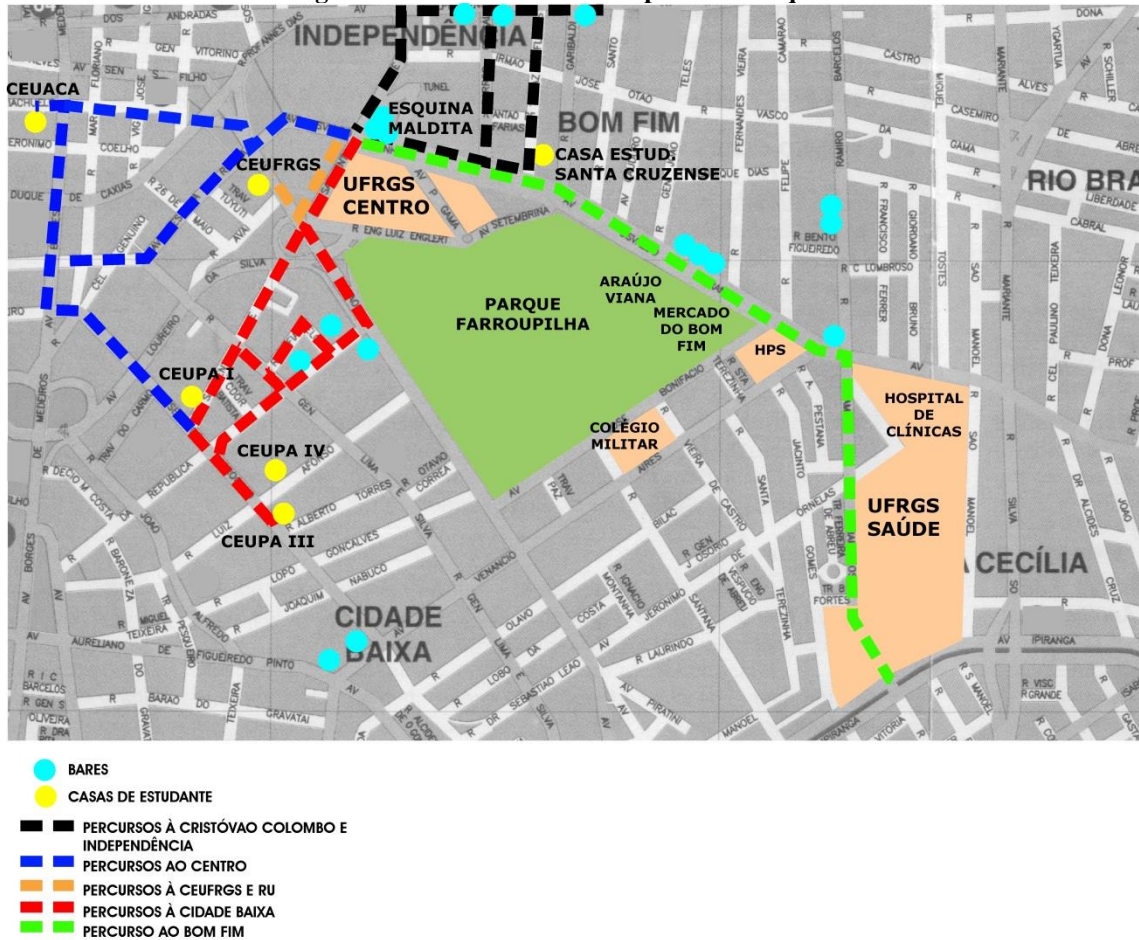
²⁷⁸ MARTINI, Maria Luiza. Maio de 1968 no Rio Grande do Sul. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org). **1968: Contestação e utopia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 113.

²⁷⁹ Wanderley Falkenberg (músico) citado por TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012, p. 84.

²⁸⁰ Eduardo San Martin citado por TEIXEIRA, op. cit., p. 84.

²⁸¹ Conforme VIECELLI, Maria das Dores Costa. O dia e a noite do Bom Fim. A geração da Esquina Maldita. Porto Alegre ano 2010. **Folha da Tarde**, 2 de abril de 1982, “À Margem” foi a primeira publicação marginal – reunindo poetas, contistas, romancistas e jornalistas – que o pessoal jovem que fazia a Esquina editou. Durou só um número.

Figura 26 - Rotas Estudantis a partir da Esquina Maldita.



Fonte: a autora.

A vivência da Esquina Maldita era de muita politização. Ainda que nela houvesse paqueras, namoros, encontros e *happy hours* – atividades não politizadas - a atmosfera era muito diferenciada das de bares de outras regiões.

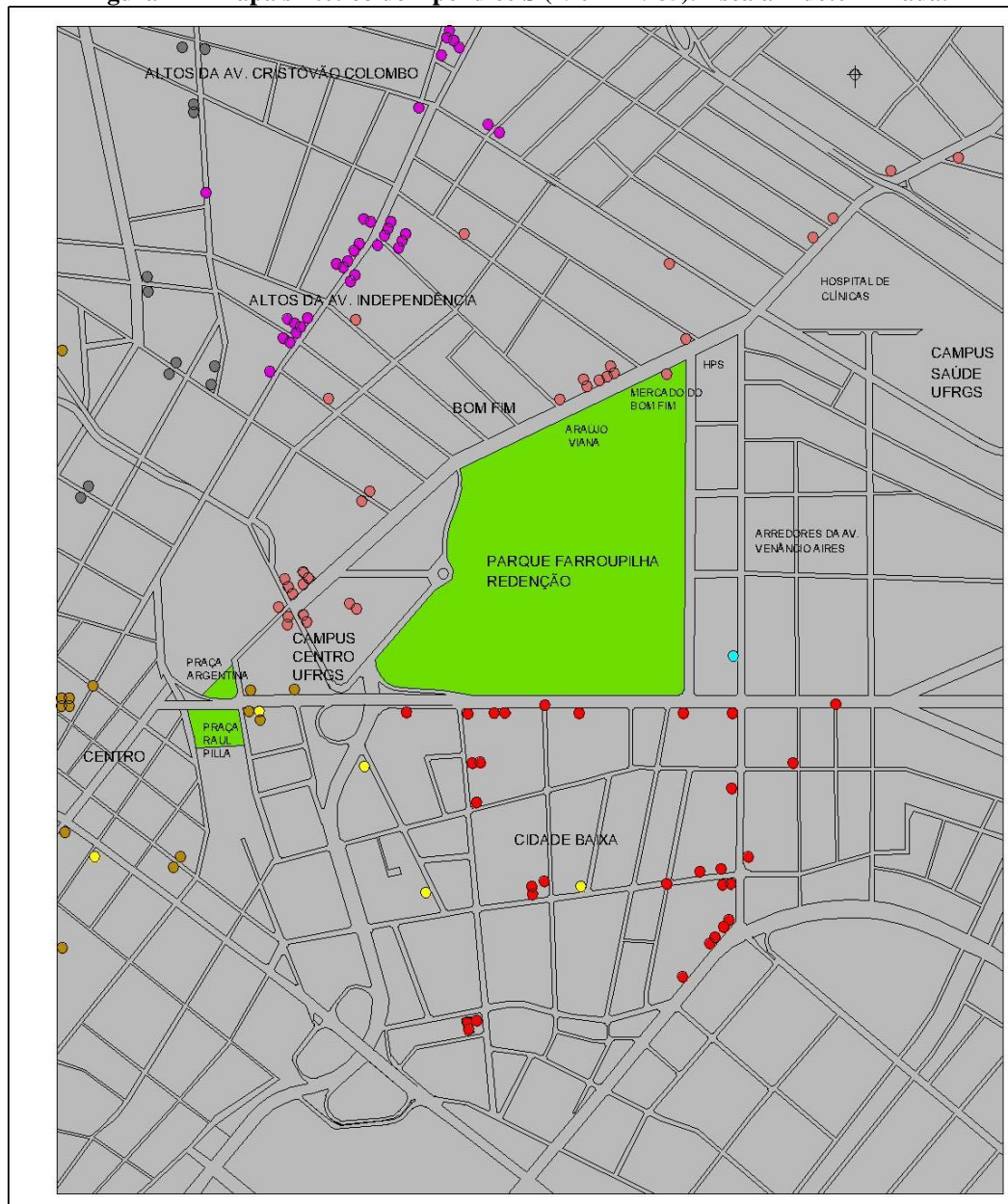
No Centro, ainda existiam os espaços que comportavam a boêmia de Lupicínio Rodrigues. Treviso fechava suas portas em 1970, seguido pelo Adelaide's (por volta de 1971) e pela Drogaria Piva (de Túlio Piva - *point* vespertino dos boêmios no centro). É a partir deste período que a boêmia dos amigos de Lupicínio Rodrigues concentra-se à Cidade Baixa: Adelaide (proprietária do bar *chopp* que levava seu nome) migra a seu segundo estabelecimento, o “Chão de Estrelas” (1971) - até então gerenciado por Darcy Alves - e Túlio Piva abre o “Gente da Noite” (1975), ambos levando consigo seu público fiel (Apêndices E e S)²⁸². Também fechou, neste período, a CEUPA²⁸³ Centro (Apêndice N) e o

²⁸² Acessar o Apêndice S junto às demais indicações de vistas aos apêndices que tratam dos espaços de lazer noturno.

²⁸³ CEUPA – Casa de Estudantes Universitários de Porto Alegre.

Teatro de Arena (1979) (Apêndice L). Aproximadamente neste período é aberto o Restaurante Pampulha (Apêndice C).

Figura 27 - Mapa sintético do Apêndice S (1964 – 1985). Escala indeterminada.



LEGENDA

- CENTRO
- BOM FIM
- CIDADE BAIXA
- ARREDORES AVENIDA VENÂNCIO AIRES
- ARREDORES AVENIDA CRISTÓVÃO COLOMBO
- ARREDORES AVENIDA INDEPENDÊNCIA
- CASAS DE ESTUDANTE

Fonte: a autora.

As rotas da UFRGS ao Centro se davam da Esquina Maldita ou dos diretórios ou CEUE, pela Rua Sarmento Leite, pegando a Avenida João Pessoa e Rua Riachuelo ou Duque

de Caxias ou Professor Annes Dias ou Avenida Salgado Filho, seguindo destas aos seus destinos-objetivos.

À Avenida Independência, onde se localizavam os bares mais badalados da cidade, as rotas se davam pela subida da Rua Sarmiento Leite até a citada avenida, ou pela Avenida Osvaldo Aranha e Ruas Garibaldi ou Santo Antônio. Por isso se percebe a quantidade de bares por esta proximidade.

Nesta região, localizavam-se discotecas com músicas Disco, com muito brilho, luzes e cores, em casas de “dançar separado”. Gente “estilosa”, oriunda de famílias abastadas, era selecionada à porta, pelo próprio proprietário da casa noturna, de prontidão: só entravam convidados VIPs, bonitos e/ou bem-vestidos. As casas tinham tratamentos especiais em suas fachadas e em seus arranjos internos – grande parte delas tinha assinatura de algum arquiteto e projetos com conceito e referências a nomes e movimentos vinculados com subversão. Junto aos novos espaços que surgiam, permanecia o Joe’s (1960), já consagrado “ponto de encontro de gerações de porto-alegrenses. Local badalado, onde a elite jovem ia exhibir seus carros, fumar e flertar muito²⁸⁴”, com seu famoso e (afirmam) imbatível milk-shake, que fez dupla com o famoso cachorro quente do Rib’s (1974), ambos junto à Praça Júlio de Castilhos e a poucas quadras do Encouraçado Bitikin, Boate Barroco, Teatro Leopoldina, Grill drink Leopoldina, Roller Dance, Le Club, Bon Chopp (1970/71), Sala 1 Cinema Vogue, Whisky a Go-Go, La Locomotive e Scavi (no sentido bairro-centro), ou próximos do Paraphernália, Lanchonete e Trailer torta de Panela, Looking Glass Discothèque e Restaurante Floresta Negra, no sentido oposto, rumo ao Parcão.

Figura 28 - Fachada da Lanchonete Joe’s.



Fonte: MELO, Itamar. Cinco restaurantes que deixaram saudade. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/aniversio-de-porto-alegre/noticia/2013/03/cinco-restaurante-que-deixaram-saudade-4072958.html>>

²⁸⁴ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre.** Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012, p. 73.

Figura 29 - Interior da Lanchonete Rib's.



Fonte: MELO, Itamar. Cinco restaurantes que deixaram saudade. Disponível em:<<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/aniversio-de-porto-alegre/noticia/2013/03/cinco-restaurante-que-deixaram-saudade-4072958.html>>

Figura 30 - Interior do Restaurante Floresta Negra. Adalmir Santos, Agência RBS.



Fonte: MELO, Itamar. Cinco restaurantes que deixaram saudade. Disponível em:<<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/aniversio-de-porto-alegre/noticia/2013/03/cinco-restaurante-que-deixaram-saudade-4072958.html>>

Além disso, a partir dos anos 70, começam a aparecer (publicamente, pelo menos) as primeiras boates gays na cidade, tendo concentração também na região. Na época “virou moda” frequentar este tipo de ambiente, sendo disputados na noite. Uma das primeiras a se divulgar como boate gay foi a Flower's, fora da região de pesquisa, à Av. Bento Gonçalves, mas que teve tanto movimento a ponto de tumultuar a avenida e de necessitar de mudança de endereço (Apêndice H), instaurando-se à região da Avenida Independência, com o nome de New Flower's City.

As rotas da UFRGS à Rua Cristóvão Colombo se davam pela Avenida Osvaldo Aranha e Ruas Barros Cassal ou Tomaz Flores. Nesta época, à região da Cristóvão concentravam-se “whiskerias” e restaurantes. Desta época são as Whiskerias Sauer, Lu-Bar e La Cave (Apêndice G). Dos restaurantes, destacam-se dois expoentes: o Clube dos Cozinheiros (1966) e o Batelão (1973), que tinham frequência e propriedade de Lupicínio Rodrigues (ambos em sociedade com Rubens Santos). Outro destaque é o restaurante Tejo, de propriedade de Mário Fernandes (ex-proprietário do Café Vera Cruz, da Padaria de Universidade e do Bar Máriu's) e de curta duração.

No Bom Fim, existia o Centro de Arte, Sensibilização e aprendizagem - CASA (aprox. 1968), Casarão do DOPS, a Casa de Estudantes Santa Cruzense (1953), Bar Azul (1952), Bar Leblon, Baltimore (1930 ou 40), Mini Baltimore (1967), Zé do Passaporte (1960/70), Fedor (1937), Clube de Cultura (1950), Pandeiro de Prata (1975). (Apêndice D).

Figura 31 - Fachada do Clube de Cultura.



Fonte: <http://www.falabomfim.com.br/2009/07/clube-de-cultura-59-anos-de-luta-pela-promocao-artistica-e-intelectual/>

As rotas da UFRGS ao Bom Fim se davam seguindo a Avenida Osvaldo Aranha. Grande parte dos atrativos locais estava disseminada ao longo deste eixo, ladeando o Parque Farroupilha.

Nesta região, o movimento se dá pela programação do Cinema Baltimore e de sua sala Mini-Baltimore (1967), de filmes alternativos, de arte, com ciclos. Este concorria com a Sala 1 Cinema Vogue (1959), e com os posteriormente criados ciclos do ABC – na Cidade Baixa. Ao redor do Cinema, os poucos bares existentes oportunizavam-se do público local, sem dispor de espaços mais rebuscados ou atrativos. Os bares atendiam à comunidade local e supriam a necessidade dos frequentadores do cinema, além de receber a panfletagem dos militantes vindos da Esquina Maldita.

À Cidade Baixa este movimento era diferente. O bairro é conectado à Esquina Maldita pelas quadras nas quais está instalada a Universidade. O percurso é curto, e da passagem de um bairro a outro, já se adentra o miolo da Cidade Baixa, pela Rua da República ou pela continuação da Rua Sarmiento Leite. O bairro apresenta, nesta passagem, a Editora da Universidade e o acesso a três Casas de Estudantes (inclusive a única feminina existente naquele momento).

Adentrando o bairro, se encontrava o Cine ABC, com programação alternativa e o Cine Avenida, com programação comercial; as Casas do Estudante Universitário de Porto Alegre (CEUPAs) I, III e IV; os bares Van Gogh, Marcelina, Doce Vida e Ressaca, além dos restaurantes Pedrini, Copacabana e Galo e da Padaria da República. Surgem Chão de Estrelas (1971), Gente da Noite (1975), Big Som (1975), Clube da Saudade (1978), Teatro de Câmara e Teatro Ói Nós Aqui Traveiz (1978) (Apêndice E). Neste período é fechada a CEUPA – Casa II (1960 - 1967/68).

Havia percursos comuns, pela facilidade de acesso aos equipamentos procurados no

bairro. Pela Rua da República, chegava-se aos bares Van Gogh, Marcelina, Doce Vida e à Padaria da República. Da esquina com a Rua Lima e Silva, seguia-se a alguma das Casas de Estudantes existentes no local (Apêndice N). Pela Rua Sarmento Leite, se acessava diretamente a CEUPA, dali seguindo aos bares ou às demais casas de estudantes.

No final dos anos 70, início dos anos 80, após as últimas grandes manifestações estudantis, iniciou-se um afrouxamento da repressão e esfriamento dos ânimos juvenis, ocasionando maior permanência e fruição dos espaços abertos pela juventude.

À Avenida Independência, muitos bares sofreram forte repressão militar, sendo que alguns foram fechados. Boates gays eram frequentemente invadidas por militares, expondo seu público a constrangimentos e o recolhendo em camburões²⁸⁵. Ainda houve abertura de alguns bares nesta região, como o Bistrô Pigalle (anos 80), mas iniciou-se um lento esvaziamento desta região, que eliminaria quase totalmente seus bares até o final da década de 1980 (APÊNDICE H). As conexões com esta zona enfraquecia com a falta de frequência de seus espaços e/ou fechamento dos mesmos.

À Avenida Cristóvão Colombo e arredores, surge o Bar Líder (1º), Bambu's (iniciando a imagem *underground* local) e os restaurantes Lugar Comum, Amarelinho, Valter e Renânia. O Lawson's fecha suas portas (APÊNDICE G). As conexões com esta área se estabelecem pela busca de locais alternativos (no preço e nos cardápios) para refeições e se inicia uma relação de públicos *undergrounds* que começam a frequentar o Bom Fim com os que passam a frequentar o Bambu's, nos altos da Avenida Cristóvão Colombo.

No Centro, permanecem os tradicionais bares do Mercado Público, consagrando sua permanência, clientela e sucesso de empreendedorismo. Surge o Odeon, Pub Public House, Pica-Pau (do mesmo proprietário do Acapulco e do Lawson's), Bon Ami, Arquipélago, Espaço IAB, Boates Enigma e Number One (boates gay) e Gato Preto (APÊNDICE C). Dentre estes, destaca-se a singularidade e bom gosto do Espaço IAB. Do mesmo dono e feito pelo mesmo arquiteto do posterior Zellig, tinha características diferenciadas dos demais espaços. Conforme Tagore Rodrigues:

O IAB não era comparável a nenhum outro bar... [...] ele era extremamente singular... [...] Ele tinha uma proposta que nenhum outro bar tinha. [...] primeira coisa, a música! Não havia ainda naquela época um bar onde tu ouvisse Jazz e Blues! [...] de fundo, a arquitetura, assim, do ambiente, também era... Eles deixavam as mesinhas baixinhas... Facilitavam às pessoas sentarem, várias pessoas sentarem... [...] Mesa comum de bar, pra 4 lugares, assim, ela era... Ela era baixinha... [...] eu acho que aquilo facilitava, facilitava que mais gente se aproximasse, então era comum assim uma mesinha com um monte de gente em volta. [...] um cuidado com o balcão... [...] eu não conhecia [...] alguém que desse um tratamento pro balcão tão

²⁸⁵ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre.** Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012, p.127.

sedutor... [...] as pessoas disputavam pra ficar no balcão... [...] era bonito, assim aquele espelho nos fundos... Atrás, cheio de garrafas, bebidas e tal, aqueles, aquelas taças penduradas [...] outra coisa, assim, ele primava, também, por trazer pessoas de fora, músicos de fora, músicos que não eram, que [não] estavam na mídia, mas que eram gente de talento, que poderiam ser malditos... [...] pessoas fora do circuito comercial assim, mas boas, que, que eles tinham levado lá...

Figura 32 - Interior do Bar do Espaço IAB.



Fonte: RUSSI, Dirceu. Espaço IAB. <http://www.dirceurussi.com/espacoiab.html>

O Arquipélago, lindeiro do Espaço do IAB, e surgido posteriormente, também tinha características diferenciadas. Conforme Elton Campanaro:

Era uma proposta bem interessante, eram várias ilhas, com comidas específicas assim de alguns países, tinha comida italiana, mexicana, umas coisas assim, mas não durou muito tempo!
 [...] Era um shoppingzinho, uma mini praça de alimentação de um shopping! Tinha dois andares assim, tinham várias... Lojinhas [...] lanchonetzinhas pequenas! Na verdade era uma grande lancheria, [que] era o Arquipélago né? E que tinham várias ilhas com comidas diferentes!²⁸⁶

A Reforma Universitária e a unificação dos cursos das Ciências Humanas nos Institutos Unificados (composto pelos cursos sociologia, filosofia, psicologia, história, dentre outros, dariam origem ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH) e sua transferência para o novo Campus da UFRGS - o “Campus do Vale” (no bairro Agronomia, na divisa com Viamão e em zona bem longe do centro urbano), implicou expressivo esfriamento dos ânimos na região central, devido à dificuldade de mobilização, pois o deslocamento ao centro era grande e moroso, no ferimento moral dos alunos, que se sentiram

²⁸⁶ Trecho por Elton Campanaro, 46a., em entrevista individual em 02.04.2007.

Esta área era amplamente reconhecida como espaço boêmio do Centro, à década de 60, com conexões com o Bom Fim e a Cidade Baixa, e bastante frequentada por estudantes da UFRGS, do Campus Centro e do Instituto de Artes, à Rua Senhor dos Passos. Também se estabeleciam, pela frequência de público, relações com o CAD (Centro de Artes Dramáticas) e com o Teatro de Equipe – grupo cultural que promovia ações com grandes artistas, como Walmor Chagas, Nelson Rodrigues e outros, que vinham à Cidade e faziam shows nas áreas frequentadas por este grupo. Citam-se shows promovidos no Máriu’s (Bom Fim) e em bares da Avenida Independência. (TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012, passim). Tratava-se de espaço cultural, efervescente, no qual, durante o dia, funcionavam, também, muitos ateliês de arquitetos e artistas, junto a consultórios médicos e escritórios, cujos profissionais se juntavam aos universitários na movimentação noturna local.

menos fortes ao estarem fragmentados e em pouca quantidade.

Este teria sido um motivo importante no fechamento dos bares da Esquina Maldita. Conforme Juremir Machado, “[...] existem fortes defensores da tese de que a mudança do campus obedeceu a um projeto de desmobilização da atividade cultural e política no velho Bom Fim”²⁸⁷.

O Acapulco fechara em 1965, logo no início da Ditadura, sofrendo pressões militares e do locador do ponto, que reclamava da bagunça dos frequentadores do bar (talvez pelo interesse em vender o imóvel, que valorizava com a construção das grandes torres edificadas na Esquina, como o Edifício Minerva (14 andares) e Caraíba (16 andares), além de estar à frente do novo Hospital da Santa Casa, em construção.

O Copa 70 sofreu fechamento em 1976, pelo enfraquecimento do movimento do bar com a transferência de boa parte dos cursos da UFRGS para o Campus do Vale²⁸⁸ e cedeu espaço à expansão do serviço da Casa Uirapuru, de xerox e encadernação, que fechou em 1982.

A diminuição expressiva do público também foi motivo de fechamento do Alaska, em 1985, somado ao câncer que seu proprietário, Alfredo, desenvolvera. Isake, seu famoso e simpático garçom, buscou emprego no bar Van Gogh e, com ele, grande parte de sua clientela o seguiu.

Máriu’s, o remanescente da Esquina, resistiu à crise e mantém suas portas abertas até hoje.

Com o fim da Esquina Maldita, datado de 1985 – dado pelo fechamento de suas últimas portas (exceto o Máriu’s), coincidente com o final da Ditadura - o Bom Fim inicia novo *point* de bares, e a Cidade Baixa inicia nova etapa de desenvolvimento, ambos absorvendo o público “órfão” da Esquina, que busca novos espaços para a vivência do lazer noturno.

Conforme João Barroso: “O tempo passa, e os contextos mudam. A missão do Bom Fim para a juventude era uma naquela época, porque a realidade era diferente. Agora é outra”²⁸⁹.

²⁸⁷ SILVA, Juremir Machado da. **A noite dos cabarés**: histórias do cotidiano de uma cidade grande. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p. 83.

²⁸⁸ TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

²⁸⁹ João Barroso Matos (gerente do Máriu’s) e genro do Sr. Mário, proprietário do estabelecimento citado em ÁVILA, Alisson e MICHELIN, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso** - Cultura em Revista. Ano 3. nº 20, 2000. p. 16.

Figura 33 - Esquina Maldita.

Fonte: Acervo Museu da UFRGS

3.2.2 Da Esquina Maldita ao Mercado do Bom Fim

O público que frequentava a região, por proximidade à Universidade, à própria residência, à residência de colegas vizinhos à Universidade ou por se identificarem com o público e a temática local, migra para os bares próximos: os já existentes às proximidades do Cinema Baltimore ou aos bares da Cidade Baixa, até então utilizados para panfletagens ou para lazer pelos residentes locais. Conforme Ávila:

Com o início dos anos 80, o esvanecimento do governo militar e a segmentação da UFRGS – levando os alunos dos cursos de Filosofia e Sociologia, por exemplo, que eram os maiores agitadores, para o Campus do Vale, próximo de Viamão - o Bom Fim se viu num outro momento. Os bares da ponta da Sarmento Leite foram fechando as portas a partir de 1985. [...]

E o zum-zum se transferiu para a outra ponta da Avenida, próximo à Rua José Bonifácio. A abertura da Lancheria do Parque, dos bares ao ar livre no Mercado do Bom Fim, como o Escaler, e a consolidação do Brique passaram a ser a nova referência. Como não havia mais o controle ostensivo sobre o comportamento das pessoas, elas foram se libertando. Tribos emergiam e se legitimaram através do Bom Fim. Foi a época da consolidação definitiva do centro de tolerância e civilidade, entre comuns e diferentes.²⁹⁰

A esta época, o Centro de Arte, Sensibilização e Aprendizagem (CASA), o Casarão do DOPS e o bar Fedor (1976) fecham suas portas. Já haviam surgido, no outro extremo do Bom Fim, os bares Leblon, Lola (1980/85) e Bar João (1980). Surgiam Ocidente (1980), Luar-Luar (aproximadamente em 1980), Escaler (1980) e Lancheria do Parque (aproximadamente em 1985). O Clube de Cultura investe na programação de mostras de arte, cinema e teatro, e o Mini-Baltimore troca de nome para Bristol (1977).

O uso de cinema de calçada (único até então existente) e a lógica de utilização dos espaços lindeiros para sociabilização, característica intrínseca desta prática social, somada, no

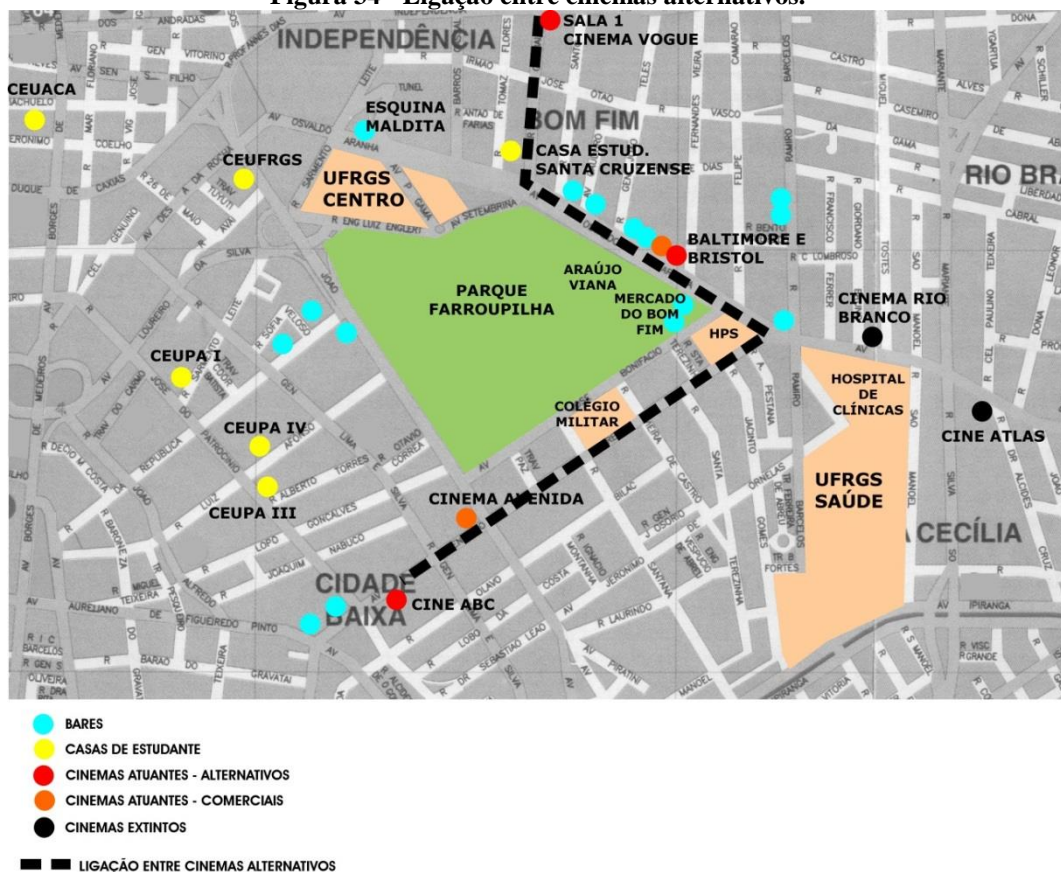
²⁹⁰ ÁVILA, Alisson e MICHELIN, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso** - Cultura em Revista. Ano 3. n.º 20, 2000. p. 17.

caso do Bom Fim, à tradição local, da herança dos Cinemas Rio Branco e Atlas, que se localizavam a poucas quadras do Baltimore, onde, algumas décadas antes, proporcionavam grande atuação social, somada, ainda, às ações interligadas deste tipo de uso de espaço também nas áreas dos altos da Independência, na Sala 1 Cinema Vogue, e na Cidade Baixa, com o Cine ABC, tornaram o espaço do Bom Fim um “centro” (geográfico e de concentração, devido ao seu caráter) de “culturalização” em programas alternativos. (Figura 33) Era uma cultura de cinema²⁹¹.

A movimentação local atraía o pessoal do Teatro, Artes, Jornalismo, Literatura, Arquitetura e Música, dentre outros grupos, e solicitava espaço para conversas mais longas antes ou depois dos filmes.

O Baltimore dispunha de *bomboniére* (apenas espaço de venda, tipo guichê) e de *foyer* com sofás, mas não era espaço convidativo à permanência, nem para conversa em grupos grandes, visto a distribuição linear do mobiliário e sua iluminação.

Figura 34 - Ligação entre cinemas alternativos.



Fonte: a autora.

²⁹¹ A cultura do cinema é um universo sempre em expansão que abrange desde as mundidades de uma première até as mais sofisticadas teorias sobre o que é projetado na tela. O cinema, como a arquitetura, é um fenômeno de exposição pública só superado, nesse aspecto e sob certos ângulos, pela televisão. COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 110.

Aproveitando a oferta da ociosidade do público do cinema, antes e depois das sessões, que perambulava pelas calçadas da Avenida Osvaldo Aranha e pelo Parque, surgem novos bares. Conforme Viecelli²⁹²:

A decadência da “Esquina Maldita” espalhou seus frequentadores pelos demais bares da Osvaldo Aranha. Primeiro, Ocidente, depois, Lola, Bar do João e Leblon. Para esses bares, os alunos da universidade ou alguns grupos de intelectuais levaram suas conversas de fechar bares, misturados com outro tipo de público que já fazia parte da rotina dos botecos, antes da “tomada” por outros frequentadores²⁹³.

O bar transforma-se em “sala de estar” coletiva, reunindo velhos conhecidos, e novos estranhos e novos “velhos conhecidos”. Este espaço se funde em grande socialização em espaço semipúblico, semiprivado²⁹⁴.

Os locais de convivência no espaço urbano ganham ares de liberdade, renovação dos espíritos e da sensação de posse do espaço público, sendo marca deste novo momento. Vivenciá-los é retomar o direito de usufruir do espaço urbano, reduzido na época da Ditadura. Conforme Elton Campanaro²⁹⁵, que passou a vivenciar estes espaços pouco antes do final da Ditadura:

A gente foi a geração logo depois, daqueles que viveram aquilo ali! [...] O sentimento era bem mais tranquilo, era mais tranquilo com relação a isso, a gente já tava passando pelo processo de abertura, então a gente não passou aquela coisa da repressão! (informação verbal)²⁹⁶.

Além do público que fazia o consumo “cultural” local, que se dava aos finais de semana, na frequência da programação comercial do cinema e, diariamente, na programação intensiva dos ciclos dos cinemas alternativos, também estava disponível outro público consumidor, de estudantes, no trânsito dos que eram moradores próximos, para ida e volta das aulas, e dos estudantes visitantes, para execução de trabalho na casa dos colegas, vizinhos da Universidade. Além disso, também havia uma demanda dos próprios moradores locais (não estudantes, jovens ou não), que poderia ser aproveitada.

Além do cinema, outra programação também ofertada nas calçadas do Bom Fim era o *travelling* entre os Campi da UFRGS: Centro e Saúde. Nesta época, grandes festas começaram a apontar como opção de integração dos estudantes, promovidas por seus diretórios e centros acadêmicos. Eram famosas e foram recorrentes, nas entrevistas, as festas dos cursos de Arquitetura (fora e dentro do prédio, sendo mais lembradas as que aconteceram dentro do Diretório Acadêmico), de Medicina e as que aconteciam no Bar do Prédio das

²⁹² VIECELLI, Maria das Dores Costa. Quem frequenta hoje o Alaska. Porto Alegre ano 210. **Folha da Tarde**. 2 de abril de 1982.

²⁹³ Não houve dados suficientes para concluir a ordem de abertura dos bares indicada pela autora.

²⁹⁴ SENNET, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.30-32.

²⁹⁵ Arquiteto, ex-funcionário da Rádio Ipanema.

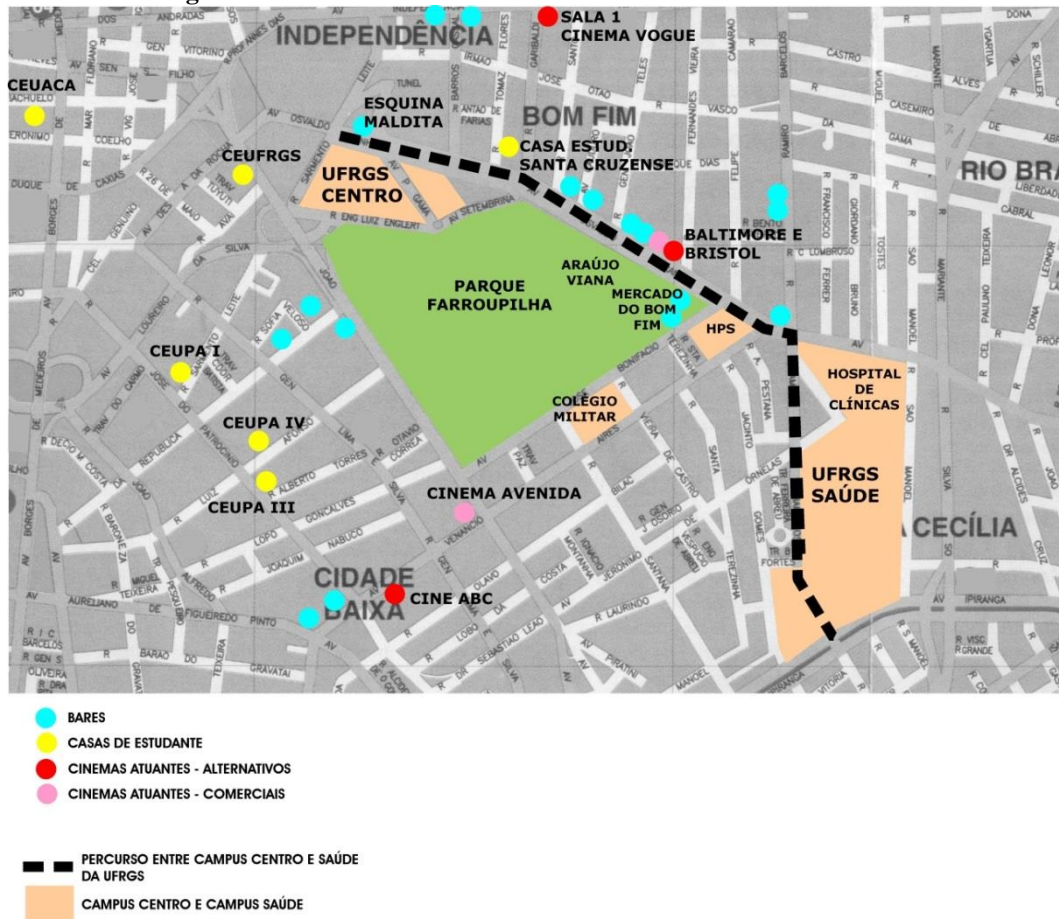
²⁹⁶ Trecho por Elton Campanaro, 46a., em entrevista individual em 02.04.2007.

Biociências, no Campus Centro, e as dos cursos de Odontologia e de Psicologia, no Campus Saúde.

Chegou a se consolidar uma rota entre estas atividades: do Campus Centro, se partia pela Avenida Osvaldo Aranha, até a Av. Ramiro Barcelos, onde se “descia” até o Campus Saúde. E vice-versa. Neste deslocamento, muitos paravam pelo caminho: para aguardar algum amigo morador da região (num ponto de encontro), ou para “se preparar” para a “noite”, fazendo um “aquecimento” com o consumo de bebidas nos bares ali já existentes. (Figura 34)

Neste contexto, o Bar Ocidente surge como uma opção de novos espaços. Proposto para peças teatrais, inova e é muito procurado por seu repertório musical. Esta opção de música qualificada acaba atraindo uma população numerosa, inclusive de *gays*, lésbicas e simpatizantes – que se concentra, em fila, à Rua João Telles, aguardando a entrada ao bar. A paisagem local é inovada e a presença destes novos frequentadores provoca alguns atritos locais. Os grupos que circundavam o prédio para admirar a concentração de pessoas que se dava à sua entrada criavam situações constrangedoras e faziam provocações, numa disputa territorial somada à homofobia.

Figura 35 - Rota Estudantil UFRGS CENTRO – UFRGS SAÚDE.



Mapa da autora.

A informação do site do bar confirma a disponibilidade de público local aos arredores do cinema e sua concentração nos espaços de bares, para conversas. A “naturalidade” que afirmaram ter com o surgimento do bar naquele lugar se dava exatamente pela necessidade de mais espaços para estes grupos:

A localização do antigo sobrado ajudava: Avenida Osvaldo Aranha, Bom Fim - o bairro em que as ideias agitavam e os intelectuais se encontravam para beber, beber, beber, comer barato & discutir; já há muito tempo era tradição ir ao Fedor, na esquina da Felipe, e ao Alaska, na "Esquina Maldita" da Sarmento Leite. Assim, foi natural que surgisse em meio a esse ambiente animado outro ponto na esquina da João Telles.²⁹⁷

O bar era organizado com iluminação pontual sobre cada conjunto de mesas – ao nível da cabeça descia uma luminária pendente. No teto havia um tecido colorido, que marcou a memória de seus frequentadores²⁹⁸. Conforme depoente,

O Ocidente [...] inicialmente reunia pessoas que tinham uma visão artística diferenciada, era todo cheio de... A decoração feita com materiais alternativos, baticques pendurados pelo forro, era uma casa velha com chão desabando, aquele assoalho de madeira [...] (informação verbal)²⁹⁹.

O sucesso do empreendimento foi tamanho que virou casa de shows de rock. Teve uma época que chegou a distribuir uma carteirinha para os usuários “VIP”³⁰⁰.

Figura 36 - Carteirinha de cliente VIP.



Fonte: Depoente Júlio Caetano da Silva.

Ao longo do tempo o bar foi mudando sua disposição interna, mas durante muito tempo apresentou um palco na área em que o prédio fazia a esquina. Seu público era intelectualizado e o frequentava em busca de espaço para debates e criações culturais. Era lugar de discussão artística, moda, arquitetura, teatro, cinema, música, e também “*o bar onde a gurizada ia comer pastéis com a cerveja Serramalte*”. Conforme Frank Jorge³⁰¹:

É todo um contexto histórico de surgimento do Ocidente, ele está vinculado a várias

²⁹⁷ Disponível em: <http://barocidente.com.br/historia>. Acesso em 07 de junho, às 17:19.

²⁹⁸ Alguns depoentes disseram ser um parangolé, outros afirmaram ser um paraquedas. Supõe-se, diante da oportunidade de ser espaço para teatro, pode ter sido um tecido representando uma lona de circo. Trecho por Carlos Sant’Ana, 43a., em entrevista individual, em 26.03.07.

²⁹⁹ Trecho por Cláudia Aristimunha, em entrevista em dupla, com Ângela Mendes, em 15/09/2002.

³⁰⁰ A carteira tinha a imagem do disco do grupo Replicantes em uma de suas faces.

³⁰¹ Trecho por Frank Jorge, 40a., em entrevista individual em 20.12.06.

coisas, assim, né. Está vinculado ainda a um grupo grande de pessoas de teatro, a professores universitários e universitários... [...] profissionais liberais, pessoal de novas bandas, pessoal de cinema... Todo esse público frequentava o Ocidente [...] (informação verbal)³⁰².

Devido à proximidade, houve uma grande ligação do Ocidente com o ali instalado Auditório Araújo Viana. Este, com programação de *shows* culturais, oportunizava aos bares próximos a absorção do seu público, antes e depois dos *shows*. O Ocidente já tinha um caráter musical, fortemente desenvolvido (mais do que ao intencionalmente projetado – pois fora pensado como espaço teatral). A noite era dividida entre as sessões no Baltimore e Bristol, os *shows* e a passagem pelos bares. Lindeiro aos locais supracitados, locado à esquina oposta a do Ocidente, ficava o Bar Lola. De pequena largura e grande profundidade, vendia cerveja barata, fornecida em copos plásticos para permitir que “a turma” seguisse para a noite do Bom Fim.

Figura 37 - Bar Ocidente. (anos 80)



Fonte: Internet.

Figura 38 - [...] bandas de rock, de sucesso ou inéditas, têm espaço no Ocidente. (anos 80)³⁰³



Fonte: Acervo Museu da UFRGS.

Tinha um grande salão com mesas encostadas às paredes. Mantinha um balcão de

³⁰² Trecho por Frank Jorge, 40a., em entrevista individual em 20.12.06.

³⁰³ As imperfeições da imagem, que dificultam a leitura da mesma, são provenientes do original na fonte citada. Fotografia em baixa resolução, obtida de jornal, disponível no formato digital no Museu da UFRGS.

lanchonete, à direita de quem entra, e, ao fundo, o banheiro e a “máquina de tocar música”³⁰⁴, além da escada caracol que levava ao sótão, onde havia uma mesa de sinuca e um espaço para dançar.

Figura 39 - Fachada do bar Lola³⁰⁵.



Fonte: VIECELLI, Maria das Dores Costa. O dia e a noite do Bom Fim. A geração da Esquina Maldita. Porto Alegre ano 210. Folha da Tarde. 2 de abril de 1982.

Na frente deste bar, dava-se uma concentração de pessoas, pois além de estreito e profundo – o que não possibilitava a entrada de grandes grupos (que também precisariam se dividir em mesas pequenas) - era desejável ser visto naquele ambiente. Seus frequentadores ficavam à porta do bar, ocupando a calçada até a esquina, que ficava a dois prédios de distância do Lola. Nela, sentavam-se à vitrine da loja ali existente, para apreciar o movimento ao lado do Ocidente e dar-se a ver pelos que lá aguardavam em extensa fila.

Não dividiam o mesmo público. Quem frequentava o Lola, frequentava o Bar João (1980). Conforme Carlos Gerbase, “A impressão que eu tenho é que os bares realmente fortes é o João, né, depois tinha o Lola, e depois tem um outro, eu não tô lembrando.[...] Leblon”.(informação verbal)³⁰⁶.

Leblon teria funcionado anteriormente na edificação que receberia o segundo Bar João, em 1992. Só foram contemporâneos enquanto o João ainda não havia mudado de endereço e permanecia no sobrado onde teria funcionado o Bar Imperial (1948-1952) e Bar Azul (1952-1979), que trocou de dono e de nome, para Bar João. Conforme Júlio Reny, Lola e João eram lugares que vendiam a cerveja mais barata, frequentados para os “aqueces” antes da entrada em bares mais sofisticados, onde a bebida era mais cara³⁰⁷. Conforme João Telmo:

³⁰⁴ “...o Lola tinha aquelas maquininhas de botar moedinhas, de ouvir (músicas)..”. Trecho por Cláudia Aristimunha, em entrevista em dupla, com Ângela Mendes, em 15/09/2002.

³⁰⁵ As imperfeições da figura 39, que dificultam a leitura da mesma, são provenientes do original na fonte citada. É fotografia obtida de jornal, no qual a folha de papel já se encontrava em estado de oxidação, com escurecimento da cor e baixo contraste na imagem, implicando falta de definição.

³⁰⁶ Trecho por Carlos Gerbase, em entrevista individual, em 12.03.07.

³⁰⁷ Trecho por Júlio Reny, 48a, em entrevista individual, em 14.02.07.

Não era pra sentar. Comprava a bebida lá dentro, com copo de plástico [...] e a gente ficava na frente, tomando de pé. Esse era o esquema do João e do, e do Lola, né? Eles enchiam, né, eles enchiam, assim. [...] não era um clima legal [...] Ali misturava muito, assim, uma coisa meio agressiva [...] uma coisa misturada com a questão da droga também. [...] eles não consumiam lá dentro. É porque eu sentia que era um pessoal mais detonado, assim. Eles não consumiam, até mesmo porque a polícia tava ali, e tal... Ao contrário da Lancheria do Parque, que é um lugar que tu sentava, pedia a cerveja, e ficava com os amigos conversando (informação verbal)³⁰⁸

Conforme Wagner:

Ilso, 30 anos, gerente, diz que não tem problemas com a freguesia, informando que os magros compram cachaça em copo, que já são descartáveis para evitar qualquer dano e levam para a Redenção, onde fazem suas “arruaças”³⁰⁹.

Apesar de Lola e João dividirem o público pelo mesmo motivo, seus públicos eram diferenciados. Conforme Andréa Martins:

[...] aqui tinha bebum, pessoas velhas, o bar João então era tudo acima de 40 anos... Mas aquele bebum de bar, sabe? De ficar no bar... [...] É, mas eu me lembro que o João tinha assim uns vidros grandes com cachaça com butiá... Cachaça com essas coisas. Assim... Tinha uns ovos... Típico bar, assim, bar de copo sujo...³¹⁰

Metaleiros começaram a frequentar a região entre os anos 1983 e 85 e não frequentavam o Ocidente. Alguns frequentavam o João, mas a maioria se concentrava no Escaler e no Lola³¹¹. Conforme Andréa Martins: “[...] o Lola era mais metaleiro... O João tinha, mas não tanto quanto o Lola...O Lola era mais parecido com o bar da Redenção [referindo-se aos bares do Mercado do Bom Fim – Escaler e Lola] (informação verbal)³¹².

Além disso, havia distinção entre o perfil de quem ficava dentro e fora do bar. Conforme Andréa Martins:

No Lola eles tomavam cerveja, quem ficava dentro do Lola. Agora esse público que era o público que eu frequentava, que era o público que ficava na rua e ficava em pé, não... Usavam droga e bebiam bebida de cachaça. Não se tomava cerveja (informação verbal)³¹³.

O Bar João era um dos mais conhecidos e tradicionais bares de Porto Alegre. Local informal e simples, oferecia 344 tipos de cachaça, incluindo sabores como catuaba, butiá, guaraná e canela, e alguns mais personalizados, como licores de tijolo, telha, cascalho, sapo, morcego e até *teletubbies*³¹⁴. Virou ícone local e referência do Bom Fim, em geral. Inicialmente um bar para receber famílias, com toalhas e flores nas mesas, tinha também

³⁰⁸ Trecho por João Telmo, 38a, em entrevista individual, em 25.03.07.

³⁰⁹ WAGNER, Magda. Centro irradiador da cultura... e do spray. **Correio do Povo**. Geral. Os bairros e seus problemas/Bom Fim. Sábado, 11 de abril de 1987. p. 15.

³¹⁰ Trecho por Andréa Martins, 30a., em entrevista individual em 19.12.06.

³¹¹ Trecho por João Telmo, 38a, em entrevista individual, em 25.03.07.

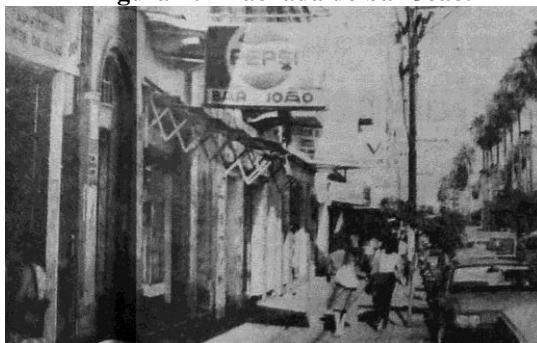
³¹² Trecho por Andréa Martins, 30a., em entrevista individual em 19.12.06.

³¹³ Ibid., loc. cit.

³¹⁴ Bonecos plásticos que representam extraterrestres personagens de programa infantil. ÁVILA, Alisson e MICHELIN, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso** - Cultura em Revista. Ano 3. nº 20, 2000. p. 18.

mesas de sinuca. Seu movimento começava às 5hs da manhã, quando o cheiro de café passado atraía os clientes: açougueiros, leiteiros, fiscais da saúde e outros prestadores de serviços, que iniciavam cedo o trabalho, lá tomavam seu café da manhã³¹⁵. Com o tempo, foi incorporando público diferenciado. Com o afrouxamento da repressão e uma sensação de maior liberdade, lentamente novas tribos começaram a frequentar o local.

Figura 40 - Fachada do bar João.



Fonte: VIECELLI, Maria das Dores Costa. O dia e a noite do Bom Fim. A geração da Esquina Maldita. Porto Alegre ano 210. Folha da Tarde. 2 de abril de 1982.

Adjacente ao Baltimore, também absorvia o público de outro bar com que dividia a calçada: a Lancheria do Parque. Esta, conhecida pelos grandes copos de vitamina e seus lanches fartos, oferecia espaço a conversas e refeições em seu espaço interno. Entretanto, suas calçadas também configuravam espaço de atuação social intensa, com aglomeração de várias tribos.

As frequências, especificamente nos interiores dos bares, não era feita por grupos ideológicos específicos. Para estes, os bares praticamente só serviam ao fornecimento de bebidas. Por vezes, muitos grupos compartilhavam das mesmas calçadas, mas zoneadamente separados. Cada bar atendia a uma ou mais tribos específicas. A frequência de um indivíduo de um grupo em região ocupada por outro era garantia de brigas.

As calçadas da Avenida Osvaldo Aranha eram divididas por grupos que frequentavam outros bares, também. Surgem bares no Mercado do Bom Fim: o Luar-Luar e o Escaler (1980). O primeiro funcionava como bar, abrindo suas portas e instalando suas mesas à Avenida Osvaldo Aranha. O segundo ocupava a extremidade oposta do Mercado, abrindo-se à calçada da Rua José Bonifácio e à entrada do Parque de Diversões, fornecendo lanches e bebidas. Com o tempo, passou a promover shows no espaço ao lado do bar, onde bandas ou público em geral podiam se apresentar, desde que levassem seus equipamentos. Em 1985,

³¹⁵ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre**. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012, p. 87.

aproximadamente, o proprietário do bar, Antônio Carlos Ramos Calheiros, criou o “Escalor Voador” – uma estrutura de lona, tipo circo, para shows. Este ficava nas proximidades do Estádio Beira Rio, longe do Bom Fim. Lá, o espaço promoveu shows de bandas locais e/ou pouco conhecidas e foi efetuado o primeiro show do Grupo Musical Nenhum de Nós.

Figura 41 - Mercado do Bom Fim.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Próximo ao Mercado do Bom Fim ficava a Cooperativa Colméia. Tratava de cooperativa de produtos naturais, administrada por grupo de pessoas com modos de vida mais saudáveis, que defendiam o consumo de produtos hoje conhecidos como “ecológicos” (sem uso de agrotóxico) e de uma alimentação mais saudável. Recorrente nas entrevistas do Bom Fim deste período, a cooperativa era espaço frequentado por uma juventude preocupada com modo de vida saudável, com estratégias alternativas e fora da rota comercial dos restaurantes, em busca de um equilíbrio maior, em todas as esferas. Era um lugar frequentado para uma melhoria da qualidade de vida geral.

À Avenida Osvaldo Aranha, entre as Ruas Fernandes Vieira e Felipe Camarão, próximo à calçada oposta à Lancheria do Parque, funcionou o Cacimba. Um sobrado antigo que, no segundo piso, dispunha de um bar que mantinha as divisórias internas originais, nas quais teriam sido feitas algumas aberturas. Seu interior era cheio de recantos e novas perspectivas.

À esquina da Rua Felipe Camarão, esteve em funcionamento o Fedor, onde os senhores do Bom Fim se reuniam. De judeus ortodoxos a prostitutas, seu público era muito variado. Atendia aos taxistas do ponto lindeiro ao bar, que faziam uso de seu banheiro e, conforme Moacyr Scliar, talvez o nome derive do odor local, visto que apresentava um mictório logo à entrada do bar.

À esquina da Rua Ramiro Barcelos, na primeira ou segunda casa adjacente à edificação da esquina, na qual atualmente se encontra a loja VonVon, funcionou o Bar Pinga-Pinga. Curioso, dispunha de um degrau na entrada e um forro muito baixo. Conforme Cláudia Aristimunha³¹⁶, era muito difícil não bater a cabeça à verga da porta. Quando isso acontecia, as pessoas se viravam para ver onde haviam entrado e visualizavam, na parede, a ossada de uma cabeça de boi. Era uma piadinha local.

Mais adiante, pela Rua Ramiro Barcelos, havia a ex-Liga Cultural Israelita, um espaço cultural fechado por dissidências internas, já transformado no Clube de Cultura (aproximadamente em 1950), e que promovia peças teatrais e palestras, além de mostras culturais. Chegou a ser obrigado a abrir as portas para os agentes do SNI (Serviço Nacional de Informações) para busca dos “subversivos” do Bom Fim. Seu intenso trabalho cultural foi lentamente abandonado, pela pressão da Ditadura³¹⁷. Em seu espaço interno, dispunha de um bar, que também fazia parte do roteiro da Osvaldo Aranha. Ao lado do prédio do Centro de Cultura havia outro bar, do qual nenhum depoente lembrou o nome, que funcionou concomitantemente ao do Clube, neste período.

Foi um momento de grande e intensa vivência das liberdades no espaço urbano. Entretanto, foram feitas, também, muitas ações colocando em prática as liberdades já conquistadas. Uma delas foram os eventos de shows de música e teatro. Conforme Maria Eunice Maciel:

Foi o tempo da minissaia, dos cabelos compridos, dos Beatles e dos Rolling Stones. Foi o tempo dos festivais de música (e grandes batalhas foram ali travadas), de Leila Diniz simbolizando uma nova mulher e uma nova sexualidade. Foi um tempo contraditório, mas, talvez por isso, tão rico³¹⁸.

Sobre sexualidade, algumas liberdades características do espaço privado expuseram-se no espaço público. Trata-se do evento Cio da Terra (1982), que apesar de ter ocorrido em outra cidade (Caxias do Sul/RS), foi recorrente em depoimentos deste período e parece sintetizar o sentimento da época. Foi um evento marcante e representativo do afrouxamento da repressão.

Conforme depoentes, tratava-se de um “Woodstock tardio” (para outros, o segundo Woodstock), em plena Serra Gaúcha. Foi um evento musical, com duração de três dias, no Parque de Eventos da Cidade, onde acontece, anualmente, a Festa da Uva³¹⁹. Tratava-se de

³¹⁶ Trecho por Cláudia Aristimunha, em entrevista em dupla, com Ângela Mendes, em 15/09/2002.

³¹⁷ ÁVILA, Alisson e MICHELIN, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso** - Cultura em Revista. Ano 3. nº 20, 2000. p. 17.

³¹⁸ MACIEL, Maria Eunice. Quando o mundo era jovem. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org). **1968: Contestação e utopia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 36.

³¹⁹ Evento característico da região, representativa da produção anual da safra da uva e que contém programação

evento que exigia pernoite na cidade. Pela distância à área central, somada à vontade de convivência entre amigos, houve disponibilização do espaço para permanência no local, a partir da instalação de barracas, que deveriam ser levadas pelos participantes. Não havia separação dos dormitórios por sexo no parque de eventos, como havia até então, nas Casas de Estudantes. Assim, rapazes e moças podiam dividir o mesmo ambiente-dormitório após exaustiva programação cultural e de shows.

Além do consumo de drogas, o exercício da sexualidade pudera ser praticado com liberdade, distante do controle dos pais e da sociedade em geral. O momento era de questionamento sobre as relações, casamentos e até das divisões dos espaços para usos diferenciados por sexo, além da prática sexual antes do casamento e da vivência do ato sem culpa. Assim, o evento permitiu, também, que alguns pudessem libertar-se a uma experiência inovadora. Conforme Luciano Telles:

Uma grande diferença daquela época pra essa, antes era tudo pela vida... Tudo pela vida... Saía pra se viver assim... Não existia a AIDS, não existia... Foi a geração que efetivou a revolução sexual, mudou os padrões, mudou os costumes [...] (informação verbal)³²⁰

Muitos desta geração não tiveram a mesma chance. Além da liberdade, descobriram a dependência química e a AIDS³²¹, que despontou no início dos anos 80.

cultural e artística, que ocorre no Parque desde 1931.

³²⁰ “Foi em 82. Foi o Woodstock gaúcho. Na verdade, relativamente comportado, pra época e pra Caxias do Sul, talvez tenha sido... Alguém andou pelado pra lá e pra cá. Isso tinha algum significado. [...] E foi bem forte. Foi muito bem organizado pra época [...]. As questões de estrutura, de produção e tal, aqui era um terror. Tu imagina o que era tu montar um show naquela época. A falta de condições técnicas mesmo, de equipamento disponível, de Know How das pessoas da produção. E no Cio da Terra, não. Veio uma estrutura de fora, em parte. Foi um esforço conjugado de DCEs, diretórios, pra realização de estudantes, de centros acadêmicos que eram “humanamente capengas”... Foi uma coisa muito impressionante. Por isso marcou bastante. E veio muito show de fora que na época era bem conhecida, que pra esse público tinha uma importância significativa. Não veio Gilberto Gil, Caetano Veloso, etc., os grandes, mas veio gente como o Edinardo, que era um cearense que nunca mais se ouviu falar [...], mas na época, dentro da universidade ele era muito conhecido. Ao mesmo tempo, foi um enterro de um espírito, de uma geração “Bicho-grilo” que deu lugar à geração dos anos 80 [...] pro rock brasileiro e que queria mesmo enterrar essa outra. Esse espírito anos 70 de muita divagação e sensibilidades, [...]e que não dizia mais nada. Na verdade, a geração dos anos 80 vem aí pra uma coisa mais objetiva, de certa forma... Prática, decidida, ambiciosa, materialista... Mais realista, enfim. Agora eu divaguei aqui. (risos) Mas é que nisso, o Cio da Terra foi ao mesmo tempo um ápice de alguma coisa e tal, e em seis meses também, acho que caiu num descrédito muito grande. Muito rapidamente aquilo envelheceu. [...] Mas não teve nada de demasiadamente transgressor assim que eu lembre, mesmo. [...] Fumou-se maconha, evidente. Cinco mil pessoas acampadas lá, e tal. Um que outro que saiu pelado correndo pelo parque. Mas tinha uma estrutura de cuidados em relação a isso, acho que da própria organização, e seguranças e tal, e que não deixou isso desandar nunca. As reclamações da cidade é porque a cidade era realmente muito moralista, e a época era outra. [...] Mas como eu disse também, rapidamente essa ideia... inclusive a ideia de “Cio da Terra” que é uma coisa super anos 70 né [...]. Aquela coisa de romantismo né, romantismo de esquerda, nos anos 80 foi rapidamente desacreditado, descartado. [...] O Cio da Terra virou deboche logo em seguida.” (informação verbal). Trecho por Cristiane Santos, 41a, em entrevista em dupla, com Luciano Telles (que não quis se identificar), em 15.01.07.

³²¹ MARTINI, Maria Luiza. Maio de 1968 no Rio Grande do Sul. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org). 1968: Contestação e utopia. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 115.

Figura 42 - Cartaz Cio da Terra – 1982.



Fonte: Material emprestado por Rômulo Plentz Giralt.

Entre 1980 e 1985, as liberdades alcançadas iniciam um ciclo marginal no Bom Fim. Abandonando as ações culturais e mobilizações artísticas, inicia uma intensa ocupação dos espaços públicos com desordens, que alteram a imagem local.

Grupos ocupam a região, em territórios bem definidos e invioláveis. Desacordos territoriais implicam em rixas, brigas e violência. Bebidas, drogas, vestimentas características dos movimentos envolvidos: metaleiros, *punks*, *neo-punks*, neonazistas dividem espaços que se estendem do Bom Fim aos arredores da Avenida Cristóvão Colombo. O Bambu's e os demais botecos lindeiros à Avenida Independência recebem grupos de *punks*, que frequentam o Lola, João, Lancheria do Parque e Luar-Luar, no Bom Fim, lá compram a bebida e concentram-se nos meios fios e no canteiro da Avenida em frente aos bares. Metaleiros circulam na região, evitando o contato com os *punks*. Neonazistas circundam o local, esporadicamente, descendo do alto da Independência. *Hare krishnas*, *hyppies* e alternativos frequentam o espaço como forma de sociabilização deste espaço cosmopolita e aparentemente sem preconceitos. Entretanto, a concentração destes grupos choca a comunidade local – de antigos moradores, descendentes de judeus, tradicional e conservadora, que implica com a desordem, baderna, gritaria e violência.

Elmar Bones³²² considera que a Avenida Osvaldo Aranha tenha atraído tudo o que havia de bom e ruim da cidade: “O Bom Fim tinha nas ruas de trás da Osvaldo uma cultura de cidade do interior. E essa ‘invasão’ modificou isso de uma forma impressionante”³²³.

³²² Elmar Bones citado por ÁVILA, Alisson e MICHELIN, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso** - Cultura em Revista. Ano 3. nº 20, 2000. p. 17.

³²³ Ibid., loc. cit.

Mais do que uma imagem marginal, logo, aparentemente violenta, o Bom Fim tornou-se espaço efetivamente perigoso. O consumo de drogas era comum no local. Alguns depoentes narraram o uso frequente do espaço conhecido por “Fumódromo”, dentro do Parquinho infantil da Redenção, que as crianças frequentavam. Era um espaço de vendas e consumo de drogas, utilizadas por grupos, ligados ou não a algum tipo de “ideologia”. Conforme Bones (citado por Ávila), houve tentativa de institucionalização da maconha neste lugar, quando a polícia parou de vigiar o ponto, mesmo sabendo que ali a droga era vendida e consumida em larga escala³²⁴.

O consumo de drogas se dava desde o dia, principalmente aos finais de semana, quando o espaço do Bom Fim tinha grande frequência e concentração de pessoas. Entretanto, à noite, drogados eram encontrados perturbando os frequentadores dos bares, tornando o local perigoso. Por isso, muitas ações foram movidas para o fechamento dos bares.

O final da Ditadura trazia novas ações no espaço público e uma nova “cara” ao Bairro Bom Fim: a Esquina Maldita fechada e a migração deste público para o outro extremo do bairro, com atrativos culturais e movimentações de novos grupos, que iniciavam uma briga territorial com a comunidade local.

3.2.3 Da Esquina Maldita à Cidade Baixa

Da panfletagem ao uso de lazer dos bares, a ação determinante foi a diminuição da repressão e o esfriamento dos ânimos juvenis, somado ao fechamento da Esquina Maldita, ocasionado pela transferência de muitos cursos da UFRGS, do Campus Centro ao Campus do Vale, na diminuição da frequência dos bares, somada à falta de mobilização dos estudantes, amenizados pela falta de efetivo local e com a própria falta de motivos pelos quais lutar.

O público “órfão” dos bares da Esquina encontram nos antigos espaços de mobilização e militância da Cidade Baixa lugares para lazer e ações culturais. Conforme Viecelli:

A decadência da “Esquina” foi se processando aos poucos, fruto da necessidade de um novo tipo de convivência. Aos poucos fomos nos mudando: para o Ocidente ou nos espalhando, em grupos, pela Osvaldo Aranha afora. Com o surgimento do “Doce Vida” [na Cidade Baixa], passou a se repetir o fenômeno da Esquina. As pessoas se encontravam todas por lá. [...]

Mas a fuga da Esquina Maldita também tem outros motivos. Os papos mudaram. As questões fundamentais se transformaram. A cabeça de quem questiona hoje é diferente das angústias que importunavam os filhos de 60 com os pés em 70. “Várias gerações passaram na Esquina até que os bares também não resistiram e morreram. [...]”³²⁵.

³²⁴ Elmar Bones citado por ÁVILA, Alisson e MICHELIN, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso** - Cultura em Revista. Ano 3. nº 20, 2000. p. 17.

³²⁵ VIECELLI, Maria das Dores Costa. O dia e a noite do Bom Fim. A geração da Esquina Maldita. Porto Alegre

O público que inicialmente frequentava os novos espaços do Bom Fim era o mesmo público que frequenta a Cidade Baixa. Conforme Frank Jorge:

[...] eu acho que muito desse público que migrou para a Cidade Baixa, ele é semelhante ao público de origem da agonia do Bom Fim do final dos 70, início dos 80 [...] (informação verbal)³²⁶.

Migrando para o bairro, os frequentadores encontravam como espaços de lazer O Cine ABC, com programação alternativa, e Cine Avenida, com programação comercial; os bares Van Gogh, Doce Vida e Marcelina e Ressaca, os restaurantes Pedrini, Copacabana Galo e Spina; e as Padarias da República e Suíça; além das boates Chão de Estrelas, Gente da Noite, Big Som, Clube da Saudade, o Teatro de Câmara e o novo Terreira da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz (Grupo Terreira da Tribo) (1984). (Apêndice E).

Com o abrandamento da repressão e as conquistas nos âmbitos das ações sociais no espaço aberto e na interação entre as pessoas, estas liberdades recuperadas, somadas ao “ativismo cultural de resistência” que até então era instrumento de expressão, foi consolidando um espírito de construção e manutenção da cultura, alicerçado sobre a produção já executada e a vontade de manutenção desta prática, da qual surgiram grandes e expressivos grupos de várias áreas, como música, teatro, artes, dentre outras.

Assim, os espaços de uso de lazer noturno na Cidade Baixa se prestaram a receber estes “militantes culturais”, que buscavam um ambiente para suas práticas e exercícios. Neste território, foram se consolidando lugares para todos os gêneros musicais: bares de músicas nativistas, de *rock*, de metal, de samba, de música de “dor-de-cotovelo” (como ainda são referenciadas as músicas de Lupicínio Rodrigues e de seus amigos), de MPB, dentre outras. Portanto, o território começa a se estruturar, primeiramente com uma distribuição aleatória destes caracteres de uso pelo território, disseminados pela malha local, se consolidando, lentamente, com zoneamentos mais especializados em cada tipo de música ou ação cultural.

Próximo ao Largo Zumbi dos Palmares (hoje mais conhecido como “Largo da EPATUR”), concentraram-se bares de música nativista. O Pulperia no lugar do atual Jeckyll, à Travessa do Carmo, e o Estância de São Pedro à Rua João Alfredo quase esquina com a Rua da República, consolidavam o espaço tradicionalista. Na Rua Lima e Silva, às proximidades da Primeira Perimetral, os bares-lancheria Cavanha’s, Copão e Bar e Lancheria Apollo faziam um reduto de locais para lanches associado a lazer, compartilhado por pessoas de várias gerações. Às proximidades do supermercado Zaffari, na esquina das Ruas Joaquim Nabuco

ano 210. **Folha da Tarde**. 2 de abril de 1982.

³²⁶ Trecho por Frank Jorge, 40a., em entrevista individual em 20.12.06.

com José do Patrocínio, o Big Som e a primeira casa do Opinião faziam um circuito de rock. Inicia-se uma consolidação de cafés pela Rua da República, em suas largas calçadas (arborizadas na reforma da rua para o recebimento de Dom Pedro II, em sua visita ao Brasil, em 1845, que implicara aumento de algumas residências para sobrados, com anexações de balcões no segundo pavimento, construção de platibandas, colocação de adereços estilísticos e repintura das casas e meios-fios), que usufruem desta morfologia para ocupação dos passeios públicos com mesas e cadeiras sob seus jacarandás.

Assim, se consolida, às voltas do Doce Vida e Marcelina, também o Gota d'Água, substituído pelo Bar do Marinho, a Padaria da República e o Fofa (1982).

Na Rua Sarmiento Leite, surgem o novo Bar do Beto (II) e o Zelig (1985/6), às proximidades da CEUPA. À esquina desta com a Rua José do Patrocínio, instala-se o bar do Libanês (mais conhecido por bar do Francês, posteriormente transformado em John's Bar – um reduto de cabeludos que foi fechado numa batida policial, por ser ponto de venda de drogas³²⁷). O bar era mantido fechado, por isso os frequentadores precisavam bater à porta para que o proprietário selecionasse quem poderia ou não entrar. O lugar era conhecido pelo capricho e delícia da cozinha especializada em comida árabe³²⁸.

À projeção da Rua Sarmiento Leite, com a qual a referida edificação faz esquina, a Padaria Suíça foi eficientemente instalada, na rota de deslocamento entre as Casas de Estudante, aproveitando o trânsito natural de pedestres no local.

Em direção ao centro, pela Avenida José do Patrocínio, segue-se a Sorveteria Jóia, à esquina com a Rua da República e, na esquina ao lado, o Makumba (substituído pelo primeiro Água na Boca), com repertório MPB, que fazia uma rota com o Maria Fumaça e o João de Barro, instalado à José do Patrocínio, esquina com a Rua Lopo Gonçalves – esquina na qual teria vivido Adriana Calcanhoto³²⁹.

Contornando os limites espaciais do bairro, à margem deste, pela Avenida João Pessoa, Venâncio Aires e Aureliano Figueiredo Pinto, bares para um público mais velho: Casa de Portugal, Pedrini, Clube da Saudade, Spina, Restaurante Galo e Copacabana. Lindieras ao Cine ABC, uma sequência de boates gays, como Ego Sun (migrada da Avenida Independência e, posteriormente, da Rua Santo Antônio), Indiscretus e W Bar (ou W Boate).

Próximo desta esquina, à Rua José do Patrocínio, o Chão de Estrelas - da boêmia de Lupicínio -, posteriormente seguidos por Anos Dourados (próximo à Igreja Sagrada Família)

³²⁷ Trecho por Tagore Rodrigues, 53a., em entrevista individual em 16.03.07.

³²⁸ Ibid., loc. cit.

³²⁹ Trecho por Álvaro Santi, 42a., em entrevista individual em 19.01.2007.

e Sandália de Prata (possivelmente, também, o Clube Carinhoso) de danças de Salão³³⁰.

Próximo deste local, onde era tocado e dançado o samba, havia o Bar do Títi³³¹, um negro grande e forte que fervia ininterruptamente uma sopa de batata, servida para a recuperação de alguns frequentadores. Era “fim de noite” no outro extremo do bairro, equivalendo à função do Van Gogh, à esquina da Rua da República com a Avenida João Pessoa, frequentado até hoje e famoso pela sua sopa na madrugada.

Teatro de Câmara e Teatro do Terreira da Tribo faziam uma parceria na potencialização da frequência do teatro, ainda que tenham perfis diferentes. O Teatro de Câmara se presta ao atendimento de público em seus espaços interiores, coberto e fechado. Já o Terreira da Tribo é teatro popular, sem espaços físicos específicos, com participação e interação do público, frequentemente realizado no espaço urbano. Dispunha de seu próprio território, no qual eram exercidos os ensaios e treinamentos de sua equipe, constantemente em ampliação. Era também território da comunidade local – os atores viviam no espaço do teatro.

A Cidade Baixa tornara-se uma grande arena cultural, dispondo de espaços para variadas formas de manifestações artísticas e de qualidade. Os anos 80, motivados pela repressão, qualificados pela competência dos artistas, formou diversos grupos musicais de renome, em todas as áreas já citadas, do nativismo ao MPB, como Kleiton e Kledir (que já alcançavam seu auge no Bom Fim, faziam a inauguração do Bar Maria Fumaça, na Cidade Baixa; Engenheiros do Havaí – iniciado nos shows promovidos pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS; Nenhum de Nós, lançado numa programação do Escaler Voador, promovido pelo Bar Escaler, do Bom Fim, incluindo grupo Terreira da Tribo, com várias performances, inclusive no pátio da Universidade, destacando-se, inclusive em nível nacional, além do primeiro show do Tangos e Tragédias, feito no Espaço do IAB.

Este uso cultural local foi potencializado pela proximidade da Universidade que, politizada, apoiava a liberdade de expressão conquistada com as liberdades democráticas e com a frequência de seus estudantes, que moravam, trabalhavam ou estudavam às suas proximidades. As Casas do Estudante Universitário de Porto Alegre (CEUPA) I, III e IV, além da CEUACA (Rua Riachuelo) e CEUFRGS (Avenida João Pessoa) também dispunham de público para estas atividades. Trajetos juvenis pela Avenida Borges de Medeiros e Ruas André da Rocha, Sarmiento Leite e República mantinham entradas à Cidade Baixa.

A esta época, a Sala 1 Cinema Vogue já estava fechada e seu público se dividia entre os ciclos no Bristol e no ABC. Portanto, conexões entre as áreas do Bom Fim e da Cidade

³³⁰ Provavelmente instaladas à esquina diagonal da posição do Opinião.

³³¹ Ou Tídi ou Tíde – Bar Luanda.

Baixa se davam mais fortemente pela Rua José Bonifácio e Avenida Venâncio Aires – ligações conectoras entre os bairros, divididos pelo Parque.

Conforme Elton Campanaro, morador da Cidade Baixa, na época:

Na verdade na minha época o perfil de bares era o Bom Fim, mas não era aqui, então eu saía praticamente da Cidade Baixa e ia para o Bom Fim naquela época.[...]
 Na verdade eu não frequentava bar aqui [...]
 Eu ia pela Venâncio Aires, eu saía daqui, pegava a Aureliano Figueiredo Pinto, depois entrava na Venâncio, e aí até lá o Pronto Socorro e do Pronto Socorro eu entrava na Osvaldo Aranha e depois ia ali, tinha bares, tinha os bares ali naquela época, ou era na Fernandes Vieira, ou então lá na parte do Ocidente, na João Teles. Era naquele pedaço ali que tinha os bares do Bom Fim³³².

Neste momento, os altos da Cristóvão Colombo e o Bom Fim dividiam mais público afim, devido ao caráter mais contestatário, subversivo e de ocupação de grupos do que na relação Bom Fim e Cidade Baixa. A conexão entre os dois últimos se dava pela questão cultural, no início deste período, mas que foi perdendo força no primeiro e se fortalecendo no segundo.

Os espaços que ofertavam este tipo de programação no Bom Fim, como o Ocidente, era local de semelhança entre os públicos dos dois bairros, como já citado por Frank Jorge (notas 107 e 128). Semelhante a este, o Clube de Cultura, junto à rota de conexão destes dois espaços, pelo caminho feito ladeando o Parque, reforçava esta conexão cultural ao final do bordo de bares do Bom Fim. A “costura” com o território da Cidade Baixa se dava às proximidades dos já extintos Cinemas Rio Branco e Atlas, coincidentemente em território que já havia tido um caráter cultural.

No Bom Fim, a programação cultural do Ocidente, Bristol, Clube de Cultura e os shows no Escaler (até a montagem do Escaler Voador) e no Auditório Araújo Viana, mantinham o perfil cultural construído à Cidade Baixa e faziam a conexão entre estes espaços através de seu público. Desta programação, citam-se, no Ocidente, os shows musicais (visto que o teatro não vingara na intensidade desejada); no Bristol, a programação de cinema de arte nos ciclos, as sessões promovidas pelos grupos teatrais, com filmes especiais, importados, e os eventuais ensaios das peças destes grupos, ali apresentadas; no Clube de Cultura, a vasta programação de artes; e no Escaler, shows de música. Nos demais espaços, ocupação territorial contestatória de autoafirmação de grupos e culturas ou ideologias específicas.

À Cidade Baixa, um pouco de tudo, somado também a lugares de ocupação de grupos. O que o Bom Fim tinha de subversão, a Cidade Baixa tinha de cultural. Nela, espaços “malditos” também foram identificados, como o ponto de venda de drogas que se dava à base

³³² Trecho por Elton Campanaro, 46a., em entrevista individual em 02.04.2007.

do bar Makumba ou Água na Boca, e no lugar do Bar Adriano – locais que se equivaliam ao espaço do Bar Bocaccio³³³ - na base do Edifício do Ocidente (onde atualmente se encontra o Sebo Traça) - onde também teria funcionado um ponto de venda de drogas – no qual o pessoal vendia, comprava e consumia, “abrindo carreirinhas sobre o tampo da mesa do bar”. Local este que compartilhava o público com os frequentadores do Fumódromo, e que, após o consumo, se espalhavam pelos bares da região, concentrando-se, principalmente, às portas dos bares Lola, João e Lancheria do Parque, talvez pelos baixos preços das bebidas neles vendidas, e/ou pela atração à concentração de público no local.

O período se encerra marcado pelo final da Ditadura, pelo fechamento do Auditório Araújo Viana e pela ampliação do número de espaços de lazer noturno, em suas variadas formas de sociabilização e consumo.

Figura 43 - Auditório Araújo Viana.



Fonte: Acervo do Museu da UFRGS.

O capítulo encerra após a apresentação das conexões de atuação militante entre Bom Fim e Cidade Baixa, à época da Ditadura, e do desenvolvimento do *point* da Esquina Maldita até seu findar, com a migração do seu público a outra região do Bom Fim e à Cidade Baixa.

O capítulo também apresenta as particularidades de cada sítio nos seus espaços de atuação e as diferentes ações sociais desenvolvidas em cada um deles, além das conexões com outras regiões próximas que começavam a crescer no uso noturno.

³³³ “[...] tinha um bar embaixo (do Ocidente), um bar onde é essa livraria de hoje, tinha um bar chamado Bocaccio.[...] que é uma livraria hoje, que era um bar muito apertadinho, assim, que passava repetidamente vídeos, poucos vídeos, assim, de shows, passava muito um vídeo dos Stones [...] esse era um bar que tinha também, era o Bocaccio, né, ele era tipo que um morredouro, quando se tira, um bar que se ia quando já estavam fechando os outros e aquele estava aberto ainda...” (informação verbal). Trecho por Frank Jorge, 40a., em entrevista individual em 20.12.06.

4. SEGUNDA FASE DO MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE USO NOTURNO: MOBILIZAÇÃO CULTURAL

O presente capítulo trata do panorama citadino no período democrático, com parcial extinção do controle pela polícia aos jovens, mantido apenas na vigilância por ações de consumo e venda de drogas. O sentimento em relação ao espaço é modificado e a juventude liberta-se nesse espaço, cometendo alguns excessos, provavelmente nos ajustes às posturas, antes muito contidas devido à supervisão policial. Neste período, há outra migração de público do Bom Fim à Cidade Baixa, agora motivada pelo início do fechamento dos bares no primeiro espaço, pela violência, medo e perigo instaurados no local, o que acabou afastando seus frequentadores. A esta desvalorização local soma-se o início do desenvolvimento mais efetivo do espaço da Cidade Baixa, motivado pela criação do Centro Cultural Nova Olaria, que resgata formas de relação social com o espaço, no uso de cinemas de calçada, no resgate de formas de apresentação, consumo das dinâmicas e produtos de bares e na vivência de novos espaços culturais e alternativos aos moldes dos existentes no período anterior, que resgatam a história e memórias locais.

4.1 1985-1995: PERÍODO DE TRANSIÇÃO E DE RETOMADA DO ESPAÇO PÚBLICO

O fim da Ditadura abre espaço a um Governo Democrático e à retomada de autonomia pelos indivíduos, com esfriamento dos ânimos, encerrando a militância estudantil (já sem sentido) e acalmando os espíritos juvenis que se flamaram pela causa.

Os anos 90 iniciaram com o Brasil tendo o primeiro presidente da República eleito diretamente depois de 1964 e com as consequências dos novos acontecimentos mundiais: queda do Muro de Berlim e o fim do comunismo na Rússia. Vivia-se a “vitória” do capitalismo³³⁴.

O novo regime libera as ações sociais aos direitos civis, com a possibilidade de livre expressão e de viver os espaços públicos. Apesar da troca de regime, ainda persistia um sutil controle, baseado no “combate” ao tráfico e consumo de drogas, disseminadas entre os grupos juvenis e consumidas, à época, sob um discurso de libertação, contestação ou mesmo de fuga aos problemas enfrentados - atitude referenciada, por alguns autores, como uma “cultura jovem” daquele momento³³⁵. O fantasma da Ditadura perpetuava-se não somente no controle

³³⁴ CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001. p. 161.

³³⁵ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre**. Porto Alegre: Letra &

de algumas ações no espaço público, como também nas ações culturais. Estas, antes calcadas sobre a luta pelas liberdades democráticas, pela anistia e demais liberdades (sexual, de comportamento) transformam-se numa luta por ideais culturais.

Neste momento, o sexo e a droga foram transformados de instrumentos de libertação em formas de dominação³³⁶. Conquistas foram feitas nos campos das lutas iniciadas com as mudanças comportamentais oriundas de muitos questionamentos aflorados à época da Ditadura. A educação sexual nas escolas era uma discussão nacional: pais procuravam orientação, escolas buscavam se adaptar aos novos tempos e o que deveria ser dito era questão de aflição aos envolvidos, pois o tema até então era tabu em grande parte das famílias. A liberdade conquistada com o uso da pílula e dos demais anticoncepcionais era debatida com frequência em revistas e jornais³³⁷. O acesso às informações até então proibidas ou omitidas, ignoradas num silêncio oportuno à falta de manejo para tratar do tema, galgavam fácil acesso a seus destinatários. Conforme Ventura:

Um passeio pelas livrarias do país em 1968, tal como fizera Caetano pelas bancas de revistas em Alegria, Alegria, reforça a impressão de que a nossa revolução sexual não começou na cama, mas nas prateleiras; pela teoria, antes da prática. Em cada três livros, garantia uma pesquisa, pelo menos um tratava de questões sexuais³³⁸.

É uma época de libertação corporal, cultural e dos fazeres³³⁹, e a juventude já encontra espaços propícios a estas práticas. Os fazeres, conforme De Certeau, entendidos como a medida da realidade, pela sociedade, a partir de sua capacidade de mostrar ou de se mostrar, numa epopeia do olho e da pulsão de ler³⁴⁰, são as práticas de vivência social do espaço, como maneiras de frequentar um lugar, reintroduzindo uma mobilidade plural de interesses e prazeres³⁴¹.

A “experimentação revolucionária” oportunizou o conhecimento e a aceitação de uma “beleza que passa primeiro pelo feio”, implicando valorização estética e incorporação do *kitsch*. Este comportamento ajudava a manter as ações de sustentabilidade tanto no vestuário quanto no mobiliário desejado e usufruído pelos jovens: a busca de roupas e móveis antigos, usados ou reciclados, em brechós, garantia além de uma estética “revolucionária” e contestatória, na oposição ao capitalismo e consumo exagerados, já comentados, também de uma atitude ecológica pró meio-ambiente, tema *in voga* no período, com movimentações de

Vida: Editora da Cidade, 2012.

³³⁶ VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 31.

³³⁷ Ibid., pp. 31-32.

³³⁸ Ibid., p.33.

³³⁹ DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

³⁴⁰ Ibid., p. 47.

³⁴¹ Ibid., p. 49.

bastante adesão jovem, como as promovidas pelo Green Peace.

Conforme Will Straw, nos anos 90, teria se criado um conceito de “cena musical”³⁴² como alternativa ao consumo musical a partir de “subculturas”, que é “um espaço cultural no qual um leque de práticas musicais coexistem, interagem uma com as outras dentro de uma variedade de processos de diferenciação, de acordo com uma ampla variedade de trajetórias e interinfluências”³⁴³. A “cena musical” não indicaria uma cultura de oposição “ao sistema” e não emergiria, necessariamente, de um grupo ou classe particular³⁴⁴. Estes espaços mais “abertos” às novas práticas sociais começariam a ser implantados na cidade após o término da Ditadura.

Pelos arredores da Rua Cristóvão Colombo, espaços de uso noturno transformam-se em lugares *undergrounds*. O Bambus, à esquina da Avenida Independência com a Rua Barros Cassal, assim como o Beco, à Avenida Independência e o Elo Perdido, à Rua Garibaldi, transformam a paisagem dos “altos” da Independência em “espaços malditos”³⁴⁵ - espaços que, na cartografia oficial da cidade, fazem parte do bairro Independência, mas pelos seus frequentadores são descritos como ‘pertencentes’ ao Bairro Bom Fim. Esta é uma característica comum na cidade de Porto Alegre, pelo fato de bairros vizinhos trazerem cargas identitárias muito semelhantes³⁴⁶.

³⁴² STRAW, Will. **Systems of Articulation, logics of changes: communities and scenes in popular music**. *Cultural Studies*, 5, 3, 1991, p. 368-388, citado por NAPOLITANO, Marcos. **História & Música** – história cultural da música popular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 30.

³⁴³ NEGUS, Keith. **Popular Music in Theory**. An Introduction. Cambridge: Polity Press, 1999. p. 22, citado por NAPOLITANO, op. cit., loc. cit.

³⁴⁴ *Ibid.*, loc. cit.

³⁴⁵ PESAVENTO, Sandra. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). **Revista Brasileira de História**. 1999. São Paulo, v.19, n° 37, p-195-216.

³⁴⁶ HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. **À moda da casa: éticas e estéticas da cultura jovem no cenário contemporâneo do bairro Bom Fim**. 2011. Monografia (Especialização em Pedagogia da Arte). Programa de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte. Porto Alegre, 2011. p.11.

Figura 44 - Delimitação dos bairros Cidade Baixa e lindeiros.



Fonte: Trabalho do autor sobre mapa disponível em: [http://maps.google.com/?q=Porto+Alegre e,+Brazil&ie=UTF8&ll=-30.037223,-51.207533&spn=0.029424,0.086002&z=14&om=1](http://maps.google.com/?q=Porto+Alegre,+Brazil&ie=UTF8&ll=-30.037223,-51.207533&spn=0.029424,0.086002&z=14&om=1).

A boate Gay Ego Sun (local onde posteriormente se instalou o Motel Santo Antônio), com a Boate Number One, no Centro, na lateral da Elevada da Conceição, fazem parte do mesmo território e disseminavam uma imagem “maldita” por se tratarem de espaços gays, ainda que, nos anos 70, tivesse sido moda frequentar boates GLS³⁴⁷.

Esta extensão do nome e identificação de um bairro aos demais, vizinhos, ocorre devido às semelhanças que existem ou que se cultivam, entre os que circulam pelo bairro e que são responsáveis por “pulverizar” as marcas identitárias para os espaços mais próximos, fazendo deles uma extensão do bairro identificado³⁴⁸. Esta fusão na aparência, paisagem e ambiência urbana se dão por comportamento, tipo social, sentimento de pertencimento e identidade.

Restaurantes como Valter, Alfredo (então já criado), Renânia e Lugar Comum são espaços referenciados como lugares de refeições, sendo o último com caráter artístico, de restaurante-galeria de arte, aos moldes dos cafés que começavam a surgir na Cidade Baixa. Sobre o Lugar Comum, Nei Lisboa detalha:

O Lugar Comum foi um restaurante na Santo Antônio, mas passando a Independência, que também teve shows [...] e uma cozinha maravilhosa. [...] O Lugar comum é a cozinha brasileira. Pratos da cozinha mineira, carioca, baiana...

³⁴⁷ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre**. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. GLS é sigla de gays, lésbicas e simpatizantes.

³⁴⁸ HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. **A moda da casa: éticas e estéticas da cultura jovem no cenário contemporâneo do bairro Bom Fim**. 2011. Monografia (Especialização em Pedagogia da Arte). Programa de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte. Porto Alegre, 2011. p.18.

Moqueca, Feijoada, [...] frango à mineira.³⁴⁹

Conforme Paulo Reyes:

Todo mundo amava [...] Era o nosso restaurante na época. [...] E era o restaurante, assim, porque tu podia ir, que era mais barato, era tipo o que é o Bar do Beto hoje, assim, acho, que em proporção de valor [...]. Então era um bar barato, em que tu comia bem, mas que dava pra estudante, assim, né [...]. Lugar Comum, do IAB, que eram os bares que eram superimportantes de uma geração, assim. [...] uma geração inteira comia lá.³⁵⁰

Compartilhando deste público estão, também, os espaços mais sofisticados, procurados em ocasiões especiais onde se investia mais, como o Restaurante Pampulha (ao lado do RU, no Centro) e o Restaurante Pedrini (na Cidade Baixa). Como a maioria dos bares servia refeições, as práticas destes ambientes se confundiam.

No Centro, os espaços do Mercado Público ainda permanecem, mas a boêmia de Lupicínio iniciou sua extinção, após sua morte, em 1974. Seus seguidores mantiveram a melodia dos choros e serestas na noite, mas foram abandonando-a lentamente. Neste período, se encerram os espaços dos velhos músicos.

Odeon, Pica-Pau e Bon Ami permanecem abertos. O Pub Public House é substituído pelo segundo Água na Boca, que mais adiante fecha no mesmo período do Arquipélago. O Espaço IAB é substituído pelo Bar Encontro (APÊNDICES C e T)³⁵¹.

À Independência, alguns bares são abertos, como Bere & Ballare, Istambul, Villa Bar e Bistrô Pigalle (APÊNDICE H). Às proximidades da Avenida Cristóvão Colombo, abre o Líder (1º), Bambu's, Lugar Comum, Amarelinho, Ego Sun (1º), A Varanda (ou Varandão), Valter, Renânia, Alfredo e Líder (2º) (APÊNDICE G).

Figuras 45 e 46 - Interiores do Bere & Ballare. RUSSI, Dirceu. Bere & Ballare.



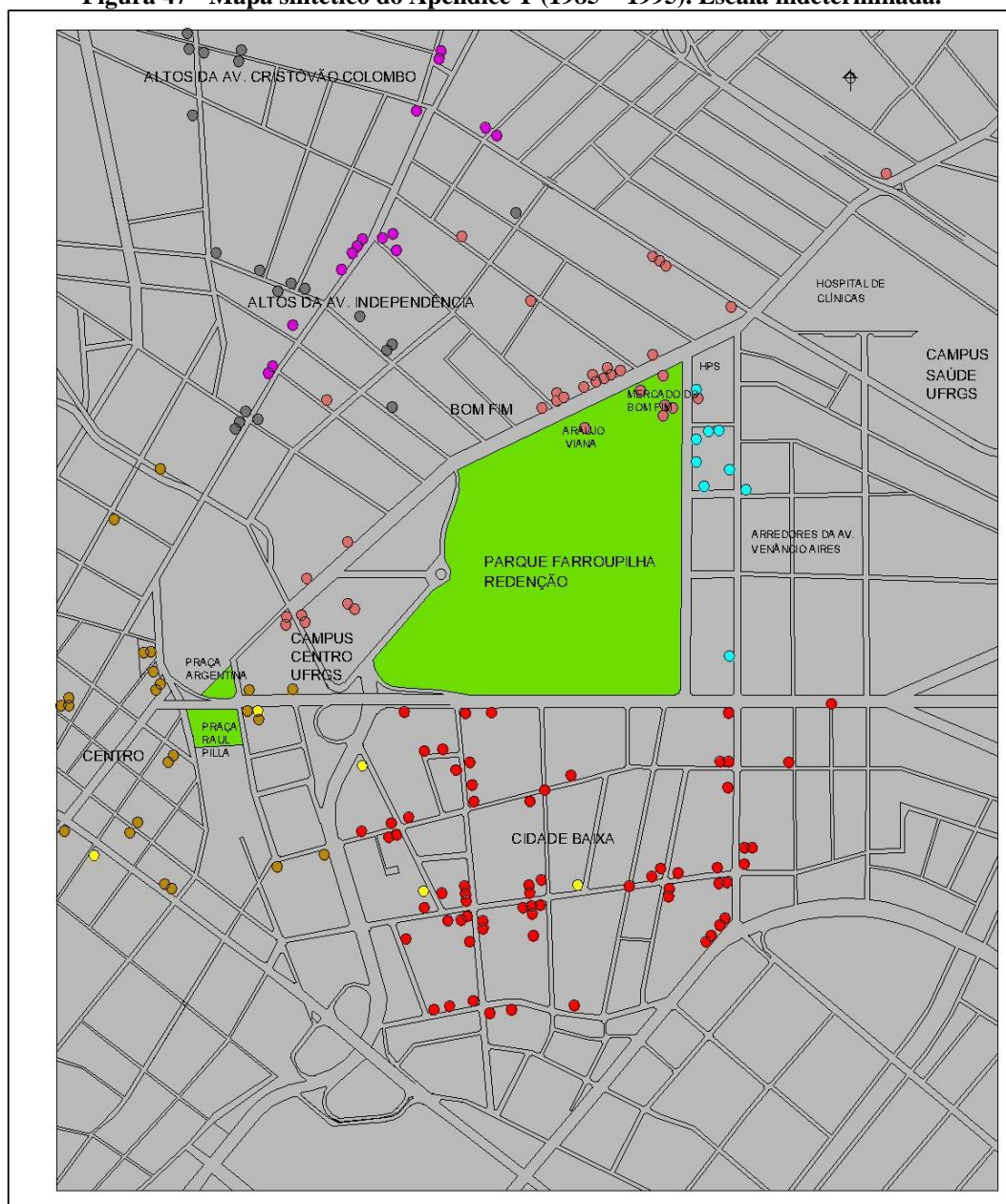
Fonte: <http://www.dirceurussi.com/espacoIAB.html>, em 07.06 às 17:14

³⁴⁹ Trecho por Nei Lisboa, 48a., em entrevista individual, em 13.02.07.

³⁵⁰ Trecho por Paulo Reyes, 44a., em entrevista individual, em 09.04.07.

³⁵¹ Acessar o Apêndice T junto às demais indicações de vistas aos apêndices que tratam dos espaços de lazer noturno.

Figura 47 - Mapa sintético do Apêndice T (1985 – 1995). Escala indeterminada.



LEGENDA

- CENTRO
- BOM FIM
- CIDADE BAIXA
- ARREDORES AVENIDA VENÂNCIO AIRES
- ARREDORES AVENIDA CRISTÓVÃO COLOMBO
- ARREDORES AVENIDA INDEPENDÊNCIA
- CASAS DE ESTUDANTE

Fonte: a autora.

Entretanto, a maioria dos espaços é fechada. A causa não foi descoberta, mas supõe-se que a concentração de bares no Bom Fim e Cidade Baixa tenha se dado, em parte, pela facilidade de acesso a estes espaços, muito próximos ao Centro, à Universidade e ao Parque Farroupilha; pelas programações culturais e pelo grande movimento de pessoas, possível neste espaço pelas características morfológicas do sítio, detalhadas na sequência. Conforme

estudos de comportamento ambiental e oportunidades do ambiente, as atividades são atrações espaciais: pessoas e atividades humanas atraem outras pessoas. “As pessoas vão onde outras pessoas estão”. Conforme Holston:

Os brasileiros têm a expectativa de vivenciar o dia-a-dia das aglomerações nas ruas porque preveem a existência de maior população nas cidades do que no campo, mas também, e mais ainda, porque esperam encontrar ruas em uma cidade e porque a rua é o lugar costumeiro do “movimento” – da exposição pública e das transações entre as pessoas³⁵².

Este lugar, promovido pelas atividades humanas e configurações físicas providas de qualidades, também é lugar das intenções e experiências humanas que as povoam, e que acabam promovendo a consolidação de sentimentos de pertença e de identidade, individual e de grupos. O sentimento de pertencimento surge da frequência do lugar, na prática de sociabilidade, onde ocorre, também, a instauração da familiaridade, pela frequência com que as pessoas se encontram e se tornam “conhecidas”³⁵³. Conforme Bauman, “Não se pensa em identidade quando o “pertencimento” vem naturalmente, quando é algo pelo qual não se precisa lutar, ganhar, reivindicar e defender; quando se “pertence” seguindo apenas os movimentos que parecem óbvios simplesmente pela ausência de competidores”³⁵⁴. Essa pertença só é possível num mundo localmente confinado: somente quando as “totalidades” a que se pertence forem definidas pela capacidade da “massa cinzenta”.

A pertença, contudo, não é viável se a totalidade transcender esta capacidade - quando ela se torna, por esse motivo, uma comunidade abstrata, “imaginada”. Alguém pertence a um congregado de pessoas igual ou menor que a rede de interações pessoais, vinculadas na rotina cotidiana ou no ciclo de encontros; é preciso identificar-se com a totalidade “imaginada” – o que exige um esforço maior do que as atividades cotidianas³⁵⁵.

A identidade pessoal confere significado ao “eu” do sujeito. A identidade social garante esse significado e, além disso, permite que se fale de um conjunto maior – o “nós” - em que o “eu” possa se abrigar e “descansar em segurança”³⁵⁶. Esta é obtida quando se confia que “nós” temos o poder da aceitação e a força para proteger aqueles que já foram aceitos³⁵⁷.

A abundância dos compromissos oferecidos, mas principalmente a fragilidade de cada um deles, não inspira confiança em investimentos de longo prazo no nível das relações

³⁵² HOLSTON, James. **A Cidade Modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 114.

³⁵³ GEHL, J. **Life Between Buildings** – Using Public Spaces. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.

³⁵⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. p. 44.

³⁵⁵ Ibid., loc. cit.

³⁵⁶ Ibid., p. 46.

³⁵⁷ Ibid., loc. cit.

peçoais ou íntimas³⁵⁸. Grupos de conhecidos ou frequentadores de bares funcionavam como “comunidades guarda-roupa” – invocadas a existirem, ainda que apenas na aparência, por perdurarem os problemas individuais, como fazem os frequentadores de teatros, numa sala: são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação à “coisa genuína” são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nelas e (embora por breve tempo) aproveitá-las³⁵⁹. Para alguns, era uma vantagem. Para outros, uma grande perda de oportunidades. Entrevistados reclamavam sobre a fragilidade destas relações estabelecidas, profundamente em pouco tempo, fugazes, intensas:

É. É, e os relacionamentos da noite também sempre foram muito voláteis. [...] Quando tu encontrava, tu encontrava, sabe, não tinha aquela coisa de ligar, de “e aí como é que tu vai, tudo bem, vamos sair hoje?”, não existia isso, eram relacionamentos para, que tu existia quando tu estava, quando tu não estava, tu não existia assim, eram relacionamentos, assim, óh... Não vou dizer superficiais, não eram superficiais... [...] Eles eram superficiais por profundidade, como diria Nietzsche, superficiais por profundidade, sabe, não se criavam raízes, mas eles eram... [...]. Intensos, enquanto duravam. Sabe eram confidências. Bah olha, o que se ouvia de confidências, de histórias inacreditáveis, assim, na intensidade de uma noite, na noite seguinte a lei do silêncio sempre reinou, aliás dizem que o pior amigo é o amigo com memória, aquele que fica lembrando com uma crueldade danada a noite anterior, esse é o pior amigo que alguém pode ter. Mas a intensidade durava uma noite, né, e se fazia amizade, mas não tinha vínculo, não tinha vínculo, na outra noite, era outro círculo de amigos, era outras, outras histórias, se vivia muito, mas se aproveitava pouco[...] Quantas pessoas maravilhosas eu conheci e que hoje não tenho o telefone, o endereço, não vejo mais, não sei o que aconteceu, sabe, não se desenvolvia a amizade. Então, tu sabia tudo da vida da pessoa e não sabia o nome. Sabe, é...

A oportunização de encontros nos espaços é decorrente de características espaciais (morfológicas) que, quando existentes, possibilitam-nos e interferem até na mudança do nível de intensidade de contato. Estas são diferenciadas entre as regiões que se desenvolveram à borda de uma avenida, limitada por barreiras edilícias, como no caso das Avenidas Independência e Cristóvão Colombo, das situações existentes no Bom Fim e na Cidade Baixa.

A Independência, apesar de grande via da cidade, não dispõe de calçadas tão largas, nem de espaços para “ampliações” das ocupações de passeios, como se dava na Avenida Osvaldo Aranha, onde havia a invasão dos canteiros centrais e da calçada oposta, nos bares ou nas áreas verdes do parque. Tampouco havia espaço para ocupações que se caracterizavam pelos usos de mesas nas calçadas, proporcionando ocupação dos espaços com outro comportamento: sentados às mesas, como se dava na Cidade Baixa.

³⁵⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. p. 36.

³⁵⁹ Ibid., p. 37

No Bom Fim, apesar do desenvolvimento espacial ao longo de um eixo - a Avenida Osvaldo Aranha - houve avanço em profundidade no bairro. Na Cidade Baixa, a abertura de espaços de lazer se deu pelo território todo, tanto por seu caráter residencial, quanto pela profundidade de território disponível, com relativa segurança – devido a seu caráter residencial. O incentivo ao desenvolvimento de usos de espaços de lazer, além das motivações humanas neste lugar, deu-se pelos acessos escolhidos às trajetórias de deslocamento entre Bom Fim e Cidade Baixa, com entradas “em profundidade” a partir das vias de maior movimento (Avenidas João Pessoa, Loureiro da Silva e Venâncio Aires).

A morfologia de cada sítio se consolidava de forma diferenciada, diferente do Bom Fim e das Avenidas Independência e Cristóvão Colombo, que funcionavam ao longo de uma via, assim como da Cidade Baixa e do Centro, que atuavam de forma disseminada e espalhada pelos seus territórios. Os primeiros apresentam mais semelhanças e os últimos diferenciavam-se pela ocupação do centro ser mais limitada em função do trânsito intenso de pessoas e tráfego de veículos, atraídos pelo grande potencial comercial local, enquanto que a Cidade Baixa, sendo um bairro predominantemente residencial, prestava-se às ocupações de longa permanência, sendo mais apropriada a este uso no quesito de qualidade do espaço e ambiência para a instalação de locais noturnos.

Neste período, com a criação de novos espaços aos arredores da Avenida Independência logo às proximidades da Cristóvão Colombo e do fechamento de grande parte dos seus demais espaços, os deslocamentos juvenis, a partir do Bom Fim, permaneceram se dando pelas Ruas Barros Cassal, Garibaldi e Santo Antônio.

Do Bom Fim à Cidade Baixa, os circuitos eram feitos pelo meio do parque, que, à época, não era tão perigoso e permitia algumas investidas pelo seu interior, mesmo à madrugada, ou pelas Rua José Bonifácio e Avenida Venâncio Aires.

Do Centro, das Casas de Estudantes, à Cidade Baixa, eram executados pela Rua Duque de Caxias ou Riachuelo e Avenida João Pessoa; ou Rua Fernando Machado e Rua Lima e Silva; ou Rua Demétrio Ribeiro e Rua José do Patrocínio; ou direto à João Alfredo.

Do Campus Saúde da UFRGS à Cidade Baixa, as rotas se davam pela Rua Ramiro Barcelos, Jerônimo de Ornelas e Avenida João pessoa, adentrando pelas proximidades da rota que se fazia do Bom Fim, pela Avenida Venâncio Aires, podendo bifurcar-se em caminhos pela Avenida João Pessoa e transversais ou Venâncio Aires e transversais.

Neste momento, o desenvolvimento territorial do espaço ainda se dava às proximidades dos espaços existentes no momento anterior, como bares, padarias e casas de estudantes, ao longo de vias principais do bairro, como Ruas Sarmiento Leite, República,

Lima e Silva e José do Patrocínio.

As ações sociais no espaço público começam a apresentar práticas de caráter mais íntimo. As naturezas dos espaços públicos e privados se fundem na liberdade da utilização dos mesmos, oportunizando modos de vestir, agir e se expressar que imprimem ao espaço características únicas. Influenciados por movimentos como o *Hippie* (1960), *Disco Music* (1970) e *Punk* (1976/77)³⁶⁰, o Bom Fim soma-se a uma “fauna”, onde diversos microgrupos e tribos urbanas³⁶¹ dividem o espaço. Além destes, metaleiros, *hare krishnas*, *yuppies*, *new waves*³⁶², *darks*³⁶³, *skins* (skinheads), *hip-hops*³⁶⁴, dentre outros “tipos” sociais, ganham espaço no Bom Fim – grupos que conformam as sociedades contemporâneas, nas quais jovens se deslocam em bandos pelo espaço urbano em busca de diversão e prazer, como no processo de *neotribalização* da sociedade, trabalhado por Maffesoli³⁶⁵. Conforme Lídice Araújo:

[...] a importância conferida pelos jovens à busca de prazer, diversão, e novas formas de nos quais possam ancorar suas identidades, construir suas redes de solidariedades e saciar suas necessidades de pertencimento a um espaço, podendo expressar e recuperar memórias, afetos e ritualidades simbólicas³⁶⁶.

Maffesoli sugere que a busca por pertencimento, pela autoafirmação e pelo afeto comunitário assinala a tribalização das sociedades contemporâneas. As transformações nas relações sociais impostas pela globalização desestabilizaram antigas formas de identidade e cultura, ocasionando a ruptura dos laços sociais. Em consequência disso, criaram-se microgrupos (as tribos), que abriram espaço para comportamentos expressivos e auto afirmativos³⁶⁷. Esta tribalização juvenil ocorre como uma reação ao isolamento hiperindividualista imposto pelas sociedades urbanas contemporâneas, onde a hipermodernidade proporciona e condena seus indivíduos a uma vivência em busca de individualidade. Consolidam-se sobre fortes vínculos afetivos e uma identidade baseada no resgate de valores culturais específicos.

Magnani já trata o termo como associação à imagem de “selvagem”, nos quais os

³⁶⁰ BRANDÃO, Antonio C., DUARTE, Milton F. **Movimentos Culturais de juventude**. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1990. 120p.

³⁶¹ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

³⁶² ÁVILA, Alisson e MICHELIN, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso - Cultura em Revista**. Ano 3. nº 20, 2000. p. 17.

³⁶³ WAGNER, Magda. Centro irradiador da cultura... e do spray. **Correio do Povo**. Geral. Os bairros e seus problemas/Bom Fim. Sábado, 11 de abril de 1987. p. 15.

³⁶⁴ SILVA, Juremir Machado da. **A noite dos cabarés: histórias do cotidiano de uma cidade grande**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p. 81.

³⁶⁵ MAFFESOLI, op. cit., citado por ARAÚJO, Lídice M.S. Música, sociabilidades e identidades juvenis: o Manguêbit no Recife (PE). In: PAIS, José Machado. BLASS, Leila M. S. (coord.) **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 104.

³⁶⁶ Ibid., loc. cit.

³⁶⁷ Ibid., loc. cit.

membros dos grupos opõem-se ao que é considerado “normal”: usam tatuagens e *piercings*, fazem diferentes cortes de cabelos e investem nos modelos e cores das roupas, além dos acessórios. Têm comportamentos agressivos e contestatórios e geralmente estão envolvidos em algum evento de transgressão e violência, como pichações, brigas, etc³⁶⁸.

Devido a algumas atitudes mais inovadoras e agressivas nele exercidas, lhe é atribuída uma imagem *underground*, de perigo, exotismo, sedução. Estas características do espaço social exercido, em sua territorialidade, consagra a imagem mental local, diferenciando-o do restante da cidade. Há lutas por demarcação territorial e reforço de identidade – esta, constituída por um microgrupo urbano, passa pela escolha de um espaço onde serão sedimentadas as experiências cotidianas – que não são mais do que ações de territorialização - na apropriação e controle espacial.

Espaços escolhidos e desfrutados por um grupo que lhe impõe uma imagem e o sentimento de propriedade, que não deve ser infringido. Esta separação territorial e funcional é compreendida tanto pelos que estão “fora” quanto pelos que estão “dentro”. “Pessoas que precisam atravessar um território onde estão fadadas a causar ou encontrar problemas hermenêuticos procuram enclaves marcados para uso dos visitantes e os serviços de mediadores[...]”, se houver³⁶⁹.

A separação territorial e funcional é um reflexo dos problemas hermenêuticos existentes; mas é também um fator poderosíssimo para perpetuá-los e reproduzi-los. Enquanto a segregação for contínua e rigorosamente preservada, haverá pouca chance de que jamais diminua a probabilidade de desentendimento [...]. A persistência e a constante possibilidade de problemas hermenêuticos podem ser vistas assim simultaneamente como motivo e consequência dos esforços para traçar fronteiras. Como tais, têm uma tendência interna à autopropetuação. Como traçar fronteiras nunca é algo garantido e é difícil evitar que se cruzem algumas fronteiras, é provável que os problemas hermenêuticos persistam como uma permanente “área cinzenta” cercando o mundo familiar da vida cotidiana. Essa área cinzenta é habitada por estranhos, pelos ainda não classificados, ou melhor, classificados por critérios semelhantes aos nossos, mas ainda desconhecidos para nós.

Os “estranhos” ocorrem em uma variedade de tipos e com consequências desiguais. O intercâmbio com esses estranhos (se é que ocorre) é isolado da rotina diária e da rede normal de integração [...]. Há dois meios de separação territorial que protegem o território: os territoriais e os funcionais. Os territoriais tratam das barreiras físicas, ao passo que os funcionais tratam da apropriação do espaço em seus uso e vivência, além do significado impresso. Os dois meios reforçam a percepção dos estranhos e preservam, ainda que

³⁶⁸ MAGNANI, J.G. **Tribos urbanas**: metáfora ou categoria? Cadernos de Campo, Departamento de Antropologia, FFLCH/SP, São Paulo, ano 2. nº2. ARAÚJO, Lídice M.S. Música, sociabilidades e identidades juvenis: o Manguébit no Recife (PE). p. 104. In: PAIS, José Machado. BLASS, Leila M. S. (coord.) **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004. P. 105

³⁶⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 66.

indiretamente, a segura familiaridade do próprio território.

Este outro extremo do Bom Fim transforma-se num lugar polêmico, alternativo, cosmopolita, marginal, sujo e perigoso.

A percepção dos espaços deve ser considerada como o resultado direto das “características ecológicas” dos estímulos ambientais - a Teoria Ecológica de Percepção Ambiental defende esses princípios³⁷⁰. Ela prioriza, ante as demais teorias de percepção, também as experiências do indivíduo na descoberta/interação com o ambiente (percepção) e não apenas as sensações captadas, processadas e armazenadas por este indivíduo. A vivência das práticas no ambiente como parte do processo da percepção ambiental, propõe o conceito de “estímulo informativo”, em que os estímulos fornecem informações, significados ao observador necessários para sua adaptação ao meio - a percepção consiste em recolher a informação disponível no ambiente.

Abordado por Hillier³⁷¹, Gibson³⁷² também trabalha sobre as “oportunidades”, boas ou ruins, oferecidas, fornecidas pelo ambiente ao indivíduo e as diferentes formas como este indivíduo as percebe e as utiliza para a interação com os elementos presentes no ambiente. Estas oportunidades são dadas pelos espaços, proporcionando certos usos e práticas a partir das intenções do observador.

O próprio conceito de “visão ambiental”, como a percepção que se dá e se complementa, através do deslocamento e da mudança dos pontos de vista do indivíduo, exige a movimentação que, como Hoffmann³⁷³ identifica, carrega consigo, também, parte do caráter do local de origem.

Os indivíduos estabelecem uma relação particular com o ambiente percebido, formalizando “nichos ecológicos” que, conforme Tuan³⁷⁴, pode se dar pelo “amor ao espaço”.

Bauman considera essencial colher a “verdade” de todo sentimento, estilo de vida e comportamento coletivo³⁷⁵. É comum classificar as “comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) em dois tipos: as comunidades de vida e de destino, cujos membros “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras que são “fundidas

³⁷⁰ GIBSON, James J. **The Ecological Approach to Visual Perception**, Boston: Houghton-Mifflin, 1979.

³⁷¹ HILLIER, B. (1997). The fundamental city. In: **The space is the machine**. Cambridge, Cambridge University Press. p. 335 a 368.

³⁷² GIBSON, op. cit., loc. cit.

³⁷³ HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. **À moda da casa: éticas e estéticas da cultura jovem no cenário contemporâneo do bairro Bom Fim, Porto Alegre. Monografia (Especialização)**. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte. 2011. p. 11.

³⁷⁴ TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250p.; TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.

³⁷⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 8.

unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios.”³⁷⁶

A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria – e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que é exposta em nosso mundo de diversidades e policultural³⁷⁷.

São as oportunidades de novas ideias com a opção pelas que mantêm o grupo coeso que perseveram e fortalecem os grupos, numa unidade mantida pela coerência e concordância nos alinhamentos divididos.

O “pertencimento” e a “identidade” não são permanentes nem imutáveis, são bastante negociáveis e revogáveis, conforme as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a elas é fator decisivo. A ideia de “ter uma identidade” ocorre às pessoas enquanto o “pertencimento” continua sendo o seu destino, uma condição “sem alternativas”. E ainda que se decidam os caminhos e que sejam feitas as escolhas, não há um espaço em que se ache plenamente ajustado. Em todo e qualquer lugar se é ligeira ou ostensivamente “deslocado”.³⁷⁸ Conforme Bauman:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

Conforme Krakauer, um dos objetivos que orientaram o trabalho de Georg Simmel foi o de “livrar todo o fenômeno *geistig* [espiritual, intelectual] do seu falso ser-em-si e mostrar como ele está embutido no contexto mais amplo da vida”.

Na imaginação sociológica, a identidade é algo muito evasivo e escorregadio. As identidades coletivas permanecem como pano de fundo, mas numa divisão contraditória, pois colocam em risco os vínculos sociais, e atuam como fator de estabilização na transição para a criação de uma nova ordem social³⁷⁹. Conforme Bauman:

A “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

³⁷⁶ KRACAUER, Siegfried. **Ornament der Masse** (Suhrkamp, 1963) citado por BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p.17.

³⁷⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 17.

³⁷⁸ *Ibid.*, loc. cit., p. 18.

³⁷⁹ DURKHEIM, Émile. A divisão social do trabalho, citado por VECCHI, Benedetto. Citado por BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 21.

A ideia de “identidade” surge da instabilidade no pertencimento, do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a barreira entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia³⁸⁰. Reforçando, o “pertencimento” perde brilho e poder de sedução, além de sua função integradora/disciplinadora, quando não é constantemente seletivo nem alimentado e revigorado pela ameaça e prática da exclusão³⁸¹.

Georg Simmel trata das formas de vida nas metrópoles, do conflito na sociedade moderna e da identidade como uma representação de instituições como a Família, o Estado, a Igreja, na qual ela está quase desassociada das pessoas na moderna sociedade de massa.³⁸²

Os anos 80 foram importantes na construção de identidades. Entretanto, estas se consolidaram de maneira genuínas e bem-integradas, sendo “comunidade de ideias e princípios” que não suportavam sobreposição nem efemeridades, como vivenciado atualmente numa vida e em relações sociais baseadas nas sociabilidades de uma modernidade líquida³⁸³.

Os “vagabundos” de Georg Simmel, perambulando pelas ruas das cidades, eram conhecidos por sua atitude *blasé*. Eram ávidos espectadores dos dramas urbanos que ocorrem nas ruas, mas cruzavam o cenário sem participar da encenação. Distanciavam-se daquilo que viam e observavam. Foram seguidos pelos *flâneurs* de Baudelaire e não andavam pelas ruas da cidade em busca de uma comunidade com a qual pudessem se identificar. Eram menos observadores das dinâmicas e estruturas sociais, no passar do tempo, sob as consequências da instauração de uma modernidade³⁸⁴. Imaginando um andarilho pela Porto Alegre da época, é previsível que a proximidade física se chocasse com a(s) distância(s) espiritual(is)³⁸⁵.

O Bom Fim e os demais espaços identificados pelo público frequentador ou por observadores como pertencentes à região, ainda que em locais legalmente pertencentes a outros bairros, se dá, conforme Castello³⁸⁶, por se tratar do “tipo” de lugar – no caso originado por estímulos que apresentam um viés direcionado ao lado espacial e que recebem a denominação de “Lugares de Aura”.

Ocupar espaço significa ter consciência de relação de um espaço para os outros, que ocupar um complexo espacial significa mover-se nele e mover-se depende em ser capaz de reter uma visão inteligível do complexo³⁸⁷.

³⁸⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 26.

³⁸¹ *Ibid.*, p. 28.

³⁸² *Ibid.*, p. 29.

³⁸³ *Ibid.*, p. 30.

³⁸⁴ *Ibid.*, p. 33.

³⁸⁵ *Ibid.*, p. 32.

³⁸⁶ CASTELLO, Lineu. **Repensando o LUGAR no projeto Urbano. Variações na Percepção de LUGAR na virada do Milênio (1985-2004)**. 2005. Tese. (Doutorado). UFRGS, Porto Alegre, 2005.

³⁸⁷ HILLIER, B. (1997). The fundamental city. In: **The space is the machine**. Cambridge, Cambridge University

Ao mesmo tempo, a Cidade Baixa, já estruturada como “arena cultural”, potencializa este uso, tendo em seu território a criação de vários outros espaços, que agitam o lugar ao mesmo tempo em que começam a perder, lentamente, as características e motivações mais culturais, sendo substituídas pela exploração econômica de seus espaços comerciais, mais ao final deste período.

Esta movimentação cultural como fruto da formação e atuação de agentes sociais nestes espaços, conforme Subirats, provoca uma “alienação moderna a partir da perspectiva da formação cultural como criação artística”³⁸⁸. Os inúmeros artistas, atores, músicos e demais profissionais que trabalhavam sua arte, de certa maneira também se deslocavam de seu “lugar social”, alienando-se na própria produção – o que também reforça o caráter do espaço como lugar de excluídos, ou seja, aqueles que escolhem se ausentar.

A concentração destes agentes culturais qualificou o espaço pela animação cultural³⁸⁹ ali proposta, tornando-o palco das movimentações artístico-culturais da cidade, pela competência artística³⁹⁰ e pelo alto nível de qualificação dos criadores e dos projetos executados.

No período analisado neste capítulo, os jovens tratados foram os que compuseram tribos de ocupação territorial, marcadas por identidade que era criada pelo compartilhamento de mesma ideologia, modo de vestir e comportamento; ou daqueles que se omitiam destes grupos mais bem definidos e simplesmente viviam a sociabilização disponibilizada nos espaços analisados, motivados pelo lazer em atividades de cunho cultural.

As identidades dos grupos foram ampliadas a seus espaços de utilização, como bares e demais estabelecimentos. Assim como fizeram estes espaços se tornarem reconhecidos, aceitos, frequentados, evitados e até temidos pelo caráter impresso nesta apropriação. A imagem urbana e ambiência imposta tornavam-se simbióticas e retro alimentadoras, em que ações sociais imprimiam imagem urbana a um lugar que ficava marcado pelo significado, simbolismo e subjetividades desta ocupação. Assim como a frequência nestes lugares imprimia ao frequentador a mesma “aura”, sendo por ela categorizado como underground,

Press. p. 338.

³⁸⁸ SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1989. p. 21.

³⁸⁹ COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 43.

³⁹⁰ “Distinção simbólica, disposição estética. Conhecimento, por parte de um indivíduo ou grupo (no limite, de um público), que lhe permite situar uma obra qualquer (filme, peça de teatro, etc.), em seu contexto próprio. Este conhecimento é constituído por informações sobre elementos estilísticos, históricos, biográficos e outros que possibilitam a esse indivíduo ou grupo identificar uma obra no interior do universo artístico em que se encaixa. Não é habilidade de execução de obra de arte (performance artística), mas um índice de reconhecimento artístico. Deriva de um conhecimento simbólico, codificado. Os grupos têm entre si.” Ibid., p. 94.

perigoso e “rotulado” como pertencente a um grupo efetivo simplesmente pela utilização daquele espaço.

4.2 1985-1995: DO BOM FIM À CIDADE BAIXA – VIA RUAS JOSÉ BONIFÁCIO E VENÂNCIO AIRES

4.2.1 Violência no Bom Fim

O extremo oposto ao da Esquina Maldita, no Bom Fim, desenvolvera-se fortemente influenciado pela opção cultural ofertada pelos seus cinemas locais: o Baltimore e o Bristol. Conforme Iria Pedrazzi, o Bristol “foi a primeira casa da cidade com uma programação exclusivamente de filmes de arte. [...] Tinha sessões à meia-noite, que eram concorridas.”³⁹¹ No domingo, havia matinês do Baltimore, em sessão dupla: um filme nacional e um estrangeiro³⁹², que iam das 14 às 19hs³⁹³.

Além destes, havia outros horários com especial movimento, aos sábados ou domingos. Conforme Helton Bello:

[...] eu acabei circulando nesse grupo de cinema, também, que tinha uma sessão semanal... A gente passava sempre um filme na tarde, ali no Bristol... Mini Bristol... Que era pequenininho, em cima do Baltimore. Aos sábados à tarde sempre tinha uma sessão de filme nacional ali. (informação verbal)³⁹⁴

Conforme Elton Campanaro:

O Bristol tinha uma sessão [...] muito famosa que era a sessão do domingo... Tinha um ciclo assim que se fazia no domingo, que era tu ir para o Escaler, aí depois tu ia ver a sessão do Bristol que tinha uma sessão no final da tarde assim, também uma sessão especial, lá tu ia ver a sessão e depois ia para o Ocidente (informação verbal)³⁹⁵.

Tratava-se de programação especial no contexto cultural da cidade. Havia uma cultura de cinema³⁹⁶, pela falta de acesso a equipamentos de projeção. O aluguel dos filmes já era bastante caro. Os equipamentos de projeção não tinham demanda ao público, mas às casas de projeção e com preços muito altos. Assim, a oportunidade de lazer que hoje se tem no

³⁹¹ PEDRAZZI, Iria. As sessões malditas do Bristol. Material impresso em **periódico não identificado**, fornecido pelo depoente Mário Fernandes.

³⁹² BURD, Paulo. Nas matinês, os primeiros sonhos e Magias. Material impresso em **periódico não identificado**, fornecido pelo depoente Mário Fernandes.

³⁹³ PICADA, Josiane. Baltimore se expande e seduz os espectadores. **Zero Hora**. Cinema. Material fornecido pelo depoente Mário Fernandes.

³⁹⁴ Trecho por Helton Bello, 48a., em entrevista individual em 05.03.07

³⁹⁵ Trecho por Elton Campanaro, 46a., em entrevista individual em 02.04.2007.

³⁹⁶ COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. P. 110

conforto do lar, em projeções em VHS, DVD ou Blue Ray, antes era restrita às películas, nas salas de projeção. Conforme Carlos Gerbase:

O Bristol é um cinema que surgiu por [...] um programador de cinema chamado Romeu Grimaldi, [...]um cinéfilo [...]e recebeu então a incumbência de [...] fazer uma programação de cinema diferente no Bristol e ele começou um negócio que eu saiba nunca aconteceu, nunca tinha acontecido antes em Porto Alegre que era os ciclos. Significava o que? Que na semana, por exemplo, ia ter um ciclo Bergman, então segunda tinha um filme, terça tinha outro, quarta outro, quinta, sexta outro... Cada dia um filme às vezes não passava três dias um filme depois quatro dias outro, e ele fez ciclos de muitos, muitos e muitos diretores diferentes, então aquilo ali ele se transformou num cinema de arte num único cinema de arte de Porto Alegre. Hoje a gente tem muito mais opções né, mas numa época em que eu não tinha DVD nem VHS, [...] não tinha videoclub né, e não tinha acesso a esse tipo de cinema acabou sendo um lugar fundamental. Ele é o, ele se chamava [...] Mini Baltimore, é tinha o Baltimore que era o cinema...Grande, tradicional e o Mini Baltimore. Depois ele passou a ser Bristol, depois teve uma nova reforma e ele passou a ser Baltimore três ou quatro, uma coisa assim, mas já tava descaracterizado porque o Grimaldi já tinha morrido eu acho que nessa época, então o Bristol tem uma vida assim bem ligada à programação do Grimaldi. (informação verbal)³⁹⁷

As conexões da Sala 1 Cinema Vogue, à Avenida Independência³⁹⁸, com o ABC, à Cidade Baixa, faziam a integração entre as áreas, pelas ofertas de filmes ou mesmo para “ver o movimento” daqueles que as frequentavam. A possibilidade de deslocamento a pé, entre estes espaços e os lugares de frequência ou moradia deste público foram essenciais para o sucesso destes empreendimentos. Tratava-se de um circuito cultural³⁹⁹ que interligava estas regiões, tanto pela vivência do cinema, quanto de outras manifestações artísticas.

Este período se iniciava com as mudanças nas estruturas dos bairros, a partir do fechamento e abertura de seus estabelecimentos. O Auditório Araújo Viana, com problemas de infraestrutura, é fechado em 1985. A Rádio Ipanema (1982), instalada no casario da Rua José Bonifácio, quase à esquina da Rua Santana, inicia e apoia uma campanha sistemática que durou quase um mês, com listas de abaixo-assinado para a reabertura do espaço. Conseguira 21.982 assinaturas de cidadãos da cidade e da grande Porto Alegre, garantindo uma reunião com o Prefeito Alceu Collares, que aprovou a reabertura do auditório, concretizada com o apoio financeiro da Edel - empresa de Engenharia⁴⁰⁰, em 1986, implicando retorno da programação de shows no Bom Fim.

Neste mesmo ano, ocorreu a reabertura do Cine Avenida, com programação comercial

³⁹⁷ Trecho por Carlos Gerbase, em entrevista individual, em 12.03.07.

³⁹⁸ “[...] na Independência com a Garibaldi, também tinha o Cinema 1, Sala Vogue, que era o grande cinema de Arte, era uma época legal, né, o que é o Guion hoje foram o Vogue – era “Cinema 1, Sala Vogue”, na Independência, esse na esquina da Garibaldi, era um Cinema super legal de Arte, e na Osvaldo Aranha tinha o Bristol, né...”(informação verbal). Trecho por Júlio Caetano da Silva, 51a., em entrevista individual em 17.01.2007.

³⁹⁹ COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 92.

⁴⁰⁰ BORBA, Mauro. **Prezados Ouvintes. Memória Afetiva**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1996, p. 132-134.

de filmes, reforçando o trânsito nos eixos das Ruas José Bonifácio e Avenida Venâncio Aires⁴⁰¹.

As áreas do Bom Fim e da Cidade Baixa retomam espaços de caráter cultural, entretanto, a primeira, que já havia iniciado, no final da Ditadura, um processo de degradação, potencializa a violência e periculosidade na região, através do uso do espaço por grupos dispostos a brigas, provocações e ocupações com práticas inadequadas, como excessivo consumo de álcool e consumo de drogas. A referida violência, como uma violência anômica⁴⁰² que, conforme Gauer, “parece ter uma função construtiva no contexto social”, sendo uma relação retroalimentadora, cujas partes são indispensáveis, inclusive para a imagem de ambas, funciona: “como a íntima relação que une a polícia e a delinquência, o carrasco e o condenado, num jogo de poder onde os desejos se entrecruzam e se complementam mutuamente: daí a presença inconfessável e necessária do carrasco que ‘divide com seu adversário a sua infâmia’⁴⁰³. Esta violência é um “elemento estrutural, intrínseco ao fato social” e que acontece “em todas as sociedades”; de qualquer civilização ou grupo humano – um padrão de comportamento que compõe a cultura, como parte de sua composição nuclear e que “conduzem a sociedade contemporânea a uma orgia de sadismo e crueldade”⁴⁰⁴.

A região desenvolvera aspectos tão negativos, que consolidara um reconhecimento, na área, de uma zona de “alta” e “baixa” frequência. Moacyr Scliar, que nasceu no bairro, onde viveu toda sua infância e adolescência, desconhecia alguns bares comumente reconhecíveis, mas sabia zonestar as áreas mais perigosas, onde eles estavam. Conforme Scliar: “Não se trata da metade civilizada do mundo, como logo descubro; ele [referindo-se ao repórter que lhe pedira uma coluna sobre o Bom Fim] me explica que o Ocidente é o bar da moda [...] no umbigo do Baixo Bom Fim”⁴⁰⁵.

A imagem local perpetuava-se como espaço de violência, transgressão e periculosidade. Ainda com Scliar:

É barra-pesada, suspiram os antigos moradores. Eles frequentam o que já foi chamado de “baixo Bom Fim”, o trecho da Osvaldo Aranha entre João Telles e Fernandes Vieira (incluindo aí os bares situados em frente, no parque), e que provavelmente é a maior concentração noturna de jovens na cidade⁴⁰⁶.

⁴⁰¹ BORBA, Mauro. **Prezados Ouvintes. Memória Afetiva**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1996, p. 133.

⁴⁰² GAUER, Ruth M.C.G. Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: GAUER, Gabriel J. C., GAUER, Ruth M.C.G. (Org.) **A Fenomenologia da Violência**. Curitiba: Giruá, 2001. p. 18.

⁴⁰³ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁴⁰⁴ GAUER, op. cit., p. 13.

⁴⁰⁵ SCLiar, Moacyr. Os bares do Bom Fim. **Zero Hora**.

⁴⁰⁶ Id., Os Caminhos do Bom Fim. In: **Guia de Porto Alegre 1993/94**. EPATUR. L&PM Editores. p. 118.

A identidade pejorativa do bairro, ligada às ações de subversão da ordem ali instalada, se consolidou de tal maneira, que se tornou reconhecível em outras regiões do país, divulgada nos shows de humor de André Damasceno, na interpretação do “Magro do Bonfá” (apelido carinhoso que se dá ao bairro Bom Fim).

Edson da Cunha Mahfuz fala sobre os símbolos de Porto Alegre⁴⁰⁷, com os quais metaforicamente representamos o todo pela parte e cita exemplos da área para responder dois dos cinco elementos estruturadores da nossa imagem de cidade, baseados em pesquisa do arquiteto norte-americano Kevin Lynch⁴⁰⁸. São eles: os caminhos pelos quais nos movemos (Avenida Osvaldo Aranha), as bordas entre duas condições distintas, os distritos ou zonas que possuem um caráter próprio (o bairro Bom Fim), os nós – pontos onde há cruzamentos de vias importantes ou uma concentração de atividades - e os marcos: os objetos que se distinguem do que os circundam por sua forma única.

Estes caminhos são tratados por De Certeau como instâncias abertas à criatividade e ação do homem. Nesta perspectiva, caminhos entrecruzados dão sua forma aos espaços. Unindo lugares, eles “criam a cidade por meio de atividades e movimentos diários. Eles não são localizados; são, antes, os responsáveis pela especialização”. Os espaços particulares da cidade são criados por uma rede de ações, marcadas pela intenção humana. De Certeau vê uma substituição *diária* “do sistema tecnológico de um espaço coerente e totalizante” por uma “*retórica pedestre*” de trajetórias que têm “*uma estrutura mística*”, compreendida como “uma história construída a baixo custo, a partir de elementos tomados de expressões comuns, uma história alusiva e fragmentária cujas lacunas se confundem com as práticas sociais que ela simboliza”⁴⁰⁹.

De Certeau aborda elementos que permitem um trabalho sobre as culturas de rua e populares, a partir destes elementos principais de circulação e de geração de cultura. Seus direcionamentos reconhecem que as práticas da vida cotidiana podem ser e são convertidas nas “totalizações” do espaço e do tempo organizados e controlados de maneira racional, mas não consegue prever as formas que irão assumir. A inconstância humana nos modos de fazer, motivados por desejos, sentimentos e necessidades alteram-se organicamente, implicam consolidações espaciais pela circulação baseada num livre-arbítrio dos modos de fazer. A prática ordena simbolicamente o espaço e o tempo, que dão uma continuidade às práticas

⁴⁰⁷ MAHFUZ, Edson da Cunha. **Porto Alegre e seus símbolos**. Jornal Zero Hora. Opinião. Porto Alegre, 13/12/1991. P. 4.

⁴⁰⁸ LYNCH, K. **A imagem da Cidade**. São Paulo: M. Fontes, 1997. 227 p.

⁴⁰⁹ DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994. Citado por HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural. São Paulo: Loyola, 2003. Pp.195-206. p. 195.

sociais.

Características que fazem o bairro diferenciado e destacado são: sua forma de ocupação espacial, como espaço de vivência do espaço público; a imagem de seus usuários, com vestimentas e comportamentos que se alinham à ideologia que compartilham em seus grupos; o comportamento individual e de grupo no espaço, o seu zoneamento espacial e as práticas exercidas em sua ocupação e vivência.

Seu uso noturno configurava um espaço diferenciado por sua paisagem e ambiência urbana. Conforme Scliar, o Bom Fim era: “Um pequeno país, limitado pela rua Sarmiento Leite, pela Felipe Camarão, pela Castro Alves e pela avenida Osvaldo Aranha. O Bom Fim tinha uma posição estratégica; a meio-caminho entre o centro e os bairros residenciais [...]”⁴¹⁰

Pela descrição do autor, no não-dito lê-se que o bairro não é residencial – mas ele não se refere a todo o contexto territorial – mas à imagem que ele evoca e mantém – à sua borda (Avenida Osvaldo Aranha) e com seus bares: as experiências cotidianas, que fazem parte do conjunto de práticas pelas quais um grupo marca e se demarca⁴¹¹.

Essa delimitação do bairro também atingia regiões lindeiras com o mesmo caráter e uso. Assim, na letra da canção: “*De bar em bar a navegar/Anda pelas madrugadas/Vai do Treviso [no Centro] ao Ocidente [no Bom Fim]/ ...Pelo Bonfim pedaços de mim...*”⁴¹², evoca-se o caráter que Ana Cleia Hoffmann discute em sua dissertação, ao analisar a extensão desta imagem urbana, frequentadores e/ou do próprio bar a outros, próximos, como atributos de aparência de uma área, confundindo-se com outra, semelhante. Em seu estudo de caso, ela analisa Bambus, Beco 203 (ou Porão), Cabaret Poa, Café da Oca, Bar Ocidente e Lancheria do Parque (situados às proximidades das Avenidas Independência, Cristóvão Colombo ou Bom Fim) (APÊNDICES D, G e H). Estes bares surgiram a partir dos anos 80 e todos, até então, mantém esta carga imagética dos acontecimentos e movimentos deste momento⁴¹³.

O bairro consagrara-se como o espaço de todas as tribos. Todos compartilhavam deste ambiente que se consagrara espaço diferenciado na cidade. Conforme Ávila:

(...) Mesclando província e a vanguarda num mesmo espaço, o bairro porto-alegrense é um autêntico ecossistema social, reunindo as mais diversas faunas com irrestrita tolerância. *Punks*, magrões, patricinhas, *yuppies*, *hare khishmas* e universitários se encontram ali. É dos poucos lugares onde um tipo vestindo smoking pode beber uma cerveja ao lado de um *dark*, com um gaudério observando,

⁴¹⁰ Os Caminhos do Bom Fim. In: **Guia de Porto Alegre 1993/94**. EPATUR. L&PM Editores. p. 117.

⁴¹¹ BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. **Coleção Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

⁴¹² Letra da Música Coração porto-alegrense. Autoria: César DORFMAN.

⁴¹³ HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. **À moda da casa: éticas e estéticas da cultura jovem no cenário contemporâneo do bairro Bom Fim, Porto Alegre**. 2011. p. 11. Monografia (Especialização). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte. 2011.

e ninguém achar exótico.⁴¹⁴

Conforme Magda Wagner: “O Ocidente [...] é um mundo à parte, onde “*punks*”, *darks*” e “magros em geral se reúnem à noite, pra ouvir suas bandas”⁴¹⁵. Um lugar maldito⁴¹⁶, de pessoas malditas, assim como a Esquina Maldita que lhe dera o impulso para o desenvolvimento. Na música de Kleiton Ramil: “*Porto Alegre é meu porto/Da Tristeza ao Bom Fim/Quanta gente maldita/ Que saudade de mim...*”⁴¹⁷

Ligado diretamente ao Ocidente, o Auditório Araújo Viana teve sua participação no contexto cultural local. Conforme Carlos Gerbase:

Ah, década de 80 o Araújo Viana sem a cobertura ainda [Ali] começaram a acontecer alguns shows importantes do rock gaúcho tá, aí eu tô falando final da década de 70, começo da década de 80, eu acho né, algumas bandas o [...] Garotos da Rua, meio que inauguraram assim o, aquele lugar para fazer shows de rock e é no Bom Fim, então tu já tinha uma facilidade, digamos assim, de tá [estar] no lugar certo, era um lugar um pouco grande demais para as bandas, estão começando, um lugar cheio deve caber o que? Duas mil pessoas? Quatro mil pessoas, né? Cabe muita gente... Bom não sei tem que ver...E depois começaram a vir alguns shows de bandas do rock brasileiro, o rock brasileiro tava começando a ter o seu “bum” na década de 80, então eu lembro de shows, assim, de rock gaúcho. [...] Aí teve vários shows de rocks bons, importantes, certo? Era num lugar bastante democrático, né? Eu acho que nunca o ingresso era muito caro então as pessoas se sentiam numa zona, à vontade, lá, né? Então, foi um lugar que foi muito importante durante um certo tempo. Eu lembro, também, que quando o Ocidente foi invadido pela polícia, e a polícia bateu em bastante gente lá, houve um show de protesto no Araújo Viana chamado Bom Fim Berlim. Agora qual é a relação de Berlim, eu não me lembro... Se era por causa do muro, sei lá...E nesse show o Araújo tava entupido de gente tinha muita muita....Aí deu confusão, teve tiro... Um cara morreu.⁴¹⁸

O Bar João, símbolo local, tinha singularidades específicas, que resumiam o espírito local. Conforme Pereira:

Tinha de tudo: chás e frutas das mais variadas. Paredes com mais de quatrocentas garrafas de cachaça faziam parte da decoração. Uma que impressionava era a de uma compota de caninha com tijolo dentro, que ficou pelo menos seis anos exposta. Também tinham os aperitivos do Zé do Caixão, como eram chamados alguns vidros com cobras, aranhas e outros animais peçonhentos⁴¹⁹.

A abertura política trazia mais do que as liberdades desejadas. Talvez até se alcançar um equilíbrio nas ações praticadas no espaço público, houve exageros. Conforme Nei Lisboa:

[...] no começo da década de 80, as questões de uma busca de liberdade... De

⁴¹⁴ ÁVILA, Alisson e Michelin, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso** - Cultura em Revista. Ano 3, nº 20, p. 17, 2000.

⁴¹⁵ WAGNER, Magda. Centro irradiador da cultura... e do spray. **Correio do Povo**. Geral. Os bairros e seus problemas/Bom Fim. Sábado, 11 de abril de 1987, p. 15.

⁴¹⁶ Conceito utilizado por Sandra Pesavento. PESAVENTO, Sandra. Lugares maldito: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). **Revista Brasileira de História**. 1999. São Paulo, v.19, nº 37, p-195-216.

⁴¹⁷ Música “Porto é meu Porto”. Composição de Kleiton Ramil.

⁴¹⁸ Trecho por Carlos Gerbase, em entrevista individual, em 12.03.07.

⁴¹⁹ PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha**. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012, p. 87.

libertação de costumes, mais as questões de sexualidade, de drogas... Eles afloram em todas as medidas... Que nos anos 70 isso era proibido, como todo o resto, né... Muito policiado, e [...] se fez de excessos também, né... Que as pessoas tavam buscando “tirar o atraso” né, literalmente... Em busca do tempo perdido, e inclusive de se reencontrar, quer dizer, essa coisa de multidão, assim, de muita gente⁴²⁰.

Os moradores locais brigaram, fortemente, contra as desordens no bairro, com o apoio do Vereador Isaac Ainhorn, que assumiu a frente destas brigas, liderando os interesses da sociedade local. Conforme Antônio Carlos Ramos Calheiros, dono do Escaler, Isaac teria utilizado deste interesse para se promover e renovar inúmeras vezes sua candidatura, lançando-se consecutivamente na carreira política, construída às custas da defesa do Bom Fim:

[...] há 20 anos [desde 1983] o vereador Isaac Ainhorn faz uma campanha sistemática (para se eleger, se reeleger, para ser o xerife do bairro), como se droga e violência fossem exclusividades do Bom Fim. [...] Todas as pessoas que fazem cultura em Porto Alegre se concentravam no Bom Fim: estudantes, publicitários, todas as pessoas de bem dessa cidade, gente bonita vinha pra cá. E deixou de vir por esta campanha sistemática⁴²¹.

A mudança do perfil do bairro, inicialmente um espaço residencial, com comércio e serviços, destacando o trabalho da comunidade judia que ali se instalou, sofreu com os transtornos como barulho, tumultos, aglomerações, agressões, violência, brigas, uso de bebidas e de drogas. Em seu espaço de vivência esta movimentação também foi praticada pela polícia, no controle das desordens no espaço público, procurando manter a segurança local. A Associação de Moradores do bairro participou desta luta também. Conforme Nei Lisboa:

[...] [Houve] uma certa incompreensão dos moradores, eu acho, com o destino cosmopolita que o bairro, afinal de contas, vai continuar tendo, né... Sossego eles nunca [mais] vão ter... O que poderia, na verdade, ter sido [é] qualificado, né... Se poderia ter qualificado essa relação, com a alma cosmopolita que o bairro, que a Avenida tem, ali, num espaço agregador de pessoas... E essa é uma coisa interessante...⁴²²

As brigas territoriais de moradores versus donos e/ou frequentadores dos bares viraram ações judiciais. Ocidente foi um dos bares que sofreu restrições no funcionamento. Conforme Juremir Silva:

Esquina Osvaldo Aranha com a João Telles. Um casarão que há muito tempo não recebe pintura fervilha de terça a domingo. Ele já foi mais alegre e festivo, mas com o “toque de recolher”, terminado há poucos dias, algumas modificações ocorreram no seu funcionamento. O Ocidente ou simplesmente “Oci” passou a cerrar suas portas britanicamente no horário determinado pela decisão judicial, fazendo com que o acesso ao lúgubre mas cultuado local ocorresse mais cedo. As pessoas que antes chegavam à meia-noite tiveram que se antecipar. O Ocidente – às vezes abominado e considerado maldito por aqueles que não sabem o que realmente o espaço significa para a cidade – é visto por seus habitués como

⁴²⁰ Trecho por Nei Lisboa, 48a., em entrevista individual, em 13.02.07.

⁴²¹ KOLLING, Guilherme. Ninguém vai fechar o Escaler. **Jornal JÁ Bom Fim**. Entrevista. p. 3. Maio de 2003.

⁴²² Trecho por Nei Lisboa, 48a., em entrevista individual, em 13.02.07.

um local de efervescência cultural e de quebra dos padrões de comportamento. [...] Na verdade, o que nem todos sabem é que dentro do bar florescem muitos dos melhores espetáculos apresentados nos teatros da cidade⁴²³.

A abordagem e prisão de pessoas, somadas aos riscos locais, influenciaram a imagem do lugar, que se tornara perigoso tanto pela frequência dos usuários dos espaços quanto pelas abordagens policiais. Conforme Borba:

Em junho de 1989, o Bar Ocidente foi invadido pela Brigada Militar e cerca de 100 pessoas foram encaminhadas, em camburões, ao Palácio da Polícia. O incidente gerou uma campanha de repúdio, “Bom Fim-Pequim”, e um show de artistas gaúchos no Auditório Araújo Vianna.⁴²⁴

Ações de confronto com os grupos locais foram recorrentes em muitos depoimentos que trataram do Bom Fim neste momento. Sobre esta questão, o depoimento de Nei Lisboa:

[...] a polícia tem alguns episódios... [...] De tumulto policial, mesmo, tem um dentro do bar Ocidente, que é histórico... Que a polícia foi muito truculenta... Entrou batendo em todo mundo, chutando... 200 pessoas deitaram no chão... [A polícia] Prendeu todo mundo não encontrou eventualmente nada com ninguém... Isso terminou gerando uma campanha, e foi bem na época do massacre da Praça da Paz Celestial, em Pequim, aonde [...] os estudantes enfrentaram tanques... [...] Então eles fizeram uma campanha que era “Berlim- Bom Fim- Pequim”, fazendo com uma música minha e do Hique Gomes, que era “Berlim Bom Fim”⁴²⁵... Eu tinha recém lançado num CD.

A música se chamava Berlim Bom Fim, e vinha de outros lados, no paralelo que eu tracei com a Berlim... O pique da Berlim dos anos 80, que tava sendo uma capital da Europa, coisa e tal, e o Bom Fim, em Porto Alegre... A música já tinha saído [...] depois aconteceu a coisa [...] no Bom Fim, e essa campanha em show, pra marcar esse protesto, e tal, mas na verdade é que isso não arredondou em grande solução, assim...

Figura 48 - Campanha Bom Fim – Pequim.⁴²⁶



Fonte: Acervo Museu da UFRGS

⁴²³ SILVA, Juremir Machado da. **A noite dos cabarés: histórias do cotidiano de uma cidade grande.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p. 81-82.

⁴²⁴ BORBA, Mauro. **Prezados Ouvintes.** Memória Afetiva. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1996, 217 p.

⁴²⁵ “...Os velhos nos café.../ E o bar João em plena Keithstrasse/ A saga violenta desse parque/ O cinza da Cidade/ Partindo o verde ao meio/ Cheiros peculiares ao recheio/De um bolo de concreto/ Repleto de chucrute e Rock and Roll/E depois da meia-noite/ A fauna ensandecida do Ocidente/Digitando em frente ao Metropol/Berlim, Berlim, Berlim, Bom Fim/Berlim, Berlim, Berlim...”⁴²⁵ Música “Berlim Bom Fim”. Autoria de Hique Gomes e Nei Lisboa.

⁴²⁶ As imperfeições da imagem, que dificultam a leitura da mesma, são provenientes do original na fonte citada. Fotografia em baixa resolução, obtida de jornal, disponível no formato digital no Museu da UFRGS.

A imagem de irreverência era sedutora à geração de adolescentes e adultos que se identificaram com os grupos, ideologias ou comportamentos locais. Entretanto, a violência atingida no desenvolvimento das brigas e controle policial, fazia com que a família dos jovens que frequentam o lugar se preocupasse com a vivência de seus membros neste espaço. Conforme Renato Costa:

E no Araújo Viana, na noite do Araújo Viana parece que eles se drogavam então ali a polícia não chegava tanto assim, depois das 7 era proibido de entrar na Redenção pela minha família assim. E na frente do Baltimore era direto... Mas tinha *punk*, tinha *skinhead*, tinha metaleiro, tinha de tudo. Nessa época tinha... [...] É, eles brigavam... Tinha brigas.⁴²⁷

Muitos jovens da grande Porto Alegre, facilitados pelo acesso via metrô, invadiam, aos finais de semana, as calçadas do Bom Fim. Conforme João Telmo:

Esses caras vinham de Cachoeirinha, a gente sabia disso, assim, de Alvorada, pra ver showzinho de rock e ficar bebendo cerveja até cair. Ah... Então a gente observava isso, não era a nossa vida, mas a gente sabia que eles iam... Até cair no Escaler, se fosse o caso, ou vinham pra Cidade Baixa até o outro dia, assim.

Estes usuários migratórios faziam das calçadas dos bares, dos canteiros centrais da Avenida Osvaldo Aranha e até mesmo do gramado à volta do Auditório Araújo Viana a sua morada de final de semana. Conforme João Telmo:

Aí dormiam por aí, na rua, ou coisa que o valha, chegou numa época disso, assim, e passavam o dia aí, às vezes domingo à tarde tinha show no Araújo Viana. Aí emendava. Também uma época, uma certa loucura, assim, uma década de 70 tardia, assim, que chegou pra nós, aqui, em 83, 84, 85 (informação verbal)⁴²⁸.

Sobre esta migração de público da grande Porto Alegre, Wagner fala sobre a discordância dos moradores locais sobre a origem deste público:

[...] Abrahão Faermann explica que o “excessivo liberalismo” de alguns jovens, que transformam o bairro em local de livre trânsito de drogas, pichando e depredando as casas, nada tem a ver com o Bom Fim”. A maioria desses jovens, completa, vem de outros pontos da cidade, opinião que é dividida com muitos moradores⁴²⁹.

Esta utilização do espaço público para ações do espaço privado se davam tanto pela economia de recursos e tempo, na volta para casa, quanto pela indisponibilidade de meios de transportes nos horários em que terminavam suas ações noturnas. Conforme Eduardo Montelli:

[...] de 91 até 94 também começaram a entrar os traficantes de droga! [...] Começaram a tomá conta assim do Bar João, do Lola, tudo na volta. E aí começaram a dá as primeiras mortes, né? Que o pessoal... a Redenção ficô completamente suja, tu não conseguia mais ficá na Redenção, que antes disso a gente se embebedava feliz, vinha pra cá numa sexta-feira, por exemplo, se deitava ali perto do Araújo

⁴²⁷ Trecho por Renato Costa, em entrevista individual, em 10.02.07.

⁴²⁸ Trecho por João Telmo, 38a, em entrevista individual, em 25.03.07.

⁴²⁹ WAGNER, Magda. Centro irradiador da cultura... e do spray. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 11 de abril de 1987 (sábado). Geral. Os bairros e seus problemas/Bom Fim. p. 15.

Viana, dormia ali e às vezes passava o fim de semana todo dormindo ali, dormia ali, se acordava, depois ia pra festa de novo. Era festa, deitava ali, acordava e ia embora e não tinha perigo nenhum, o máximo que podia acontecer era um brigadiano lá, te xaropeando com cassetete, dizendo pra tu encontrar um lugar mais seguro pra ti.⁴³⁰

O espaço se desconfigurava de seu caráter cultural para um espaço de transgressões e abusos, com venda e uso de drogas no espaço público, somado a ações de violência entre grupos ou destes com a polícia, chegando a ocasionar mortes.

4.2.2 Fechamento do Bom Fim

De 1985 a 1995, surgiam outros bares no Bom Fim: Rotação (entre a abertura do Túnel da Conceição e a Rua Barros Cassal, próximo à já extinta Esquina Maldita), Bocaccio e Vídeo-Bar (no mesmo lugar há referência a um bar-ponto de venda de drogas⁴³¹). Na base da edificação do Ocidente, o Fumódromo (que também era ponto de venda e consumo de drogas), à direita da entrada do Parquinho de Diversões lindeiro ao Escaler, o restaurante Langur, bar Edgar Allan Porre, Vermelho 23, bar do Clube de Cultura e o bar adjacente a ele. Há o fechamento do Leblon (em 1992, com a mudança do Bar João para este ponto) e, de 1994 a 1995, foi temporariamente fechado o Ocidente. (Apêndice D).

Lugar ainda cultural e cosmopolita, o Ocidente permanecia com suas ações em prol da cultura, mantendo o diálogo com os espaços culturais da Cidade Baixa. Conforme João Telmo:

No Ocidente era outro papo [em relação ao Bom Fim]. Uma coisa, não tinha a ver com os metaleiros. Até tinha uns shows de metal, e tal, de vez em quando, mas não era o ambiente deles. (informação verbal)

[...] Os pós-punks e os gays entravam no Ocidente. [...] concentravam naquela esquina (informação verbal)⁴³².

Entretanto, apesar das ofertas de atividades culturais e programas que ampliam a formação de seu público, seja na intelectualidade ou na fruição, a existência paralela da desordem e violência no espaço público acabam se sobrepondo aos aspectos positivos, pois a relação entre eles não era equilibrada. Conforme Júlio Caetano:

[...] os anos do Ocidente foram gloriosos. Daí a Osvaldo Aranha foi ficando pesada... Era polícia, batida... [...] O Ocidente era o grande encontro. [...] Era frequentado pelos malucos, assim... Cabeça-dura, assim... Da arquitetura, da propaganda... Das artes... [...] foi um tempo muito legal... foi o tempo do nascimento do punk, depois a cena ficou “punk” e a Osvaldo Aranha continuou com a batida de

⁴³⁰ Trecho por Eduardo Montelli, 41a, em entrevista individual, em 16.01.07.

⁴³¹ Depoentes não lembraram nome do bar que era ponto de venda e consumo de drogas. Em bibliografia, se identificou a existência, na mesma numeração, do Vídeo-Bar, mas não se pode afirmar se tratar do mesmo empreendimento.

⁴³² Trecho por João Telmo, 38a, em entrevista individual, em 25.03.07.

outras pessoas [...]Era muito mais intelectualizado, muito mais amistoso, muito mais pacífico.....depois a noite da Osvaldo Aranha foi ficando pesada, pesada, pesada... Com polícia, com gangues... (informação verbal)⁴³³.

A violência estava tão disseminada, que nem mesmo o Ocidente, seu reduto cultural, foi poupado. De 1994 a 1995, o bar foi fechado por questões ligadas à violência no local. Em 1995, o Ocidente é reaberto, após esfriamento da efervescência local.

Nunca tive envolvimento com drogas, nunca tive envolvimento com violência. [...] Nós tínhamos os bares voltados para frente, iluminados. Quem passava enxergava mesas, cadeiras e as pessoas. A Prefeitura jogou os bares para o fundo do Mercado, cercou o parquinho de diversões, criando um corredor, um gueto mal iluminado, escuro, sem poda de árvores. Onde tem escuridão, cria-se um lugar em que as pessoas se escondem e, automaticamente, os excluídos vão pra lá. Aquele era o maior ponto de venda de cerveja, de aglomeração de jovens na cidade (referindo-se ao Mercado Bom Fim). Eram duas mil caixas vendidas por semana. Hoje, todos os bares juntos não vendem cem caixas⁴³⁴.

Outras questões e ações assombravam o Bom Fim. Por meses foi discutida a reforma exigida para seu Mercado. Por real necessidade ou por interesse no fechamento temporário ou total de seus bares, estava sendo proposta uma reforma que, avaliada por técnicos e profissionais da área, afirmava-se impossível de ser feita, exigindo a demolição do edifício e a reconstrução posterior.

Trata-se de um extremismo que, de ordem técnica, só é válido quando a edificação está comprometida, com ou sem riscos a seus usuários. Mas não era o caso. Por não se tratar de uma “reforma impossível”, conclui-se que tenha sido uma tentativa de diminuir ou extinguir o uso local, somada ao desejo de abafamento do movimento, como já feita à transferência dos alunos da UFRGS do Campus Centro ao Campus do Vale. Apesar de inúmeros abaixo-assinados e da mobilização de Arquitetos e Urbanistas pela causa, a demolição foi autorizada para garantir o cumprimento de interesses pontuais. A necessidade de esvaziamento do prédio é confirmada. Sua demolição foi em 1996.

O público que o frequentava era o mesmo que ocupava os demais espaços de lazer da Avenida. Entretanto, o uso de seu espaço, provavelmente pela proximidade ao Parque da Redenção e à sua atmosfera, próxima ao verde e sob as copas de algumas árvores, incentivava seu uso diurno, até o anoitecer. A partir do pôr-do-sol, seu público migrava para os bares da Avenida – possivelmente por questão de segurança, visto que a área do Mercado é muito próxima às áreas inóspitas do Parque, como o parquinho de Redenção, que devido a pouca frequência local, havia se transformado em ponto de venda e consumo de drogas. Ao anoitecer, com pouca iluminação local e a proximidade a espaços desocupados, estes lugares

⁴³³ Trecho por Júlio Caetano da Silva, 51a., em entrevista individual em 17.01.2007.

⁴³⁴ Antônio Carlos Ramos Calheiros, dono do escaler, citado em KOLLING, Guilherme. Ninguém vai fechar o Escaler. **Jornal JÁ Bom Fim**. Entrevista. Maio de 2003. P. 3

viravam espaços perigosos para permanência segura. Conforme Eduardo Montelli:

[...] Saía de um caía no outro! É... mas a gente frequentava mais o Escaler, mesmo, que ficava bem na ponta... Só que o Escaler [...] eu frequentava ele no domingo [...] As pessoas ficavam no fumódromo, ali, que tinha... E de noite, não... De noite eram os bares lá da Osvaldo Aranha...⁴³⁵

Lola, Ocidente, Bar João e Lancheria consolidam a borda da Avenida Osvaldo Aranha, num movimento “etílico-cultural”, como descrito por alguns autores, mas, sobretudo pela violência.

À esquina próxima do Lola, no qual seu público sentava-se para apreciar os frequentadores do Ocidente, havia venda e consumo de drogas. Na base da edificação do Ocidente, no ponto do Vídeo-Bar e Bocaccio, venda e consumo de drogas. No fumódromo, em frente ao Bar João e Escaler, outro lugar “maldito”. Os usuários de drogas compravam suas bebidas em bares baratos, como Lola, João, Luar-Luar e Escaler, e dispersavam-se pelo território para consumir drogas.

Figura 49 - [...] movimentada esquina da João Telles, fronteira entre os bares Ocidente e Lola [...].⁴³⁶



Fonte: Acervo Museu da UFRGS

Grupos se reuniam nos arredores do monumento ao expedicionário, ocupando espaços diferenciados, por grupo. Conforme Andrea Martins:

Aí a gente ficava aqui depois a gente ia no Lola e no bar João. Bares assim que a gente ia, mas a gente ficava aqui nesse Mercado da Redenção porque a gente consumia drogas no fumódromo. [...] No Mercado era a concentração. A gente comprava aqui, o pessoal tava aqui... Muitas vezes a gente levava droga também, mas o pessoal vendia. [...] A concentração do pessoal era aqui, o pessoal na rua... Na rua, mesmo. O pessoal ficava, assim, nas calçadas... [...] depois que tava chapada, bêbado, coisa e tal, a gente passava no Lola, no Bar João... Mas o público deles era o público assim mais de bebem sabe? Bebem mais velho... Mas a gente passava por ali, porque essa época eu andava com uns metaleiros... Assim, que se vestiam de preto, e tudo rasgado, cabeludo... Aquelas coisas, assim. E a gente vinha aqui porque aqui tinha uma concentração de pessoas na frente e [...] tinha uns conhecidos...

⁴³⁵ Trecho por Eduardo Montelli, 41a, em entrevista individual, em 16.01.07.

⁴³⁶ As imperfeições da imagem, que dificultam a leitura da mesma, são provenientes do original na fonte citada. Fotografia em baixa resolução, obtida de jornal, disponível no formato digital no Museu da UFRGS.

Mas a gente ficava aqui, aqui era a concentração. [...] na época que eu ia a gente se encontrava no “Expedicionário”, e nós íamos para a Redenção, pro mercado da Redenção e nós ficávamos ali... (informação verbal)⁴³⁷

Dali, costumavam voltar aos bares da Avenida Osvaldo Aranha, para comprar mais bebidas, ou seguir até a Avenida João Pessoa.

Este caminho que se dava pela Rua José Bonifácio era comum aos finais de semana. A conexão iniciava ao final da manhã/início da tarde, com seu auge no vespertino.

O deslocamento à Avenida João Pessoa direcionava este público, por vezes, também, a outros bares pequenos de bebida barata para o interior do bairro Cidade Baixa. Isso ajudou na migração deste público underground para a Cidade Baixa.

Ladeando o Bom Fim, espaços como o antigo Bar do Beto também recebia público semelhante ao do Ocidente. Pessoal vinculado às artes, ao jornalismo, à arquitetura, dentre outros, se reuniam em sua sede à Avenida Venâncio Aires (esquina com Rua Vieira da Castro), para seus encontros “etílico-culturais”. O bar era lembrado por ter estrutura simples, com azulejos até metade das paredes e, acima, um revestimento feito de bilhetes colocados pelos próprios frequentadores. Conforme Elton Campanaro:

Bem boteco, bem comum, botecão... Botecão, mesmo. Mesinha, aquelas meio tomate assim. Tomate, aquela de bar... E azulejo na parede, era bem um botecão mesmo. Não tem nada de mais assim, era bem simples. Depois é que mudou e fizeram aquela coisa mais modernosa. [...] No outro lado da rua. É, tinha um monte de bilhetezinho. Tinha um monte de coisa [...](informação verbal)⁴³⁸.

A frequência deste público, que também frequentava o Bom Fim e a Cidade Baixa, mantinha conexões entre estas áreas.

A reabertura do Cine Avenida reforça estes caminhos. A oferta de programação de cinema à esquina da Avenida Venâncio Aires com a Avenida João Pessoa promove a utilização dos espaços locais preexistentes. O deslocamento, a pé, é facilitado pela segurança de adentrar um bairro predominantemente residencial, acrescido da proximidade dos espaços de lazer.

Neste momento, a Cidade Baixa vivia o desenvolvimento de seus estabelecimentos. Lugares de música ao vivo e ações culturais desenvolvidos no período anterior incentivaram a instalação de novos equipamentos às suas proximidades.

Lancherias se instalavam à Rua Lima e Silva, principalmente às proximidades da Avenida Loureiro da Silva. Pela Rua da República, surgiram novos cafés, que ocupavam suas largas calçadas com uma ocupação intensiva do espaço público. Pela José do Patrocínio, casas

⁴³⁷ Trecho por Andrea Martins, 30a., em entrevista individual, em 19.12.06.

⁴³⁸ Trecho por Elton Campanaro, 46a., em entrevista individual, em 02.04.2007.

de shows e músicas ao vivo davam sequência às anteriores, iniciadas com a velha boêmia, com os amigos de Lupicínio e seguidas por outros estilos musicais, aflorados a partir da metade da década de 80. Na Rua João Alfredo e Travessa do Carmo, bares nativistas. E o movimento nos dias de espetáculos dos teatros.

Enquanto a Cidade Baixa crescia, o Bom Fim, no auge da sua violência, mantinha o temor no convívio local diante das ações da polícia e fechamento dos bares. Mudança de usos e os abusos praticados neste território acabaram por configurar uma ambiência local que atingia a moradores e aos usuários que dele usufruíam como espaço de contravenção ou fruição cultural. Com o controle policial incisivo, chamado tanta pela comunidade local quanto pela ação de Isaac Ainhorn, somada às restrições de funcionamento de seus bares, a população iniciou um processo de migração à Cidade Baixa, que, neste momento, ofertava espaços de lazer mais seguros e com caráter cultural, como o existente ao início da ocupação deste *point* do Bom Fim. Conforme Eduardo Montelli:

Os *Punks* não tinham lugar certo, eles migravam muito, assim de bar em bar! [...] Os *Punks* costumavam ficar ali pela Ramiro. [...] na Ramiro tem uma cachaçaria, muito legal! [...] E aquela cachaçaria ali era meio isenta, entrava qualquer um... Não tinha coisa de tribo assim que dominasse! Mas ali começou a dá muito pega! E eu realmente saí da Osvaldo Aranha, uma noite, que eu estava ali, e entraram uns quatro metaleiros, assim, pra tomar sua cachaça, e veio um bando de *Punk* e começaram a apedrejar a cachaçaria... E todo mundo que tava dentro! Aí, naquele dia, eu disse: 'Bah, larguei.' Larguei e aí comecei a descer aqui pra Cidade Baixa! (informação verbal)⁴³⁹

Conforme Nei Lisboa:

[...] as pessoas interessantes que frequentavam o Bom Fim, com algum sentido de crescimento, de encontros produtivos, que a boêmia pode propiciar, assim (se romantiza pelo menos, né)... O lado do bem, da coisa... As pessoas que curtem saudavelmente sair pra noite encontrar os outros, conversarem alguma coisa de cultura, e tal, passaram a não ir mais no Bom Fim... Transferiram [-se] para Cidade Baixa, e o que foi ficando ali acho que foi um respaldo de gente que ia mais pra noite com uma intenção mais agressiva ou desesperada, se afundando em droga ou [n] uma garrafa de plástico cheia de cachaça... [...] Uma separação então mudou muito a cara, nos anos 90. A Lancheria do Parque permaneceu ali, e eu permaneci anos a fio [...] frequentando a Lancheria do Parque, mas já pulando um pouco, principalmente pro final da década... À Cidade Baixa... Também já tava um pouco desgostoso daquilo tudo ali... [...] Os atritos continuaram, e ao longo dos anos 90... Aí é que começou a se definir uma migração para a Cidade Baixa, e uma decadência mesmo do Bom Fim.⁴⁴⁰

A inexistência de espaços próximos compatíveis à função cultural desejada, somada às rotas já estabelecidas entre as áreas - à Rua José Bonifácio e à Avenida Venâncio Aires - determina a migração do público do Bom Fim aos bares da Cidade Baixa. Mas com estes também migraram alguns que participavam das subversivas locais. Talvez por serem minoria

⁴³⁹ Trecho por Eduardo Montelli, 41a., em entrevista individual, em 16.01.07.

⁴⁴⁰ Trecho por Nei Lisboa, 48a., em entrevista individual, em 13.02.07.

neste território novo, não chegaram a causar problemas. Conforme Tagore:

Agora, quando os bares da Osvaldo Aranha, Bar do João, fecharam!!! Aquele público, aquele povinho, aquela... As pessoas que iam lá, com aquela cultura lá do Bar do João, passaram a ir lá pro, pro Adriano. [...] Conhecia algumas pessoas que, que eram tradicionais frequentadoras da, da Osvaldo Aranha, do Bar do João, do Lancheria e que descobriram no Adriano [...] um substituto. [...] Isso aí porque, foi me... Me relatado isso... e também pela, pela maneira deles mesmo a gente via assim pelas roupas, pela maneira que se comportavam, a gente via que era, que eram oriundos lá da... daquela tribo do, da Osvaldo Aranha... e aí eles mesmo que tomaram de assalto o Adriano... [...] (informação verbal)⁴⁴¹.

Fora do Bom Fim, neste momento, na Avenida Protásio Alves, encontrava-se o Porto de Elis, um espaço que tinha funcionamento semelhante ao do Ocidente - *point* de *shows* - com a irreverência e caráter do bar do João. Surgiu no final dos anos 80 (88/89) e acabou sendo fechado.

Em suas proximidades foram instalados outros bares, (Caverna do Ratão, Porto de Elis, Amarelinho, mais distante do Bom Fim, também à Avenida Protásio Alves, a “Barlândia” – o complexo com mais de 30 bares⁴⁴², instalados às proximidades da Rua Montenegro (Wiscaya, Bacco, Bond’Eu, Van Grogue, Bar Prinz, Stardust). O crescimento em direção “ao bairro” estava em processo ascendente.

Consolidava-se a continuação do Eixo da Avenida Osvaldo Aranha e, na Cidade Baixa, um complexo começava a se desenvolver.

4.2.3 Desenvolvimento da Cidade Baixa

Em 1985 ocorre o fechamento do Auditório Araújo Viana, no Bom Fim, deixando órfãos seus frequentadores. Estes, divididos entre público e músicos, que partilhavam frequentemente o lugar, buscam novos espaços para shows, audições e eventos musicais.

A Cidade Baixa, neste momento, tem iniciado o desenvolvimento do uso comercial no seu território, disseminado com bares, restaurantes, cafés e casas de shows, diferenciadas por estilo musical.

Surgem muitos espaços neste período, junto aos espaços já existentes: Cavanha’s, Copão, Cotiporã e Apollo (lancherias à Rua Lima e Silva, próximas à perimetral), Liliput (seguido pelo Casarão) e Zellig (locais de permanência e música, à Rua Sarmiento Leite), Marcelina (2º), à Rua Sofia Veloso e Vinha D’Alho, à Rua Lima e Silva.

Bares musicais como o Bar do Marinho (2º), Rola Rock e Miro, na Rua Lima e Silva,

⁴⁴¹ Trecho por Tagore Rodrigues, 53a., em entrevista individual, em 16.03.07.

⁴⁴² De bar em bar, na noite de Portinho. Tribos e Bares. **Zero Hora**. Porto Alegre. 30 de abril de 1995. Especial 30 anos. p. 12.

o Jardim Elétrico e o Bar do Marinho (1º), na Rua da República, Big Som e Opinião (1º), na Rua José do Patrocínio, esquina com a Rua Joaquim Nabuco, o João de Barro, na Rua José do Patrocínio, esquina com a Rua Lopo Gonçalves, o Clube da Saudade e as Boates Gays Ego Sun, Indiscretus e W Bar, na Avenida Venâncio Aires, o Blue Jazz e o Oito e Meio, na Avenida Aureliano Figueiredo Pinto, o Água na Boca, Makumba, Marcelina (1º), Terreira da Tribo, Maria Fumaça e os Clubes Sandália de Prata, Carinhoso e Anos Dourados, à Rua José do Patrocínio, junto com o Chão de Estrelas, o Luanda e o Eski Bar, sendo que os dois últimos não tinham caráter musical. Nesta temática, o Estância de São Pedro, à República com a Rua João Alfredo, assim como o Pulperia, à Travessa do Carmo (onde em período posterior daria espaço ao Dr. Jeckyll), dividem público com som nativista.

Destes, Miro, Bar do Marinho e João de Barro cultivam a tradição de reunir músicos locais, em rodas de sambas, choros, mantendo uma tradição local, herdada das melodias e práticas de Lupicínio.

O Canecão Gaúcho junto à Casa de Portugal e o Ressaca, o Cinema Avenida e o Gente da Noite, na Avenida João Pessoa, o Armazém Rossetti e a Padaria da João Alfredo na rua que lhe dá nome, próximos à Tabacaria da República (que no período seguinte se transformaria em Ossip), a Padaria Suíça na José do Patrocínio, na projeção da Rua Sarmiento Leite e a Padaria da República, na Rua que lhe dá nome, esquina com a Rua Lima e Silva (ambas nas rotas entre casas de estudantes e próximas delas), a Sorveteria Jóia, esquina com a República, onde surgiam os cafês Buraquinho (depois Gota d'Água, Bar do Marinho – 1º e posteriormente Café Antártico), Ritrovo e Republic. Também se desenvolvia o Consulado Café, em outro extremo da Rua Lima e Silva, na esquina com a Rua Joaquim Nabuco. Surgem restaurantes, como o Bar do Beto II, na Rua Sarmiento Leite, o Restaurante Fofa e o Bar do Adriano na Rua da República, a Pizzaria Brasileira, na Rua José do Patrocínio e o Restaurante Samanta, na Rua João Alfredo.

Permanece o Restaurante Galo, na Avenida Aureliano Figueiredo Pinto, o Restaurante Copacabana, na Praça Garibaldi, o Restaurante Pedrini, na Avenida Venâncio Aires, o Restaurante Spina, na Rua Lima e Silva, o Van Gogh, na República esquina com Avenida João Pessoa.

Sobre o Pulperia:

Foi na época do nativismo, primeira época, primeira vez que o nativismo “bombou” de vez assim que era a bola da juventude [...] e nessa época tinha mais o nativismo, tinha uma parte da parcela da juventude que era nativista, e aí tinha o Pulperia. Eu não lembro onde é que ele era, eu lembro que era um bar nativista que enchia [...] O Pulperia é estilo galpão nativista assim, com decorações nativistas assim, tinha como

é que aquelas mesas e cadeiras estilo... [...] Estilo churrasqueira, assim bem nativista (informação verbal)⁴⁴³.

Sobre o João de Barro:

[...] tinha um bar também que tinha música ao vivo que era na assim, a Adriana Calcanhoto morou num edifício na esquina da Luís Afonso com a, não, não era Luís Afonso, depois da Lopo, da Lopo Gonçalves com a José do Patrocínio. Era um edifício alto assim, bem na esquina, é onde tem uma ferragem, eu acho. Ali tinha um bar chamado Tigela de Barro, é que tinha música ao vivo, ou pelo menos a partir do momento que ela começou a cantar passou a ter. Então ela tipo, ela começou a cantar na noite. Ela tinha se mudado, saiu de casa e veio morar ali e aí começou a procurar bares para tocar. Então lembro que esse foi um dos primeiros bares que ela tocou. Se não foi o primeiro. E eu fui assistir algumas noites ali... Isso é 84.... 85, e eu cheguei a tocar, dar uma canja, assim, tava lá... (informação verbal)⁴⁴⁴.

Sobre o Sandália de Prata e bares similares e próximos:

Bah, mas tinha lugares, como por exemplo o “Sandália de Prata”, não, o “Chão de Estrelas”, que era o lugar que a gente ia, tinha dança, se ia pra dançar, assim oh, “Sandália de Prata”, “Chão de Estrelas” e o “Clube da Saudade”. [...] Tinha uma qualidade de música. Eu ia pra lá pra ouvir música, tinha gente muito boa fazendo música. (informação verbal)⁴⁴⁵.

Sobre o Luanda:

J- O “Luanda” era outro grande bar. O “Luanda” do “Tide” [ou Tídi ou Títi], né ???
 C.S.- O “Luanda” tu não tem noção, era um boteco, mas um boteco assim que tu não pode imaginar...
 C.S.- Minúsculo, o “Tide” era um... [...] Tinham as sopas do “Tide”...
 J- Ele vivia com o dedão dentro da sopa, assim.
 C.S.- E era também uma passagem de músicos ali, era uma coisa...
 J- Era um bar de negros. Um bar bem negro mesmo.
 ER- Um bar, um negão, o negão Tide”.
 J- No começo da Patrocínio. No começo não, na Patrocínio, quase ali, perto daquela praça ali, perto da Venâncio ali...
 J- Antes de chegar na Venâncio..
 C.S.- [...]era uma casa antiga, era uma coisa assim de desenho, uma caricatura, tinha uma lua, assim né, Luanda, tinha uma luazinha assim, uma coisa caindo aos pedaços, tu não tem noção do que era aquilo. E as pessoas iam ali na madrugada, tocar...
 C.S.- Pela, pela, pela cultura. Pelo que rolava ali de som, uns tomavam a sopa, né... Tinha gente que tomava assim, tinha, era a música, entendeu, o pessoal era movido a roda de violão, a poesia...
 [...] Tudo. Até os músicos reunidos. Rolavam composições novas, ou faziam músicas ali na hora mesmo.
 J- Músicas que dali dois, três anos iam estourar⁴⁴⁶.

Sobre o Zellig, este trazia alguns diferenciais como também trouxera o outro bar do mesmo proprietário e feito pelo mesmo arquiteto: o Espaço do IAB. Conforme Elton Campanaro:

⁴⁴³ Trecho por Elton Campanaro, 46a., em entrevista individual em 02.04.2007.

⁴⁴⁴ Trecho por Álvaro Santi, 42a., em entrevista individual em 19.01.2007.

⁴⁴⁵ Trecho por Luciano Telles (que não quis se identificar), em entrevista em dupla, com Cristiane Santos, 41a, em 15.01.07.

⁴⁴⁶ Trecho por Cristiane Santos, 41a., em entrevista em dupla, com Luciano Telles (que não quis se identificar) em 15.01.07.

Ele tinha sopa, não lembro se ele era uma casa de sopa, especialista, mas ele tinha sopa até que depois acabou se tornando famosa a panqueca dele né [...] Não, ele teve reformas, mas não é nada muito diferente do que ele era assim, ficou ali um pouquinho mais atualizado assim, mas nada muito diferente do que ele era assim. [...] Não, não era, era um pub jovem, jovem mais formalzinho assim, não era um pessoal tão maluco da época. [...] Bem no início ele foi, tá, mas logo depois ele já não ficou exclusivo de arquitetos [...] Mais o pessoal da UFRGS. Talvez pela proximidade ali [...] (informação verbal)⁴⁴⁷.

O Liliput, apesar de ser uma casa noturna com certo requinte, substituída por outras que valorizavam a arquitetura do edifício, externa ou internamente, antes apresentava um uso que não acompanhava a suntuosidade da edificação. Conforme Cristiane Santos:

Santíssimo, mas era um boteco assim bem boteco mesmo que existia ali. Casa caindo os pedaço, boteco de tomar cachaça (informação verbal)⁴⁴⁸.
[...] era um boteco, assim, tipo de cachaça mesmo, de armazém, de fumo de rolo, de querosene, de não sei o que... e depois de um tempo virou assim também, seguido tocava um pessoal ali, tocava violão, sabe, o violão tava em tudo que era lugar, assim... (informação verbal)⁴⁴⁹.

O Bar do Libanês (ou Francês) tinha um diferencial, apontado por muitos depoentes: tratava-se de bar que mantinha as portas fechadas. E o dono só a abria a quem ele simpatizasse ou quisesse receber. Aparentemente um bar frequentemente fechado, funcionava às portas cerradas, ofertando um cardápio destacado pelo capricho e ótimo paladar em sua degustação. Estas características ainda são apresentadas por seu sucessor, à Rua da República, o Restaurante Fofa. Conforme Tagôre Rodrigues:

Tinha um bar bem na esquina [...] um bar estranho assim, ele era assim acho que meio privê. Às vezes abria pro público e outros dias não abria pro público, mas tu via que tinha movimento e tal, e era uma coisa meio estranha acho que o dono era halterofilista tinha um físico muito forte, já de idade tinha uns quadros, uma decoração referente a isso assim, mas não uma coisa, bar temático refinado... (informação verbal)⁴⁵⁰.

É que assim, no início ali era um bar dum libanês... [...] Que era um daqueles bares assim incríveis que o dono atendia com quem ele simpatizava. Então o bar dele tava sempre fechado! [...] Aí ele olhava assim... Se ele não gostava... Não, ele nem dava a mínima, não dava a mínima, a gente batia [...] Aí quando batia, batia, aí ele assim... Tava... Sempre tava sempre fechando... Sempre fechando... E era ele mesmo que fazia a comida, comida árabe, tudo bah, maravilhoso... [...] Maravilhoso, até hoje eu não comi comida tão boa como a dele, dessas comidas de árabe? [...] Bah! É que assim, era ele que fazia, então quando ele ia pra cozinha, a filha dele ficava alí atendendo no balcão... Só que também ele foi cansando [...] Bah, a gente comia aqueles kibes, kibe? [...] Vários tipos né? Ou assado ou cru, umas coisa, [...], umas comidinhas lá maravilhosas. Só que tá, lá pelas tantas tu tinhas que tá disposto a, a ouvir as histórias dele, né? Ele gostava de falar... [...] Aí quando chegava em época, quando tinha época de campanha eleitoral, ele fechava o bar dele e alugava a parede, da rua, que aí pros cara ir pra lá e pichavam lá... [...] Aí o bar não funcionava. [...] Só que ele acabou cansando, as filhas não quiseram seguir com ele, tinha duas filhas, não quiseram seguir com o bar e ele tinha, tinha, o sonho dele era voltar pro Líbano!

⁴⁴⁷ Trecho por Elton Campanaro, 46a., em entrevista individual, em 02.04.2007.

⁴⁴⁸ Trecho por Álvaro Santi, 42a., em entrevista individual, em 19.01.2007.

⁴⁴⁹ Trecho por Cristiane Santos, 41a., em entrevista em dupla, com Luciano Telles (que não quis se identificar) em 15.01.07.

⁴⁵⁰ Trecho por Álvaro Santi, 42a., em entrevista individual, em 19.01.2007.

Coitado, voltar pra aquele inferno. Não sei se voltou, mas o sonho dele era voltar...⁴⁵¹

Sobre o Bar do Miro:

Era um bar assim, que só entrava quem conhecia, era um bar extremamente pequeno e as pessoas tinham a chave do bar. As pessoas tinham a chave do bar baixava a cortina do boteco, ninguém entrava, levantava a cortina tinha uma outra porta [...] Não era raro, os próprios clientes irem lá anotar a cerveja e todo mundo fazia questão e era rigorosamente exato... [...] um fiscalizava o outro, porque imagina, fechar um bar, e todo mundo era rigoroso na honestidade para não perder esse privilégio. Foi um dos maiores bares que eu frequentei, e a capacidade deles com gente, completamente apinhado, eram trinta pessoas, bem pequenininho (informação verbal)⁴⁵².

Sobre o Bar do Marinho:

O bar do Marinho [...] era um bar antigo assim, sabe muito pequeno, mas tinha música ao vivo. [...]. Entre 86 e 89 parece que morreu alguém, deu tiro, deu crime nesse bar na frente do bar uma coisa assim, e o bar, não sei se por isso, mas, ou por um motivo relacionado com isso ele fechou. E eu tinha ouvido falar que tinha reaberto como o Bar do Marinho. Porque é o nome do dono, mas eu não conhecia [...] Todos os músicos batiam o ponto lá, então é o ponto de encontro de músicos, assim... Claro que era um bar diferente, mais simples, assim (informação verbal)⁴⁵³. [...] era um bar onde a gente entrava, tinha um pessoal que se encontrava ali, a partir das onze horas da noite, o pessoal ficava jogando dadinho, aí um chegava lá e puxava o violão... E aí era música direto. O Marinho sempre se caracterizou por música urbana... Mas tinha alguns nativistas que frequentavam o bar. ER- Era um bar assim, que os músicos depois de sair do seu trabalho, todo mundo passava lá, dava uma canja, sabe? Era e continua sendo assim, né, a presença de músicos, assim de vários estilos assim, sempre acabam dando uma passada ali, nem que seja pra dar um “Alô” pro Marinho, pela amizade dele assim... O Marinho um cara fantástico como dono de bar, até hoje. Ele fez um ambiente assim, ele seleciona, ele sozinho da conta do espaço, da música, da descontração do ambiente, assim... Som direto até o sol raiar. Saía de lá, energizado, era muito bom. Teve suas fases, também. Não sei quantos anos teve de “Marinho” ali, só na República eu vivi 20... É, até o espaço interno não era assim... Era a essência do bar mesmo, a essência das pessoas, porque o espaço era muito ao gosto de quem era dono, assim... uma coisa assim, como é que eu vou te dizer, eles faziam na casa ali, diferente de hoje que é mais restaurantes, né... [...] É mais pra consumo. Então era aquela coisa relaxada, pra realmente tu sentar com os amigos e tocar um violão, né, que até, até o Marinho era uma coisa bem, bem [...] assim que eram todos forrados, que é justamente pra não sair o som, né [...] Que daí no final ficava aquela coisa de cigarro assim, tudo fechado, mas era necessário justamente pro som não sair, era aquela porta com uma trava assim, tudo muito, com carpete nas paredes assim... pra isolar [...] (informação verbal)⁴⁵⁴

Espaço diferenciado, em sua organização espacial e práticas de sociabilização, o Espaço do Grupo Teatral Terreira da Tribo apresentava características de espaço-vivência (comunidade) dos integrantes do próprio grupo (moradia e residência), junto aos espaços de ações teatrais e integração com o público, com o seu bar próprio, com produção de cerveja

⁴⁵¹ Trecho por Tagore Rodrigues, 53a., em entrevista individual, em 16.03.07.

⁴⁵² Trecho por Luciano Telles (que não quis se identificar) em entrevista em dupla com Cristiane Santos, 41a., em 15.01.07.

⁴⁵³ Trecho por Álvaro Santi, 42a., em entrevista individual em 19.01.2007.

⁴⁵⁴ Trecho por Cristiane Santos, 41a., em entrevista em dupla, com Luciano Telles (que não quis se identificar) em 15.01.07.

artesanal e de produtos naturais. Esta área ocupava os fundos do terreno de uma edificação que era utilizada por bares, que se alternavam à Rua José do Patrocínio. Conforme depoentes:

[...] não era só um bar, era Terreira da Tribo mesmo né. Eles moravam lá, faziam espetáculos lá, além disso, tinha um bar e tinha uma cerveja caseira, uma coisa, eu não lembro se eu cheguei a provar aquilo, não é uma coisa muito agradável assim. Não era, eu não achei, não fiquei fã da cerveja caseira, mas era um espaço bem interessante porque a gente tocava lá. As pessoas podiam chegar e tocar. Eu me lembro que a gente tocava violão lá, ter ido assim, eu e uns amigos, tocamos, foi uma roda em volta. Um espaço bicho grilo mesmo. [...] me parece que foi num primeiro momento, depois ele virou... Bom depois ele virou teatro né, ficou restrito que quer dizer que o bar deixou de existir, passou a ser só o teatro, eu tenho a memória desses dois momentos. Parece que houve um período que ele ficou fechado, mas não sei se foi depois deles abrirem o teatro, ou se foi um momento depois o outro e depois fechou [...] (informação verbal)⁴⁵⁵.

[...] A Terreira tinha os espetáculos, que a Terreira faz né... A Terreira é um grupo de pesquisa teatral, na verdade né, eles fazem pesquisa teatral, tem um trabalho até muito importante ali no teatro brasileiro [...], ele sempre apresentava aquela proposta dele, a situação onde o público acaba interagindo com ele, umas propostas bem malucas, mas muito legal [...] Nos fundos, é tu entrava assim era tipo um galpãozinho... Tinha uma área livre aberta, assim, e ali eles montavam no meio daqueles galpões, no meio daquelas áreas deles, ali... Ali faziam as montagens por ali. [...] dentro tinha, mas era um bar, um barzinho né, é que eles eram muito alternativos né, é que eles era, uma comunidade assim né, eles mantinham aberta aquilo ali durante todo o dia né? Se quisesse entrar, se quisesse conversar, se quisesse... Por isso tava sempre aberto ali. Eles recebiam sempre bem a população para qualquer coisa assim. É o que eles fazem até hoje na, no espaço deles, [...] hoje. Mas era uma coisa bem daqui assim, eles saíam pelas ruas para apresentar desfiles coisa assim, saíam pelo bairro. (informação verbal)⁴⁵⁶.

A Terreira atualmente tem um bar na frente, um prédio do bar, fica entre a República e a Luís Afonso... [...] do lado, da calçada... [...] bem quase, quase no meio da quadra acho... [...] Ali inclusive teve vários bares, tem uma casa de dois andares ali, certo? Nessa casa, nesse prédio, teve vários bares... [...] tinha esse prédio na frente... [...] E a Terreira ficava ao lado, tinha uma entrada de garagem e a Terreira ficava lá atrás... [...] Esse prédio ainda existe, atualmente é um restaurante, um bar, um bar noturno, se não me engano, é do dono do Manarah [...] (informação verbal)⁴⁵⁷.

Outro espaço com características diferenciadas era o Cine ABC. Conforme Elton Campanaro:

Eram filmes alternativos, filmes europeus, italianos, ingleses, alemães, coisas assim, fora do circuito. E a sessão da meia-noite que era a sessão concorrida. Era uma sessão assim que todo mundo ia para se encontrar na sessão da meia-noite no ABC. [...] tinham pré-estreias, tinham ciclos, tinham alguma coisa diferente assim. [...] E o ABC foi um pouco mais além do que o Bristol, o Bristol fechou antes. (informação verbal)⁴⁵⁸.

Toda a cultura local desenvolvida nascia “pura”, “prima”, das intenções e criatividade do momento. Lançaram-se novas bandas, novos grupos de teatro... Entretanto, até então, não se havia recuperado a “alma” local. O espírito do próprio espaço não está conectado diretamente às ações culturais – e a este espírito não se somam apenas as antigas histórias

⁴⁵⁵ Trecho por Álvaro Santi, 42a., em entrevista individual em 19.01.2007.

⁴⁵⁶ Trecho por Elton Campanaro, 46a., em entrevista individual em 02.04.2007.

⁴⁵⁷ Trecho por Tagore Rodrigues, 53a., em entrevista individual em 16.03.07

⁴⁵⁸ Trecho por Elton Campanaro, 46a., em entrevista individual em 02.04.2007.

sobre seu território de excluídos, negros, baderna e ações malditas, mas também às relativamente recentes ações sociais que permearam seu território, à sua “borda” (Avenida Venâncio Aires), durante as programações culturais alternativas das rotas Sala 1 Cinema Vogue – Bristol e ACB.

Diferente do Bom Fim, que era lugar de Aura, reforçado e lembrado na materialidade do espaço, a Cidade Baixa tende a privilegiar a dimensão temporal, portanto é lugar de Memória⁴⁵⁹. Esta que reinventa e rerepresenta o lugar e o tempo, pode ser fruto do *habitus* e da socialização, recebendo a denominação de proto-memória (memória herdada)⁴⁶⁰, ou pode ser as representações que o indivíduo faz do que viveu, a procura ativa de recordações. E estas também remetem para a “maneira como cada um se filia no seu próprio passado e como [...] constrói sua identidade e se distingue dos outros”, denominada metamemória⁴⁶¹.

Nesta construção, locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa podem constituir lugar importante para a memória do grupo e, por conseguinte, da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo⁴⁶². A memória é um fenômeno construído⁴⁶³, e esta construção pode ser consciente ou inconsciente. O que as memórias individual e coletiva gravam é resultado de um trabalho de organização, ainda que a última seja bem mais organizada, por ser frequentemente lembrada, reforçada, incluída.

A memória herdada tem uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade, que é o sentido da imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida, referente a ela própria - imagem que ela constrói e apresenta aos outros (para ser percebida da maneira como quer ser percebida) e a si própria (para acreditar na sua própria representação, que a diferencia de outros). Nessa construção há a unidade física (o corpo da pessoa ou as fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo); há a continuidade dentro do tempo e há o sentimento de coerência.

A memória é importante no sentimento de identidade, na medida em que ela é um fator do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

O confronto entre a memória individual e a memória dos outros, mostra que a

⁴⁵⁹ CASTELLO, Lineu. **Repensando o LUGAR no projeto Urbano**. Variações na Percepção de LUGAR na virada do Milênio (1985-2004). 2005. Tese (Doutorado). UFRGS, Porto Alegre. 2005. Passim.

⁴⁶⁰ CATROGA Fernando. **Memória, História, e Historiografia**. Coimbra: Quarteto. 2001. p.15.

⁴⁶¹ *Ibid.*, p. 15.

⁴⁶² POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

⁴⁶³ *Ibid.*, loc. cit.

identidade é um valor disputado em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos diversos. Portanto se há consenso nas lembranças individuais na construção de uma memória local, de um ambiente ou grupo, elas se reforçam e legitimam como verossimilhança, senão verdade sobre o real, pois em confronto concordam, reforçam-se e se sustentam. Este processo de rememorização⁴⁶⁴ faz parte da construção da memória.

Na pesquisa, muitas informações foram obtidas deste reforço de memória. Algumas verificações foram possíveis em outras fontes. Outras se bastaram da recorrência em diferentes depoimentos.

O tempo age sobre o lugar da experiência como força de diferenciação ou integração que resulta em movimentos culturais identitários⁴⁶⁵ - característica que permitiu a categorização dos períodos do trabalho, conforme a diferenciação de público atuante, motivação e área de atuação estudada.

O lugar da experiência produz, sob a ação do tempo, as possibilidades de sistematizar os fragmentos do passado (lembranças) em memórias. É nele que se pode perceber a ambiguidade de ações num mesmo tempo, na imagem da dialética, a partir da lei da dialética em estado de paralisação. Essa paralisia é utópica e, por isso, a imagem dialética é uma quimera, a imagem de um sonho⁴⁶⁶. Benjamin insiste no momento de sincronia entre o passado e o presente, em que é possível “salvar o passado”, porque nele o presente se vê⁴⁶⁷. E esta sobreposição espacial, num mesmo tempo e momento, é possível a partir da memória – matéria prima disponível em vários espaços da Cidade Baixa.

A memória, individual ou coletiva, é constituída de três elementos: os acontecimentos (vividos e os “vividos por tabela”), os personagens e os lugares⁴⁶⁸.

Os acontecimentos “vividos por tabela” são os vivenciados pela coletividade à qual a pessoa quer ou se sente pertencer, sendo que, no imaginário, tornaram-se tão reais que é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não - uma memória quase que herdada. Os personagens podem ser tanto conhecidos pessoalmente, como “por tabela”, pela grande convicção de intimidade com elas, que podem sequer pertencer ao espaço-tempo daquela que projeta. E os lugares podem ser: lugares da memória, lugares ligados a uma lembrança

⁴⁶⁴ DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica**. Memória, Identidade e Representação. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 111- 136.

⁴⁶⁵ Ibid., loc. cit.

⁴⁶⁶ BENJAMIN, Walter. Paris, Capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. **Walter Benjamin**: Sociologia. São Paulo, Ática, 1985. p. 30-43.

⁴⁶⁷ PESAVENTO, Sandra J. O Desfazimento da ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. **Cultura Vozes**. Nº. 5 – Setembro-outubro, 1995. p. 34-44.

⁴⁶⁸ HALBAWCHS citado por POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

(pessoal ou não, com ou sem apoio no tempo cronológico) e os lugares de memória de grupo (locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, mas que constituem lugar importante para a memória do grupo e, “por tabela”, da própria pessoa pelo pertencimento a esse grupo). Assim, a Cidade Baixa, mais do que um Local de Memória, é um Local de Memória Coletiva.

Esses três critérios - acontecimentos, personagens e lugares - conhecidos direta ou indiretamente, podem dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos, mas podem, também, não passar de projeções a outros eventos. No caso da Cidade Baixa, trata-se de fatos reais que, com a manutenção da memória, evoca antigos espaços, lugares, personalidades e eventos locais.

O que a memória individual grava, exclui, relembra, é o resultado de um trabalho de organização – o que também ocorre em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (principalmente socialmente).

A memória é um fenômeno construído social e individualmente. A memória herdada tem uma ligação muito estreita com o sentimento de identidade, pois ela é um elemento constituinte deste, tanto individual como coletivo, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Para Halbwachs, a personalidade se forma sempre dentro de “quadros sociais de memória”, onde se recebe e transforma a memória pessoal, a partir das próprias memórias pessoais, consentindo tanto a apropriação da herança, como as suas reinterpretações (transformações, por sociabilização da memória pessoal). E estas, regra geral, possibilitam a comunicação e o consenso entre os indivíduos e uma transmissão revivificada do passado.

Todos estes processos de memória atuam no sentimento de pertencimento, identidade e na consciência do fato histórico, enquanto seus agentes sociais têm a consciência de o estarem construindo. A integração entre o passado e o presente, a presentificação do mesmo nas ausências que o presente evoca e que a memória rememora, as ausências materiais das imagens mentais construídas sobre memórias herdadas e assimiladas, na vivência de ações sociais e espaços não contemporâneos aos agentes sociais atuais, numa sobreposição de tempos e espaços, como no palimpsesto material sustentado por Rossi⁴⁶⁹, junto à paralisia da dialética proposta por Benjamin⁴⁷⁰, fazem da cidade Baixa um cenário Histórico sustentado

⁴⁶⁹ ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Lisboa: Cosmos, 1966. (36-41; 46-49; 64-69)

⁴⁷⁰ PESAVENTO, Sandra J. O Desfazer da ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. **Cultura Vozes**. Nº. 5 – Setembro-outubro, 1995. p. 34-44.

na sua própria memória e que reforça seu caráter e importância nas práticas sociais nele exercidas até hoje. Em cada período, algumas características apontam maior evidência. Neste período, destaca-se o reforço da imagem de arena cultural com o resgate e manutenção das práticas boêmias de Lupicínio Rodrigues no exercício do lazer nos espaços noturnos de seu território.

Há uma retomada de antigos e bem sucedidos usos, em um resgate histórico, cultural, e necessário – visto a adesão do público e sucesso de empreendimento.

A esta ação, são associadas as criações de inúmeros cafés, bares e novos restaurantes. A mobilização do espaço renovou os espíritos, os sentimentos de pertencimento e identidade, e supriu a necessidade de cultura associada ao familiar e saudoso período já vivido dos tempos supracitados, numa sobreposição de tempos numa mesma vivência.

O espaço passou a evocar não a si mesmo, mas a outros, preexistentes, pelas memórias vividas.

Filmes artísticos destacados do período anterior ou da preferência de público, nas noites culturais do Bom Fim no Bristol, e da Cidade Baixa, no ABC, inspiraram os nomes dos bares que começariam a se instalar pela Cidade Baixa, a partir do início dos anos 80: “Doce Vida” e “Oito e Meio”, de Federico Fellini, assim como “Zelig”, de Woody Allen e Ma Farrow.

Seu território esboçava o que viria a se transformar num zoneamento espacial por caráter e tipo de usos, público, motivação (beber, comer, conversar) e características espaciais dos lugares.

Às proximidades da Avenida Venâncio Aires, a Rádio Ipanema fecha, o Bar do Beto I migra-se para a Cidade Baixa. Nas proximidades da Avenida Cristóvão Colombo, alguns permanecem e se desenvolvem alguns restaurantes (Apêndice G). Nas proximidades da Avenida Independência, poucos bares permanecem abertos (Apêndice H). Nos altos da Protásio, desenvolve-se outro *point* de bares que chegou a ser conhecido por “Barlândia” – tratava-se de um complexo com mais de 30 bares (Apêndice O). Nos altos da 24 de Outubro, outro *point* se desenvolvia, apresentando novas opções de lazer noturno. (Apêndice P).

A Cidade Baixa passava por novo período após a inauguração do Guion Center, com seus cinemas e novas ações e programações culturais, num resgate das atividades alternativas da região (um resgate histórico e de valorização cultural) que reanima o lugar, inicia um processo acelerado de desenvolvimento a partir da valorização imobiliária, oferta de público e de demandas na área de alimentação, lazer e entretenimento.

Conforme Mietlicki⁴⁷¹, a Cidade Baixa teria vivido o samba-canção e a dor-de-cotovelo nos bares onde Lupicínio Rodrigues, Rubens Santos e Lourdes Rodrigues pontificavam, nas décadas de 50 e 60. A partir da década de 70, o número de bares e “boêmios” teria aumentado no bairro, destacando-se Pecados Mortaes, Marcelina, Maria fumaça, Doce Vida, Água na Boca, Ressaca, Pulperia, Chão de Estrelas, Casa de Portugal, O Sonho da pulga, somando-se aos já existentes Van Gogh e Copacabana. Conforme a autora, no final da década de 80, a agitação na cidade teria dado um estada – informação com a qual não concordo mediante a apresentação do desenvolvimento deste período no capítulo anterior, assim como também discordo de sua colocação sobre a invasão de hippies, tipos mais modernos e alternativos na Cidade Baixa na década de 70, pois a informação não é confirmável em nenhuma fonte utilizada nesta pesquisa e destoa do desenvolvimento levantado na pesquisa⁴⁷².

Concordante é a questão sobre o desenvolvimento do bairro impulsionado pela instalação do complexo Nova Olaria, que promoveu uma mudança na dinâmica social e espacial do bairro, seja no tipo de público e novo uso, quanto nas ocupações de seu espaço urbano – incluindo-se os passeios públicos, casario antigo, novas edificações, com os impactos decorrentes destas ações. Conforme Álvaro Santi:

[...] eu acho que lá no Nova Olaria [...] mudou a vida da Cidade Baixa para o bem e para o mal. Mas nessa parte de boêmia com certeza né, aglutinou assim... Chamou, trouxe público e as pessoas começaram a criar bares em volta e a coisa foi tomando uma dimensão... [...] Mas é bem, bem legal, quer dizer, acredito até envolve turismo, movimenta, respeitado o sossego dos moradores, a questão da segurança, assalto, tráfico de drogas que tem que ser controlado, e tal... Mas acho bem interessante... Como é que a construção de um empreendimento comercial, né, afeta... Pode revitalizar, digamos assim, o bairro, como é um projeto legal... Não é um shopping... Um “Praia de Belas” [referindo-se a shopping center de formato tradicional, da cidade] (informação verbal)⁴⁷³.

Conforme Mauro Borba: “Foi depois do *Nova Olaria* e do *Guion* que as atenções se voltaram para a Cidade Baixa, aumentando o número de bares, casas noturnas e o movimento nas ruas”⁴⁷⁴.

A Cidade Baixa findava o período analisado com parte de seu território notívago já consagrado.

⁴⁷¹ MIETLICKI, Deise. Boêmia, aqui me tens de regresso. **Zero Hora**. Porto Alegre. 03/07/99. Especial ZH. p. 1.

⁴⁷² A autora abre o texto referenciando-se à casa onde teria nascido Lupicínio Rodrigues, na Rua João Alfredo. Em texto de NASI, Eduardo; RAMOS, Paula. Mestres do século. Música. O poeta da boêmia. **Aplauso - Cultura em Revista**. Porto Alegre, ano 1 n°. 11, p.26. , o endereço do boêmio era Travessa Batista, número 97 – na Ilhota.

⁴⁷³ Trecho por Álvaro Santi, 42a., em entrevista individual em 19.01.2007.

⁴⁷⁴ BORBA, Mauro. Pecados Mortaes e Opinião. Site giro cidade baixa. http://www.giroidadebaixa.com.br/opiniaio/opi_mauro.asp, acessado em 23 de abril de 2007, 15:13:22.

O presente capítulo se encerra após apresentação do panorama de mudanças nas dinâmicas sociais nas áreas analisadas, suas relações e interligações com outras regiões próximas na consagração de período diferenciado no uso do espaço público, pela forma de apropriação social, seja pela sua motivação, imagem ou sentimento que provoca, onde a fase “maldita” atinge o auge do seu desenvolvimento no Bom Fim, criando problemas locais reconhecidos na cidade toda.

Também demonstra os motivos da migração de público do Bom Fim à Cidade Baixa, fugindo das ações de violência entre grupos e destes com policiais, buscando espaços de lazer, pois no bairro de origem muitos bares fechavam suas portas devido às ações judiciais, necessidade de manutenção ou restauro, ou à falta de interesse dos proprietários em trabalhar em meio à insegurança.

5. TERCEIRA FASE DO MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE USO NOTURNO: MOBILIZAÇÃO PELO LAZER E PRAZER

O presente capítulo trata da alteração de caráter do espaço da Cidade Baixa e das relações nele exercidas. A vivência deste período, que se inicia após 10 anos da instalação da Democracia, atinge níveis de “liberdade” individual que ferem as liberdades de outros sujeitos, em práticas públicas de intimidade até então exercidas apenas no âmbito privado.

O período trata do grande desenvolvimento da Cidade Baixa como espaço de concentração de lugares de lazer noturno. Trata também do caráter comercial destas dinâmicas e dos impactos locais, sociais e físicos deste uso.

A resistência dos moradores à perturbação local, junto ao crescimento no número de assaltos e roubos na região e à dinâmica social de barulho e agitação, são consequências do aumento expressivo de estabelecimentos comerciais vinculados ao lazer nas práticas de bar, que impactaram a vida social existente.

5.1 1995 - 2006: DEMOCRACIA E ABUSOS NO ESPAÇO PÚBLICO

Em 1995 o Ocidente recém era reaberto. Em 1996, iniciava com os fechamentos do Auditório Araújo Viana⁴⁷⁵, para reforma da cobertura e do elemento de conexão com a Cidade Baixa: o Cine Avenida.

No mesmo ano, iniciava a demolição do Mercado original do Bom Fim⁴⁷⁶ (APÊNDICES D e U)⁴⁷⁷. Este período inicia com o cerrar de espaços culturais e de lazer no Bom Fim. (APÊNDICE D)

As ações de violência no Bom Fim atingiam seu auge e iniciavam um processo de regressão, vindo a findar até o final deste período, assim como também o próprio local como lugar de lazer noturno. Nos 10 anos de vigência do regime democrático, a tomada integral do espaço público em sua totalidade oportunizou o uso, que se fez com abusos. A venda de drogas e embates policiais continuavam configurando a noite do Bom Fim e as ações de controle buscando diminuí-la com o fechamento dos bares locais.

Na Cidade Baixa, em 1995, é inaugurado o espaço Cultural Nova Olaria, com proposta de locais de lazer, vinculados à prática de bar, vivenciados com cultura. O complexo

⁴⁷⁵ BORBA, Mauro. **Prezados Ouvintes**. Memória Afetiva. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1996, p. 134

⁴⁷⁶ ÁVILA, Alisson e Michelin, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso** - Cultura em Revista. Ano 3, nº 20, p. 17.

⁴⁷⁷ Acessar o Apêndice U junto às demais indicações de vistas aos apêndices que tratam dos espaços de lazer noturno.

recuperava a história e práticas locais, com oferta de programação de cinema de arte, aberto às calçadas. Conforme Paulo Reyes:

Tinha três cinemas de cultura, assim, importantes, que era o Bristol [...] Junto com o Baltimore ali na Osvaldo Aranha, a sala Vogue, que era na Independência com a Santo Antônio, e o ABC, que era ali na Venâncio. E aí eles fecharam todos e abriu o Olaria. Então o Olaria virou, fazia as vias culturais, assim, que não era dentro de shopping center [...] (informação verbal)⁴⁷⁸

A instalação deste ambiente com 16 lojas, incluindo duas salas de cinema, renova e reaviva o espaço, potencializando a área pelo uso comercial. Aumenta o trânsito a pé, dos frequentadores, oportunizando o aproveitamento deste deslocamento para absorção deste público com outras atrações.

Este lugar atende às necessidades e aos desejos do público local, *habitué* da Cidade Baixa ou migrado do Bom Fim, por falta de opções culturais e/ou seguras nele. Este, com o fechamento de seus importantes equipamentos urbanos, acaba perdendo grande parte de seus frequentadores e unidades comerciais.

Em 2000, o Baltimore fecha sua última sala de cinema⁴⁷⁹. A diminuição de público pela competição com unidades de cinemas mais modernos – com novos equipamentos de projeção e som e confortáveis instalações, como os Centros Comerciais João Pessoa e Nova Olaria ou os *Shoppings Centers* Iguatemi, Praia de Belas e Rua da Praia, cercados de lojas comerciais e abastecidos por praças de alimentação - ocasionou dificuldades de manutenção dos equipamentos de calçada. Além disso, a prática destes caíra no desuso, pois as pessoas mudaram sua relação com esta atividade e com o espaço público. Com a criação dos *shoppings centers*, a dinâmica do cinema focou-se na prática das unidades inseridas no contexto de equipamentos comerciais, cobertos e seguros, e no consumo de filmes comerciais. Salas maiores e mais bem equipadas recebiam público que absorvia o filme num espetáculo movido por sensações incitadas por novas tecnologias. As pessoas também conseguiram maior acesso a filmes, sob forma de fitas VHS, alugáveis em vídeo locadoras, que se disseminavam neste momento. A facilidade de acesso diminuiu a frequência nos cinemas em geral e, para contornar este problema, estes investiram em qualidades de apresentação, buscando manter o público. O consumo que domina a nova sociedade pós-moderna, tomada pela moda, altera as relações sociais desta com os espaços físicos culturais de até então.

Em 2003, é iniciada a demolição do Cinema Baltimore, pelas dificuldades de

⁴⁷⁸ Trecho por Paulo Reyes, 44a., em entrevista individual, em 09.04.07.

⁴⁷⁹ RIBEIRO, Milton. A migração dos cinemas de Porto Alegre (Parte 2 – alguns bairros). <http://miltonribeiro.sul21.com.br/2012/10/21/a-migracao-dos-cinemas-de-porto-alegre-parte-2-alguns-bairros/>. Acesso em 04 junho 2013. 15:28

manutenção do equipamento. Esta atividade compromete a estrutura da edificação do Bar João, que acaba fechando.

Figura 50 - Demolição do Baltimore.



Fonte: ZAMBONI, Vanessa. Percorrendo as marcas de distintas temporalidades no Bairro Bom Fim: exercício de etnografia nas ruas de um bairro. Orientação de Cornelia Eckert. p. 6.

A demolição do prédio do antigo cinema já começou, mas com alguns percalços. Uma retroescavadeira abalou a estrutura do Bar João, que está fechado desde 31 de maio. Mais recentemente, no dia 5 de julho, uma transeunte foi atingida pela queda da fachada do prédio⁴⁸⁰.

O Bom Fim permanece apenas com os estabelecimentos e equipamentos: Máriu's, Lola, Ocidente, Auditório Araújo Viana, Cooperativa Colméia, Bar João, Baltimore, Lancheria do Parque, Luar-Luar, Escaler, Zé do Passaporte, Vermelho 23 e Clube de Cultura.

Destes, o Baltimore tem sua demolição iniciada em 2003, quando o Bar João foi fechado por falta de condições de funcionamento, pois na parede lateral do bar, que fazia divisa com o Cinema, abriu-se uma grande fissura que interditou seu uso, levando à demolição desta edificação lindeira para a construção de um shopping. Coincidência ou não, parecia que seu proprietário, Júlio Leite, já previa a tragédia, como publicado numa entrevista a uma revista cultural: “É bem possível que, como está acontecendo na cidade toda, nós derrubemos o Baltimore e a casa ao lado (Bar João) para improvisar um estacionamento, enquanto a prefeitura não libera.”⁴⁸¹

De 2003 até 2012, aproximadamente, a área funcionou como estacionamento, até início da construção do conjunto comercial que funcionará neste local.

⁴⁸⁰ Projetos vão mudar a cara do Bom Fim. **Jornal JÁ Bom Fim**. Comunidade. Julho de 2003. p. 4.

⁴⁸¹ ÁVILA, Alisson e Michelin, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso - Cultura em Revista**. Ano 3, nº 20, 2000. p. 15-21.

Figura 51: Bar João.⁴⁸²



Fonte: ZAMBONI, Vanessa. Percorrendo as marcas de distintas temporalidades no Bairro Bom Fim: exercício de etnografia nas ruas de um bairro. Orientação de Cornelia Eckert. p. 7.

Enquanto esta migração ia se efetivando neste extremo da cidade, outros *points* de bares continuavam funcionando paralelamente, com ofertas de lazeres diferenciados.

À Rua 24 de Outubro instalou-se um complexo de bares que atingiu seu auge de funcionamento, tendo seu lento e derradeiro fechamento até final dos anos 90. Nele funcionavam danceterias sofisticadas, disputadas pela juventude da época (eram os lugares “da moda”) e alguns bares mais simples para os “aqueces” (APÊNDICE P).

Aos altos da Avenida Protásio Alves, bares como Porto de Elis e muitos dos componentes da “Barlândia” foram fechados. Por esta região, perseveraram Caverna do Ratão, Amarelinho e Bar Prinz. Surge o Bar do Snoopy e alguns restaurantes pela região da Barlândia (APÊNDICE O), como o restaurante e a pizzaria São Rafael e a Pizzaria Fornão. O Barranco, restaurante-referência do Bairro Bela Vista, persevera na paisagem e não é citado no levantamento da região por ter uma frequência de pessoas com faixa etária maior do que a analisada no trabalho. Concentravam-se bares, restaurantes e pizzarias, que continuavam a atender ao público de maior faixa etária (os mesmos jovens dali e do Bom Fim no período anterior).

Aos altos da Avenida Independência, próximo ao início da Avenida Cristóvão Colombo, começa uma consolidação de bares com imagem *underground*. Ao fechamento do Bom fim, após a migração dos frequentadores “de bem” para os bares da Cidade Baixa, o público “maldito” dividiu-se em duas partes: uma que “subiu” à Avenida Independência, principalmente ao final da tarde e noites dos finais de semana, e outra que “desceu” ao sul, permanecendo em frente ao Monumento do Expedicionário. Os “de cima” consumiam bebidas às calçadas, em frente aos bares, numa ocupação semelhante ao Bom Fim, em momento anterior. Os “de baixo” buscavam bebidas na Lancheria do Parque ou,

⁴⁸² A baixa resolução da imagem, que dificulta a leitura da mesma, é proveniente do original na fonte citada.

principalmente, nos bares da Cidade Baixa. (APÊNDICE O).

Ao longo do eixo desta avenida, onde nos anos 60 e 70 se desenvolveu um *point* de destacada e abastada frequência, surgem as boates Liquid (no subsolo do Teatro da Ospa) e Cabaret Voltaire (no local do atual Cabaret do Beco) (APÊNDICE H), mantendo a “tradição” local de lugar dançante da noite porto-alegrense. Muitos de seus bares já estão fechados e a avenida se consolida com pequenos pontos comerciais, apresentando lojas de vestuário para casamentos, além de lojas de artefatos femininos, farmácias, lojas de luminárias, etc.

À Avenida Venâncio Aires, aproveitando a rota de deslocamento dos frequentadores no traslado à Cidade Baixa e sua permanente (ainda que mais frágil) interligação, foram criados muitos bares e restaurantes. Estão fechados, neste momento, a Rádio Ipanema e o Bar do Beto I. Surgem as Casas de Shows Se acaso você chegasse (do filho de Lupicínio), Marrocos, Shamrock Irish Pub e o bar Negro & Bianco. Mantêm-se atuantes o restaurante Bar do Beto III e os bares Papillon (ponto de venda de drogas, conforme informação de depoentes) e Boom Gaya (GLS). (APÊNDICE F). Os bares mais próximos à Redenção concentram público GLS com cardápios de pequenos pratos, enquanto que, ao longo da Avenida Venâncio Aires, desenvolveram-se restaurantes, pizzarias e casas de shows.

A Cidade Baixa inicia um superdesenvolvimento, motivado pela demanda de público “órfão” de outras regiões e pela instalação, em seu território, do Centro Cultural Nova Olaria, que retoma atividades culturais alternativas, com cinemas de calçada e programação não-comercial, resgatando a “aura local”, de “arena cultural” da cidade.

5.2 1995 - 2006: CIDADE BAIXA – VIA RUAS JOSÉ BONIFÁCIO E VENÂNCIO AIRES

5.2.1 Super adensamento de bares

O terceiro período de desenvolvimento e análise, assim categorizado nessa pesquisa, trata de um fenômeno marcado por alterações de público, motivação e lugares frequentados nas dinâmicas sociais de lazer noturno no espaço da Cidade Baixa.

O público que a frequentava, já eclético na mistura de estilos musicais, com teatro, publicidade, artes, arquitetura e jornalismo, alinhava-se nas motivações culturais que eram oportunizadas no território. Com as mudanças sociais trazidas pelo regime democrático, a estas ações sociais passaram a se somar, também, e quase principalmente, ações em busca do prazer e fruição nas práticas de bar. Nem sempre com motivações culturais, mas em encontros motivados pelo prazer gastronômico, musical, de fruição e descontração. O

território se abre às práticas promovidas em espaços com fins comerciais que ofereciam amplo espectro de opções de lazer. Assim, foram se consolidando, intensa e rapidamente, muitos espaços para a experiência noturna em espaços abertos ou fechados, para vivência de ações de caráter íntimo, privado, no espaço público ou privado comercial, no encontro de desconhecidos.

Esta mudança de foco dos pontos comerciais deixou alguns depoentes descontentes, pela “desculturalização” local. Conforme Cristiane Santos e Luciano Telles,

C.S.- [...] aquilo ali tava na veia das pessoas...

L.T.- A gente conhecia os parceiros do Lupicínio, gente que tocou com ele, que fez música com ele... [...] a gente sentia, a gente vivia isso, a gente respirava isso, a gente respirava cultura, a gente respirava música, poesia, né. [...]

L.T.- E aí a gente não tem aonde sair, tem 157 [hoje] e não tem aonde sair. Antes tinha 20 e a gente não sabia pra onde é que ia.

[...]

Agora com 157 não, mas não tem bar pra ir... não tem lugar pra sair... [...] Pela falta de qualidade [...]

C.S.- Falta cultura...

L.T.- Falta cultura, arte, cinema, efervescência de ideias...

C.S.- Ficou uma coisa assim, mesa-cadeira-cerveja, mesa-cadeira-cerveja, “vamo” lá, “vamo” vê quem vende mais cerveja, né...

[...]

C.S.- Bom, aí agora tu me fez lembrar de uma coisa, da diferença que eu senti assim, do porque que ela virou uma área comercial assim de bares e, é uma coisa que eu sinto uma diferença que hoje eu tava comentando: Virou lugares com mesa, cadeira, cerveja, aquela coisa da música, da cultura foi deixada de lado. Quem trouxe muito isso pra cá, foram o pessoal esse de Nova Bréscia, esses que abriram a “Lancheria do Parque”, não mas não deixa de ser... que trouxeram essa coisa de... [...] Do tu come e vai embora. [...] Não tem mais a parte cultural, da música, das pessoas...

[...]

C.S.- ta uma bagunça assim, ta uma bagunça, aquela coisa [...] do natural assim das coisas, de tu ter uma troca de informações de arte, de cultura, assim, fica difícil, fica tudo muito comercial, fica tudo muito comercial...

[...] É isso, nos assusta, porque ta fugindo da essência [...] (informação verbal)⁴⁸³

A mudança do uso de lazer cultural para prazer, sendo este atribuído a várias ações além da fruição musical, parece ter descaracterizado o local e desvalorizado as ações, que são apreendidas pelos antigos frequentadores como práticas menos culturais.

O território da Cidade Baixa transforma-se de arena cultural em praça para as mais variadas formas do fazer social, com diversas motivações – inclusive de manifestos e resistências – como se dava no primeiro período de desenvolvimento dos espaços de lazer pela defesa de todas as formas de sexualidade, com pedidos de aceitação e respeito, mas nem sempre praticadas com estes atributos. Seu espaço, em alguns momentos, tornou-se, novamente, palco de ações “baixas”, com exposições públicas de atos que deveriam ocorrer apenas em espaço privado, e em intimidade. Práticas sociais explícitas se tornaram bandeira

⁴⁸³ Trecho por Cristiane Santos, 41a e Luciano Telles, em entrevista em dupla, em 15.01.07.

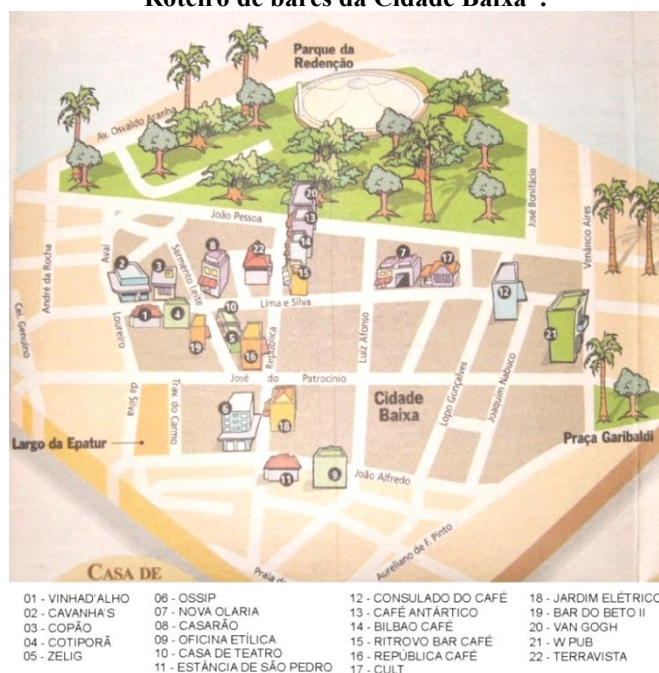
de luta, contestação, direcionada a homofóbicos, agredia a todos.

Os grupos que frequentavam seu território mesclaram-se com os migrantes do Bom Fim. Aos que usufruíam de seus espaços de lazer cultural, somaram-se os “magros”, metaleiros, *punks*, *emos* e *sinkheads*, que acabaram se localizando em espaços bem específicos, com certa distância entre os grupos.

Os metaleiros se concentraram à extremidade da Rua Lima e Silva, próximo à Avenida Loureiro da Silva, nos bares onde se vende cerveja barata, e se ouve música metal, às mesas de sinuca. *Punks* e demais grupos concentraram-se em bares de bebidas baratas, dispersos no território, sendo identificados pelos depoentes, à Avenida João Pessoa, pela proximidade ao Parque; ao Monumento de Expedicionário, à rota de bares do Bom Fim e no bar Adriano, que acabou concentrando o público migrante do extinto pólo *underground*. Neste surgia o Elo Perdido, que absorvia parte do público alternativo no Bom Fim.

Na Cidade Baixa, alguns espaços fecham. Cine ABC, bar Vinha D’Alho, danceteria Liliput, bares Casarão, Rola Rock e Miro, Café Antártico, danceteria Água na Boca I, bar Jardim Elétrico, Tabacaria da República, Bar do Beto II, Bar do Marinho II, danceteria Makumba, bar João de Barro, casa de shows Big Som, danceterias Sandália de Prata, Carinhoso e Anos Dourados, Restaurantes Chão de Estrelas e Luanda, casa de shows Canecão Gaúcho, bares Ressaca, Gente da Noite e 8 e ½, Clube da Saudade, Boates GLS Ego Sun III, Indiscretus e W Bar, Blue Jazz Bar, Atelier 5 e o bar Pulperia (APÊNDICE E).

Figura 52 – Limite imaginário do bairro pela boêmia em reportagem “Roteiro de bares da Cidade Baixa”.



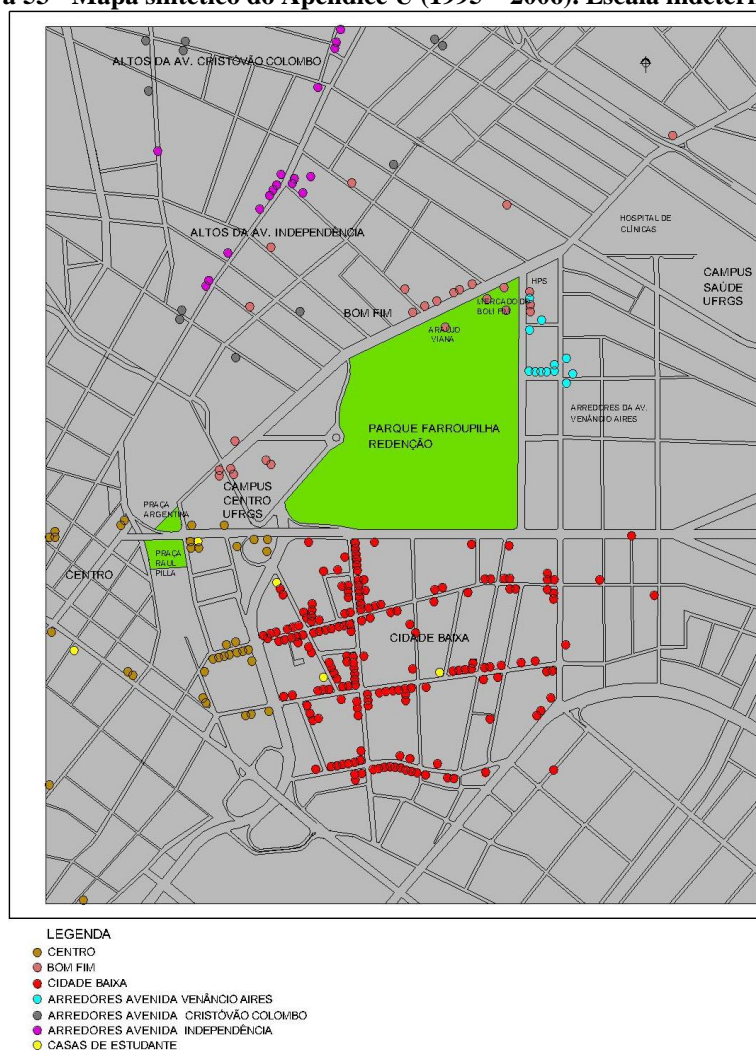
Fonte: BARBO, Rique (Arte ZH). Roteiro da Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Segundo Caderno. Noite. Porto Alegre, 1 de julho de 1999, p 7.

A Cidade Baixa desenvolve muitos locais de lazer noturno. Recortes de jornais locais indicam a incidência de aproximadamente 22 bares nesta área⁴⁸⁴, até o ano de 1999, sendo que este número é ampliável até, aproximadamente, 30 espaços, incluindo restaurantes, cinemas, bares e outras formas de entretenimento levantados na pesquisa.

Conforme roteiro de bares lançado no Jornal Zero Hora de 1999, o território estava distribuído como na figura 148, a seguir.

Em 2003, (oito anos após a instalação do Complexo Nova Olaria) este número já aponta um aumento de quase cinco vezes mais espaços. Conforme Teixeira, havia 54 restaurantes, 56 botecos ou cafés e 35 pizzarias⁴⁸⁵, perfazendo um total de 145 espaços de lazer noturno no bairro. Em 2006, chegaram ao total de 161 espaços abertos.

Figura 53 - Mapa sintético do Apêndice U (1995 – 2006). Escala indeterminada.



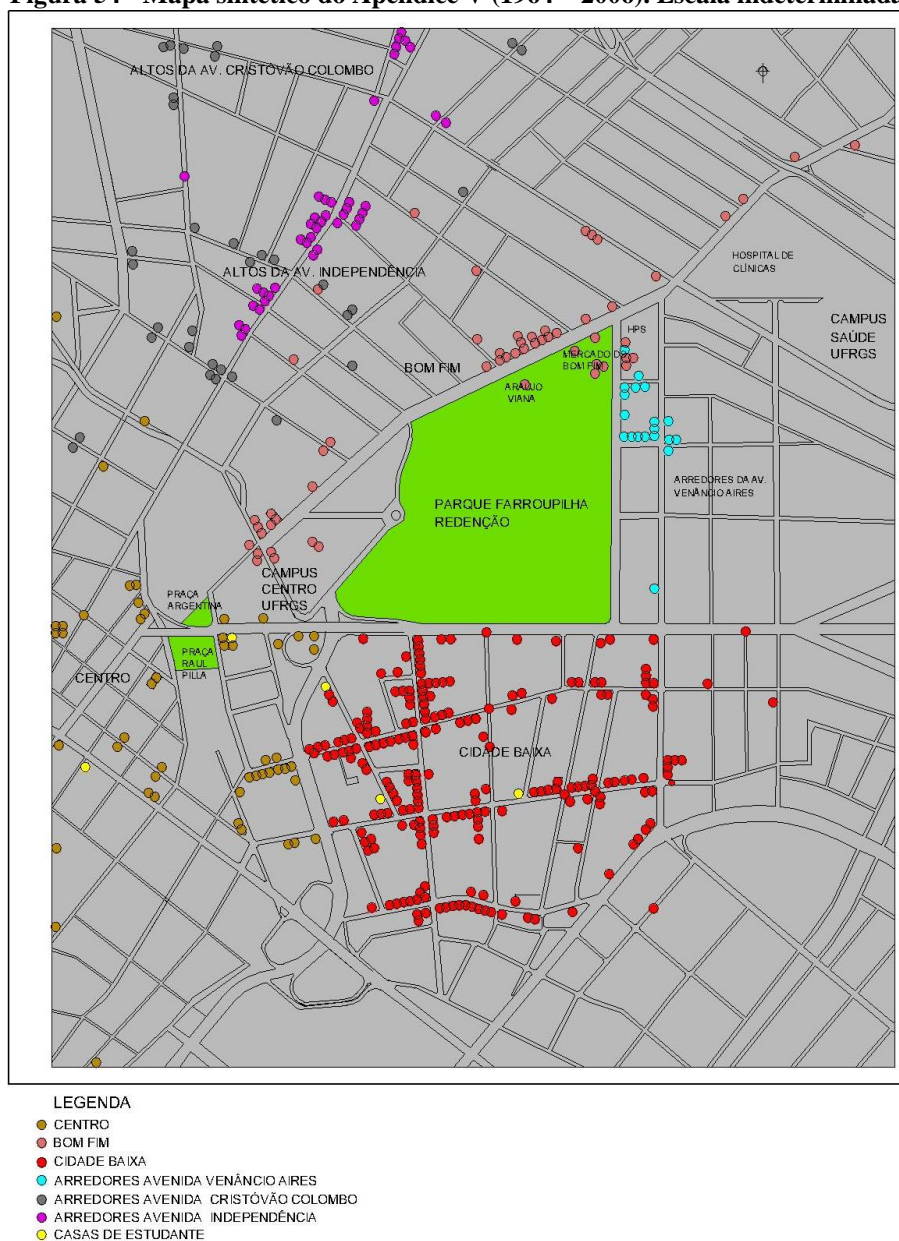
Fonte: a autora.

⁴⁸⁴ BARBO, Rique (Arte ZH). Roteiro da Cidade Baixa. **Zero Hora**. Porto Alegre. 1º de julho de 1999. Segundo Caderno - Noite. p 7.

⁴⁸⁵ TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. **Aplauso - Cultura em Revista**. Porto Alegre, ano 5, nº 49, 2003. p. 23.

Dentre todos os estabelecimentos abertos de 1964 a 2006, somaram-se um total de 210, incluindo todos os obtidos mediante entrevistas, pesquisas em periódicos, publicações e os espaços já extintos, que migraram a outras edificações, e/ou que se sobrepuseram na mesma construção em que outros empreendimentos funcionaram. O desenvolvimento local foi muito intenso, implicando questões de readaptação de usos dos edifícios, assim como a recepção destes lugares a uma nova dinâmica no espaço aberto e a impactos decorrentes desta ação. Houve interferência e implicações nos modos de viver dos moradores locais. Esta “invasão” gradualmente acelerada, na prática noturna de espaços de lazer, perturbou a ordem local instaurada, criando descontentamento e resistência por parte dos moradores.

Figura 54 - Mapa sintético do Apêndice V (1964 – 2006). Escala indeterminada.



Fonte: a autora.

Em contraponto, fortificou o caráter local. Houve um resgate de uso “boêmio”, semelhante ao que se dava à época de Lupicínio Rodrigues - pela fruição notívaga local, mas diferente nas canções e modos de comportamento social. Além disso, o espaço físico, como “Lugar de Memória⁴⁸⁶”, acionado pelas características espaciais locais, que servem como “bengalas de memória⁴⁸⁷”, dão o acionamento à rememoração de memórias pessoais, herdadas e incorporadas, que, somadas à prática do espaço, qualificam-na pelos sentimentos de pertencimento a um grupo, por seu momento ou importância, consolidando-se como lugar das práticas sociais atuais de lazer noturno, somadas às já extintas, da boêmia, nas décadas de 1950 a 70, e às atividades “malditas” da cidade, de prostituição e frequência de excluídos no início de povoação da área.

Além dos lugares de frequência de grupos e famílias, espaços como bordéis e bares GLS passam a se concentrar neste espaço. O espaço dos excluídos se reforça novamente, onde as práticas não aceitas “socialmente” garantem espaço para atuação. Boates continuam com funcionamento noturno. Entretanto, os bares e cafés GLS abrem diuturnamente, expondo encontros, vivências e afetos em seus ambientes - geralmente abertos e de ocupação de calçada - aos olhos dos passantes. As ações ganham espaço no ambiente público, praticadas com naturalidade – atuações até então não praticadas em espaços de convívio social, por não terem aceitação de todo o público.

Em relação aos seus espaços, muitos são fechados e abertos. Neste momento, ocupações iniciadas no momento anterior se consolidam, caracterizando um grande zoneamento físico-territorial por práticas de sociabilização no lazer. As territorialidades do bairro são definidas por tipos de bares e público, maneira de vestir, ambiência e práticas exercidas em cada região.

A Rua Lima e Silva se transforma em espaço caracterizado por bares tipo lanchonete, lancherias ou choperias informais. A morfologia, associada à tipologia local oportunizaram a ocupação de seus passeios públicos e recuos de jardim, com uma vivência social no uso de espaços de bares, com mesas e cadeiras nas calçadas. A tipologia, predominantemente de arquitetura moderna, com edifícios altos residenciais com base comercial, intercalados com ex-residências e outras construções que, por reformas ou configurações físicas, se abrem aos passeios públicos, de ampla largura, proporcionou a instalação destes equipamentos.

Nesta zona, depoentes identificam a predominância de público masculino, de faixa

⁴⁸⁶ CASTELLO, Lineu. **Repensando o LUGAR no projeto Urbano**. Variações na Percepção de LUGAR na virada do Milênio (1985-2004). Tese (Doutorado). UFRGS, Porto Alegre. 2005.

⁴⁸⁷ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

etária variável, pois seus bares são associados a espaços de bebidas baratas, consumidas em grande quantidade, principalmente em dias de jogos de futebol, em que a prática de bar é mais acentuada. Surgem: bar/restaurante Parangolé, lancheria La Fiaca, bares Barônia, Choppe Companhia, Insônia e Beverly Hills; restaurante Paladar Grill, Bar do Marinho (3º), bares Casarão, Saloon Club 888 e Santíssimo, Lancheria Cavanhas, bar La Bodeguita, lancheria Só Comes, Da Garagem Bar e Speed Lanches, bar Apollo, Restaurante e Pizzaria Baby, boteco Artesanato do Pastel, bares Pinguim e Da Lua, boteco Pastéis e Pasta, restaurante Kyoto Sushi Bar, bar/pub Unplugged, restaurante Nicu's, bar/pub Insano, bares Sierra Maestra e Cult, restaurante Kilograma, Estalagem Café, bar Velho Oeste, Psicoart Espaço Cultural, bares Mr. Quandt, Antiquário, Consulado Café, danceteria Dhomba e bares Gum e Roms.

Na Rua José do Patrocínio, antes rua de concentração de vários espaços musicais, transformou-se em zona de concentração de bares com diferentes estilos, destacando-se o caráter mais jovem dos bares e do público predominante de adolescentes e jovens adultos. Próximo à Avenida Loureiro da Silva, bares com frequência de grupos de metaleiros, como bar Scorpion, Sinuca Pub e Bell's. Na mesma rua, mais próximo à Rua da República, já uma concentração de espaços com venda de lanches com valor muito baixo – locais muito frequentados por estudantes e juventude em geral, como pizzaria sem nome (145), Bar em casa descaracterizada (146) e Reçaka (147). (APÊNDICE E)⁴⁸⁸ Mais próximo à Avenida Venâncio Aires, bares com perfil de jovens adultos e estilo “*surf*” ou “*black music*” destacam-se na paisagem, sendo que a ambiência local é lembrada como local de desordem e venda e consumo de drogas, como Casa de Praia Bar e Gê Power Black Music Bar.

Surgem: BrasaGrill, , Oásis, Reçaka, Apolinário, Cia das Empadas, Studio Clio, Uno Bar, Woodstock, Villa Acústica, Ex-Makina, Confraria do Pastel, Cachorro do Élio, DAM Public Ambient, Opinião II, Rodrigues Bar, além de muitos bares sem nome.

À Rua João Alfredo, a ocupação do espaço público se dá apenas e totalmente pelas filas para entrada dos bares. A morfologia e a tipologia locais promovem outra forma de ocupação espacial: à frente das antigas residências, desenvolvem-se filas de espera dos frequentadores dos bares, no aguardo pela liberação da entrada nos seus ambientes. O casario de porta e janela, justaposto numa ordenação espacial desta arquitetura luso-brasileira, sem recuos de jardim e com estreitos passeios, oportunizam outro tipo de usos nas unidades comerciais, também. Seus interiores, estreitos e compridos, envoltos em alvenaria espessa e com poucas aberturas, oportunizam o desenvolvimento de atividades musicais, pela

⁴⁸⁸ Número entre parênteses refere-se à numeração do apêndice.

configuração espacial da arquitetura. Funcionando como “shoe box”, categorização acústica tipo “caixa de sapato”, ela é extremamente eficaz no controle do som. Esta tipologia arquitetônica oportuniza um controle maior na entrada e saída da casa, tanto pela segurança, por ser lugar pequeno, como pelo controle sonoro, visto que à abertura da porta de entrada, o som interior vaza ao espaço público. Este controle é feito nestas unidades por empresas de segurança privada. Este tipo de funcionamento oportuniza dinâmicas de lazer diferenciado, com o acesso reservado e a cobrança de ingresso e de *couvert* artístico aos músicos ali atuantes, devido às particularidades da arquitetura oportunizadas no local.

Esta diferenciação espacial implica mudanças nas dinâmicas sociais internas e externas dos espaços, com um grau de controle bem maior do que nos demais bares, principalmente do que os da Rua Lima e Silva, de ocupação de calçada. Estas qualidades proporcionam maior conforto para a prática de lazer, oportunizam uma seleção de público e determinam a faixa etária desta ocupação. Exceto bares direcionados para público juvenil, com bandas do gosto desta faixa etária, os demais bares são frequentados por público mais velho, de jovens profissionais já estabilizados no mercado de trabalho e que têm condições de fazer uma fruição da noite com maior desembolso, pagando ingresso e *couvert* artístico - taxas que não são cobradas em muitos outros bares, além do consumo efetivo em seu interior. Surgem: S.E. Lanches Bar, Casa de Carnes Román (onde se vendem bebidas e cigarros), bares Blues, Moulin Rouge e Jardim Elétrico (2º), Rei das Pizzas, Lancheria Kalú, bar Mercatto D’Arte, Armazém do Dindo, bar Paraphernália, restaurante Tudo pelo Social e bares Negafrida, Bongô, Acmun, Oficina Etílica Pub, Fina Brandão, Pé Palito e Lounge.

Na Rua da República, cafés se disseminam. A morfologia local, destacadamente diferenciada, com as calçadas mais largas do bairro, resultantes do tratamento paisagístico e da remodelação e melhorias locais para o recebimento de D. Pedro II em sua passagem por Porto Alegre, no séc. XIX (quando a rua recebeu o nome de Rua do Imperador), abre espaço à ocupação espaçosa e descontraidamente fruída na prática dos bares na calçada. O casario antigo e alguns térreos de edifícios mistos abrem suas portas aos passeios públicos, promovendo uma exposição dos interiores, numa aparente fusão com os espaços externos. Estes locais, iniciados pelo bar Doce Vida, no período anterior, carregam, assim como o bar Marcelina (2º), na Rua Sofia Veloso, uma proposta de fruição gastronômica-cultural. Lugares com boa comida e pratos especiais, associados a boa música caracterizaram muitos de seus ambientes.

Os entrevistados identificam uma concentração de frequentadores GLS, sendo que vários ambientes têm público predominantemente de lésbicas, sendo reconhecido e

frequentado ou não por seu caráter.

Neste mesmo eixo, em alinhamento com esta distribuição, encontra-se o Café do Lago, dentro do Parque Farrroupilha, no qual entrevistados identificam concentração de público feminino, principalmente no final das tardes de domingo.

O conjunto de cafés da República, junto ao Complexo Nova Olaria, confirma o *point gay* da região. No Olaria, comumente referenciado por “boiolaria” (pela associação do caráter do espaço ao público que o frequenta), foi palco de momentos de lutas ou defesas dos interesses homossexuais, em atitudes-protestos nas calçadas deste complexo, com práticas sexuais aos olhos dos transeuntes locais, chocando os que por ali passavam, sendo esta a intenção das ações exercidas.

Funcionam nesta área os bares Van Gogh, Porto Beer Bar (que se assemelha a um café), a lancheria República do Pastel, os bares Relicário e Cine Bar, a padaria Armazém da Esquina, os bares Terravista e Entreato, Café Antártico, bar/café Píer 174, Bar Café Yang, bar Garrafas, Mediterrâneo Café, Bilbao Café, Bahamas Café, lancheria Speed III, carrocinha de cachorro quente Cachorro da República, Pub Espiral, Loja Sirius, República Café, Pinacoteca Bar, Churrasquinho da República, restaurante Via Imperatore e os bares Muffuletta e Ossip.

Na Rua Sarmiento Leite, o casario local permitiu uma concentração de bares-restaurantes. Surgem: Bar do Beto (4º), Bilhar Porto Dez, Bulk Bar, Barato Bar, Casa de Teatro e Prefácio.

Às demais ruas do bairro, uma dispersão de espaços de lazer com perfis variados.

Bares que se sobrepõem têm histórias a serem registradas. O bar do Francês (Libanês) transformou-se em John’s Bar. Conforme Tagore Rodrigues:

Sei que terminou o bar [...] depois virou um bar assim, daqueles bar que a gente chama de, “boca-braba”, tu sabes assim... Bah, aquilo ali é perigoso e tal, porque, realmente né? O proprietário era um cara, envolvido com o tráfico... [...] E aí ficou uma coisa, assim [...] virou um boteco... Escuro, que tu entrava assim, lugar escuro, cheio de coisas na parede, fotos, outdoors, *outdoors*, cartazes de *rock* e tal, não sei o que, pôster... [...] Era John’s, John’s Bar, John’s Bar! E aí, até que o... Aí vivia assim, esse bar era seguidamente, eu posso te garantir que ele funcionou boa parte da década de 90 e um pouco de 2000, dos anos 2000 [...] E seguidamente ele fechava, porque... Pegavam ele, prendiam ele, então de tempos em tempos iam lá e prendiam ele [...] (informação verbal)⁴⁸⁹

Estas histórias incorporam-se à história local, ampliando sua importância e ligando-a a seus frequentadores por estas intimidades, refletidas na identidade do público com o local e o sentimento de pertença. Conforme Marta Peixoto:

Eu prefiro acreditar que os lugares que têm caráter, são únicos. [...] O caráter dos lugares, assim como o das pessoas, é um distintivo, uma marca, de nascença ou

⁴⁸⁹ Trecho por Tagore Rodrigues, 53a., em entrevista individual em 16.03.07.

adquirida, capaz desta coisa incrível que é criar identidade. E é isso o que atrai ou expulsa as pessoas de um lugar: o reconhecimento. [...] Nesses tempos bicudos, caráter é coisa rara, identidade é coisa cara. [...] a Cidade Baixa não é apenas mais um destes bairros. Algumas partes não relatam a complexidade do todo. [...] Os bairros residenciais, exclusivamente. Ou comerciais, exclusivamente. Ou caros, exclusivamente. Ou pobres, exclusivamente. Nada mais inclusivo do que a Cidade Baixa, com seu caráter complexo e contraditório [...] ⁴⁹⁰.

Apesar deste caráter cosmopolita, os frequentadores continuam ligados ao espaço pelo amor a ele, o afetual ⁴⁹¹, aos laços pessoais desenvolvidos com pessoas conhecidas. À migração entre bairros, muitas coisas foram mantidas, migradas, inclusive as relações com os garçons. Conforme Luciano Telles:

Eles circulavam, então... A maioria desses bares não existem mais, né? O “Léo” ainda existe, o “Léo” ainda tá no “Van Gogh”, ainda, o “Léo” é o dinossauro do..., mas é, e foi assim da última geração, sabe, o “Léo” entrou no “Van Gogh” em 88, começou a trabalhar no “Van Gogh” em 88, sabe, já entrou no final da coisa... Mas sempre foi um grande garçom, ele trabalhou em outras casas, trabalhou no “Casalho” (...), na época que o “Casalho” era, sabe, era “a casa”... (informação verbal) ⁴⁹²

Esta ação migratória por falta de outras opções de lazer ou atrativos ou por identificação com uma pessoa específica que migra e que serve de bengala de memória, remetendo a uma história ou uma memória local, ou a um grupo com o qual estabeleça as mesmas relações ou, ainda, pela simples disponibilidade e/ou proximidade espacial de locais de lazer em substituição aos até então frequentados, mas já fechados, implicam um processo de aculturação ⁴⁹³ entre os bairros, tornando-se aparentemente fundidos e difusos.

Ao final do período analisado, aos arredores da Avenida Cristóvão Colombo, no Bom Fim e na Cidade Baixa, tribos alternativas como Índies (frequentadores do Ossip, Dr. Jeckyll e Ocidente), Neomods (frequentadores da Rua Barros Cassal, Garagem Hermética, Funhouse, Bambu’s, Bar Adriano e Lancheria do Parque), Metaleiros (sem ponto fixo, concentrando-se no Opinião em dias de shows) e *punks* (encontrados à Redenção e na Avenida Osvaldo Aranha) ⁴⁹⁴ se concentram, aos domingos.

A juventude tratada neste capítulo refere-se ao indivíduo hipercontemporâneo, “mais

⁴⁹⁰ PEIXOTO, MARTA. O lado A da Cidade B. Disponível em: <http://www.girocidadebaixa.com.br/opinioao/opi_marta.asp>. Acessado em 23 de abril de 2007, 15:13:14

⁴⁹¹ Fenômeno psicológico marcado pelas emoções e sensações (de prazer, excitação, estimulação) – entre cujas consequências está a possibilidade de estabelecer uma ligação, entre o indivíduo e o objeto da afecção, de tipo estético (definida pelo domínio da intuição, do insight, da abdução e não pela dedução, indução e argumentação) e pelas reações corporais que pode provocar. COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 40.

⁴⁹² Trecho por Luciano Telles, em entrevista em dupla com Cristiane Santos, 41a, em 15.01.07.

⁴⁹³ Termo utilizado para designar fenômenos de contato direto e prolongado entre duas culturas diferentes que levam a transformações em qualquer delas ou em ambas.

⁴⁹⁴ SANTI, Alexandre de. Histórias do underground. **Aplauso** - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 7 nº. 61, 2005. p.18-24.

autônomo, é também mais frágil que nunca, à medida em que as obrigações e as exigências que o definem são mais vastas e mais pesadas⁴⁹⁵. Hipercontemporâneo é o agente social que se desenvolveu e personalizou na hipermodernidade⁴⁹⁶. São pessoas que vivem um momento ditado pela moda, valorizando a renovação das formas e a inconstância da aparência, com certa desqualificação do passado e a valorização do novo – o que implica mudanças profundas no âmbito pessoal como a afirmação do individual sobre o coletivo. Têm perfil individualizado, sofre os efeitos do efêmero sistemático da moda e o poder destes sobre a aparência⁴⁹⁷.

A extensão desta lógica ao conjunto do corpo social (quando a sociedade inteira se reestrutura segundo a lógica da sedução, da renovação permanente e da diferenciação marginal) faz emergir o mundo pós-moderno, no qual a sociedade se submete a três componentes essenciais: efêmero, sedução e diferenciação marginal, apresentando-se como sociedade superficial e frívola, que impõe a normatividade pela escolha e pela espetacularidade.

A difusão desta lógica da moda pelo corpo social inteiro proporciona a entrada no momento pós-moderno, onde se amplia a esfera da autonomia subjetiva, multiplicam as diferenças individuais, as opiniões e os modos de vida. Cria-se lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio. Conforme Lipovetsky, “As grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos não mobilizam mais”⁴⁹⁸.

Há extensão do gosto pelas novidades, da promoção do fútil, do culto ao desenvolvimento pessoal e ao bem-estar a todas as camadas sociais. Desaparecem os modelos prescritos pelos grupos sociais e as condutas passam a ser escolhidas e assumidas pelos indivíduos; não há mais normas impostas sem discussão, e sim uma vontade de seduzir que afeta indistintamente o domínio público e o privado⁴⁹⁹. Neste contexto, “o espírito é menos firme, porém mais receptivo à crítica; menos estável, porém mais tolerante; menos seguro de si, porém mais aberto à diferença, à evidência, à argumentação do outro”⁵⁰⁰.

É esta sociedade que se vê circulando nos lugares analisados nesta pesquisa, atribuindo-lhes, indiferentemente aos seus limites espaciais, uma aparência ditada por

⁴⁹⁵ LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. p. 8.

⁴⁹⁶ Hipermodernidade: “uma sociedade liberada, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes e foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer.” Ibid., p. 26.

⁴⁹⁷ Ibid., p. 18.

⁴⁹⁸ Ibid., p. 23.

⁴⁹⁹ Ibid., p. 24.

⁵⁰⁰ Ibid., p. 31.

questões baseadas em simbolismo, identidade e pertencimento. Não se limita a uma forma de vestir-se ao gosto individual, mas ao gosto do grupo. Esta contradição da escolha do indivíduo cabe à adesão do grupo e ao desejo que quer ter e fazer ver de si, sob imagens feitas sobre tal representação.

Estes lugares constroem territorialidades diferentes, de grupos ou tribos, separados de outros por suas particularidades e identidades e interesses. Conforme Maffesoli, o mundo atual resume-se a uma co-atuação e compartilhamento do espaço por diferentes tribos⁵⁰¹.

O território da Cidade Baixa e seus arredores transformaram-se em lugares de ação e são marcados e reconhecidos pelas práticas locais, que imprimem caráter nas “formas do fazer”, que são dadas a ver fazendo-se perceber pelo “ser” destes agentes.

5.2.2 Problemas com a vizinhança residencial

Consagrada a ininterrupta sobreposição social ao mesmo espaço, a Cidade Baixa carrega a carga imagética de seu passado, justapondo temporalidades que se somam, num imaginário cheio de significados e sentimentos, que a consagram como solo de minorias, excluídos, vidas noturnas.

O bairro consagrado evoca e retoma as memórias da “Baixa Cidade”⁵⁰², aumentando o sentimento de familiaridade, aceitação e pertencimento ao lugar. Novos usuários são capazes de citar e reproduzir “causos” locais de momentos que talvez seus antecessores tenham vivido. Os medos, perigos, violência, riscos, vagabundagens, beberagens e prostituição perduram no imaginário urbano da área, também se somando às atitudes cometidas no presente.

A migração de grupos “malditos” do Bom Fim ao seu território, a partir da metade dos anos 1990, acentua esta imagem. Com atitudes semelhantes, recuperam esta aura e a preservam, conforme o discurso de meios de comunicação de massa, em entrevistas sobre o impacto social desta alteração. Problemas como barulho, falta de segurança, venda e consumo de drogas se tornaram comuns em algumas regiões do bairro, principalmente à noite.

[...] moradores do bairro que cada vez mais procuram a prefeitura para reclamar de barulho durante a madrugada, baderna nas ruas e tráfico de drogas.⁵⁰³
Os comerciantes exigirão mais segurança. Segundo a associação (Associação dos

⁵⁰¹ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. Passim.

⁵⁰² Área externa à região central da cidade, à fundação da mesma.

⁵⁰³ GONZATTO, Marcelo. Vida noturna conflagra a cidade baixa. **Zero Hora**. Porto Alegre. 02/07/2004. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana.

Bares e Restaurantes da Cidade Baixa), são frequentes assaltos e furtos na região.⁵⁰⁴ O secretário da associação, Alexandre Barreto, alega que algumas pessoas estão acusando os proprietários por problemas que não são de sua responsabilidade. ‘-Até um tiroteio que aconteceu dentro de uma garagem foi apontado como consequência dos bares.’ Segundo o empresário, a solução de outros males como o tráfico de drogas e assaltos deveria ser cobrada das autoridades, e não deles.⁵⁰⁵

O morador, o dono de bar, o usuário e a população em geral temem, de alguma forma, a parte “sombria” da Cidade Baixa. Esta corresponde não somente às regiões menos iluminadas do bairro, que potencializam ações de violência e furto, mas também às zonas mais claras e melhor iluminadas, onde certas ações se dão.

A região tem sido bastante visada como área de roubos de carros, assaltos, mendigos, pedintes. Os casos são tão frequentes que houve pesquisa de jornal local para registrar o fenômeno. A população mapeia áreas de furtos e até identifica os delinquentes. Estes geralmente são menores infratores que estão “soltos”, durante o dia, para poderem vivenciar e socializar com a família, estudar e trabalhar, mas que acabam se envolvendo em roubos e crimes - o que aumenta o risco da área. As vítimas acabam não revelando ou denunciando os roubos e seus executores por temer represálias.

Neste mapeamento, foram identificadas as zonas onde os roubos de carros aconteceram. Conforme matéria “Região do Gasômetro é visada”:

De março a julho deste ano, o Departamento de Polícia Metropolitana (DPM) contabilizou pelo menos cem furtos, nove roubos e quatro recuperações de veículo na região – que faz parte do Centro, e o bairro Cidade Baixa, registrados no mapa [...] ⁵⁰⁶.

Figura 55 - Mapas de roubos automóveis zona central e Cidade Baixa.



Fonte: Região do Gasômetro é visada. *Jornal Zero Hora*. Roubo e Furtos de Veículos Porto Alegre, 08/11/2000, p. 47.

⁵⁰⁴ Proprietários de bares reagem a interdições da prefeitura. *Zero Hora*. Porto Alegre, 02/07/2004.

⁵⁰⁵ GONZATTO, Marcelo. Vida noturna conflagra a cidade baixa. *Zero Hora*. Porto Alegre. 02/07/2004. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana.

⁵⁰⁶ REGIÃO do Gasômetro é visada. Roubo e Furtos de Veículos. *Zero Hora*. Porto Alegre, 08/11/2000, p. 47.

Suas características peculiares de arborização, que lhe garantiram o ar bucólico, interiorano e preservado de um cenário não atingido pelo progresso devastador da cidade, hoje servem como proteção à contraordem reinante, indicada pelos roubos e uso e venda de drogas, estimulados pela “oportunização” de espaços sombreados e da privacidade e insegurança deles decorrentes⁵⁰⁷. Na mesma reportagem:

[...] as ocorrências são praticadas por pessoas encorajadas pelo consumo de álcool e de drogas. Na opinião do delegado, a ação dos infratores é facilitada pela falta de iluminação pública e pelo excesso de vegetação nas ruas.
- A escuridão e as copas das árvores acobertam o furto – comenta⁵⁰⁸.

A predominância de população de classe média⁵⁰⁹ não impediu que os pobres continuassem a crescer, ou a surgir na cidade, encontrando, por ali, lugar para ficar. Por ser um lugar simples, próximo de todos os benefícios da urbe (o Centro, as linhas de ônibus e os vários pontos de comércio e serviços que povoam a região) e do grande movimento comercial noturno (com a possibilidade de alimentação em algum de seus pontos comerciais), constituiu-se em lugar escolhido pelos pobres.

Na região, existem três vilas. Conforme entrevista “Morar é problema na Cidade Baixa”:

Outro problema sério é o enfrentado pelos habitantes de cortiços e casa de cômodo, que chegam a pagar até Cr\$ 50 mil por uma única peça, sem as menores condições de higiene e ainda tendo que se responsabilizar com encargos como luz, água e gás. [...] “morar em vilas acaba saindo muito mais barato” e cita como alternativa as três grandes vilas da Cidade Baixa: ‘A Renascença 1, que é a mais antiga da cidade, a Renascença 2 e a Luis Guarânia. Depois delas, o último recurso é morar em baixo da ponte’⁵¹⁰.

O bairro não dispõe de ponte, portanto a opção restante a esta população é permanecer perambulando no território, o que aumenta a familiaridade com o mesmo, aumenta o número de roubos, assaltos e de venda de drogas na região - fontes de renda para algumas pessoas nesta situação.

Tratando de interesses locais da população do bairro, a associação supracitada investiu na recuperação e reintegração social desta população, criando a feira da Praça Garibaldi e atacando o problema da renda. Conforme reportagem:

O movimento comunitário nunca se caracterizou por ser um trabalho rendoso e nem por fazer filantropia. Porém, um grande número dos 5.000 sócios da ACMCB procura a entidade para pedir dinheiro. Adil atribui isto ao baixo poder aquisitivo da população e ao desemprego. Por esta razão, decidiram criar um espaço para que

⁵⁰⁷ HILLIER, B. (1997). The fundamental city. In: **The space is the machine**. Cambridge, Cambridge University Press. p. 335 a 368.

⁵⁰⁸ REGIÃO do Gasômetro é visada. Roubo e Furtos de Veículos. **Zero Hora**. Porto Alegre, 08/11/2000, p.47.

⁵⁰⁹ Disponível em: < http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p_secao=43 - http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=13&p_secao=43>. Acesso em 01 abril de 2013;

⁵¹⁰ Orlando Adil, presidente da Associação Comunitária dos Moradores da Cidade Baixa – ACMCB, citado em Morar é problema na Cidade Baixa. **Zero Hora**. Comunidade. Porto Alegre, 20/12/91.

estes moradores pudessem vender suas coisas usadas e assim arrecadar recursos. Deste modo surgiu a Feira Cultural da Praça Garibaldi, com autorização da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC)⁵¹¹.

Porém esta ação não foi suficiente para resolver a situação da população que anda na rua. Resolveu o problema dos usuários pobres, mas não atendeu aos mendigos, que muito pouco têm. Muitos deles estão na rua por opção. Por vezes passam nas casas de acolhimento que ficam à sua disposição, para receber algum atendimento e/ou refeições, lançando-se novamente ao espaço público. No bairro, a concentração deste público se tornou parte inseparável da paisagem. De forma tão intensa que chamaram a atenção da mídia, que se pôs a investigar o problema, denunciar a questão e levantar outra dificuldade: a de segurança e, por consequência, de privações de liberdade dos moradores, imposto pelo cercamento feito por meliantes às residências, em suas instalações para passar a noite. Conforme matéria “Sem teto no centro e na cidade Baixa”:

Um fenômeno foi comprovado por Zero Hora na Cidade Baixa, em Porto Alegre: a proliferação de mendigos nas calçadas do bairro. Durante uma hora, ZH percorreu 10 das principais ruas e contabilizou 21 sem-teto⁵¹².

Figura 56 - Sem Teto no centro e Cidade Baixa.



Fonte: GONZATTO, Marcelo. População de rua cresce na Cidade Baixa. *Jornal Zero Hora*. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 25/10/03, p. 33.

Às proximidades das Avenidas Venâncio Aires e João Pessoa, constata-se a maior concentração destas pessoas. Vias de intenso movimento e marginais ao bairro, tornam-se

⁵¹¹ MORAR é problema na Cidade Baixa. *Zero Hora*. Porto Alegre. 20/12/91. Comunidade.

⁵¹² GONZATTO, Marcelo. População de rua cresce na Cidade Baixa. *Zero Hora*. Porto Alegre. 25 mar. 2006. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. p. 33.

locais de permanência de sem-teto nas madrugadas. Conforme matéria “População de rua cresce na Cidade Baixa”:

Um estudo da população de rua da Capital feito em 1995 pela prefeitura apontava que bairros de classe média com intensa ocupação residencial e de comércio, como Menino Deus e Cidade Baixa, atraíam sem-teto. Isso poderia ser explicado pela facilidade de acesso a doações e a materiais como papel, latas, vidro e plásticos, coletados e vendidos⁵¹³.

Além dos pontos de comércio e da alta concentração populacional local (que representam oportunidades de benefícios próximos, já citados anteriormente), a Cidade Baixa atrai estes moradores de rua por outro motivo: teria sido o lugar que a Prefeitura escolhera para a instalação de dois abrigos públicos. Conforme Gonzatto:

Recentemente, a instalação de dois abrigos – na Rua João Alfredo e na Getúlio Vargas – pode ajudar a explicar a maior circulação de moradores de rua pela região⁵¹⁴.

Porém, estes não são os únicos problemas do bairro. Comerciantes e moradores locais informam que a população jovem tem encontrado lugar para a irreverência, o “proibido” e o “baixo”, e tem desenvolvido práticas desaprováveis. Estas atitudes se referem ao vandalismo e ao uso e venda de drogas:

Oliveira (comerciante da Rua Luiz Afonso) afirma que a presença dos sem-teto não incomoda, diferentemente de turmas de jovens que bebem e cometem vandalismo⁵¹⁵. Nesta nossa Cidade Baixa, nesta nossa Avenida Venâncio Aires, uma cena é frequente: meninos de rua a dormir ao sol alto, na calçada, atravessados no passeio, entupidos de loló ou de sei lá o quê. Não encolhidos em um cantinho, mas estirados no meio da calçada, boca aberta, braços em cruz, no meio do dia, perdidos na vida. A cena já se tornou banal. As pessoas passam e precisam se desviar, para seguir seu caminho, ou pulam por cima, como se fosse uma poça d’água. Houve tempo em que os passantes se admiravam e olhavam ao redor, quem sabe para chamar o brigadiano. Mas este tempo passou. Ele mesmo está ao lado da cena, a conversar com porteiros e garagistas [...]⁵¹⁶.

Com relação aos jovens de classe média e “alta”, a situação é ainda mais desafiadora e provocante: é a “Baixa Cidade” desnuda, aos olhos públicos, em atos condenáveis e irreverentes:

[...] em frente ao Guion, desde que os comerciantes colocaram seguranças para impedir que uma comunidade gay-adolescente cometesse excessos explícitos, a gurizada passou a ser reunir nas calçadas em frente, continuando sua prática de escandalizar o passante, agredir com uma suposta atitude liberada. Uma [...] moradora da Rua Luís Affonso, me contou que tem presenciado cenas de masturbação entre meninos de uns doze anos. Ninguém lhe contou: ela viu e vê. Também se vê, por toda a cidade, muitos casais hetero em situação semelhante. Homo ou heterossexualidade, qualquer forma de amor vale à pena. A questão é

⁵¹³ GONZATTO, Marcelo. População de rua cresce na Cidade Baixa. **Zero Hora**. Porto Alegre. . 25/10/03. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. p. 33.

⁵¹⁴ Ibid., loc. cit.

⁵¹⁵ Ibid., loc. cit.

⁵¹⁶ PESAVENTO, S. J. SOS Porto Alegre. **Zero Hora**. Porto Alegre. 25 mar. 2006. Segundo Caderno: Cultura.

outra. Cidadão, engula seu constrangimento e constate: não há mais distinção entre público e privado⁵¹⁷.

O consumo, a moda e a sedução dominam estes jovens hipermodernos. Tomados de princípios de luta e irreverência, agridem o morador e o frequentador dos espaços de lazer com ações que ferem os deveres no espaço público. Palco destas é a calçada do Centro Cultural Nova Olaria. Curiosamente, é exatamente neste local cultural, que resgata a memória do bairro como arena cultural, que os jovens fazem seus protestos sexuais pela defesa do respeito à homossexualidade.

Assim, resgatam, também, antigas práticas sociais, vinculadas aos serviços sexuais consumidos no território, no final do séc. XVIII, quando o local consagrou sua imagem “maldita”.

Além dos jovens de rua, de baixa renda, e dos jovens de classe média e alta que frequentam a noite em bandalheiras moralmente agressivas, os adultos também não estão colaborando com o bom funcionamento do espaço público. O que outrora era permitido apenas ao espaço privado, já é deliberadamente recorrente ao espaço público. E não somente as intimidades que se divide no reduto familiar, mas também ações de cunho íntimo.

Que dizer então dos maiores de rua? Estes dormem, defecam, urinam e fazem sexo na via pública, nesta mesma Rua Venâncio Aires. Os porteiros noturnos contam histórias de arrepiar e os prédios são continuamente assaltados. Alguém vê, sem dúvida, mas tem medo de dar o alerta, com medo de represálias. Todos se fecham, nesta quadra maldita, onde tudo acontece e se o dia é chocante, a noite é perigosa e atemorizante. Perdemos, pois, o direito à rua⁵¹⁸.

Além disso, outros problemas comuns na Cidade Baixa são temas de discussões, desentendimentos e mal-estar diários. O desconforto das ações sociais no espaço público, por ocasião das ocupações dos térreos comerciais e de antigas residências pelo novo uso de espaços de lazer noturno, causam barulho, agitação, violência e assaltos, que criam um sentimento de insegurança, aculturação, perda de território ou disputa por medo, irritação e contrariedade, pela invasão de novos usos, apropriações, frequentadores e relações estabelecidas sobre seu território. Estas alterações descontentam principalmente os moradores mais antigos, que se chocam com a perda de privacidade e tranquilidade:

Nos últimos cinco anos, a Cidade Baixa viu uma pequena revolução. As poucas casas noturnas existentes que atraíam boêmios à região foram rodeadas por novos e sofisticados estabelecimentos [...] Conforme a associação de proprietários de bares, mais da metade das cerca de 60 casas são recentes. Ruas desabitadas ao movimento notívago como a Luiz Afonso, tradicionalmente ocupadas por casarões familiares e cadeiras nas calçadas em finais de tarde, receberam a companhia de vizinhos com som mecânico e ao vivo e aglomerações de jovens⁵¹⁹.

⁵¹⁷ PESAVENTO, S. J. SOS Porto Alegre. **Zero Hora**. Porto Alegre. 25 mar. 2006. Segundo Caderno: Cultura.

⁵¹⁸ *Ibid.*, loc. cit.

⁵¹⁹ GONZATTO, Marcelo. Vida noturna conflagra a cidade baixa. **Zero Hora**. Porto Alegre, 02/07/2004. Pelo

-Não vamos fechar bares. Reconhecemos o direito dos empreendedores, mas também temos que garantir o sono dos moradores. A Cidade Baixa é um bairro tradicional e tem muita gente idosa⁵²⁰.

A pluralidade sinaliza o alto grau de civilidade da República Independente da Cidade Baixa⁵²¹

Além destas formas de perturbação, o tipo de dinâmica espacial instaurada a partir da disseminação de espaços de lazer neste território implicou uma invasão de estranhos e uma falta de controle espacial por não haver identificação de seus usuários. Isso gera insegurança e rejeição às novas práticas sociais, além da resistência às mudanças das práticas tradicionais. O bairro, reconhecido como espaço “provinciano”, onde todos os depoentes vindos do interior identificaram-no como semelhante aos locais de origem, pela proximidade das pessoas e pelo modo de fazer o uso do espaço, com o compartilhamento das cuias de chimarrão em conversas às cadeiras nas calçadas, é substituído por novos usos de estranhos em práticas que mesmo os antigos moradores não defendem pela falta de valor cultural. Conforme Cristiane Santos:

[...] sabe que aqui o pessoal que se concentra é de todos os bairros. Tanto que eu saio aqui agora, a maioria é gente que eu não conheço, que não mora aqui, que vem de outros bairros pra passar o fim de tarde, fazer o happy hour, né? E antes, não... O pessoal que vinha do interior morava aqui, e começava com o chimarrão na beira da calçada, tranquilo... E aí, dali fazia uma janta um na casa do outro e daí ia no [Bar do] Marinho, sabe? Tinham poucas opções, mas poucas opções em função, né, da música, em função do papo, da poesia... [...] Hoje liquidado assim, até virou, pode ver que é um bar do lado do outro, uma coisa assim, culturalmente inutilíssima. Quase nada. (informação verbal)⁵²².

O presente capítulo encerra após apresentar o grande desenvolvimento do Bairro Cidade Baixa na prática noturna de seus espaços de lazer, potencializado após a segunda e derradeira migração de público do Bom Fim a seu território.

Demonstrou, também, a troca de interesses da região, que, de motivação cultural passa a ter atrativo pelas ofertas de atividades que potencializam o lazer e prazer de seus usuários.

Ilustra, também, as alterações nas dinâmicas sociais da função “morar” da região, predominantemente residencial, e os impactos destas mudanças, que provocaram resistência, oposição e descontentamento da população local com a invasão diária, migratória, do público consumidor das ofertas de lazer locais, que fere o direito de fruição e descanso dos moradores por excessos e abusos, de várias ordens, no espaço público.

Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre.

⁵²⁰ Edson Silva, titular da SMIC citado por GONZATTO, Marcelo. Vida noturna conflagra a cidade baixa. **Zero Hora**. Porto Alegre, 02/07/2004. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre.

⁵²¹ Sandra Pesavento citada por TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. **Aplauso - Cultura em Revista**. Porto Alegre, ano 5 nº. 49, 2003. p. 23.

⁵²² Trecho por Cristiane Santos, 41a, em entrevista em dupla com Luciano Telles, em 15.01.07.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho oportunizou a experiência necessária para o amadurecimento e redimensionamento do próprio processo da pesquisa. Pesquisas em arquivos de periódicos, montagem de mapas com cartas históricas da cidade, além do mapeamento necessário dos *points* de lazer noturno, exigiram muito mais tempo do que o previsto – mesmo a pesquisa já tendo sido iniciada com os levantamentos dos bares existentes, à temporalidade mais atual da pesquisa, e as entrevistas e gravações já prontos, por fazerem parte de acervo pessoal da autora.

Muitos espaços citados em entrevistas foram de difícil localização. A maioria já não existe, sendo necessário, portanto, retomar o contato com alguns depoentes. Para sanar dúvidas, foi imprescindível a consulta à produção de periódicos como jornais e revistas culturais e bibliografia, como livros e dissertações que tratavam do tema.

Os mapas, construídos sobre carta aerofotogramétrica do município, datada de 1979, foram desenhados com a identificação, em círculos, de cada espaço de lazer noturno. Dentro do possível, cada círculo foi locado sobre o lote exato, sendo que algumas marcações perpassaram mais de um terreno e edificação, devido à dimensão dos objetos envolvidos e escala de impressão.

Alguns locais, identificados em entrevistas ou fontes escritas, tiveram sua localização pesquisada com o cruzamento de informações em periódicos. Alguns jornais davam o endereço exato, mas a edificação não era localizável, atualmente, pela numeração, tendo sido ou não demolida.

Outros tiveram identificação proveniente do cruzamento de informações de outras entrevistas. Outras tiveram suas fotos publicadas, facilitando a identificação e comparação às edificações existentes.

Às planilhas com endereço, período de funcionamento e características de usos destes espaços foi necessário adicionar notas com os estabelecimentos não identificados, com a referência das informações obtidas. Verificou-se, principalmente nos jornais, a cópia ou interpretação de informações em reportagens anteriores sem o devido cuidado de checagem de informações, antes da publicação – talvez pelo curto prazo para a publicação das matérias, tornando questionável a própria fonte.

Nas entrevistas abertas, verificou-se, no início das análises, a necessidade de continuidade do processo com a aplicação de entrevista guiada ou questionário para

fechamento de dados. Após uma coleta inicial, espontânea (de sentimentos, impressões, memórias) e preliminar, puderam-se retirar essas informações básicas, sobre as quais foi necessário trabalhar. Futuros trabalhos baseados neste, ou que lhe deem prosseguimento, devem buscar prever esta etapa não prevista no projeto original.

Talvez este segundo momento da coleta possa, inclusive, apresentar fotografias (específicas e panorâmicas), ou mesmo vídeos, para identificação de alguns espaços. Ou, ainda, uma ferramenta que foi incorporada à pesquisa pelos depoentes, para complementar as informações obtidas nas entrevistas: o *Google Street*. A ferramenta foi utilizada para checagem de dados duvidosos ou faltantes e para localização de espaços até então não identificados (que eram em maior número). Pela sua atualização e possibilidade de visão panorâmica, além de alta resolução e possibilidade de verificação de numeração (na maioria dos casos), foi utilizada para averiguação de estabelecimentos não encontrados em outras fontes.

Alguns depoentes também forneceram *croquis*⁵²³ de memória de alguns lugares que auxiliaram a orientação e posição de lugares, referenciando-os quanto às ruas, avenidas, praças, aos parques e demais equipamentos urbanos e em relação a outros estabelecimentos.

Ao longo da pesquisa, também foram levantados dados básicos sobre outras regiões da cidade, como Rua 24 de Outubro e Avenidas Cristóvão Colombo, Independência e Goethe, que podem inspirar novas pesquisas.

No primeiro capítulo, o trabalho levantou a produção existente sobre o tema e justificou seu encaixe na pesquisa atual, preenchendo uma lacuna de conhecimento sobre esta área da cidade, além de apresentar os métodos de trabalho e a organização dos capítulos.

No segundo capítulo, a pesquisa bibliográfico-histórica demonstrou que o desenvolvimento urbano da cidade influenciou indiretamente nas atividades de lazer nos bairros Bom Fim e Cidade Baixa. Oriundos de um urbanismo saneador e embelezador, baseado nos princípios Positivistas implantados pelo Partido Republicano Riograndense, através do Governador do Estado Júlio de Castilhos, sucedido por Borges de Medeiros, e pelo Intendente Municipal Otávio Rocha, era previsto no Plano Geral de Melhoramentos projetados pelo Arquiteto Moreira Maciel, em 1914, onde se previa uma “limpeza urbana”. Princípios *in voga* que chegavam da Europa, principalmente de Paris, pelas ações de seu governante, Barão Haussmann, tendo influenciado, também, Pereira Passos no Rio de Janeiro e o prefeito Prestes Maia, em São Paulo, atingem esta urbe, no loteamento das áreas,

⁵²³ Desenhos rápidos, esboços sem necessariamente preocupação com exatidão e qualidade do desenho. Amplamente utilizado na área de Arquitetura e Urbanismo.

desmembramento de suas chácaras e início da urbanização da área não pertencente aos limites urbanos da Cidade, com desenho de quarteirões e lotes, baseados nas posturas Policiais. Estas alterações imprimiam à cidade as morfologia e tipologia destas áreas de expansão: os dois bairros em questão, que se desenvolveram concomitantemente, com semelhanças formais e nas sociabilidades locais, visto ambos serem, originalmente, local de excluídos sociais e de minorias, como imigrantes.

Sobre os mapas históricos da Mapoteca Municipal, pode-se acompanhar o desenvolvimento urbano do sítio e as implicações de suas tipologias na configuração espacial dos dois locais, diferenciados pela origem de sua população e pelas diferenças geográficas no relevo.

As ações de sobreposições edilícias, guiadas pelas diretrizes dos planos diretores executados ao longo de seu desenvolvimento, garantiram às duas áreas o surgimento de novas formas espaciais, semelhantes entre si, devido à equivalência de seus índices construtivos. Assim, edifícios seguiam tendências de arquiteturas e estilos de influência internacional, de maneira semelhante nos dois sítios.

O terceiro capítulo trata da diferenciação entre as áreas, que se efetivou com o despontamento, em nível regional (incluindo-se a região do município e da grande Porto Alegre), das atividades exercidas pela militância juvenil no Bom Fim, próximos à Universidade.

Com o fechamento dos bares desta região, conhecida como Esquina Maldita, em 1995, ocasionada pelo afastamento dos alunos ao Campus do Vale, em meados dos anos 70 e do enfraquecimento de seu público, somado aos interesses pessoais dos proprietários destes estabelecimentos, parte destes jovens migrou para a outra extremidade do Bom Fim, onde se desenvolvera uma efervescência cultural, próximo ao Cinema Baltimore e, posteriormente, sua sala alternativa, intitulada Bristol.

Outra parte dos frequentadores migrou à Cidade Baixa, pela proximidade local, pela familiaridade já adquirida às trajetórias para panfletagens subversivas ao regime e, para alguns, pelo retorno às Casas de Estudantes existentes no local. Muitos também seguiram o garçom Isake, que se mudou do bar Alaska (ícone da Esquina Maldita) para o Van Gogh.

No Bom Fim, esta nova concentração de bares foi estimulada pela oferta de público do cinema. Além disso, as conexões com os altos da Independência, a partir de seus muitos espaços de lazer instaurados à época - destacando-se a Sala 1 Cinema Vogue - , e com a Avenida Cristóvão Colombo, que dispunha de muitos restaurantes, que faziam parte das vivências sociais, principalmente aos finais e semana, de onde rapidamente se chegava ao

Bom Fim para sessões de cinema, tramaram uma rede social e de lazer que consagraram esta região, de meados dos anos 70 ao final da Ditadura.

Neste período, os bares da Independência tiveram seu auge e fechamento, em grande parte, pelas ações de repressão. Além disso, as liberdades conquistadas pela sociedade, ao final deste momento, com afrouxamento da repressão, já permitiam uma vivência diferenciada do espaço público, muito influenciados por ações juvenis de classe média baixa da Inglaterra, com ações de *punks*, *skinheads*, etc., que se difundiram.

No capítulo 4, que trata do espaço no período de 1985 a 1995, o Bom Fim se desenvolve como um espaço de lazer *underground* e perigoso, implicando mobilização dos moradores locais pela interdição destas práticas sociais, que tiravam a ordem, sossego e segurança locais. O bairro sofre o fechamento do Auditório Araújo Viana (1985), reaberto em 1986, pela pressão e movimentação popular.

A violência tomou tamanha proporção que os frequentadores locais começaram a migrar para bares com ações mais culturais e com maior segurança. Ficou, no bairro, mais especificamente nos poucos espaços ainda restantes, apenas o pessoal desordeiro. O fechamento temporário do bar Ocidente (1994-95), somado à abertura do Complexo Cultural Nova Olaria (1995), potencializou a migração do público do Bom Fim à Cidade Baixa, em trajetória feita pelas Ruas José Bonifácio e Avenida Venâncio Aires.

Além disso, a demolição do Mercado do Bom Fim, onde funcionavam os polêmicos bares Luar-Luar e Escaler (1996), somado ao fechamento do Cine Avenida, no mesmo ano, desligando as conexões culturais entre os bairros, contribuiu para a separação deles, que atuavam com ofertas de lazer diferenciadas.

No capítulo 5, que trata da temporalidade de 1995 a 2006 e o desenvolvimento até hoje, verifica-se que a potencialização iniciada em 1995, com o Complexo Cultural Nova Olaria, foi um motor a propulsar seu desenvolvimento. Muitos espaços de lazer, como bares, cafés e restaurantes aproveitaram a disponibilidade de público e consolidaram um lugar na cidade e sua imagem local. Atraídos pelas ofertas de ócio, sedutor pelas memórias locais que evocavam, frequentadores buscaram esse espaço que se estruturou como um grande complexo noturno, consolidando o maior lugar da boêmia e do lazer noturno de Porto Alegre.

Sua configuração espacial contribuiu para o desenvolvimento efetivo do bairro nesta função, espalhando os equipamentos por seu território e zoneando grupos e usos, que, ao Bom Fim, apresentavam-se distribuídos linearmente (visto sua configuração espacial e a concentração dos bares ao longo de uma linha que seguia a Avenida Osvaldo Aranha). O acesso aos bares de uso de cada grupo solicitava o trânsito próximo a outro, de grupo rival ou

concorrente, o que também ajudava a manter as brigas.

A Cidade Baixa segue um desenvolvimento promissor, proporcionado pela identificação do público com seus espaços de lazer e pelas atrações ofertadas no local. Seu público, especializado, em grande parte, dispunha de competência artística, tanto para apreciação quanto para a criação – o que transformava seu território num grande atelier artístico e variado.

Território palimpsesto de sobreposições culturais, a Cidade Baixa se dava a ver na sedimentação de usos a espaços que foram lugares significativos precedentes, onde, pela “dialética da paralisia”, presente e passado podiam ser captados num mesmo instante⁵²⁴, isto em função do seu uso ter continuidade com imagem urbana e ambiência semelhantes – o que o diferencia dos demais bairros. A permanência confiável⁵²⁵ de elementos físicos, “restados” de outra ocupação ou vivência, manteve a memória local, que é integrada às práticas sociais atuais, enriquecendo seu valor.

Este bairro construiu seu capital artístico e cultural sob as ações sociais, consolidadas na memória e na identidade. O capital artístico foi constituído tanto pela aparência quanto pelo comportamento social, na paisagem e na ambiência consolidadas por estas ações. A imagem local tem caráter artístico, alternativo, cultural e *underground*, que se reforça sobre identidade e pertencimento a tribos – com diferentes intenções. A construção desta identidade origina-se de processos social, individual e/ou de grupos.

O atributo “identidade” consolidou o caráter local, ainda que seja feito por vários grupos distintos e, portanto, diferentes identidades. Esta variedade limitada e constante consolida a sua imagem local pela moda e influência de comportamento. Além disso, o capital artístico foi construído sobre sua consolidação como “Lugar de Memória”. A imagem própria que conseguiu construir sobre suas práticas e formas urbanas se tornou objeto de desejo e consumo de população predominantemente jovem, como artefatos artísticos, comida, vestuário, etc., obtendo valorização com agregação de valor pela ocasião do local onde se encontram.

Trata-se de um sítio com caráter diferenciado, desejado para consumo e que estende este valor, também, às pessoas, aos grupos e aos objetos nele existentes ou atuantes.

A pesquisa aproximou-se de muitas regiões, cujos estudos não foram aprofundados ou desenvolvidos. Percorreu breve e superficialmente outros locais de concentração de espaços

⁵²⁴ PESAVENTO, Sandra J. O Desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. **Cultura Vozes**. Nº. 5 – Setembro-outubro, 1995. p. 41.

⁵²⁵ ROSSI, op. cit., loc. cit.; TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

de lazer noturno da cidade, nos mesmos períodos analisados das região-objeto de estudo: Bom Fim e Cidade Baixa. Centro, Altos das Avenidas Cristóvão Colombo, Independência e Protásio Alves, Goethe e Rua 24 de Outubro merecem pesquisas específicas, com estudo do histórico, desenvolvimento urbano e sociabilidades locais. Todas fazem parte da grande rede de ações praticadas sobre o território citadino, entretanto se desenvolvem sob diferentes dinâmicas espaciais, com significados, motivações e durações também diferenciados, ainda que por vezes vivenciados por público em comum. A região do bairro Moinhos de Vento, popularmente conhecida como “Calçada da Fama”, que já tem estudos específicos, precisaria de pesquisas mais aprofundadas sobre as dinâmicas espaciais e lógicas de apropriação, assim como sobre a destruição da arquitetura local.

A Avenida Independência reestruturou-se parcialmente, apresentando alguns locais de *shows* dançantes, vinculados a movimentos de *rock* ou alternativos. O Bar Bambu’s continua atuante como espaço *underground*, reunindo diversas tribos, que se distribuem pelos bares próximos, casas de shows, estúdios musicais (onde os músicos ensaiam e gravam) e até mesmo na casa de alguns deles, que moram na região (Casa dos artistas) (Apêndice H).

À Avenida Cristóvão Colombo, às proximidades da Rua Barros Cassal, encontram-se lojas de discos especializadas, cabeleireiros com cortes mais vinculados à aparência das tribos que frequentam a região, brechó de roupas alternativas e estúdio musical frequentado por grande parte do público da Avenida Independência. Esta região, às proximidades da Rua Barros Cassal e ao longo da Avenida Independência, conquistou uma imagem marginal, que toma grandes dimensões no seu uso noturno, em dias de festas ou shows, assemelhando-se à ocupação do Bom Fim, nos anos 80, tanto pela forma de apropriação social, na ocupação das calçadas e leito viário, quanto à imagem nas vestimentas, adornos, cortes de cabelo, maquiagem e comportamento. Mas não chegam a tomar, imageticamente, a dimensão da área do Bom Fim, devido a pouca quantidade de bares e à distância entre eles.

As regiões da Rua 24 de Outubro, Altos da Protásio Alves e Avenida Goethe estão quase extintas. Na última, há um reavivamento da animação local às proximidades da elevada da Mariante, onde se concentram alguns bares, principalmente frequentados em dias de jogos de futebol. Adentrando o Bom Fim a partir da Avenida Goethe, ao norte da Avenida Protásio Alves, alguns pequenos comércios investem na aparência para atração do público em pequenos restaurantes e bares.

Das zonas analisadas, o Bom Fim não aponta, atualmente, a possibilidade de reestruturação em curto espaço de tempo. Já conseguiu recuperar parte de seu público em espaços alternativos e culturais, como o Café da Oca, à Rua João Telles, ou a Livraria Zouk, à

Rua Garibaldi (ambos surgidos após 2006), e outras lojas de artigos de decoração e vestuário alternativos e modernos (estes seguindo uma tendência da atualidade e do consumo como paixão), além de brechós.

É uma zona da cidade consagrada como “Lugar de Aura”, que persevera na imagem mental e memória de seus antigos frequentadores e da população em geral, como lugar originado por estímulos de viés espacial, no caso, associado às sociabilidades e dinâmicas espaciais humanas já exercidas em seu território.

Na Cidade Baixa, o crescimento parece estar em plena ascensão. Alguns bares fecharam, dando espaço a novos bares ou usos, e novos pontos também surgiram. A efervescência local permanece acentuada, implicando problemas no trânsito e com os moradores, em brigas pelo excesso de barulho e desrespeito aos horários de silêncio. Supõe-se que seu território de lazer se expanda dentro do território físico, ampliando as áreas dos zoneamentos existentes por usos, frequência e perfil e que alguns espaços consolidem-se somente pelo uso de bar, expulsando a população local (caso como o da Rua João Alfredo, onde este fenômeno já se deu devido ao porte e tipo das edificações).

A área sofre uma aparentemente incontrolável autofagia. Bares substituem bares, assim como arquiteturas são sobrepostas e alteradas de forma a adaptarem-se à nova função e ao caráter desejado.

A paisagem se transforma rapidamente. Os bares das Ruas Lima e Silva e Sarmiento Leite, em grande parte, mantiveram sua configuração. Não fizeram grandes alterações na arquitetura. Os módulos comerciais projetados para os térreos acabam se fundindo, devido à área necessária para implantação de espaços de lazer, com infraestrutura adequada a seu efetivo funcionamento.

Nas Ruas José do Patrocínio, as intervenções foram feitas num nível mais leve, com pinturas com cores que as destacam na paisagem, sendo que nas edificações mais jovens, muitos grafites são identificados. Nas Ruas República e João Alfredo, entretanto, estas adaptações a novos usos implicaram alterações nos elementos arquitetônicos. Na Rua João Alfredo, o nível de intervenção foi muito impactante. Nas tipologias locais, por sua forma de estreita testada e grande profundidade, houve alterações de elementos ou mesmo alargamento de vãos, descaracterizando a arquitetura original por necessidade de integração com a área exterior.

Estas modificações na arquitetura abriram novas relações entre espaços externos e internos. Estas integrações conquistadas à alteração da forma oportunizaram novas dinâmicas sociais, impossíveis de se desenvolverem com a arquitetura original. As dinâmicas sociais se

alteram e os bares que apresentaram tais alterações na forma configuraram nova ambiência, se aproximando à paisagem estabelecida em regiões como na Rua Lima e Silva.

Nestas edificações, houve o rompimento dos vãos de porta e janela para configuração de uma única abertura, grande, semelhante a uma porta de garagem. Essas edificações originalmente residenciais luso-brasileiras se transformam em módulos de simples construções, sem divisórias internas, mas com aberturas tipo de garagens, proporcionando uma exploração espacial pobre em seu interior e uma desconfiguração arquitetônica externa, transformando a paisagem e ambiência local pela diferente forma de apropriação e interface nos espaços exterior-interior.

Mudou muito Porto Alegre. Em vão procuro reconstituir a fisionomia familiar e rústica de certos arrabaldes, reconhecer algumas ruas que agora só existem no traçado de uma planta subjetiva, dentro de mim mesmo. Estamos diante de uma cidade que apaga as suas pegadas com o açodamento de um novo rico⁵²⁶.

É perceptível que as alterações na área estão descaracterizando as tipologias arquitetônicas, mediante a exploração destas unidades a usos para os quais não foram projetadas. Há uma necessidade de atenção às alterações feitas na arquitetura e no espaço urbano, que passam despercebidas ou ignoradas pela população em geral pela falta de educação patrimonial.

A Cidade Baixa, num todo, é Lugar de Memória e de vivências sociais. Local que remete e recupera constantemente sua história, construindo-a sob a prática social de lazer.

Conforme Menegotto⁵²⁷ “Há tensões inevitáveis no modo de renovação desse tecido ao se considerar a carga de significados que possa nele estar contida”. Portanto, a intervenção em ambientes com valor histórico, cultural e como patrimônio deve zelar por condicionantes muito importantes, como contexto, paisagem urbana, ambiência, tipologia, morfologia, sítio, história local e dinâmicas sociais de deslocamentos. Dos elementos citados, os mais antigos devem ser pesquisados e avaliados, sob a forma de recuperação, conservação e integração e os atuais devem ser ponderados, pois também já adquiriram historicidade. Este estudo deve garantir um fundamentado posicionamento diante da proposta de intervenção.

A importância de uma área urbana consolidada ao longo do tempo tem vínculos fortes com suas condições formais e por conteúdos provenientes da história do lugar. Essa história, repleta de acontecimentos, está representada pelos objetos arquitetônicos constituintes do espaço que, simultaneamente, são repositórios de

⁵²⁶ MEYER, Augusto. **No tempo da flor**. Rio de Janeiro. O Cruzeiro, 1966.

⁵²⁷ MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa**: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre. 2001. 222 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre.

testemunhos do passado e portadores de vida para o presente⁵²⁸.

Também deve ser levado em conta que o sentimento do ser humano em pertencer a um lugar está acompanhado da clareza quanto à sua posição na configuração de coexistência com os demais elementos existentes. A conjugação da relação assim estabelecida e da identidade intrínseca acaba propondo o reconhecimento de referenciais, uma ideia de segurança e a possibilidade de interpretação dos sinais deixados pelo tempo.⁵²⁹

Conforme Argan, “imaginamos as cidades do futuro, como se a degradação das cidades dependesse do destino e não da nossa incapacidade de conservá-las e como se a forma das cidades futuras dependesse de nós e não das gerações vindouras⁵³⁰”.

As adaptações das antigas residências a novos usos têm ocorrido de maneira desrespeitosa a estes objetos materiais produzidos num período e com uma finalidade, e já consolidaram valor patrimonial como paisagem urbana. A morfologia e a tipologia locais implicam restrições de exploração comercial de modo a manter e respeitar os projetos, ou pelo menos as fachadas originais (caso da Rua João Alfredo).

A avassaladora destruição que ocorreu no período analisado – de 1995 a 2006 (no último levantamento), mostra-se pequena mediante os estragos provocados de 2006 em diante.

Bares de edificações diferentes se fundiram num único espaço comercial, indistinguível (Bar Pinguim). Edificações altas de térreo comercial têm explorado comunicação visual de maneira tão agressiva que se torna difícil fazer a separação entre unidades comerciais, visto a semelhança nas cores e dimensões dos letreiros.

Bares não identificados (possivelmente irregulares) funcionam em maior quantidade, sem indicações de nome e função ou tipo de produto comercializado. Estes são encontrados, principalmente, à Rua da República, próximo à esquina com a Rua João Pessoa, à Rua José do Patrocínio, próximo à Rua da República ou à Rua João Alfredo, na calçada do Museu de Porto Alegre – oposta a dos bares mais frequentados do local.

Atualmente, a Rua João Alfredo é a mais atingida pelas alterações e destruições locais. Se não houver conscientização da população, dos novos proprietários (educação sobre o valor arquitetônico local – individual e de conjunto) e dos órgãos públicos, responsáveis por estes espaços, em breve as áreas com residências e sobrados darão espaço à ocupação

⁵²⁸ BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A formação do homem moderno vista através da arquitetura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p.26, citado por MENEGOTTO, op. cit. Passim.

⁵²⁹ Ibidem, 1994, p.60-61 citado por MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa**: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre. 2001. 222 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre, passim.

⁵³⁰ ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 225

indiscriminada de pequenos espaços de bares, consolidando lugares de arquitetura descaracterizada.

É possível que em pouco tempo estas tipologias sejam tão alteradas que percam seu valor estético, arquitetônico e artístico e que sejam substituídas por edificações maiores, que venham a modificar a imagem do lugar, alterando a paisagem que evoca suas antigas ocupações.

A área apresenta, atualmente, concentração de públicos próprios, conquistados ao longo de décadas de frequência em seus espaços, abertos à atividade de lazer. Também recebe o público já herdado e fidelizado do Bom Fim, por disponibilizar, em seu território, espaços de uso *underground*, onde se concentram estes agentes sociais.

Recepciona, também, migratoriamente, público compartilhado com regiões mais abastadas da cidade, como os das regiões da Avenida Goethe⁵³¹ e do bairro Moinhos de Vento, mais especificamente da Rua Padre Chagas⁵³², como averiguado nas pesquisas empíricas de levantamento de campo.

Destes, o espaço da Avenida Goethe já se encontra em estado de extinção. Dos muitos bares ali instalados, na década de 1990, atualmente só um se encontra aberto: o Beer Street, à esquina da Avenida Goethe com a Rua Vasco da Gama, além de outros menores, mais recentemente surgidos, como Bar Gilson, Campana Pizzas, Fabio's Bar e Biére Baguete, associados a jogos de futebol e venda de bebida barata, mais próximos ao viaduto da Mariante. Bares como Hulk, La Camorra e Bucanero, que se destacaram na noite da cidade, já foram fechados. Este local teve o auge do seu desenvolvimento entre 1995 e 2005, aproximadamente. As causas do fechamento dos bares são desconhecidas e ainda não pesquisadas. Semelhantes a este caso, são os ciclos de espaços de lazer dos altos da Avenida Independência⁵³³ (com início em meados dos anos 60 e final, na virada dos anos 70 para 80), dos altos da Avenida Cristóvão Colombo⁵³⁴, com seus inúmeros restaurantes e uisquerias (com início nos anos 1910/20 até aproximadamente anos 70) e de suas inúmeras pizzarias, nos anos 90 (Gira Pizza, Threbyano, Al Capone, Xuvisco, dentre outras), da Rua 24 de Outubro (que teve seu auge entre os anos 80 e meados de 1995) e dos altos da Avenida Protásio Alves (que funcionou no mesmo período que a área anterior).

⁵³¹ DORNELLES, Jonathan. **O encontro:** entre “Goethe” e “Lima e Silva”. 13p. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9188>>. Acesso em 15 maio 2012.

⁵³² FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre:** Dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento. 2006. 221p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre.

⁵³³ À categoria de análise estipulada nesta pesquisa.

⁵³⁴ Idem anterior.

Ciclos de duração de bares que percorreram uma média de 1,5 décadas, desde seu início, incluindo seu desenvolvimento pleno, até o fechamento quase total de seus espaços, diferenciam-se do caso do Bom Fim, que percorreu três décadas consagradas de boêmia juvenil, e da Cidade Baixa, que talvez por sua proximidade à Universidade, tenha conseguido manter seu espaço em amplo desenvolvimento, consagrando mais de três décadas de expansão. Supõe-se que o sucesso deste crescimento se apoie em razões econômicas, sociais e morfológicas, já citadas ao longo da pesquisa.

Em relação à economia local, o bairro quase autossustentável e considerado “bairro-cidade”⁵³⁵ - devido à variedade e abrangência de serviços nele disponíveis, pela proximidade à Universidade e facilidade de deslocamento, disponibiliza um público morador e visitante de estudantes, - apresentando condições ideais de desenvolvimento e atração de público. Oferta e procura são fartas na região.

Em relação às questões sociais, “as pessoas vão onde as pessoas estão”⁵³⁶. Pessoas querem ver e serem vistas: um desejo de exposição e exibicionismo intrínseco da natureza humana, de “dar-se a ver”, além da necessidade de comunicação, interação e de relação social. Faz parte das sociabilizações de manutenção, defesa e conquistas de territórios, grupos e pessoas, individualmente.

A morfologia local ajuda com a oferta de espaços arquitetônicos e urbanos que facilitam seu uso como prática de lazer em bares, restaurantes e danceterias: calçadas largas, arborização de destacada beleza, oportunização de espaços abertos com frequência nos exteriores, arquiteturas-vitrine (nos térreos dos exemplares de arquitetura moderna) ou ecléticas (no casario original local, adaptado do colonial luso-brasileiro a edificações pequenas, mas com adornos suntuosos), etc.

A forma local sugere, incita, intimida, mas não é totalmente determinante. As ações sociais se dão por desejos humanos. “A cidade não é feita de pedras, mas de homens”⁵³⁷. Conforme Argan: “São os homens que atribuem um valor às pedras e a todos os homens, não apenas os arqueólogos ou os literatos”. É necessário considerarmos a atribuição de valor, principalmente quando ela é feita pela própria comunidade.⁵³⁸

No caso do Bom Fim, o reconhecimento ainda existe pela população em geral, ainda que apontando os problemas dos frequentadores dos bares com os moradores locais, pelos

⁵³⁵ Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA). Justificativa. Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1997. p. 1-10.

⁵³⁶ GEHL, J. **Life Between Buildings** – Using Public Spaces. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.

⁵³⁷ Marsilio Ficino, citado por ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 228.

⁵³⁸ Ibid, loc. cit.

impactos provenientes da nova forma de apropriação do espaço, no auge do seu desenvolvimento. Hoje, o espaço já não apresenta muitas das práticas culturais nele já exercidas, mas carrega imagetivamente a memória das vivências anteriores. Supõe-se que consiga recuperar as atividades culturais pela reestruturação espacial com novos espaços onde estas práticas se dão e que mantenha parte de suas ações malditas, pela permanência e persistência de seu público em bares como a Lancheria do Parque, ou vindo de zonas *undergrounds* instaladas à Avenida Independência.

A Cidade Baixa tende a perseverar sua dinâmica espacial, potencializando e especializando o uso nos zoneamentos já estabelecidos. Sua organização por tipo social, tribos, gênero, ofertas de lazer e serviços se mostram bem definidas, constituindo um funcionamento harmonioso, ainda que o bairro seja ocupado por muitos tipos sociais, e em práticas diferenciadas entre os lazes diurno e noturno.

Ela mostra-se um vivo palimpsesto, em plena sobreposição, onde seus traçados e edifícios somam-se às vivências, consolidando imagens urbanas que representam seus próprios tempos - “o que cada um de nós traz dentro de si e que constitui o sedimento inconsciente das nossas noções de espaço e de tempo, ao menos enquanto nos servem para a existência na cidade, que representa, sem dúvida, a maior parte da nossa vida”⁵³⁹.

Das práticas, experiências e ações urbanas, quando ligadas às ações de lazer, muitas são associadas a este território, tendo ele concentrado, até então, público de várias regiões da cidade, quando abordada a juventude. É possível, pela oportunidade de espaços comerciais, de demanda social e de valorização local, que este espaço ainda receba novos lugares para vivenciar o espaço urbano noturno.

O presente trabalho cumpre seu objetivo de demonstrar a interligação histórica, social e econômica dos espaços de lazer entre os bairros Bom Fim e Cidade Baixa, narrando a migração de público e os ciclos de desenvolvimento entre as duas regiões.

Encerra, demonstrando o perfil atual e tendências de crescimento do bairro Cidade Baixa. Aponta que seu desenvolvimento como território de lazer noturno não se findou, sugere que a pesquisa tenha desdobramentos, com registros dos lugares e formas de apropriação nos seus usos, que os próximos estudos consigam definir um limite para o período atual analisado, iniciado em 1995, encerrando com fato histórico que feche este ciclo.

Acredita-se que esse bairro, como “Lugar de Memória”, permaneça como territorialidade boêmia e de prática de bares e espaços de lazer, predominando seu uso cultural

⁵³⁹ ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 232.

despojado ainda por muito tempo; e como lugar de minorias, mantendo sua grande população de grupos GLS, com a naturalidade como os têm recebido.

Sugere-se que esta pesquisa tenha continuidade, até, pelo menos, uma nova e impactante mudança local – seja por fechamento ou abertura de novos estabelecimentos ou equipamentos sociais, que alterem sua dinâmica espacial ou sua forma física, solicitando novos registros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 280p.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2.ed. Campinas: Papirus, 2001. 111 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. 328p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 110p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 334p.
- BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do século XIX”. In: KOTHE, Flávio R. **Walter Benjamin**: Sociologia. São Paulo, Ática, 1985. pp. 30-43.
- BITTENCOURT, Dóris Maria Machado de. **Casas residenciais em Porto Alegre em fins do século XIX e início do século XX**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 1996.
- BORBA, Mauro. **Prezados Ouvintes. Memória Afetiva**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1996. 217p.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. **Coleção Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983.
- BRANDÃO, Antonio C., DUARTE, Milton F. **Movimentos Culturais de juventude**. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1990. 120p.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A formação do homem moderno vista através da arquitetura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- BRENNER, Ana K., DAYRELL, Juarez, CARRANO, Paulo. Juventude Brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: editora do Ministério da Saúde, 2008. 218p.
- CARMO, Paulo S. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001.
- CARMO, Paulo S. Juventude no singular e no plural. In: As caras da juventude. **Cadernos Adenauer II** (2001), nº 6. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, dezembro 2001.
- CASTELLO, Lineu. **Repensando o LUGAR no projeto Urbano. Variações na Percepção de LUGAR na virada do Milênio (1985-2004)**. 2005. Tese. (Doutorado). UFRGS, Porto Alegre, 2005.

- CATROGA Fernando. **Memória, História, e Historiografia**. Coimbra: Quarteto. 2001. 72p.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CONSTANTINO, Núncia. **Espaço Urbano e Imigrantes: Porto Alegre na virada do século**. In: Estudos Ibero-Americanos, v. XXIV, n. 1, p. 149-164, junho de 1998.
- CONSTANTINO, Núncia. **O Italiano da Esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade étnica entre moranenses**. Universidade de São Paulo, 1990.
- CORONA, Eduardo. **Dicionário da arquitetura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Artes, 1998.
- DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica. Memória, Identidade e Representação**. São Paulo: EDUSC, 2002. pp. 111- 136.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.
- FERNANDES, Lúcio P. **Transgressão no Bom Fim**. 2009. 174p. Dissertação. (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre: Dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento**. 2006. 221p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 2006.
- FRYDBERG, Marina B. **Lupi, Se acaso você chegasse: um estudo antropológico das narrativas sobre Lupicínio Rodrigues**. 2007. 175p. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2007.
- GAUER, Ruth M.C.G. Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: GAUER, Gabriel J. C., GAUER, Ruth M.C.G. (Org.) **A Fenomenologia da Violência**. Curitiba: Giraú, 2001. pp. 13-35.
- GÉA, Lúcia Segala. **Arquitetura residencial da elite porto-alegrense: 1893-1929**. In: WEIMER, Günter (Org.). **Arquitetura: História, teoria e cultura**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000. pp.13-46.
- GÉA, Lúcia Segala. **O espaço da casa: arquitetura residencial da elite porto-alegrense: 1893-1929**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 1995. 233 p.

GEHL, J. **Life Between Buildings – Using Public Spaces**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.

GERMANO, Íris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40**. 1999. 278 f. Dissertação. (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

GIBSON, James J. **The Ecological Approach to Visual Perception**, Boston: Houghton-Mifflin, 1979.

GIORDANI, Caroline G. **Mulheres gerenciando espaços de identidade masculina: um estudo sobre os bares do Viaduto Otávio Rocha**. Pesquisa CNPq. Projeto Integrado. Orientadora Neusa Rolita Cavedon. Departamento de Ciências Administrativas. Escola de Administração, UFRGS.

GONZALEZ, Demosthenes. **Roteiro de um boêmio: vida e obra de Lupicínio Rodrigues**. Porto Alegre, Sulina, 1986

GOULART, Mário. **Lupicínio Rodrigues**. Coleção Esses Gaúchos. Porto Alegre: Ed. Tchê. 1984. 100p.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

HILLIER, B & HANSON, J. **The social logic of space**. Cambridge, Cambridge University Press. 1984.

HILLIER, B. (1997). The fundamental city. In: **The space is the machine**. Cambridge, Cambridge University Press. pp. 335 a 368.

HOLSTON, James. **A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Cia das Letras, 1993. HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org). 1968: Contestação e utopia. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. **À moda da casa: éticas e estéticas da cultura jovem no cenário contemporâneo do bairro Bom Fim**. 2011. Monografia (Especialização em Pedagogia da Arte). Programa de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte. Porto Alegre, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INDA, Pedro Augusto Alves de. **O planejamento urbano e seu impacto na tipologia arquitetônica, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre**. 2003. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura) Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar: identidade masculina e auto segregação entre homens de classes populares** 1991. 247p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KRAWCZYK, Flávio. GERMANO, Iris. POSSAMAI, Zita. **Carnavais de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/SMC, 1992.

KOHLER, Raquel. Percepção da estrutura e desempenho de um setor urbano: bairro Cidade Baixa, Porto Alegre-RS. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR. 7, 1997, Recife. **Anais**. VII Encontro Nacional da ANPUR: novos recortes territoriais, novos sujeitos sociais: desafios ao planejamento. Recife: UFPE, ANPUR, 1997, vol.1, p.341-362.

KOZEL, T. S. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba, a “capital ecológica”. 2001. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo.

LIMA, Raquel Rodrigues. **Edifícios de apartamentos**: um tempo de modernidade no espaço privado. Estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre – nos anos 50. Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LYNCH, K. **A imagem da Cidade**. São Paulo: M. Fontes, 1997. 227 p.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: história e vida da cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973. p.73.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre**: Origem e Crescimento. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1968

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal**: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre. 2006. 165p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MATTOS, Jane Rocha de. **Que arraial que nada, aquilo lá é um areal**: O areal da Baronesa: imaginário e história (1879-1921). 2000. Dissertação. (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **A Cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007. 190p.

MATOS, Maria Izilda Santos de. e FARIA, Fernando A. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues – O Feminino, o Masculino e Suas Relações**. Bertrand Brasil, 1996. 184p.

MAUCH, Cláudia. Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890. In: VARGAS, Anderson Zalewski; MAUCH, Cláudia e ELMIR, Cláudio Pereira. (org.). **Porto Alegre na**

virada do século 19: cultura e sociedade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. 154 p.

MENDES, Ana. **Nos conhecemos há anos. Nunca nos vimos durante o dia!** A sociabilidade construída a partir da boêmia, da dança e dos jogos de sedução. Uma fotoetnografia do Clube do Choro de Porto Alegre. Monografia de Graduação. 2010. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. 75p.

MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa:** pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre. 2001. 222 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 4ª ed. rev. e ampl., São Paulo: Loyola, 2002.

MEYER, Augusto. **No tempo da flor.** Rio de Janeiro. O Cruzeiro, 1966.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas:** Histórias e Memórias da Cidade. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. 550p.

MYLIUS, Leandra. **Um percurso afetivo e um olhar lógico:** Descrição de uma etnografia de rua na Avenida Osvaldo Aranha, Bairro Bom Fim, Porto Alegre/RS. [recurso eletrônico]. In: Salão de Iniciação Científica. Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira:** Utopia e Massificação (1950-1980). 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006. Coleção Repensando a História.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música:** história cultural da música popular. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 120p.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. **Lupicínio Rodrigues:** a cidade, a música, os amigos. 1995. 246p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. **Uma leitura histórica da produção musical do compositor Lupicínio Rodrigues.** 2002. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Lupicínio Rodrigues e a musicalidade da negra cidade baixa. In: **Presença negra no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

PAIS, José Machado. Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais. In: PAIS, José Machado. BLASS, Leila M. S. (coord.) **Tribos urbanas: produção artística e identidades.** São Paulo: Annablume, 2004. 234p.

ARAÚJO, Lídice M.S. Música, sociabilidades e identidades juvenis: o Manguebit no Recife (PE). In: PAIS, José Machado. BLASS, Leila M. S. (coord.) **Tribos urbanas: produção artística e identidades.** São Paulo: Annablume, 2004. 234p.

PANERAI, Philippe. **Elementos de Análisis Urbano.** Madrid: Instituto de Estudios de

Administracion Local, 1983. 280 p.

PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha.** Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade:** o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. 357 p

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade.** 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. 149p.

PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre.** 1940. p. 41

RECKZIEGEL, Daniela. **Lazer noturno:** aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários. 2009. 218p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre.

REIS, Nicole I. “Deu pra ti anos 70” – Rede social e movimento cultural em Porto Alegre sob uma perspectiva de memória e geração. Projeto Integrado “Estudo Antropológico de Itinerários Urbanos, Formas de Sensibilidade e Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo” (CNPQ). Orientadora prof^a. Ana Luiza Carvalho da Rocha.

REIS, Nicole I. dos Santos. Lembranças de uma geração: estudo antropológico do movimento deu pra ti anos 70 em Porto Alegre. In: Salão de Iniciação Científica (14.: 2002 : Porto Alegre). **Livro de resumos.** Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.823, resumo 188.

REIS, Vanessi e PUIG, Renata G. **Bom Fim** – o espaço como refúgio nos bares – décadas 60 e 70. Monografia de Iniciação Científica. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Ritter dos Reis, Porto Alegre. 2000. 21 p.

REIS, Vanessi. **Exteriorização dos Interiores dos bares noturnos de Porto Alegre** – Bordas das Ruas Fernando Gomes e Padre Chagas. Monografia de Especialização em Arquitetura de Interiores. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UniRitter, Porto Alegre. 2003. 211 p.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: UNICAMP, 2010. pp. 82-150.

RIGATTI, Décio. **Morfologia urbana, memória coletiva e formas de socialidade em Porto Alegre:** o centro da cidade: relatório final. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Propur, 1991. 273p.

RIGATTI, Décio. **Cidade e memória.** Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Propur, 1993. 92p.

RIGATTI, Décio. **Transformação espacial em Porto Alegre e dinâmica da centralidade.** 2002. 114 p.

RODRIGUES FILHO, Lupicínio (Org.). **Foi assim:** o cronista Lupicínio Rodrigues. Porto Alegre, L&PM, 1995.

- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Lisboa: Cosmos, 1966. (36-41; 46-49; 64-69)
- SACK, R.D. **Human Territoriality – its Theory and History**. Cambridge, Cambridge. Univ. Press. 1986.
- SALGUEIRO, Heliana A. (org.) **Por uma nova história urbana**: Bernard Lepetit. São Paulo: EDUSP, 2001. p.34
- SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre**: crônicas de minha cidade. 2.ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979, p.203-205
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2002. p. 97
- SCLIAR, Moacyr. **Os bares do Bom Fim**. Zero Hora.
- SCLIAR, Moacyr. **Os Caminhos do Bom Fim**. In: Guia de Porto Alegre 1993/94. EPATUR. L&PM Editores. p. 118.
- SEEMANN, Jörn. **Mapas e Percepção Ambiental**: do Mental ao Material e vice-versa. Vol. 3, nº1, p. 200-223, setembro de 2003.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 466 p.
- SCLIAR, Moacyr. **A guerra no Bom Fim**. Porto Alegre: L&PM, 1991. 90p.
- SCLIAR, Moacyr. **O exército de um homem só**. Porto Alegre: L&PM, 1983. 184p.
- SCLIAR, Moacyr. **Histórias de Porto Alegre**. Porto Alegre: L&PM, 2004. 174p.
- SILVA, Juremir Machado da. **A noite dos cabarés**: histórias do cotidiano de uma cidade grande. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p. 82.
- SIRTORI, Bruna, QUEROTTI, Carlos e., MENEZES, Rafael F., FREITAS, Renata D.S. **CEUE 100 anos**: uma história no movimento estudantil. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1989. 156 p.
- TEIXEIRA, Paulo César. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012.212p.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 250p.;
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.
- VEDANA, Hardy. **A Elétrica e os discos gaúcho**. Porto Alegre: PETROBRAS, 2006. 251p.

VEDANA, Hardy. **Jazz em Porto Alegre**. Porto Alegre: L&pm, 1987. 184 p.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. Brasília: Editora da UNB.

VILHENA, Luiz dos Santos. **Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas Contidas em XX Cartas**. Volume III. 1870-1802. Manuscrito. p.629-652.

ZAMBONI, Vanessa. **Percorrendo as marcas de distintas temporalidades no Bairro Bom Fim**: exercício de etnografia nas ruas de um bairro. Orientação de Cornelia Eckert. 21p.

Revistas

AGUIAR, Douglas Vieira de. “Guetos urbanos”. **AU: Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, n.111 (jun. 2003), p. 60-61.

ÁVILA, Alisson e Michelin, Juliana. C. Os vícios do Bom Fim. **Aplauso - Cultura em Revista**. Ano 3 nº 20, 2000. p. 16

BRANCO, Nara. Bar da Filô. Uma janela para a história. **Jornal Adverso**. Memórias. Central. Nº 138. Novembro de 2005. p. 16.

Castelinho do Alto da Bronze. Uma história de amor e traição. **Aplauso - Cultura em Revista**. Kaleidoscópio. Porto Alegre, ano 5 nº. 49, 2003. p. 42.

GASTAL, Susana. Salas de cinema: Cenários de uma história porto-alegrense. **Aplauso - Cultura em Revista**. Ano 1, nº 11, 1999. P. 40.

NASI, Eduardo; RAMOS, Paula. Mestres do século. Música. O poeta da boêmia. **Aplauso - Cultura em Revista**. Porto Alegre, ano 1 nº. 11, 26

PESAVENTO, Sandra. Lugares maldito: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). **Revista Brasileira de História**. 1999. São Paulo, v.19, nº 37, p-195-216.

PESAVENTO, Sandra J. O Desfazer da ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. In: **Cultura Vozes**. Nº. 5 – Setembro-outubro, 1995. pp. 34-44.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

PRIKLADNICKI, Fábio. Muito além da dor-de-cotovelo. **Aplauso - Cultura em Revista**. nº. 59, pg. 16

RAMOS, Paula (org.) **A Madrugada da Modernidade** (1926). Centro Universitário Ritter dos Reis. Editora UniRitter. 2006. 84 folhas

ROZANO, Fernando. Santo de Casa – Lupicínio Rodrigues. **Porto & Vírgula**. Porto Alegre,

nº. 55, out./dez 2005. p. 16

SANTI, Alexandre de. Histórias do underground. **Aplauso** - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 7 nº. 61, 2005. pp.18-24

TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. **Aplauso** - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 5 nº. 49, 2003. p. 23

Jornais:

BARBO, Rique (Arte ZH). Roteiro da Cidade Baixa. **Zero Hora**. Segundo Caderno. Noite. Porto Alegre, 1 de julho de 1999, p 7.

BURD, Paulo. Nas matinês, os primeiros sonhos e Magias. Material impresso em **periódico não identificado**, fornecido pelo depoente Mário Fernandes.

Cidade Baixa em alta. **Zero Hora**. Capa 2º Caderno. Porto Alegre, 21/05/2003.

De bar em bar, na noite de Portinho. **Zero Hora**. Tribos e Bares. Especial Zero Hora 30 anos. 30 de abril de 1995. p. 12

Dois estudantes em greve de fome. **Zero Hora**, sábado 18 de agosto de 1979;

Estudantes preparam manifestações no país. **Zero Hora**, terça-feira, 23.08.1977. p. 14;

Folha da Tarde. Porto Alegre Dia e Noite. 07 de outubro de 1977.

GONZATTO, Marcelo. População de rua cresce na Cidade Baixa. **Zero Hora**. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 25/10/03, p. 33.

GONZATTO, Marcelo. Vida noturna conflagra a cidade baixa. **Zero Hora**. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 02/07/2004.

KOLLING, Guilherme. Ninguém vai fechar o Escaler. **Jornal JÁ Bom Fim**. Entrevista. Maio de 2003. P. 3

MAHFUZ, Edson da Cunha. Porto Alegre e seus símbolos. **Zero Hora**. Opinião. Porto Alegre, 13/12/1991. P. 4.

MIETLICKI, Deise. Boêmia, aqui me tens de regresso. **Zero Hora**. Especial ZH. Porto Alegre, 03/07/99 p. 1.

Morar é problema na Cidade Baixa. **Zero Hora**. Comunidade. Porto Alegre, 20/12/91.

Nas ruas, a passeata dos universitários. **Zero Hora**, sábado 18 de agosto de 1979.

Passeatas de estudantes acabam em congestionamento do centro. Polícia dissolve manifestação. **Zero Hora**, 24 de agosto de 1977. pp. 26-27

PESAVENTO, S. J. SOS Porto Alegre. **Zero Hora** - Segundo Caderno: Cultura, Porto Alegre, 25 mar. 2006.

PEDRAZZI, Iria. As sessões malditas do Bristol. Material impresso em **periódico não identificado**, fornecido pelo depoente Mário Fernandes.

PICADA, Josiane. Baltimore se expande e seduz os espectadores. **Zero Hora**. Cinema. Material fornecido pelo depoente Mário Fernandes.

Proprietários de bares reagem a interdições da prefeitura. **Zero Hora**. Porto Alegre, 02/07/2004.

Região do Gasômetro é visada. **Zero Hora**. Roubo e Furtos de Veículos. Porto Alegre, 08/11/2000, p.47.

Segunda-feira uma nova reunião no Araújo Viana. **Zero Hora**, segunda-feira, 18 de agosto de 1979. P. 19;

7 mil alunos da Unisinos já entraram em greve. **Zero Hora**, quarta-feira 22 de agosto de 1970. p. 31;

Treviso reabre para os donos da noite. **Zero Hora**, 26 de fevereiro de 1973. p. 29

VIECELLI, Maria das Dores Costa. O dia e a noite do Bom Fim. A geração da Esquina Maldita. Porto Alegre ano 210. **Folha da Tarde**. 2 de abril de 1982.

VIECELLI, Maria das Dores Costa. Quem frequenta hoje o Alaska. Porto Alegre ano 210. **Folha da Tarde**. 2 de abril de 1982.

WAGNER, Magda. Centro irradiador da cultura... e do spray. **Correio do Povo**. Geral. Os bairros e seus problemas/Bom Fim. Sábado, 11 de abril de 1987. p. 1

Internet

Arquiteto Dirceu Russi. – projetos. Disponível em: <<http://www.dirceurussi.com/projetos.html>>, em 07.06 às 17:14.

Arquiteto Dirceu Russi - Bele Ballare. Disponível em: <<http://www.dirceurussi.com/bereballare.html>>, em 11.06 às 18:07

Bar Apolinário. Disponível em: <<http://www.apolinariobar.com.br/>>.

Bar Paiol. Disponível em: <<http://www.guiamais.com.br/local/restaurante+paiol-restaurantes-porto+alegre-rs-13227864-2>>, em 11.06 às 19:24

Bar Zellig. Disponível em: <<http://www.zellig.com.br/html/zellig.htm>>.

Bares Gut-Gut e Dominó - <http://guiapoa.biz/restaurante-domino>, em 11.06 às 19:42

Bares.

[http://www.orkut.com/Main#Main\\$CommMsgs?na=2&nst=68&tid=7296721&cmm=1172057&hl=pt-BR](http://www.orkut.com/Main#Main$CommMsgs?na=2&nst=68&tid=7296721&cmm=1172057&hl=pt-BR), em 11.06, às 20:11

BORBA, Mauro. **Pecados Mortaes e Opinião.** Site giro cidade baixa. Disponível em: http://www.giroadadebaixa.com.br/opinioao/opi_mauro.asp, Acessado em 23 de abril de 2007, 15:13:22.

Cabaret do Beco (Ex Cabaret Voltaire). Site Balada Certa. Disponível em: <http://www.baladacerta.com.br/baladas.asp?idCasa=3793>, 11.06 às 19:08

CAMPOS, Marcello. **A Porto Alegre dançante dos anos 50.** Os anos dourados dos bailes em Porto Alegre. Publicado em 9/5/2005. Disponível em: <http://www.guaiba.com.br/reportagens.asp?id=240>. Acesso em: 10/09/2007

Casa do Estudante Santacruzense. História. Disponível em: <http://blogdacesc.blogspot.com.br/p/historia.html>.

Clube de Cultura. **Fala Bom Fim.** Disponível em: www.falabomfim.com.br/2009/07/clube-de-cultura-59-anos-de-luta-pela-promocao-artistica-e-intelectual/.

Danceteria Fim de Século. Disponível em: <http://www.ivox.com.br/produto/?dir=:14802>, 11.06 às 19:09

Danceteria Fim de Século. Disponível em: <http://www.baladacerta.com.br/baladas.asp?idCasa=3793>, em 11.06 às 19:09

DORNELLES, Jonathan. **O encontro:** entre “Goethe” e “Lima e Silva”. 13p. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9188>. Acesso em 15 maio 2012.

HEBERLE, Clóvis. **Os bares da minha vida.** Disponível em: <http://clovisheberle.blogspot.com.br/2009/11/os-bares-da-minha-vida.html>.

Lupicínio Rodrigues. **Cifratinga.** Disponível em: http://cifrantiga3.blogspot.com/2006/04/lupicnio-rodrigues_06.html

Ocidente. Disponível em: <http://barocidente.com.br/história>, em 07.06 às 17:19.

Ói Nós Aqui Traveiz. História. Disponível em: <http://www.oinoisquitraveiz.com.br/testes/historia.html>

MACHADO, Cauê; BRIZOLA, Juliana; ROSA, Laura; BARROSO, Priscila F. **Odeon:** etnografia de um bar. Orientação de Cornelia Eckert e Viviane Vedana. 21p. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/30169>

MELO, Itamar. **Cinco restaurantes que deixaram saudade.** <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/aniversario-de-porto-alegre/noticia/2013/03/cinco-restaurantes-que-deixaram-saudade-4072958.html>, em 04.06.13 às 17: 28

PEIXOTO, MARTA. **O lado A da Cidade B.** Site Giro Cidade Baixa. Disponível em:

<http://www.girocidadebaixa.com.br/opiniaio/opi_marta.asp>. Acessado em 23 de abril de 2007, 15:13:14

Porto Alegre. Estabelecimento. Fun House. Oba Oba. Disponível em: <<http://www.obaoba.com.br/porto-alegre/balada/rio-branco/fun-house>>.

REIS, Nicole I. dos Santos. Deu pra ti anos 70: sob uma perspectiva de memória e geração. In: Salão de Iniciação Científica. **Livro de resumos**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/30228>>.

RIBEIRO, Milton. **A migração dos cinemas de Porto Alegre (Parte 2 – alguns bairros)**. <http://miltonribeiro.sul21.com.br/2012/10/21/a-migracao-dos-cinemas-de-porto-alegre-parte-2-alguns-bairros/> (Publicado em 21 de outubro de 2012)s/. 04.06.13 15:28

ROSA, Iran. **Paredes de Segredos**. Site Giro Cidade Baixa. Disponível em: <http://www.girocidadebaixa.com.br/opiniaio/opi_iran.asp. Acessado em 01/09/08 – 18:42

Teatro de Arena - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:TeatroDeArena-Poa.jpg>

VANZELLOTTI, Cátia Agne. Mercado Público para ver e comer. Pesquisa de Iniciação Científica sob orientação de Maria Eunice Maciel e co-orientação de Cornelia Eckert. Salão de Iniciação Científica (23. : 2011 out. 3-7 : UFRGS, Porto Alegre, RS). Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/47446>.

ZAMBONI, Vanessa. O Bairro Bom Fim dia e noite: uma perspectiva do registro do tempo nas formas de ocupação de um território urbano em Porto Alegre. In: Salão de Iniciação Científica. **Livro de resumos**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Resumo 327, p. 833. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/30161>

Leis:

Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA). Justificativa. Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1997. pp. 1-10.

PORTO ALEGRE. Perímetro oficial do bairro Cidade Baixa. Lei 2022 de 07/12/59 com limites alterados pela Lei 4685 de 21/12/79. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p_secao=43>. Acesso em: 18 de junho de 2006

PORTO ALEGRE. Perímetro oficial do bairro Bom Fim. Lei nº 2022 de 7 de dezembro de 1959. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=13&p_secao=43>.

Músicas:

“Cálice” (1973), de Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil

“Deu pra ti” (1981), de Kleiton e Kledir Ramil.

“Vento Negro”, de José Fogaça

“Horizontes”, de Flávio Bicca Rocha.

“Alegria, alegria”, de Caetano Veloso (1967)

“Pra não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré.

“Berlim Bom Fim”, de Nei Lisboa

Entrevistas:

Entrevista individual com Mário Fernandes – proprietário do bar Máriu’s, em 03/07/2000.

Entrevista individual com Tagore Rodrigues, 53a., em 16.03.07.

Entrevista individual com Elton Campanaro, 46a., em 02.04.2007.

Entrevista individual com Júlio Caetano da Silva, 51a., em 17.01.2007.

Entrevista em dupla com Cláudia Aristimunha e Ângela Mendes, em 15/09/2002.

Entrevista individual com Frank Jorge, 40a., em 20.12.06.

Entrevista individual com Carlos Gerbase, em 12.03.07.

Entrevista individual com Júlio Reny, 48a, em 14.02.07.

Entrevista individual com João Telmo, 38a, em 25.03.07.

Entrevista individual com Andréa Martins, 30a., em 19.12.06.

Entrevista individual com Álvaro Santi, 42a., em 19.01.2007.

Entrevista individual com Carlos Sant’Ana, 43a., em 26.03.07.

APÊNDICE A - Listagem dos cafés por Hardy Vedana (1920 A 1970)				
Período	Ano	Nome	Endereço	Curiosidades
Anos 20	1920	Café Colombo	Rua dos Andradas, esquina da Rua da Ladeira	A posição do Café Colombo, conforme o autor, é no lugar onde na época da escrita do livro, teria a lanchonete Rib's. O autor apresenta 2 endereços, sendo que o primeiro é desde antes de 1920, e o segundo é a partir de 1935. Talvez tenha se mudado e talvez seja o mesmo endereço.
	1925 a 1930	Café Guarani	Rua dos Andradas quase esquina com Dr. Flores	O autor não determina a posição do ponto: se indo para bairro, antes ou depois da Dr. Flores, e à direita ou à esquerda?)
	1926 a 1930	Confeitaria Rosicler	Rua dos Andradas, quase esquina com Mal. Floriano.	O autor não determina a posição do ponto: se indo para bairro, antes ou depois da Mal. Floriano e à direita ou à esquerda?)
	1927	Café A Barrosa	Praça da Alfândega, ao lado do Clube do Comércio.	O autor não determina a posição do ponto: qual dos dois lados do Clube e de qual ponto de observação?
Anos 30	1928 a 1932	Café Independente	Rua Voluntários da Pátria defronte a antiga estação da Viação Férrea.	O autor não determina a posição do ponto. A Estação Férrea fora construída em terreno na Rua Voluntários da Pátria, da Rua da Conceição até o Beco do Barbosa (hoje Barros Cassal), lindeiro à atual Rodoviária
	1930	Confeitaria Central	Largo dos Medeiros. (A Confeitaria Central, a Rosicler, e o Armazém Apolinário pertenciam aos irmãos Eugênio e Pantaleão Medeiros, daí advindo o nome do Largo dos Medeiros, pois foram comerciantes conceituados em Porto Alegre nos idos dos anos 20 e 30.)	O autor não determina a posição do ponto. A posição do Largo do Medeiros, conforme o autor, é no lugar onde na época da escrita do livro, teria um banco Itaú.
	1930 1935	Café Colombo	Rua dos Andradas, esquina da Rua da Ladeira Rua dos Andradas, 1179	
	1930	Bar Americano	Rua dos Andradas, defronte à CEEE	O autor não determina a posição do ponto.
	1930 a 1932	Café Paulista	Rua dos Andradas, quase defronte à CEEE.	O autor não determina a posição do ponto: se indo para bairro, antes ou depois do Bar Americano?
	Década de 30	Bombinière Woltmann	Rua dos Andradas	
	Década de 30	Restaurante Munchner Kindl	Rua 15 de Novembro (atual Rua José Montauray), 91	
	1932	Café Vera Cruz	Rua dos Andradas, esquina da Rua da Ladeira, defronte o Café Colombo.	
	1932 a 1933	Café Rosicler	Rua dos Andradas, entre Gal. Chaves e Mal. Floriano, defronte a Casa Masson.	Este café possuía uma decoração jamais igualadas em Porto Alegre, quiçá no Brasil, guardadas as inovações da época.
	1933	Café Central	Rua dos Andradas, esquina da Rua da Ladeira, em diagonal com o Café Colombo.	
	1934	Café Pássaro Azul	Rua Voluntários da Pátria.	Existiram dois estabelecimentos co este nome: este e um cabaré, que era localizado à Rua Siqueira Campos.
	1936	Café Coroa	Rua da Ladeira, onde estavam os Bilhares Coroas.	
	1938	Café Florida	Rua dos Andradas, defronte à CEEE.	
	1939	Sorveteria Antonello	Rua dos Andradas, onde hoje está a Galeria Edith.	
Década de 30	Café Suíssa	Rua Dr. Flores	O autor indica falta de maiores informações	
Anos 40	Década de 40	Bar Danúbio	Subsolo do Cine Vera Cruz (hoje Vitória), Av. Borges de Medeiros, Edifício Vera Cruz.	
	Década de 40	Bar Grenal		
	1943	Confeitaria Bar Balú	Parte de cima do Abrigo dos bondes na Praça XV, inaugurado em 1937.	A Confeitaria Bar Balú era estritamente familiar, mais tarde, já no fim dos anos 40, tornou-se <i>dancing</i> , tendo posteriormente mudado de nome para Tabaris, que durou até fins de 55.
	1945	Café Natal	Mercado Público, onde hoje é a Confeitaria Copacabana.	Das 15 às 21 horas havia música feita por quem não tinha um lugar fixo, durante a semana, para tocar. Nestes dois cafés do Mercado Público corria-se o pires entre os escutas e fregueses para pagar o mocotó com vinho para os músicos. Também os tempos eram outros, os músicos conseguiam levar pra casa o pão e o leite, tal era a quantidade de "sonante" que corria entre os frequentadores. A bem da verdade, todo músico advindo da periferia que não havia cursado academias musicais e quisesse "debutar" teria que por ali passar. Músicos que vinham da "briosa" (a chamada Brigada Militar) também passavam pelo café.
	1946	Café 17	Andradas (onde na época da edição do livro era a Confeitaria Matheus)	

				musicais e quisesse “debutar” teria que por ali passar. Músicos que vinham da “briosa” (a chamada Brigada Militar) também passavam pelo café.
	1946	Café 17	Andradas (onde na época da edição do livro era a Confeitaria Matheus)	
	1947/48	Café Gaúcho	Mercado Público, 149 e 151 em frente à Praça Parobé.	Conforme o autor, seu fechamento se deu entre 1947 e 1948.
	1948/49	Café Cinelândia	Rua dos Andradas, onde esteve o Florida e o Americano.	
Anos 50	1950	Café Nacional 17	Praça da Alfândega, no lugar onde esteve a Confeitaria Matheus.	Funcionamento à tarde, das 16 às 18hs.
	1959 a 1961	Confeitaria Cacique	Andradas, em cima do Cine Cacique.	
	1959	Confeitaria Quitandinha	Rua dos Andradas	
	Décadas de 40/50/60	Recreio Avenida	Av. Presidente Roosevelt	
	Décadas de 40/50/60	Café Guarani	Av. Eduardo (hoje Av. Presidente Roosevelt)	
	1950	Indiana	Andradas - no mesmo lugar do Café Florida do Americano	Conforme o autor, seria este o último café com música de Porto Alegre
	Anos 50	Renner (Salão de Chá)	Av. Otávio Rocha esquina Dr. Flores, 7º andar.	
	1954	Confeitaria Indiana	Andradas	
Anos 60	1969	Boi na Brasa	Ramiro Barcelos	
Anos 70	1966, 1969, 1971 e 1972	Na brasa	Rua 11 de Agosto (Floresta)	
	1971	Churrascaria Laçador		

Planilha baseada em citações de cafés In: VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.52-64. Alguns outros tipos de casas estão incluídos, em capítulo e sequência de cafés.

APÊNDICE B - Listagem dos cabarés e boates por Hardy Vedana (1920 A 1970)				
Período	Ano	Nome	Endereço	Curiosidades
Anos 20	1920	Cabaret Boulevard	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	
	1920	Cabaret Ibá	Rua da Cadeira (Travessa Dois de Fevereiro, atual Av. Senador Salgado Filho)	
	1920	Primavera	Rua da Cadeira, defronte ao Ibá.	
	1920	Paulista	Rua da Cadeira, entre Vigário José Inácio e Dr. Flores. Proprietário: Adão Bairo, "Turquinho".	
	1920	Libamba	Rua Aurora (hoje Barros Cassal), entre Independência e Avenida Farrapos.	
	1920	Trianon	Av. Praia de Belas, perto da Rua Botafogo.	
	1920	Os Boêmios	Rua Nova (atual Rua Andrade Neves)	
	1920	Moulin Rouge	Rua Nova (onde estava, na época da edição do livro, o Jockey Club).	No mesmo lugar de Os Boêmios.
	1920	Palácio das Águias	Beco do Oitavo	
	1920	Bar Os Caçadores	Rua Sete de Setembro (onde estava, na época da edição do livro, o Banco Umbanco).	
	1920	Pensão Magui	Rua Nova (entre a Sociedade Allan Kardec e a Galeria Edith)	
	1920	Club dos Caçadores	Rua Nova (atual Rua Andrade Neves), 42.	
	1935	Dancing Oriente	Rua Voluntários da Pátria, 395	Também conhecido como Baar.
	1935	Dancing Gaúcho	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha. (onde foi o Cabaret Boulevard)	
	1935	Dancing Royal – (Baar)	Rua Voluntários da Pátria, 473.	
	1935	Cassino Farroupilha	Recanto da Exposição Farroupilha, no Parque da Redenção.	
	1935	Taberna do Max	Avenida Borges de Medeiros, no subsolo do Edifício Vera Cruz.	
	1935	Centro Esportivo Bolão	Rua General Câmara, 148 esquina com a Rua Sete de Setembro.	
	1935	Novo Hotel Yung	Praça XV de Novembro.	
	1935	Restaurante Münchner Kind'l	Rua 15 de Novembro, 91	
	1935	Pensão Central	Rua Siqueira Campos, 1159.	
	1935	Clube dos Caçadores	Rua Andrade Neves, 42 (ex-Rua Nova)	
	1935	Cabaret Pássaro Azul	Rua Siqueira Campos, quase esquina da Rua General Câmara.	Este cabaré teve efêmera duração, somente 6 meses. Depois se transformara em Shinu.
	1937	Boate Shinu	Rua Siqueira Campos.	Mais tarde muda de nome para Cabaret Stambul.
	1937	Dancing Margot	Rua Voluntários da Pátria, 44. Proprietária: Madame Margot.	Rendez-vous: Os que tocam era somente para escutar.
1939	Cabaret Stambul	Rua Siqueira Campos, quase esquina da General Câmara (antiga Rua das Flores)	Na casa onde foi, em 1935, o Cabaret Stambul, também funcionaram, posteriormente, em ordem cronológica, até seu encerramento: Boite Shinu, Dancing Caron, Dancing Nova Liliane, e por último Boite Marabá. O mesmo aconteceu com o Cabaret Boulevard, depois Dancing Gaúcho, "Galo" e Filhos do Sul, na Rua Cabo Rocha, 253.	
	1940	Dancing Margot	Rua Voluntários da Pátria, 44.	passou a ser Dancing com pista de dança.
	1940	Dancing Caron	Rua Siqueira Campos no mesmo lugar do Cabaret Stambul.	
	1940	Restaurante Danúbio	Avenida Borges de Medeiros, no subsolo do Edifício Vera Cruz (ex-Taberna do Max).	
	1940	Club dos Caçadores	Andrade Neves, 42	Nesta década o Club dos Caçadores fechou suas portas em virtude de um decreto-lei que determinou o fechamento de todas as casas de jogo do país e o Club era na realidade um cassino.
	1940	Dancing Oriente	Rua Voluntários da Pátria, 395. Mesmos proprietários do American Boite.	
	1940	Dancing União		
	1940	Dancing Gaúcho	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	
	1940	Dancing Royal	Rua Voluntários da Pátria, 431 (defronte ao Edifício Coliseu).	

Anos 40	1940	Taberna do Max	Av. Borges de Medeiros, no subsolo do Edifício Vera Cruz.	
	1940	Novo Dancing Liliâne	Rua Siqueira Campos (anteriormente Dancing Caron).	Em junho deste ano é inaugurado o Novo Dancing Liliâne, um acontecimento que mexeu com a cidade. No local onde funcionava o Dancing Caron, a direção artística deste realizou grandes reformas, jamais vistas em nenhum night-club porto-alegrense (conforme a Folha da Tarde de 13/06/1941). O Dancing artístico do Dancing Liliâne, reforçado com o do extinto Caron, não necessita de comentários, pois já conquistou o aplauso da platéia porto-alegrense quando por várias vezes se exibiu em teatros, cinemas e sociedades recreativas.
	1941	Night Club Liliâne	Av. Júlio de Castilhos, 271, esquina da Praça dos Bombeiros, na parte em cima da antiga Estação Rodoviária.	
	1941	Dancing Mabará	Rua Siqueira Campos, quase esquina da Rua General Câmara, no mesmo lugar do Novo Dancing Liliâne.	1948 – Por esta época passa a se chamar boate, pois o nome Dancing cai em desuso. Teve pouca duração.
	1943	Dancing Galo	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	
	1943	Dancing Maipú	Rua Voluntários da Pátria, 44. (antigo Dancing Margot).	
	1944	Dancing Sales	Rua Cabo Rocha (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro), quase defronte ao Dancing Galo. Bairro Azenha	
	1945	Swing Club	Altos da Confeitaria Rocco, Rua Riachuelo, esquina com Rua Dr. Flores.	Ali acontecia, todos os domingos, feriados e dias santos, reunião dançante com conjunto fixo. A entrada era pela Riachuelo, 1626.
	1947	American Boite	Rua Voluntários da Pátria, 1239. (Onde na época da edição do livro, estava a boate Cascalho).	
	1948	Boite Tabaris (Ex-Balú)	Altos do abrigo dos bondes na Praça XV de Novembro.	Mais tarde surge outra boate com mesmo nome, porém na Voluntários da Pátria.
	1949	Boite Mãezinha	Rua Voluntários da Pátria, após Ramiro Barcelos (sentido centro-bairro).	
	1949	Jardim de Aláh	Av. Protásio Alves (onde na época da edição do livro, estaria a 8ª Delegacia de Polícia)	
	1949	Cottillon Clube	Av. Salgado Filho, Edifício Paraguai, 1º andar.	
Anos 50	1950	Boite Rian	Rua Voluntários da Pátria	
	1950	Boite Sales	Rua Cabo Rocha (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro), quase defronte ao Dancing Galo. Bairro Azenha	
	1950	Boite Cometa	Rua Voluntários da Pátria.	
	1950/52	Boite Rialto	Rua Voluntários da Pátria, ao lado da Boate Castelo Rosado.	
	1950/60	American Boite	Rua Voluntários da Pátria. (Onde na época da edição do livro, estava a boate Cascalho).	
	1950	Boite Maipú	Rua Voluntários da Pátria, 44.	
	1950	Clube do Automobilista	Rua Sete de Setembro.	
	1950	Boite Fausto		
	1950	Boite Sales (Galinha)	Rua Cabo Rocha (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro), quase defronte ao Dancing Galo. Bairro Azenha	
	1951	Boite Balalaika	Rua Voluntários da Pátria.	
	1951	Boite Vogue	Av. Farrapos Proprietário: Lupicínio Rodrigues.	Zona Norte
	1951	Dancing Filhos do Sul (Galo)	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	Apesar de a boate ter um nome, seus habitues continuaram chamando-na de Galo.
	1952	Dancing Galo	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	
	1953	Boite Mãezinha	Rua Voluntários da Pátria, quase esquina com Ramiro Barcelos.	
	1953	Boite Balú (depois Tabaris)	Altos do abrigo dos bondes – Praça XV de Novembro.	
	1954	Boite Castelo Rosado	Rua Voluntários da Pátria, quase esquina da Rua Ramiro Barcelos.	
				Esta boate tinha uma particularidade: era construída numa chata que ficava amarrada junto às docas. A boate possuía corpo de bailarinas, músicos, mesas, bar... Era, portanto, uma boate completa. Não possuía alvará de funcionamento. Por isso, quando as camionetes da Polícia Civil da época recebiam

	1954	Boite da Chata	Rio Guaíba, perto da Doca das Frutas, defronte à antiga Casa Schmidt, na Voluntários da Pátria.	denúncias e para lá se dirigiam para fiscalizar o irregular, o que acontecia era insólito, incomum! Como sempre houve informantes de ambos os lados, o da boate, com a aproximação dos policiais fazia um sinal convenção e alguns homens com varas compridas, depois de desamarradas as amarras, empurravam a Chata-boate para o meio do Guaíba com música e tudo. Os policiais ficavam perplexos, sem nada poderem fazer, e o espetáculo continuava.
	1954	Boite Ok	Rua Voluntários da Pátria, ao lado da Boate Castelo Rosado.	
	1955	Boite Marabá	Rua Siqueira Campos, quase esquina com Rua General Câmara.	
	1955	Boite Mocambo	Rua Voluntários da Pátria.	
	1956	Boite Novo Tropical	Rua Voluntários da Pátria.	
	1956	Cottillon Club	Av. Salgado Filho, Edifício Paraguai, 1º andar.	
	1956	Swing Star	Rua Pantaleão Telles, 812 (hoje Washington Luís), entre Espírito Santo e João Manoel.	
	1957	Boite Everest	Rua Voluntários da Pátria esquina com Rua Cel. Vicente.	
	1958	Boite Chantecler	Rua Voluntários da Pátria.	
	1958	Boite Cacique	Rua Voluntários da Pátria, defronte à antiga Viação Férrea.	
	1959	Clube da Música	Av. Alberto Bins.	
	1959	Rio Clube	Av. Praia de Belas, 1515.	
Anos 60	1960	Boite Cometa	Rua Voluntários da Pátria.	
	1960	Boite Tropical	Rua Voluntários da Pátria, entre Barros Cassal e Conceição, defronte à VFRGS (Viação Férrea).	
	1960	Boite Cacique	Rua Voluntários da Pátria, 431	
	1962	Boite Novo Gaúcho	Rua Voluntários da Pátria.	
	1962	Boite Mocambo	Rua Voluntários da Pátria ao lado do American Boite. (Na época da edição do livro, ao lado da boate Cascalho)	
	1963	Boite Las Vegas	Rua Voluntários da Pátria.	
	1963	Mexican Club	Rua Voluntários da Pátria.	
	1964	Boite Maipú	Rua Voluntários da Pátria, 44	
	1964	Boite Rialto	Rua Voluntários da Pátria.	
	1964	Boite Chantecler	Rua Voluntários da Pátria.	
	1965	Boite Mãezinha	Rua Voluntários da Pátria, após Ramiro Barcelos.	
	1965	American Boite	Rua Voluntários da Pátria. (Na época da edição do livro, a lado da boate Cascalho).	Em 1968 a boate encerrou suas atividades.
	1966	Boite Bambu	Rua Caldas Júnior, 354.	
	1966	Clube dos Cozinheiros	Rua Garibaldi, 1366. Bairro Bom Fim/Independência. Proprietários: Rubens Santos	
	1967	Queen's Bar	Rua Riachuelo, 1036	
		Boite Oásis	Praça Rui Barbosa, Edifício Tanhauser, 2º andar.	
		Vinha D'Alho	Rua da Azenha.	
		Sociedade Germânia	Av. Independência, 1299.	
		Piano Drink	Av. Praia de Belas.	
		Boite Tabaris	Rua Voluntários da Pátria	
		Casa de Samba	Av. Praia de Belas. Proprietário: Rubens Santos.	
		King's Bar	Rua Andrade Neves, 137	
		Gimba Club	Rua Francisco Ferrer, 498. Bairro Rio Branco.	
	Clube dos Coroas	Rua Benjamin Constant, 1890. Proprietário: Lupicínio Rodrigues.	Zona Norte	

	Boate Biarritz	Rua Giordano Bruno, 345. Bairro Rio Branco.		
	Drink Bar	Rua 24 de Outubro, 700. Bairro Independência		
	Scavi	Av. Independência, 588. Bairro Independência		
	Vila Velha	Av. Independência, 838. Bairro Independência		
	Girl Club	Praça Jaime Telles, 32. Bairro Santana		
	Boite Kontiki	Rua Voluntários da Pátria, 1177.		
Anos 70	1970	Chivas Drink	Rua Caldas Júnior, 360	
	1970/71	Bonn Chopp	Av. Independência, 823. (Onde, né época da edição do livro, estaria a Casa de Tango Mano a Mano). Bairro Independência	
	1972	Chão de Estrelas	Rua José do Patrocínio.	
	1973	Batelão	Rua Cristóvão Colombo. Proprietários: Rubens Santos e Lupicínio Rodrigues.	Zona Norte
	1975	Restaurante Corujão	Av. Salgado Filho, Edifício Paácio Itália.	
		Clube dos 40 (ex-Vila Suécia)		
		Gay Time	Praia de Belas.	
		Gruta Azul	Av. Júlio de Castilhos.	
		Duquesa	Galeria do Rosário, 1º andar.	
		Clube Pelotense	Edifício Chaves, 1º andar. Centro	
		Boate Kontiki	Rua Voluntários da Pátria, 1177.	
		Mexican Club	Rua Voluntários da Pátria.	
		Boate Estoril	Rua Voluntários da Pátria.	
		Boate Rivoli	Rua Voluntários da Pátria.	
		Boate Hollywood	Rua Voluntários da Pátria.	
		Boate Moulin Rouge	Rua Voluntários da Pátria.	
		Boate Céu Azul	Rua Voluntários da Pátria.	
		Cigana	Rua Voluntários da Pátria, esquina com Rua Dr. João Inácio.	
		Churrascaria Natal	Rua Pantaleão Teles. (Praia do Riacho)	
		“Xiquinho” São Francisco	Rua São Manoel.	
	Boate Harém	Rua Júlio de Castilhos.		
	Varandão	Rua Cristóvão Colombo, esquina com Santo Antônio. Bairro Independência		
	Ivanhoé	Rua Vasco Alves. Bairro Centro	No castelinho do Alto da Bronze. Posteriormente no mesmo lugar funcionou a Uisqueria do Aladin.	
Planilha baseada em citações de boates e cabarés In: VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.114-149.				
NOTAS:				
Castelinho do Alto da Bronze. Uma história de amor e traição. In: Aplauso - Cultura em Revista. Kaleidoscópio. Porto Alegre, ano 5 nº. 49, 2003. p. 42.				

APÊNDICE C - Listagem dos espaços de lazer noturno do Centro (1964- 2006)				
Nº	Período	Nome	Endereço	Curiosidades
1	1950 - desconh.	Salão dos espelhos	Salão do Clube do Comércio	Era contemporâneo do Salão da Associação Leopoldina Juvenil e do Salão do Country Club
2	déc. 70 - desconh.	Cotillon Clube	Edifício Cacique, 23º andar. (Talvez seja na rua Rua Salgado Filho)	Sede (1958 - Boate Cacique - Rua Voluntários da Pátria, 431 - defronte à antiga Viação Férrrea)***
3	1922-1970	Treviso	Mercado Público	Lupicínio Rodrigues o frequentou de 1950 a 1970 (20 anos)!. Guardava a cadeira que Francisco Alves usava sempre que frequentava o bar.
4	desconh.	Graxaim	Mercado Público	
5	desconh.	Bar Gambrinus	Mercado Público, lj. 85/87/89	
6	desconh.	Naval	Mercado Público	Completo seu centenário há poucos anos.
7	desconh.	Odeon	Rua Andrade Neves	
8	Contemporân. Triano, Tivoli, Lugar Comum (aprox. 1980/85) - desconh.	Gato Preto	Rua Marechal Floriano, entre as ruas Riachuelo e Jerônimo Coelho.*	Os jornalistas xngavam a mãe da censura , traçando um picadinho à Maria Luiza.
9	1960/70 - desconh.	Bar Chopp Adelaide's	Rua Marechal Floriano, entre as ruas Duque de Caxias e Jerônimo Coelho.	Proprietária: Adelaide. O bar fecha depois de ter aberto Chão de Estrelas, quando ela assume sua direção, que estava com Darcy Alves. A mesma dona dos posteriores Chão de Estrelas (1971-72) e Clube da Saudade (1978) à Aureliano de Figueiredo Pinto, quase à Praça Garibaldi. ³
10	1967 - 1979 1988 - hoje	Teatro de Arena	Avenida Borges de Medeiros	
11	desconh. - 2012 2012 - hoje	Tutti	Avenida Borges de Medeiros	Tinha pratos fartos de comida barata. Fechou na Avenida Borges de Medeiros, reabrindo nas proximidades.
12	desconh. - 1973	DROGARIA PIVA	Rua dos Andradas, esq. Rua Dr. Flores	Farmácia de Túlio Piva - farmacêutico-prático durante o dia e sambista à noite, em seus bares "Pandeiro de Prata", na Protásio Alves, e no "Gente da Noite", na Av. João Pessoa. A Drograria era ponto de encontro vespertino da boemia.
13	desconh.	Panápaná	rua Demétrio Ribeiro, 174	Esquina com Vasco Alves
14	até abertura do 2º Água na Boca	Pub Public House	"Praça do Portão" Rua Dr. Flores, 55. Entre as ruas Rua Duque de Caxias e Rua Riachuelo.	2º Endereço do Água na Boca. Este de propriedade apenas de Pedro Mello. O novo endereço era um antigo e belo sobrado, onde funcionou o escritório do Teatro Leopoldina e o pub Public House, de propriedade de Tânia e Julien Ferreira.
15	fechou em 1986.	Água na Boca (2º)		
16	desconh.	PICA-PAU	Rua Salgado Filho, esquina com Rua Professor Annes Dias	Talvez seja mesmo espaço do Bom Ami
17	desconh.	BON AMI	Rua Salgado Filho, esquina com Rua Professor Annes Dias	Talvez seja mesmo espaço do Pica-Pau
18	desconh./ depois IAB	ARQUIPÉLAGO	Rua Professor Annes Dias, esquina com Rua Gen. Vitorino	
19	1981* - aproxim. 1985	Espaço IAB	Rua Professor Annes Dias, 154 - esquina com Rua Senhor dos Passos.	No andar térreo do Instituto dos Arquitetos do Brasil, na Rua Professor Annes Dias, 166, defronte à Praça Dom Feliciano.
20	Após Espaço IAB	Encontro		Ex- Espaço IAB.
21	depois da New Flower's	Boate Enigma	Rua Pinto Bandeira, esquina com Rua Alberto Bins, descendo, à esquerda.	Boate Gay
22	desconh.	Number One	Na elevada da Conceição, na descida da escadaria.	Boate Gay. Atualmente é um bar de mulheres chamado "Vitrô".

23	desconh.	Pampulha Restaurante	Av. João Pessoa, 11, equina com Rua André da Rocha - quase ao lado da CEUFRGS.	Servia comida mais sofisticada do que os bares da Esquina Maldita.
24	desconh.	Restaurante Cervejaria e Café Pampa		
25	1934 - hoje	CASA DE ESTUDANTE APARÍCIO CORA DE ALMEIDA - CEUACA	Rua Riachuelo, 1355	
26	desconh. - hoje	Antônio's Bar	Av. João Pessoa, 147/149/155 lj. 101	
27	desconh.	Diretório Acadêmico da Economia	Av. João Pessoa	
28	desconh.	Diretório Acadêmico do Direito	Av. João Pessoa	
29	1956 - hoje	CASA DO ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – CEUFRGS	Avenida João Pessoa, 41	
30	desconh.	RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – RU/UFRGS	Avenida João Pessoa, 41 - TÉRREO	
31	desconh.	Jambô	Av. Washingt Luiz,	Na "laçada" da elevada da Av. João Pessoa.
32	desconh.	O Beco (1º)	Av. João Pessoa, 199 e 203	Ladeando a elevada da Av. João Pessoa.
33	desconh.	Lancheria Redenção	Av. João Pessoa	Av. João Pessoa, 217 Base edifício 593/599 e 607 pela Perimetral. Ladeando a elevada da Av. João Pessoa.
34	desconh.	Grand's Bar	Rua Lima e Silva, 53	
35	desconh.	Diacomelli	Rua Lima e Silva, 67	
36	desconh.	Joy Division	Rua Lima e Silva, 75 - casa	Ao lado do Diacomelli
37	desconh.	Cia da Picanha / Chicken'in	Rua Lima e Silva, 87 Base edif. 85	
38	desconh.	Confeitaria Dá Gosto	Rua Lima e Silva, 98 Base edif. 92	
39	desconh.	Churrascaria Dom Fernando	Rua Lima e Silva, 109 Base edif. 117	
40	desconh.	Carlito's Bar	Rua Lima e Silva, 108 Base edif. 116	
41	desconh.	Mr Magoo	Av. Loureiro da Silva, 1776 lj. 4 e 5	
42	desconh.	The Best Perimetral	Rua Loureiro da Silva, 1788 lj. 6 - ao lado do Mr. Magoo	
43	desconh. - hoje	Ovelha Negra Champanharia	Rua Gal. Bento Martins,	
44	desconh.	Boteco do Natalício	Rua Coronel Genuíno, 217	
45	desconh.	Árabe Café	Rua José do Patrocínio, 77	
46	desconh.	Gedamil	Rua José do Patrocínio, 83	
47	desconh.	Padang Bar Café	Av. Loureiro da Silva, 1570 - Base edifício	
48	desconh.	Cavanhas	Av. Loureiro da Silva, 1696	
49	desconh.	Sem nome	Rua Cel. Genuíno, 116 - base edif. 118	
50	desconh.	Bar Carpa	Rua Cel. Genuíno, 213	

Alguns locais não foram localizados na pesquisa. Desta região, cita-se o Cavalo Branco, o Bar Pelotense (à Rua Riachuelo), o Je Reviens ("Bar dos descolados *****- no Largo dos Medeiros)*", a CEUPA - "CASA" (Rua Gen. Vitorino) e o Bom Paladar - Cia da Alaminuta (Rua Lima e Silva).

NOTA:

¹ Treviso reabre para os donos da noite. Zero Hora, 26 de fevereiro de 1973, p. 29

² 1985 - Informação no site do Arquiteto Dirceu Russi, responsável pelo projeto: <http://www.dirceurussi.com/projetos.html>

³ PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012, p. 101.

* Informação em <http://clovisheberle.blogspot.com.br/2009/11/os-bares-da-minha-vida.html>

** Cidade Baixa em alta. Jornal Zero Hora. Capa 2º Caderno. Porto Alegre, 21/05/2003.

*** VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987, p. 137.

**** De bar em bar, na noite de Portinho. Zero Hora. Tribos e Bares. Especial Zero Hora 30 anos. 30 de abril de 1995, p. 12

APÊNDICE D - Listagem dos espaços de lazer noturno do Bom Fim (1964 - 2006)				
Nº	Período	Nome	Endereço	Curiosidades
1	1951 ⁷ - 1958	CAFÉ VERA CRUZ	AV. OSVALDO ARANHA, ESQ. R. SARMENTO LEITE	Em algum dos lotes que se situavam no atual terreno do estacionamento da Santa Casa.
2	1958 - 1965 ¹	ACAPULCO	RUA SARMENTO LEITE, entre os números 250 e 272 ²	No número 250 havia um beco de 1,5 m de largura, que dava acesso à 10 casas pela esquerda. À sua direita havia 2 sobrados, entre o beco e o Edifício Minerva, em construção. Conforme depoentes, este bar era lindeiro ao Bar Estudantil à base do Edifício Minerva, no número 272 (onde hoje localiza-se uma copiadora), em seu extremo mais distante da Essquina. Provavelmente seja a edificação (sobrado) adjacente ao edifício. A casa foi demolida. Atualmente no local se encontra o edifício Perimetral. O bar foi fechado.
3	1959 - desconh.	BAR ESTUDANTIL	R. SARMENTO LEITE, 288 lj. 272 (e posteriormente 282)	Base de edifício residencial com base comercial Minerva (nº 288). Trocou de uso. Atualmente nesta sala comercial encontra-se a copiadora Gama Cópias. À ampliação do bar, foi incorporada outra sala, que corresponde à numeração 282, onde hoje funciona a Editor Comunicação.
4	início da década de 1970 ³ - 1976	LANCHONETE COPA 70	AV. OSVALDO ARANHA, 288 lj. 200 - ESQ. R. SARMENTO LEITE	Base de edifício residencial com base comercial Minerva (nº 288). Trocou de uso. Atualmente nesta sala comercial encontra-se o Restaurante e Lancheria Kessler
5	1965 - 1985 ⁴	CHOPP ALASKA	AV. OSVALDO ARANHA, 222 ⁵	Base de edifício residencial com base comercial Riviera. Trocou de uso. Atualmente nesta sala comercial encontra-se a copiadora "Só Cópias"
6	1958 - desconh.	PADARIA DA UNIVERSIDADE	AV. OSVALDO ARANHA, 228 ⁷	Propriedade de Mário Fernandes. Base de edifício residencial com base comercial Caraba. Foi substituída pelo Bar Máriu's.
7	1975 ⁶	BAR E RESTAURANTE MÁRIUS		Base de edifício residencial com base comercial Caraba. O bar ainda existe.
7A	desconh.	FACULDADE DE ENGENHARIA ELÉTRICA	CAMPUS CENTRO - UFRGS	
7B	1903 - hoje	CEUE		
7C	desconh.	FACULDADE DE ARQUITETURA		
7D	desconh.	DAFA		
7E	desconh.	DAIU		
7F	1967 - hoje	BAR DO ANTÔNIO		
8	aprox. 1985 - desconh.	ROTAÇÃO		AV. OSVALDO ARANHA, 418
9	aproxim. 1968 - desconh.	CENTRO DE ARTE, SENSIBILIZAÇÃO E APRENDIZAGEM (CASA)*	RUA BARROS CASSAL,	Comunidade de vida e Centro de Arte, Sensibilização e Aprendizagem, onde se davam ensaios de peças, nas quais participavam os integrantes do grupo de Teatro Província. Duraram pouco mais de um ano.*
10	1953 - hoje ⁹	CASA DE ESTUDANTES SANTA CRUZENSE	RUA TOMAZ FLORES, 278 - em frente à Rua Antão de Farias	A casa ainda existe, com a mesma função.
11	desconh.	CASARÃO DO DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL - DOPS	RUA SANTO ANTÔNIO, 600	Nesta casa funcionava um órgão de inteligência do regime instituído pelos militares após o golpe de 1964. Presos políticos se amontoavam no DOPS da Capital, conhecido como "Dopinha". Sua existência veio à tona em 1966. É possível que nesta casa tenha funcionado o Bar Amarelinho, citado por Cláudio Pereira. Atualmente a casa está à venda. ⁸
12	1980/85 - hoje	LOLA	AV. OSVALDO ARANHA, 924	A casa trocou de público. Atualmente, nesta unidade comercial encontra-se o Restaurante Spinelli
13	1980** - 1994 1995 - hoje	OCIDENTE	AV. OSVALDO ARANHA, 960/966, 2º andar - esquina. Entrada pela Rua João Telles.	A casa ainda existe. O bar ainda existe. De 1994 a 1995 bar permaneceu fechado por ação judicial.
14	aprox. 1980 - desconh.	ROSEKA	AV. OSVALDO ARANHA, 960 - térreo - esq. Rua João Telles. Entrada pela Osvaldo Aranha.	A unidade comercial trocou de uso. Atualmente, nela, encontra-se a loja feminina Artemis Assessórios. Antes ali funcionava a loja de roupas íntimas Roseka*.

15	aprox. 1980 - desconh.	BOCACCIO	AV. OSVALDO ARANHA, 966 - térreo - esq. Rua João Telles. Entrada pela Osvaldo Aranha.	A unidade comercial trocou de uso. Atualmente, nela, encontra-se o Sebo Traça. Antes, ali funcionava o "Vídeo-Bar". Era ponto de vendas de drogas.
15 A	desconh.- hoje	CAFÉ DA OCA	RUA JOÃO TELLES,	
16	desconh.- 1985 1986 - hoje	AUDITÓRIO ARAÚJO VIANA	AV. OSVALDO ARANHA	Em 1996 houve reforma da cobertura com fechamento do Auditório para a obra.
17	desconh.- hoje	COOPERATIVA COOLMÉIA (2º)	AV. OSVALDO ARANHA, 894	A casa trocou de uso. Atualmente é uma escola de línguas estrangeiras.
18	1948-1952	BAR IMPERIAL	AV. OSVALDO ARANHA, 1008, entre a Fernandes Vieira e João Telles	Bar aberto por João, ex-garçon do Bar Fedor, que iniciara seu negócio próprio. Durou apenas 4 anos.
19	1952 - 1979	BAR AZUL	AV. OSVALDO ARANHA, 1008, entre a Fernandes Vieira e João Telles	Aberto pelo João, proprietário do ex- Bar Imperial, que vendera o bar em 1979 a Júlio Leite, transformando-o em Bar João. De 1979 a 1992 o bar funciona neste espaço, mudando-se para novo endereço, no nº 1026 da Osvaldo Aranha. O sobrado de nº 1008 é demolido e no lugar é construído um edifício de estacionamento.
20	1980 - desconh.	BAR DO JOÃO (1º) (EX- IMPERIAL, EX-BAR AZUL)	AV. OSVALDO ARANHA, 1008, entre a Fernandes Vieira e João Telles	A casa foi demolida. Atualmente nela se encontra-se o Bazar Londres. O bar foi transferido para a Avenida Osvaldo Aranha, 1026 - 2 lotes adiante, em direção ao bairro.
21	desconh.-1992	LEBLON	AV. OSVALDO ARANHA, 1026, entre a Fernandes Vieira e João Telles	
22	1992 - desconh.	BAR DO JOÃO (2º) (EX- LEBLON)	AV. OSVALDO ARANHA, 1026, entre a Fernandes Vieira e João Telles	A casa foi demolida pelas rachaduras provocadas pela demolição dos Cinemas Baltimore e Bristol, que eram lineiros. O bar foi fechado.
23	(déc. 1930 - desconh.)*** (1941 - 2000.)****	BALTIMORE	AV. OSVALDO ARANHA, 1060**. (Em bibliografia, o endereço do conjunto é indicado com numeração 1048 e 1058)***	Inicialmente Cine Teatro Baltimore - eventualmente apresentava espetáculos teatrais. Tinha Orquestra na frente do palco, e no mesmo plano da platéia. Muito frequentado pelos alunos do Colégio Militar. Era local de Festivais de música e Teatros de Revistas. Inicialmente o Cinema só dispunha de 1 sala, com capacidade de 600 espectadores. Posteriormente foi ampliado, seguindo tendência de centros de cinema agrupados. Em 1987 surge o Baltimore 2 (com 250 lugares) e o Bristol é transformado em Baltimore 3 (com 157 lugares). As alterações buscavam um equilíbrio no faturamento, devido à criação de outros espaços concorrentes com programação alternativa, dentre os quais cita-se o Cine ABC, na Cidade Baixa. Em 1989 surge o Baltimore 4 (com 137 lugares).*** Nos altos do cinema Baltimore funcionava o Círculo Social Israelita, onde ocorriam seus bailes. Era um salão simples, despojado; tinha uma galeria onde se aglomeravam os rapazes, enquanto as moças ficavam às mesas, junto à pista de dança, vigiadas por familiares. ***** O Edifício foi demolido. O cinema foi fechado.
24	(1967 - 1977)*** (1970 - 1975)****	MINI BALTIMORE		Foi criado para ser um espaço com programação alternativa, com filmes de arte. Apresentava ciclos de produções cinematográficas de arte - reproduziam vários filmes de 1 mesmo diretor ou de uma mesma atriz, por uma semana inteira. O sistema de ciclo terminou porque "as antigas produções acabaram e não surgiram novos filmes em quantidade suficiente", conforme Marcelo Zonari, gerente da rede São João, a qual os cinemas pertenciam *** O Edifício foi demolido. O cinema foi fechado.
25	(1977 - desconh.)*** (1975 - desconh.)****	BRISTOL	AV. OSVALDO ARANHA, 1058**. (Em bibliografia, o endereço do conjunto é indicado com numeração 1048 e 1058)***	
26	1982*** - hoje	LANCHERIA DO PARQUE	AV. OSVALDO ARANHA, 1373	Base de edifício residencial com base comercial. O bar ainda existe.
27	aprox. 1985 - desconh.	BOATE ESPERANÇA	RUA FERNANDES VIEIRA, próximo do atual Supermercado Zaffari.	Era uma casa antiga, que provavelmente foi desmanchada na construção do supermercado.
28	final dos anos 60 - hoje	ZÉ DO PASSAPORTE	AV. OSVALDO ARANHA, s/ nº.	Carrocinha de cachorro quente instalada à calçada da Av. José Bonifácio, entre o Posto de Gasolina Ferradura e o Mercado do Bom Fim, em frente ao Monumento ali existente, na esquina com a Av. Osvaldo Aranha. Formou com o Bar Fedor uma parceria na oferta de refeições rápidas e de preços acessíveis: o 1º fornecia o lanche e o 2º, as bebidas. Atualmente funciona na loja 4 deste Mercado.

	desconh. - 1996 1996 - hoje	MERCADO DO BOM FIM	AV. OSVALDO ARANHA, s/ nº.	O mercado original foi demolido em 1996 e sua réplica foi reconstruída no mesmo ano.
29	aproxim. 1980 - desconh.	LUAR-LUAR	Mercado do Bom Fim, loja 8. Na esquina da Rua José Bonifácio com a Avenida Osvaldo Aranha, nos "fundos" do Mercado, de frente para o Parque de Diversões.	O edifício foi demolido e reconstruído. O bar ainda existe.
30	aberto na mesma época do Ocidente***** (1980) - hoje	ESCALER	Mercado do Bom Fim, loja 1. Na esquina da Rua José Bonifácio com a Avenida Osvaldo Aranha, nos "fundos" do Mercado, de frente para o Parque de Diversões.	O edifício foi demolido e reconstruído. O bar ainda existe. Devido ao grande sucesso dos shows ao vivo promovidos no espaço público lindeiro ao bar, em 1983 o Escaler montou o "Circo Escaler Voador" - uma área de shows com estrutura circense numa área ao lado do estádio Beira-Rio, que promovia músicos iniciantes e locais.
31	aproxim. 1985	ÁREA DE SHOWS AO LADO ESCALER	Na esquina da Rua José Bonifácio com a Avenida Osvaldo Aranha, ao lado do Mercado do Bom Fim, ao lado do Escaler.	Área de shows ao vivo, que deu origem ao Escaler Voador - lona circense instalada no Beira-Rio, para promoção de shows de músicos locais e que iniciavam a carreira.
32	entre 1985 e 1995, aproximadamente	FUMÓDROMO	Na esquina da Rua José Bonifácio com a Avenida Osvaldo Aranha, nos "fundos" do Mercado, dentro do Parque de Diversões e ao lado do bar Escaler. A direita da entrada no Parque.	Área frequentada por público geral, para venda, compra e consumo de drogas. Muito citado entre depoentes frequentadores dos bares Lola, João, Luar-Luar e Escaler.
33	desconh. - hoje	CAFÉ COLETÂNEA		
34	aprox. 1980 - desconh.	COOPERATIVA COOLMÉIA (1ª)	RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 675 - 2º andar. Sobre atual Confeitaria Maomé.	A casa trocou de uso. Atualmente nesta unidade comercial funciona o restaurante "Sabor do Brique".
35	desconh. - hoje	RESTAURANTE SABOR DO BRIQUE		
36	desconh. - hoje	CONFETARIA MAOMÉ	RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 675 - Térreo.	Famosas por seus variados e deliciosos doces e lanches.
37	1980/85 - desconh.	CACIMBA	AV. OSVALDO ARANHA, 1196	A casa trocou de uso. Atualmente nesta casa funciona a Imobiliária Adacon. Até há pouco tempo funcionava uma copiadora e a casa tinha pintura branca.
38	1937 -1976	FEDOR	Rua FELIPE CAMARÃO, 751 - esquina com AV. OSVALDO ARANHA (numeração atual). Em pesquisa foi encontrada numeração 1280 pela Avenida Osvaldo Aranha.	Conhecido, também, por BAR SERAFIM, recebendo o nome de seu proprietário, Serafim Silva, que teria construído um restaurante-navio no Parque Farroupilha, demolido na década de 1940. "Servia café na frente e tinha mesas de sinuca no salão dos fundos, onde também funcionava o mictório (o bar era também conhecido como "o Fedor", por razões óbvias). [...] se reunia uma clientela das mais heterogêneas, que ia desde profissionais liberais até os contrabandistas que começavam a introduzir as maravilhas eletrônicas trazidas dos Estados Unidos: rádios à pilha, gravadores."***** A casa do Bar Fedor foi demolida, após um incêndio. O bar foi fechado. Atualmente se encontra no local um edifício de escritórios, com base comercial, e na esquina existe uma loja de roupas femininas denominada Habitué.
39	1980/85 - desconh.	PINGA-PINGA	RUA RAMIRO BARCELOS, primeira ou segunda casa, à esquerda, depois do edifício da esquina - subindo em direção à Av. Independência	
40	aproxim. 1950 - desconh.	CLUBE DE CULTURA	RUA RAMIRO BARCELOS, 1853 - térreo - fundos	No início da década de 1960, o CPC (Centro Popular de Cultura da UNE) passou a utilizar o espaço para montagem de espetáculos teatrais de autores como Brecht e Sartre. Devido ao alto teor esquerdista contido nas peças e nas demais atividades realizadas, o DOPS passou a invadir freqüentemente o local, após o início da ditadura de 1964. Com isso, os sócios e espectadores foram deixando de freqüentar o Clube de Cultura. Nas décadas de 1970 e 1980, funcionou no Clube de Cultura a famosa Cooperativa de Músicos de Porto Alegre, constituída por um grupo de músicos que usufruíram do espaço para promover a música aqui produzida. Dessa geração, destacam-se Bebeto Alves, Gélson Oliveira, entre outros mais. Também são dignos de serem mencionados os eventos cinematográficos ocorridos no mesmo período, dos quais participaram Jorge Furtado, Giba Assis Brasil e Carlos Gerbase, ambos expoentes atuais do cinema brasileiro. • O

				edifício ainda existe. Na área do Clube e do Café atualmente funciona o Restaurante Mid Bar.
41	aproxim. 1980-1990	CAFÉ DO CLUBE DE CULTURA	RUA RAMIRO BARCELOS, 1853 - térreo - fundos	O edifício ainda existe. Na área do Clube e do Café atualmente funciona o Restaurante Mid Bar.
42	aproxim. 1980-1990	BAR DO LADO CC	RUA RAMIRO BARCELOS, 1839	A casa trocou de uso.
43	aproxim. 1917 - desconh.	CINE RIO BRANCO	AV. PROTÁSIO ALVES, 274 - entre as Ruas Giordano Bruno e Miguel Tostes.	Atualmente existem 2 edifícios no lugar do antigo cinema: um de numeração desconhecida, que abriga, no prédio, as lojas Divina Presença e Bom Preço, e o número 274, que abriga, no térreo, as lojas femininas Tauchen e Secreta vaidade.
44	1975 - desconh.	PANDEIRO DE PRATA	AV. PROTÁSIO ALVES, 340	Propriedade de Túlio Piva.
45	desconh. - 2011	RESTAURANTE PAGODA	AV. PROTÁSIO ALVES	Proprietário Woodah Tong . Restaurante de comida chinesa.****
46	desconh.	CINE ATLAS	AV. PROTÁSIO ALVES, esq. com a Rua Alcides Cruz.	Esquina com Rua Alcides Cruz.
Planilha baseada nos dados obtidos em depoimentos dos entrevistados, e verificadas em bibliografia sobre o tema, e em reportagens de revistas e jornais, da época.				
Pontos comerciais notamos sem indicação de endereço, e com importância secundária na formação do caráter da área: EDGAR ALLAN PORRE e CAFÉ BOM FIM (ambos na Rua Felipe Camarão, antes e depois da rua Bento Figueiredo, respectivamente, na calçada da direita para quem se dirige à Avenida Independência. No lugar do Café Bom Fim atualmente encontra-se uma farmácia), Restaurante e Bar VERMELHO 23 (Rua Bento Figueiredo, 23), Pinga-Pinga (Rua Ramiro Barcelos, ao lado da casa da esquina com a Av. Osvaldo Aranha - atual Von Von Modas) - casa 1 ou 2, ladeiras à supracitada, Bar Aurélio (Entre Fernandes Vieira e João Telles), que vendia excelentes sanduíches. Ali se reuniam jovens profissionais liberais, recém formados ainda pobres, solteiros, mas ansiosos por casamento*****; Bar Oriente***** - não localizado e Bar Limão.				
NOTAS:				
¹ Informação em TEIXEIRA, Paulo César. Esquina Maldita. Porto Alegre: Libretos, 2012. pp. 24-25				
² Informação em TEIXEIRA, Paulo César. Esquina Maldita. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 24				
³ Informação em TEIXEIRA, Paulo César. Esquina Maldita. Porto Alegre: Libretos, 2012. pg. 54				
⁴ Informação em TEIXEIRA, Paulo César. Esquina Maldita. Porto Alegre: Libretos, 2012. pgs. 28 e 42. A data de abertura do bar diverge, com o ano de 1966, indicado em PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 89.				
⁵ Informação em TEIXEIRA, Paulo César. Esquina Maldita. Porto Alegre: Libretos, 2012. pg. 28				
⁶ Informação em TEIXEIRA, Paulo César. Esquina Maldita. Porto Alegre: Libretos, 2012. pg. 56				
⁷ Informação em TEIXEIRA, Paulo César. Esquina Maldita. Porto Alegre: Libretos, 2012. pg. 59. A numeração do local diverge, com o número 232 direcionado para o espaço comercial, na publicação Leitor do Amanhã. Caderno Gastronomia. Abril de 2000, p. 1. Material cedido pelo proprietário do bar.				
⁸ Informação obtidas na Agência RBS. Reportagem sobre o DOPS em ZERO HORA, 20 de Maio de 2012.				
⁹ Informação no site da Casa de Estudantes: http://blogdacesc.blogspot.com.br/p/historia.html				
* MARTINI, Maria Luiza. Maio de 1968 no Rio Grande do Sul. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org.s) 1968: Contestação e utopia. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. pp. 114-115.				
** http://barocidente.com.br/historia				
As demais informações foram obtidas com depoimentos, fotografias e levantamento in loco.				
*** PICADA, Josiane. Baltimore se expande e seduz os espectadores. Zero Hora. Cinema.				
**** RIBEIRO, Milton. A migração dos cinemas de Porto Alegre (Parte 2 – alguns bairros). http://miltonribeiro.sul21.com.br/2012/10/21/a-migracao-dos-cinemas-de-porto-alegre-parte-2-alguns-bairros/ (Publicado em 21 de outubro de 2012)				
***** BORBA, Mauro. Prezados ouvintes. Memória Afetiva. Porto Alegre: Artes & Ofícios. 1996. p.16				
***** Informação em SCLAR, Moacyr. Os bares do Bom Fim. Zero Hora.				
***** Informação em SCLAR, Moacyr. Os Caminhos do Bom Fim. In: Guia de Porto Alegre 1993/94. EPATUR. L&PM Editores. P. 118				
***** Informação em SCLAR, Moacyr. Os Caminhos do Bom Fim. In: Guia de Porto Alegre 1993/94. EPATUR. L&PM Editores. P. 119				
• Informação em ZAMBONI, Vanessa. Percorrendo as marcas de distintas temporalidades no Bairro Bom Fim: exercício de etnografia nas ruas de um bairro. Orientação de Cornelia Eckert. 21p.				
** Informação em http://www.falabomfim.com.br/2009/07/clube-de-cultura-59-anos-de-luta-pela-promocao-artistica-e-intelectual/				
*** BORBA, Mauro. Prezados ouvintes. Memória Afetiva. Porto Alegre: Artes & Ofícios. 1996. 217 p.				
**** MELO, Itamar. Cinco restaurantes que deixaram saudade. http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/aniversario-de-porto-alegre/noticia/2013/03/cinco-restaurantes-que-deixaram-saudade-4072958.html , em 04.06.13 às 17: 28				

APÊNDICE E - Listagem dos espaços de lazer noturno da Cidade Baixa (1964-2006)				
num. bares	Períodos	Estabelecimento comercial	Endereço	Curiosidades
Rua Lima e Silva - Cidade Baixa				
1	desconh.	Parangolé Bar e Restaurante (ex-Pica Pau's Bar Restaurante)	Rua Lima e Silva, 240 e 242 - Base edif. 234	
2	desconh.	Pastelaria La Fiaca	Rua Lima e Silva, 246 - Base edif. 234	
3	desconh.	Barônia	Rua Lima e Silva, 254 Base edif. 250	
4	desconh.	Cavanhas	Rua Lima e Silva, 274	Público variado. Porções generosas. ²
5	desconh.	Choppe Companhia	Rua Lima e Silva, 275 e 279 - Base edif.07 pela Rua Leão XIII e núm. 271 Base edif. 269 pela Lima e Silva	
6	desconh.	Insônia - Bistrô Bar	Rua Lima e Silva, 279 - Base edif. 269	
7	desconh.	Beverly Hills - Bar e lanches	Rua Lima e Silva, 286 + lavagem	
8	desconh.	Restaurante Paladar Grill	Rua Lima e Silva, 296 (base)	
8A	desconh.	Bar do Marinho (3º)	Rua Lima e Silva, 297	
9	desconh.	Copão	Rua Lima e Silva, 304,308 e 312 ² - Base edif. 300	Público variado. Porções generosas. ²
10	(descon. - 2003)	Vinha D'Alho (2º)	Rua Lima e Silva, 307	De propriedade de José Mauro Moraes Silla, o Zé Mauro (pelo menos o 1º e o 2º). O restaurante ficava quase defronte ao Colégio Júlio de Castilhos, num prédio antigo que tinha um belíssimo vitró na fachada frontal. Pouco depois, o restaurante muda-se para a Avenida Bento Gonçalves. Da Bento o Vinha D'Alho migra para a Cidade Baixa. Zé Mauro também fora dono do trailer de cachorro-quente Lulu-Térmico, em frente ao Encouraçado Butikin, e também do bar Barroquinho. Intimista, à meia-luz, com shows de boleros, MPBs e músicas românticas. Lugar para namorar. ²
11	desconh.	Estação Beirute		
12	desconh.	Cotiporã	Rua Lima e Silva, 325 ² e 327 - Base edif. 331	Público variado. Porções generosas. ²
13	desconh.	Liliput	Rua Lima e Silva, 368	Talvez no prédio tenha funcionado um armazém antes do Liliput.
14	1998/1999 - desc.	Casarão ²		Ex-Liliput. Pizza no forno à lenha. Nas quartas-feiras recebiam casais.
15	desconh.	Casa 1 - Saloon Club 888 – Bar Drink Café ou Casarão (Complexo 3 casas)		Ex- Casarão, ex-Liliput.
16	desconh.	Santíssimo		
17	desconh.	Cavanhas	Rua Lima e Silva, 373	
18	desconh.	La Bodeguitta - Bar	Rua Lima e Silva, 426	
19	desconh.	Só Comes – Bar e Restaurante	Rua Lima e Silva,	
20	desconh.	Da garagem Bar	Rua Lima e Silva, 417	
21	desconh.	Speed Lanches	Rua Lima e Silva, 427	
22	desconh.	Bar e Lancheria Apollo	Rua Lima e Silva, 453 - Base edif.445	
23	desconh.	Bar, Restaurante e Pizzaria Baby	Rua Lima e Silva, 457 - Base edif. 445	
24	desconh.	Artesanato do Pastel	Rua da República, 408 (Base edificio azul – frente para J. Patrocínio)	
25	desconh.	Restaurante (sem nome)	Rua Lima e Silva, 257 pela República - Base edif. 445	
26	desconh.	Pingüim Bar e Restaurante	Rua Lima e Silva, 507	
27	desconh.	Da Lua Bar	Rua Lima e Silva, 546	
28	desconh.	Pastéis e Pasta	Rua Lima e Silva, 549 - Base edif. 547	

29	desconh.	Kyoto Sushi Bar (ex- Artes e Expressões)	Rua Lima e Silva, 552	
30	desconh.	Unplugged Bar	Rua Lima e Silva, 552	
31	desconh.	Nicu's Bar	Rua Lima e Silva, 591	Reformado em 2003.
32	desconh.	Insano Pub	Rua Lima e Silva, 601	
33	desconh.	Rola Rock	Rua Lima e Silva,	Entre Insano e Sierra Maestra, ou até na atual farmácia diagonal Zafari.
33A	desconh.	Miro	Rua Lima e Silva, esquina com Rua Luiz Afonso	
34	desconh.	Sierra Maestra	Rua Lima e Silva, 763	Cultuava tragos, charutos e canções cubanas.*
35	desconh.	Centro Comercial Nova Olaria + Cinemas Guion	Rua Lima e Silva, 776	Alavancou a noite da Cidade Baixa. Tem livraria, tabacarias, lojas e bares. Domingueira GLS. ²
36	desconh.	Lj. 1 - A Choperia - Cigar Brew Pub		
37	desconh.	Lj. 2 - Yellow Submarine		Nome inspirado em música dos Beatles.
38	desconh.	Lj.4 - Mr. Pickwic Pastéis		
39	desconh.	Lj. 11 - Guion Center Cinemas		
40	desconh.	Lj. 12 - Applause Caffé		
41	desconh.	Lj. 13/14 - Olaria Pub e Fondue		
42	desconh.	Lj. 15 - Bar Chopp e foundi - Cia do Sorvete		
43	desconh.	Lj. 16. Torre de Pizza		
44	desconh.	Cult	Rua Lima e Silva, 806	Casa antiga, com dois ambientes: um bar, com mesas, em volta de um palco pra show ao vivo, de jazz e blues, e um restaurante com lounge. ²
45	desconh.	Kilograma	Rua Lima e Silva, 833 - Base edif. 8 e 24 pela Alberto Torres	
46	desconh.	Estalagem Caffé	Rua Lima e Silva, 886 - Base edif. 114 pela Otávio Corrêa	
47	desconh.	Velho Oeste - Show Mecânico	Rua Lima e Silva, 898	
48	desconh.	Psicoart Espaço Cultural "A Toca"	Rua Lima e Silva, 956	Pequeno e aconchegante. Concentram-se pessoas que trabalham com música, artes plásticas, fotografia, cinema, teatro e malabarismos circenses. Sócio Robson Soletti. À tarde ele faz maquiagens para peças teatrais como Bailei na Curva e Não Pensa Muito que Dói. ¹
49	desconh.	Mr. Quandt	Rua Lima e Silva, 962	
50	desconh.	Antiquário Resto Bar	Rua Lima e Silva, 985 - Base edif. 15 pela Joaquim Nabuco	
51	desconh.	Consulado Caffé	Rua Lima e Silva, 989 - Base edif. 15 pela Joaquim Nabuco	Famoso pelo quibe, feito por um dos donos, com receita da família, árabe. ²
52	desconh.	Dhomba Arte e Pub	Rua Lima e Silva, 1035/1037	
53	desconh.	Nome desconhecido	Rua Lima e Silva, 1058 (985 – site)	Boteco na Nega Lí (Luiz Airton Bastos, personagem da noite porto-alegrense). Um dos points preferidos dela.
54	desconh.	Gum		
55	desconh.	Roms		
56	desconh.	Spina Pizzaria	Rua Lima e Silva, 1244	

NOTAS:

¹ Informação em TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 5 n°. 49, 2003, p. 27² Informação em BARBO, Rique (Arte ZH). Roteiro da Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Segundo Caderno. Noite. Porto Alegre, 1 de julho de 1999, p. 7.

Rua da República

57	1964 - hoje	Van Gogh	Rua da República, 14 - esq. João Pessoa	É o lugar da saideira, com as famosas sopas de capeleti ou canja de galinha. É o lugar para encerrar a noite.****
58	desconh.	Porto Beer Bar Caffé	Rua da República, 38 – Base edif. 24	
59	desconh.	(sem nome)	Rua da República, 42 – Base edif. 24	
60	desconh.	República do Pastel	Rua da República, 46/47 - Base edif. 48	

61	desconh.	Relicário	Rua da República, 50 - Base edif. 48	
62	desconh.	Cine Bar	Rua da República, 58 – Base edif. 62	
63	desconh.	Armazém da Esquina (2º)	Rua da República, 47	
64	desconh.	Doce Vida (Nome inspirado no Filme de Federico Fellini)	Rua da República, 163 (entre 157 e 167)	Em frente ao número 138' (Gota d'água/ Buraquinho/ Café Antártico/ 1º Bar do Marinho). Era mais que um restaurante, era ponto de encontro de artistas plásticos, jornalistas, intelectuais e estudantes. A comida era maravilhosa, preparada com todo o carinho pelas mãos da mãe de Ana, Joaquina Antônia de Barros. A casa tinha no salão principal um piano de parede e andar de cima era quase sempre ocupado por exposições de pinturas, esculturas ou fotografias. [...] No bar, que ficava ao lado do salão principal, eram exibidos audiovisuais de arte, documentários, musicais [...]. Não tinha nada assim em Porto Alegre até então. ¹ O cardápio foi desenhado pelo cartunista Edgar Vasques, e sempre havia exposições de pinturas, esculturas e fotos no andar de cima do casarão [...]. Vinha gente até do interior para conhecer o lugar. Foi uma criação dos jornalistas Gerson Schirmer e Ana Maria Barros Pinto.***
65	desconh.	Terravista****		Bar, café, galeria de arte, livraria e palco para shows de várias tendências. ****
66	desconh.	Entreato		Ex- Doce Vida
67	desconh.	Buraquinho		
68	desconh.	Gota d'água	Rua da República, 174 - Base edif. 178 (Referências apontam a estes bares com numeração 138, anteriormente)	Ex-Buraquinho
69	desconh.	Bar do Marinho (1º)		Ex-Gota D'Água. Propriedade de Celmar Rodrigues.
70	desconh.	Café Antártico		Ex-Bar do Marinho
71	desconh.	Pier 174		Ex-Café Antártico
72	desconh.	Bar Café Yang	Rua da República, 188 - Base edif. 190	
73	desconh.	Garrafas Bistrô	Rua da República, 191 (ed. 189)	
74	desconh.	Mediterrâneo Café	Rua da República, 197 – Base edif. 193	
75	desconh.	Bilbao Café	Rua da República, 198 – Base edif. 196 pela República	
76	desconh.	Bahamas Café Bar		
77	desconh.	Ritrovo (Café do Mercado)	Rua da República, 212****	
78	desconh.	Padaria da República (Padoka)	Rua da República, 222	
79	desconh.	Speed III		
79A	desconh.	Cachorro da República	Rua da República, esq. com Rua Lima e Silva.	
80	desconh.	Atelier da Cidade Baixa (vidraçaria Artesanal)	Rua da República, 277A	
81	desconh.	Espiral	Rua da República, 303 – Base edif. 305	
82	desconh.	Loja Sirius	Rua da República, 304	
83	desconh.	República Café	Rua da República, 381	
84	desconh.	Pinacoteca Bar	Rua da República, 409	
85	desconh.	Fofa	Rua da República - Base edif. 423	Propriedade de Constantino Georgiandis e Darío Schol. ³
86	desconh.	Republic	Rua da República, 429	(Ex Café da República)
87	desconh.	Churrasquinho da República	Rua da República, 466	
88	desconh.	Água na Boca (1º)	Rua da República, 471/ José do Patrocínio, 413	De propriedade de Pedro Mello e Victor Hugo Tito. 1º Água na Boca. Durou um ano nesta edificação. Depois mudou-se para a "Praça do Portão", no início da década de 80. Era contemporâneo do Bar do IAB.
89	desconh.	Porto Bazar/ Mara Noshang		
90	desconh.	Adriano	Rua da República, 494 (nome?)	
91	desconh.	Via Imperatore	Restaurante – Rua da República, 509	
92	desconh.	Jardim Elétrico (1º)	Rua da República, 546	Rock e Blues anos 60 à meia luz, para conversar mais de perto. Receitas saborosas herdadas do antigo restaurante dos donos, o Gordinho.****

93	desconh.	Teatro de Câmara	Rua da República,	
94	desconh.	Muffuletta Café e Tabacaria	Rua da República, 657 – Base edif. 667 pela República	
95	desconh. - 1997	Tabacaria da República	Rua da República, 677 – Base edif. 667 pela República (na esquina com a Rua João Alfredo)	Proprietários: Diego e Frederico Martínez. O nome do bar é em homenagem ao poeta russo Ossip Madelstam. A pizza é a pedida da casa.****
96	1997?- hoje	Ossip		
NOTAS:				
¹ PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 159.				
² 1985 - Informação em TEIXEIRA, Paulo César. Cidade Baixa, meu amor. In: Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 5 n°. 49, 2003. pg. 26.				
³ 1985 - Ibid., p. 27.				
* PEREIRA, op. cit., p. 105 e 107.				
** KOHLER, Raquel. Percepção da estrutura e desempenho de um setor urbano : bairro cidade baixa, Porto Alegre-RS. In: Encontro Nacional da ANPUR. Anais : VII encontro nacional da ANPUR. Recife : UFPE, ANPUR, 1997. vol.1, p.341-362				
*** Informação no blog http://clovisheberle.blogspot.com.br/2009/11/os-bares-da-minha-vida.html				
****Informação em BARBO, Rique (Arte ZH). Roteiro da Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Segundo Caderno. Noite. Porto Alegre. 1 de julho de 1999, p 7.				
***** Divergência de numeração, para 214 em BARBO, op. cit., p 7.				
Rua Sarmento Leite				
97	1960 - 1967/68	Casa de Estudante - CEUPA II	Rua Sarmento Leite, 631	
98	desconh.	Bar do Beto (4°)	Rua Sarmento Leite, 811– Base edif. 801 pela Sarmento	
99	desconh.	Bilhar Porto Dez	Rua Sarmento Leite, 813 – Base edif. 801 pela Sarmento	
100	desconh.	Casa 2 - Saloon Club 888 – Bar Drink Café ou Casarão (Complexo 3 casas Ex- Liliput)	Rua Sarmento Leite, 874 (complexo 3 casas ex-Liliput) OBS: muro num. 880	
101	desconh.	Casa 3 - Saloon Club 888 – Bar Drink Café ou Casarão (Complexo 3 casas Ex- Liliput)	Rua Sarmento Leite, 882 (complexo 3 casas ex-Liliput)	
102	desconh.	Bar do Beto (2°)	Rua Sarmento Leite, 929 – Base edif. 331 pela Lima e	Cardápio de variados filés, carreteiros e sanduíches. ²
103	desconh.	Bulk Bar	Silva	Ex-Bar do Beto (2°)
104	desconh.	Barato Bar	Rua Sarmento Leite, 969	
105	desconh.	Casa de Teatro	Rua Sarmento Leite, 1024	Bar temático, de gente do teatro, dos donos aos frequentadores. Dispõe de 3 ambientes com material teatral (objetos cênicos, etc.), além de disponibilizar aos clientes CDs e livros ligados ao tema da casa. ²
106	desconh.	Prefácio		
107	desconh.	Ex-bar	Rua Sarmento Leite, 1030	
108	1954 - hoje	Casa de Estudante - CEUPA I	Rua Sarmento Leite, 1053	
109	1985 ou 1986 ¹	Zellig	Rua Sarmento Leite, 1086	Nome inspirado no Filme de Woody Allen e Ma Farrow. Mesmo proprietário do Ex-Bar do IAB, à Rua Annes Dias; de Paulo Henrique Pio e sua irmã, Bia. Famoso pelas panquecas, oferece shows ao vivo no 2º andar depois da reforma. No térreo oferece um lounge.
NOTAS:				
¹ 1985 - Informação no site do Arquiteto Dirceu Russi, responsável pelo projeto: http://www.dirceurussi.com/projetos.html				
² 1986 - Informação no site do Bar: http://www.zellig.com.br/html/zellig.htm				
² Informação em BARBO, Rique (Arte ZH). Roteiro da Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Segundo Caderno. Noite. Porto Alegre, 1 de julho de 1999, p 7.				
Rua João Alfredo				
110	desconh.	S.E. Lanches Bar	Rua João Alfredo, 212 - Base edif. 216	
111	desconh.	Armazém Fruteira Rossetti	Rua João Alfredo,	
112	desconh.	Casa de Carnes Román	Rua João Alfredo, 288 - Base edif. 286	
113	desconh.	Padaria João Alfredo	Rua João Alfredo, 292 - Base edif. 294	
114	desconh.	Blues	Rua João Alfredo, 325	Nome do filme inspirado no Cabaret Francês.
115	desconh.	Moulin Rouge Pub		
116	desconh.	Jardim Elétrico - Rock & Blues (2°)	Rua João Alfredo, 321 (verificar site)	ex-Blues (Echoes – site)
117	desconh.	Rei das Pizzas	Rua João Alfredo, 332 Base edif. 312	
118	antes de 1997* - desconh.	Lancheria Kalu	Rua João Alfredo, 350 - Base edif. 667 pela República	

119	desconh.	Estância de São Pedro	Rua João Alfredo, 387**/383 (divide número – 2 usos edif.)	Música nativistas. Shows ao vivo e salão para dança e comida campeira.**
119 A	possivelmente entre 86 e 89	Bar do Marinho (2º)	Rua João Alfredo, 399	Provavelmente na mesma loja do atual Mercatto D'Arte.
120	desconh.	Mercatto D'Arte		
121	desconh.	Armazém do Dindo	Rua João Alfredo, 403	
122	desconh.	Bar e Restaurante Samanta	Rua João Alfredo, 413 (site 415)	
123	desconh.	Paraphernália	Rua João Alfredo, 425	
124	desconh.	Tudo pelo Social	Rua João Alfredo, 448	
125	desconh.	Negafrida – Pub Bar	Rua João Alfredo, 453 (site 449)	
126	desconh.	Tuttybotequym	Rua João Alfredo, 457	
127	desconh.	Bongô	Rua João Alfredo, 471	
128	desconh.	Acmun	Rua João Alfredo, 496	
129	desconh.	Oficina Etílica Pub (2º)	Rua João Alfredo, 511	Reduto dos velhos boêmios da cidade. Música ao vivo com samba-canção. Oferece a famosa sopa de cebola, receita trazida por Hollywood, do antigo Tia Dulce.**
130	desconh.	Fina Brandão	Rua João Alfredo, 533	Talvez seja o lugar onde esteve o primeiro Oficina Etílica.
131	desconh.	Vinhos do Mundo	Rua João Alfredo, 557	
132	desconh.	Pé Palito	Rua João Alfredo, 577	
133	desconh.	Lounge	Rua João Alfredo, 701	

NOTAS:

* KOHLER, Raquel. Percepção da estrutura e desempenho de um setor urbano : bairro cidade baixa, Porto Alegre-RS. In: Encontro Nacional da ANPUR. Anais : VII encontro nacional da ANPUR. Recife : UFPE, ANPUR, 1997. vol.1, p.341-362

**Informação em BARBO, Rique (Arte ZH). Roteiro da Cidade Baixa. Jomal Zero Hora. Segundo Caderno. Noite. Porto Alegre, 1 de julho de 1999, p 7.

José do Patrocínio

134	desconh.	Scorpion Bar	José do Patrocínio, 212	
135	desconh.	Sinuca Pub	Rua José do Patrocínio, 272 - Base edif. 264	
136	desconh.	BrasaGrill Churrascaria	José do Patrocínio, 253 esq. Travessa do Carmo	
137	desconh.	Bell's Bar	José do Patrocínio, 294	
138	desconh.	Restaurante Pizzaria A Brasileira	José do Patrocínio, 324	
139	desconh.	(sem nome – bar)	José do Patrocínio, 352	
140	desconh.	Padaria Suíça	José do Patrocínio, 361	
141	desconh.	Bar Oásis	José do Patrocínio, 370 e 372 (2 números na casa)	
142	desconh.	(sem nome – bar)	José do Patrocínio, 404 – Base edif. 408 pela J. Patroc.	
143	desconh.	Jóia Sorvetes	José do Patrocínio, 401 – Base edif. 408 pela J. Patroc.	Teve outro uso, antes???
144	desconh.	Makumba	José do Patrocínio, 413 / Rua da República, 471	Sociedade com participação de Claudinho Pereira. De Pedro Mello e Claudinho Pereira. Depois virou Água na Boca.***** Ex-Água na Boca (1º).
145	desconh.	Pizzaria sem nome (barata)	José do Patrocínio, 461 - Base edif. 453	
146	desconh.	Bar (casa descaracterizada)	José do Patrocínio, 467	
147	desconh.	Bar e restaurante Reçaka	José do Patrocínio, 495	
148	desconh.	Marcelina (1º)	José do Patrocínio,	
149	antes de 1997***** -	Vira Copos*****	Rua José do Patrocínio, 527***** - FRENTE	
150	desconh.	Prefixo (51) Bar*****		
151	2006 - hoje	Bar Apolinário		Na casa da frente do terreno onde funcionava a Terreira da Tribo. Do mesmo dono do bar Manara, na Av. Goethe.
152	1984****	Terreira da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz (Grupo Terreira da Tribo)	Rua José do Patrocínio, 527 - FUNDOS	Escola de Teatro Popular (na rua). Funcionava na casa e no pátio dos fundos do terreno de numeração 527.

153	desconh.	Maria Fumaça	Rua José do Patrocínio,	Na inauguração teve show da dupla Kleiton & Kleidir. Sociedade com participação de Claudinho Pereira.
154	1967/68 - hoje	Casa de Estudante - CEUPA	Rua José do Patrocínio, 648	
155	desconh.	Cia das Empadas	José do Patrocínio, 649	
156	desconh.	Studio Clio	Instituto de Arte e Humanismo - José do Patrocínio, 698	
157	desconh.	Uno Bar		
158	desconh.	Woodstock	Bar e Restaurante - José do Patrocínio, 742	
159	desconh.	Villa Acústica	José do Patrocínio, 778	
160	desconh.	Ex-Makina - Pizza Pub		
161	desconh.	João de Barro	José do Patrocínio, esquina com Lopo Gonçalves	
162	desconh.	Confraria do Pastel	José do Patrocínio, 813	
163	desconh.	Cachorro do Élio	José do Patrocínio, 822	
164	desconh.	DAM Public Ambient	José do Patrocínio, 824	
165	aprox. 1975 - desconh.	Big Som	Rua Joaquim Nabuco quase esquina com a Rua José do Patrocínio.	Era a única casa noturna de Jazz de Porto Alegre. Talvez compartilhe da 1ª edificação onde funcionou o Opinião.
166	desconh.	Opinião (I)		Acho que foi um pouco depois (precisaria refazer um pouco da memória) que surgiu o <i>Opinião</i> ali na rua Joaquim Nabuco (rua em que eu morava) na quadra entre a José do Patrocínio e a João Alfredo. O Opinião era um bar pequeno e comprido, quase um corredor, que começou a aglutinar uma galera que gostava de som e íamos ali assistir shows do <i>Totonho Villeroy</i> . Depois o <i>Opinião</i> mudou para esquina, cresceu e se tornou uma das casas mais requisitadas para shows em Porto Alegre e também uma produtora de grandes eventos.
167	desconh.	Opinião (II)	José do Patrocínio, 834	
168	desconh.	Rodrigues Bar	José do Patrocínio, 841 - Base edif. 851/847 pela José do Patrocínio	
169	desconh.	Sandália de Prata	José do Patrocínio	Possivelmente na mesma edificação, concomitantemente - 1 em cada andar do edifício de 2 andares.
170	desconh.	Carinhoso	José do Patrocínio	
171	desconh.	Anos Dourados	José do Patrocínio	
172	desconh.	Casa de Praia Bar	José do Patrocínio, 878/880	
173	1971* ou 1972** - desconh.	Restaurante Chão de Estrelas	José do Patrocínio, 908*	Proprietária: Adelaide. A mesma dona do anterior Bar Chopp Adelaide's, na Marechal Floriano e do posterior Clube da Saudade (1978) à Aureliano de Figueiredo Pinto, quase à Praça Garibaldi.***
174	desconh.	Gê Power's Black Music Bar	José do Patrocínio, 904 - Base edif. 910	Propriedade de Geovaine Ornelles. •
175	desconh.	Luanda	José do Patrocínio, quase em frente o Eski-Bar,	Também conhecido como Restaurante do Tífi ou Tíde. Ficava numa casa do ao lado da Igreja Sagrada Família e à esq. Com a Rua Venâncio Aires. Atualmente neste lugar se encontra um açougue. Famoso pela sopa de batata, cujo fogo n se apagava nunca.
176	desconh.	Restaurante e Lancheria ponto Certo	José do Patrocínio	
177	desconh.	Eski Bar	José do Patrocínio, 1011	
NOTAS:				
* PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 100.				
** VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p. 147				
*** PEREIRA, op. cit., p. 101.				
**** Informação em http://www.oioisaquitraveiz.com.br/testes/historia.html				
***** KOHLER, Raquel. Percepção da estrutura e desempenho de um setor urbano : bairro cidade baixa, Porto Alegre-RS. In: Encontro Nacional da ANPUR. Anais : VII encontro nacional da ANPUR. Recife : UFPE, ANPUR, 1997. vol.1. p.341-362				
***** Informações em PEREIRA, op. cit., p. 31 e http://www.orkut.com/Main#Main\$CommMsgs?na=2&nst=68&tid=7296721&cmm=1172057&hl=pt-BR				
***** Informação em http://www.apolnariobar.com.br/				
• TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 5 n°. 49, 2003. p. 27				
•• BORBA, Mauro. Pecados Mortais e Opinião. Site giro cidade baixa. http://www.giroadadebaixa.com.br/opinio/opi_mauro.asp . Acessado em 23 de abril de 2007, 15:13:22				
Av. João Pessoa				
178	desconh.	EDITORA DA UNIVERSIDADE - UFRGS	Av. João Pessoa, 41	

179	desconh.	Casa de Portugal	Av. João Pessoa, 579	
180	desconh.	Canecão Gaúcho*	Av. João Pessoa, 599	Ao lado do Touring. Talvez a mesma casa da Casa de Portugal. Talvez seja mesmo "Canecão do Sul".
181	1968 - desconh.	Ressaca	Esquina da Rua Luiz Afonso com a Avenida João Pessoa.	Recebia de políticos cassados a ministros, de intelectuais a artistas. Foi um dos primeiros bares a ter copos tulipa para cerveja.* Um dos sócios era o jornalista Antônio Daudt.****
182	déc. 70 - desconh.	Casa de Música Carlos Gardel - Bar Chopp e Restaurante*	Avenida João Pessoa, 905	
183	1975 - desconh.	Gente da Noite	Avenida João Pessoa, 1411	
184	1923-1926; 1929-desconh.; 1986-1996	Cine Avenida	Av. João Pessoa, esq. Rua Venâncio Aires.	
185	Déc. 70 - desconh.	Vinha D'Alho (1º)***	Avenida João Pessoa, esquina com Rua Lobo da Costa	De propriedade de José Mauro Moraes Silla, o Zé Mauro. O restaurante ficava quase defronte ao Colégio Júlio de Castilhos, num prédio antigo que tinha um belíssimo vitró na fachada frontal. Pouco depois, o restaurante muda-se para a Avenida Bento Gonçalves. Zé Mauro também fora dono do trailer de cachorro-quente Lulu-Térmico, em frente ao Encouraçado Butikin, e também do bar Barroquinho.

NOTAS:

* Informação em Folha da Tarde. Porto Alegre Dia e Noite. 07 de outubro de 1977.

* PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 145

*** TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 5 n°. 49, 2003. p. 24

Av. Aureliano Figueiredo Pinto

186	desconh.	Galo	Av. Aureliano Figueiredo Pinto, 904	Ao cruzar a porta de entrada, o cliente era envolvido pelos fados da proprietária, Amália Rodrigues. A decoração típica, com imagens e pôsteres de cenários portugueses, dava o clima de um restaurante de Lisboa.**
187	desconh.	8 e 1/2 Bar	Av. Aureliano Figueiredo Pinto, 984	Nome inspirado no Filme de Federico Fellini.
188	1978* - desconh.	Clube da Saudade (1º)	Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto, quase na Praça Garibaldi.	Proprietária: Adelaide. A mesma dona do anterior Bar Chopp Adelaide's, na Marechal Floriano e do posterior Chão de Estrelas (1971-2) à José do Patrocínio.***

NOTAS:

*PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 101.

** Informação em <http://clovisheberle.blogspot.com.br/2009/11/os-bares-da-minha-vida.html>

*** PEREIRA, op. cit., p. 101.

**** MIETLICKI, Deise. Boêmia, aqui me tens de regresso. Jornal Zero Hora. Especial ZH. Porto Alegre, 03/07/99 p. 1.

Av. Venâncio Aires

189	desconh.	Clube da Saudade (2º)	Av. Venâncio Aires,	
190	desconh.	Paris Cinema Café	Av. Venâncio Aires, 210	
191	1960 - desconh.	Pedrini	Av. Venâncio Aires, 204 base edif. 206	Famoso pela pizza em panela de ferro.
192	desconh.	Boate Ego Sun (3º)	Av. Venâncio Aires	Depois transformou-se em Indiscretus. Boate Gay.
193	desconh.	Indiscretus		Boate Gay
194	desconh.	Pampa's Burger		Posteriormente Boates Ego Sun e Indiscretus - Boates Gays.
195	1914 - desconh.	Cine ABC		posteriormente outra boate Gay
195 A	desconh.	Spin	Av. Venâncio Aires	mesmo espaço do ex-Cine ABC
196	desconh.	W Bar ou W Boate	Av. Venâncio Aires, 18. Quase esquina com Rua José do Patrocínio.	Boate Gay, na diagonal do Eski Bar. Lugar de concentração antes das festas no Fim de Século. ¹

NOTAS:

¹ TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 5 n°. 49, 2003. p. 27**Praça Garibaldi**

197	déc. 60 - desconh.	Copacabana	Praça Garibaldi, 02	
-----	--------------------	-------------------	---------------------	--

198	desconh.	Blue Jazz Bar	Ao lado do Copacabana, em direção à Aureliano de F. Pinto.	Proprietários: jornalista Juarez Porto e cantona Cida Moreira.*
199	desconh.	Atelier 5		
NOTAS:				
* PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 145				
Rua Barão do Gravataí				
200	desconh.	Taverna Monte Polino	Rua Barão do Gravataí, 531	
Rua Dr. Sebastião Leão				
201	desconh.	Druída Bistrô	Rua Dr. Sebastião Leão, 228	
Rua Joaquim Nabuco				
202	desconh.	Venezianos Pub Café	Rua Joaquim Nabuco, 397	Café GLS.
Rua Lopo Gonçalves				
203	desconh.	Circuito	Rua Lopo Gonçalves, 66	Boate GLS.
Rua Luiz Afonso				
204	desconh.	Ex-Escambo (mudou nome)	Rua Luiz Afonso, 269	
205	desconh.	Café Osho	Rua Luiz Afonso,	Casa reformada pelo Arq. Fiapo Barth (dono do Ocidente). Decoração com sofás e poltronas pé palito, além de virilas, televisor e geladeira anos 50. Proprietário: DJ Guto Haayata. Faz reuniões dançantes e matinês no domingo de DVDs e curtas-metragens. ¹
206	1967/68 - hoje	Casa de Estudante - CEUPA IV	Rua Luís Afonso, 347	
NOTAS:				
¹ TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 5 n°. 49, 2003. p. 27				
Rua Otávio Corrêa				
207	desconh.	Cidade Bossa	Rua Otávio Corrêa, 35	
Rua Sofia Veloso				
208	desconh.	Armazém da Esquina (1º)	Rua Sofia Veloso, no "cotovelo", ao lado do edifício com a passarela.	
209	desconh.	Marcelina (2º)	Rua Sofia Veloso, 162 (casa - térreo)/168 (2ºpvto com)	
Travessa Comendador Batista				
210	desconhec. - 2006	Charla	Travessa Comendador Batista, 79 - Base edif. 67 pela Comendador Batista	
211	2006 - hoje	Armazém dos Pastéis (ex-Charla)		
Travessa do Carmo				
212	desconh.	Pulperia	Travessa do Carmo, 76 (não 152/201 - escrit)	Comida servida em panelas de ferro.
213	desconh.	Dr. Jeckyll		(Ex-Pulperia - bar nativista. Panelas de ferro, buffet)
214	desconh.	Dimi's Pub	Travessa do Carmo, 154 - Base edif. 152	(ex - Verso e Reverso Pub Bar)

214	desconh.	Dimi's Pub	Travessa do Carmo, 154 - Base edif. 152	(ex - Verso e Reverso Pub Bar)
215	desconh.	Verso e Reverso Pub Bar		
<p>Alguns bares não foram localizados na pesquisa. Desta região, cita-se Rola Rock, Maria Fumaça, João de Barro, Big Som, Ressaca, Clube da Saudade, 8 e 1/2 (1º), Itabira, Frade Cafeteria, Carinhoso, Sandália de Prata, Miro, Pendão de Prata, Gente da Noite, Pecados Mortais (Mortaes - perto da Praça Garibaldi -no finalzinho da Venâncio Aires, quase ao lado do Copacabana, onde a Adriana Calcanhoto fazia os seus primeiros shows e começava a formar um fã-club. Era o bar da moda naquele momento, comecinho dos 80*) e O Sonho da pulga.</p>				
NOTAS:				
* BORBA, Mauro. Pecados Mortaes e Opinião. Site giro cidade baixa. http://www.girocidadebaixa.com.br/opiniao/opi_mauro.asp , Acessado em 23 de abril de 2007, 15:13:22				

APÊNDICE F - Listagem dos espaços de lazer noturno da Av. Venâncio Aires (1964 - 2006)				
Nº	Ano	Nome	Endereço	Curiosidades
1	desconh. - hoje	RESTAURANTE PRATO VERDE	Rua Santa Teresinha, no porão da igreja.	Restaurante vegetariano.
2	desconh. - hoje	RESTAURANTE GOVINDA	Rua José Bonifácio, esquina com Rua Santa Teresinha.	A entrada na edificação se dá pela porta na esquina. Restaurante Indiano.
3	1982 ¹ - desconh.	RÁDIO IPANEMA	Rua José Bonifácio, quase esquina com Rua Santa Teresinha.	Numa casa antiga.
4	déc. 80 - hoje	Bar do Beto (3º)	Rua Venâncio Aires, 876	
5	1985/90 - hoje	Papillon	Rua Venâncio Aires, ao lado do 887 (mesma edificação)	Nome inspirado no Filme Pappillon, de 1973.
6	desconh. - hoje	Se acaso você chegasse	Rua Venâncio Aires, 866	Bar do filho do Lupicínio Rodrigues
7	desconh. - hoje	Marrocos	Rua Venâncio Aires	Esquina Rua Vieira de Castro
8	déc. 80 - desconh.	Bar do Beto (1º)	Rua Venâncio Aires, 853 (ao lado do 855)	Esquina Rua Vieira de Castro
9	desconh. - hoje	Negro & Bianco	Rua Vieira de Castro	
10	desconh.	Lokun	Rua Venâncio Aires	Esquina Rua Vieira de Castro
11	desconh. - hoje	Tortas do Parque	Rua Vieira de Castro	
12	déc. 80 - hoje	Boom Gaia Chopp Café	Rua Vieira de Castro, 2 esq. José Bonifácio	
13	desconh. - hoje	Shanrock Irish Pub	Rua Vieira de Castro	
14	desconh. - hoje	Zepeling Bar	Rua Vieira de Castro	
15	aprox. 68 - desconh.	CAD	Rua Venâncio Aires	
NOTAS:				
¹ BORBA, Mauro. Prezados ouvintes. Memória Afetiva. Porto Alegre: Artes & Ofícios. 1996. 217 p.				

APÊNDICE G - Listagem dos espaços de lazer noturno da Av. Cristóvão Colombo (1964 - 2006)				
Nº	Período	Nome	Endereço	Curiosidades
1	déc. 70	Whiskeria Sauer*	Rua Cel. Vicente, 580.	
2	1920 - desconh.	Libamba	Rua Aurora (Atual Barros Cassal), entre Av. Independência e Av. Farrapos.	
3	déc. 90/2000 - hoje	Garagem Hermética	Rua Barros Cassal, 386	É a casa mais tradicional no circuito do rock. Integrantes da banda Cachorro Grande dormiam aqui antes da aquisição da Casa dos Artistas. A banda destaca-se na cena underground musical.
4	1980/85 - desconh.	Líder (1º)	Av. Independência, esquina com Rua Barros Cassal.	Estava sempre lotado, mas ninguém se importava de esperar mesa encostado no balcão, bebendo um chôpe. Comíamos filé de peixe com chucrute e salada de batata, bolinhos diversos, e, para acompanhar, uma mostarda fortíssima, de fazer chorar... [...]. Quando o dono morreu, os garçons assumiram o negócio, sem perder o pique. Mas eles foram envelhecendo, o lugar perdeu o charme, e o bar fechou.
5	contempor. IAB, Marcelina, Bar do Beto e Água na Boca	Bambu's Bar e Restaurante	Av. Independência, 394	Esquina com Rua Barros Cassal. É um dos pontos mais undergrounds de Porto Alegre.***
6	aproxim. 2005 - hoje	Casa dos Artistas	Rua Barros Cassal, 585 apto 01.****	Atualmente mora integrantes da banda Cachorro Grande, Júpiter Maçã e integrante da Banda Para de Elefante.****
7	anos 2010 - hoje	FUNHOUSE	Rua Castro Alves, 825	Casa semi-abandonada onde ocorriam festas clandestinas.**** A boate conta com serviço de valet, mezanino, camarim, camarotes ao lado do palco com seguranças e garçom exclusivos, além de mesas na pista. Som de Hip House, Pop, Sertanejo e Pagode Chic.*****
8	aprox. 1990 - desconh.	Elo Perdido	Rua Garibaldi,	Tinha o hall de entrada totalmente revestido de plumas rosa pink.
9	1966 - desconh.	Clube dos Cozinheiros	Rua Garibaldi, 1366.	Clube que o cantor e compositor Rubens Santos mantinha em sociedade com Lupicínio Rodrigues***, com música ao vivo. Era proibido bater palmas, substituídas por estalo de dedos, para não atentar contra a moral e os bons costumes daqueles anos 60. Porto Alegre era uma festa. Silenciosa. ²
10	contempor. IAB, Marcelina, Bar do Beto e Água na Boca - desconh.	Lugar Comum	Rua Santo Antônio, 440, ou 442, ou ao lado da 372, ou 372, ou 374, ou ao lado da 374, ou 333, ou ao lado da 333 ou Rua Gonçalves de Carvalho, 4	Passando a Independência. Casa enorme, e tinha obras de arte nas paredes. Mas o forte era a cozinha, com um cardápio à base de culinária brasileira.**
11	aprox. 1985 - desconh.	Amarelinho	Rua Santo Antônio	Pode ser coincidente com casa do DOPS ou com Boate Gay que funcionava no atual Hotel Santo Antônio.
12	aprox. 1985 - desconh.	Ego Sun (1º)	Rua Santo Antônio, 650	Posteriormente Motel e atualmente Hotel com mesmo nome: Santo Antônio. Boate do mesmo proprietário da boate que funcionou no espaço da ex-Sala 1 Cinema Vogue, à Avenida Independência. Daqui a boate se muda para o prédio construído especialmente para esta função, à Rua Venâncio Aires, na Cidade Baixa.
13	aprox. 1985 - desconh.	A Varanda¹	esquina da Rua Santo Antonio com a Avenida Cristóvão Colombo, em diagonal com o palácio do vice-governador	Também conhecida como "Varandão" ³ .
14	déc. 70 - desconh.	Lu-Bar Whiskeria*	Rua Cristóvão Colombo, 28 - quase esquina com Barros Cassal.*	Atualmente existe no local a Fuzz Discos e a Bless Cabeléiros.
15	déc. 70 - desconh.	Whiskeria La Cave*	Rua Cristóvão Colombo, 62*	
16	desconh.	TEPA (Teatro Escola de Porto Alegre)	Rua Cristóvão Colombo, 378	
17	1973** - desconh.	Batelão	na Avenida Cristóvão Colombo, em frente à antiga fábrica da Brahma (atual Shopping Total)	Propriedade de Rubens Santos e Lupicínio Rodrigues.**
				Aberto por Lawson Pereira (Filhinho), após fechamento do seu Bar Acapulco (1965), na Esquina Malkita. Abriu uma churrascaria na Assis Brasil - no

18	1966 - 1980	Lawson's	Rua Cristóvão Colombo, quase esquina com Rua Ramiro Barcelos.	Passo D'Areia e o Lawson's. Provavelmente no mesmo lugar do atual Alfredo - principalmente pela coincidência do nome do bar com o do seu antigo garçon, na Esquina Maklita, depois proprietário do Bar Alaska - o Alfredo Ribeiro. Lawson's fechou após o fim do casamento dos proprietários.
19	desconh.	Valter	Na Ramiro Barcelos, na descida, antes da Cristóvão.	
20	desconh.	Alfredo	Rua Cristóvão Colombo, 794 - esquina com Rua Ramiro Barcelos.	Possivelmente após fecham. do Lawson's, se compartilham a mesma edificação.
21	desconh.	Renânia	Na Rua Gaspar Martins quase esquina com a Rua Cristóvão Colombo	
22	1951 - desconh.	Boite Vogue	Av. Farrapos	Propriedade de Lupicínio Rodrigues.
23	desconh.	Líder (2º)	Rua Vasco da Gama	
Alguns bares não foram localizados na pesquisa. Desta região, citam-se o Barcaça, Lugar Comum, Restaurante Tejo (até 1975), Valter e Renânia.				
NOTAS:				
¹ PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p. 155.				
² Há divergência na propriedade do estabelecimento, sendo atribuída apenas à Rubens Santos em VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p. 144				
³ VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p. 149				
* Informação em Folha da Tarde. Porto Alegre Dia e Noite. 07 de outubro de 1977.				
** VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p. 148				
*** SANTI, Alexandre de. Histórias do underground. In: Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 7 n°. 61, 2005. pp. 19				
**** SANTI, Alexandre de. Histórias do underground. In: Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 7 n°. 61, 2005. pp. 20				
***** 1985 - Informação no site do Arquiteto Dirceu Russi, responsável pelo projeto: http://www.dirceurussi.com/projetos.html				
***** 1985 - Informação no site http://www.obaoba.com.br/porto-alegre/balada/rio-branco/fun-house				
• Informação em http://clovisheberle.blogspot.com.br/2009/11/os-bares-da-minha-vida.html				
•• Informação no blog http://clovisheberle.blogspot.com.br/2009/11/os-bares-da-minha-vida.html				
••• Cidade Baixa em alta. Jornal Zero Hora. Capa 2º Caderno. Porto Alegre, 21/05/2003.				

APÊNDICE H - Listagem dos espaços de lazer noturno da Av. Independência (1964 - 2006)				
Nº	Ano	Nome	Endereço	Curiosidades
1	desconh.	Restaurante Floresta Negra	Avenida 24 de Outubro, esquina com a Rua Dr. Timóteo.	
2	desconh.	Looking Glass Discothèque	Em frente ao parcão	
3	Anos 70 - desconh.	Lanchonete e trailer Torta de Panela	Parcão	Vendia crepe.
4	1990 - 1993	VILLA BAR	Avenida 24 de Outubro, 111	5ª Avenida Center. Provavelmente no térreo.
5	1966 ¹ - desconh.	Paraphernalia¹	Boate que ficava na Rua Mostardeiro, em frente ao que hoje é o Hospital Fêmina. ¹	Propriedade de Raul Marques. Numa sequência de casas geminadas na Mostardeiro, rigorosamente em frente ao hoje Hospital Fêmina. Propriedade de Raul Marques. "A ideia de criação e toda a arte da casa obedecia ao talento do artista plástico José Carlos Marques, irmão de Raul. A casa era toda branca e pontilhada em vermelho e azul em todas as aberturas (em arcos). Lançaram o uso de prato decorado com florações em ágata para servir salgadinhos e jantares, uma inovação escandalosa. Mas era algo altamente vanguardista." Renato Rosa*.
6	1974 - 2002 ¹	Rib's¹	Rua 24 de outubro, esquina com a Praça Júlio de Castilhos	Joe's e Rib's, ambos se abrindo à Praça Júlio de Castilhos, eram concorrentes na luta pelo melhor milk-shake da cidade. O Rib's era famoso por seu cachorro quente, e pela concentração de jovens com lambretas em seu espaço extremo. Seu espaço foi interno é mostrado no filme "Deu pra ti anos 70". Atualmente em seu espaço funciona uma farmácia Panel.
7	1960 - 2011***	Joe's¹	Situado na Rua Ramiro Barcellos, 1097 - quase esquina com a Avenida Independência, na base do edifício Verde. De frente para a Praça Júlio de Castilhos.	O ambiente do Joe's era um atrativo à parte: cadeiras altas e balcões em fôrmica vermelha. O layout original até o dia do seu fechamento, em 4 de junho de 2001.*****
8	1965 ¹ - desconh.	Encouraçado Butikin¹	Avenida Independência, 936, bem em frente ao teatro Leopoldina. ¹	Era ponto de encontro de intelectuais, artistas, socialites e gente da moda. A casa abria para poucos - era o conceito de boate no mundo inteiro: só entrava quem era vip, celebridade ou estiloso. O porteiro controlava quem entrava. O Encouraçado Potemkin – clássico do cinema russo – inspira o nome da boate. Quem passava pela frente só via a galeria de arte de Emília Schneider Marvão e Ivan Vianna. Uma passagem lateral levava ao fundo do prédio, o porão, que era efetivamente o Butikin. Com a ampliação do porão, o espaço que um dia foi galeria, passa também a pertencer à casa noturna. Carinhosamente chamado de "Butika". ¹ Mais tarde daria espaço ao "Cabaret Voltaire", Bar Pub "O Beco", "Beco 203" e "Porão do Beco".
9	desconh.	O Beco (2º) ou Beco 203 ou Porão do Beco		
10	1987 ¹ - desconh.	Bere & Ballare Club Privê³	Avenida Independência,	Abaixo do onde era o Encouraçado. Foi famoso, na época. Talvez seja a mesma edificação do Barroco.
11	contemporâneo Bere & Ballare	Istambul	Avenida Independência,	Ao lado do Bere & Ballare. Bar minúsculo, mas muito bom.
12	1975-1979	New Flower's City	Avenida Independência,	A Flowers era uma boate gay, numa casa que já foi demolida, onde hoje tem uma antena de TV. Posteriormente transformou-se em B52. Era uma boate gay com transformistas. Foi criada após a Flower's (1971 - 1975), que funcionava junto à Praça Jaime Telles, no bairro Santana. Fazia uma fila gigantesca que adentrava a Avenida Bento Gonçalves, e por isso seus donos tiveram de sair da Praça. Buscaram abrigo na Avenida Independência, onde abriram a New Flower's City, em frente ao Teatro da OSPA.*** Talvez seja a mesma edificação do Encouraçado Butikin.
13	desconh.	Boate Barroco¹	Avenida Independência,	Defronte ao Grill Drink Leopoldina. ¹
14	desconh.	Trailer Lulu Térmico¹	Na esquina da Rua João Telles com a Avenida Independência. ¹	Trailer de cachorro-quente, de propriedade de José Mauro Moraes Silla, o Zé Mauro. O trailer sofre acidente causado pelo destravamento do mesmo por grupo que saiu do Encouraçado Butikin. O dono resolve ampliar o negócio montando o Barroquinho.

15	desconh.	Bar Barroquinho¹	Ao lado da Boate Barroco ¹	Mais tarde Zé Mauro cria o Vinha D'Alho, na Av. João Pessoa, e qua mais tarde muda-se para a av. Bento Gonçalves. Talvez seja a mesma edificação do Istanbul.
16	1963	Teatro Leopoldina¹	Avenida Independência, esq. com Rua João Telles. Rua João Telles, 54, quase esquina com a Avenida Independência, embaixo do Teatro Leopoldina.	Nos anos 80, o teatro entra em declínio. Em 1981, as portas são fechadas, reabrindo em 1984 com novo nome: Teatro da Ospa. O prédio havia sido locado pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.
17	desconh.	OSPA		
18	desconh.	Grill Drink Leopoldina¹		A casa era toda espelhada e em vários níveis. ¹
19	desconh.	Roller Dance não identificado		Roller Dance era um espaço onde as pessoas iam patinar e dançar em pistas iluminadas por globos espelhados.
20	desconh.	Le Club¹		Construído na garagem do Teatro Leopoldina, antes de ser Le Club, (p. 78) o local abrigou um Roller Dance. ¹
21	anos 2000 - desconh.	Liquid		
22	desconh.	Vila Velha	Avenida Independência, 838.****	
23	1962 - desconh.	Baiuca	Avenida Independência, 832.**	Rua Garibaldi, quase esquina com a Avenida Independência.. Quase em frente ao Tia Dulce. Proprietário Carlos Heitor Azevedo. Talvez mesmo espaço do Crazy Rabbit.
24	déc. 60 - desconh.	Tia Dulce¹	Avenida Independência, 827.	Posteriormente transformou-se em Vila Velha.
25	1970/71 - desc.	Bon Chopp *****	Avenida Independência, 823*****	Posteriormente transformou-se numa casa de Tango (Mano a mano)
26	1967/70 - desc.	Drink Bar ****	Rua 25 de Outubro, 700****	
27	1959 - desconh.	Sala 1 Cinema Vogue	Avenida Independência, 640.	Divide a base do edifício à esquina da Av. Independência com a Rua Garibaldi com a loja comercial que atendeu o Stylo Drink. Programação alternativa. Atualmente no espaço existe o Bar e Restaurante Paralelo 30, com numeração 646.
28	desconh.	Boate de nome desconhecido		Mesmo proprietário da Boate Egon Sun (1*), na Rua Santo Antônio. O ponto referenciado era o mesmo do Sala 1 Cinema Vogue, mas pode vir a ser o mesmo do Stylo rink, visto que dividem a base do mesmo edifício.
29	desconh. - hoje	Paralelo 30		
30	desconh.	Stylo Drink Bar Chopp	Avenida Independência, 636	Divide a base do edifício à esquina da Av. Independência com a Rua Garibaldi com a loja comercial que atendeu ao Cinema Vogue e demais lojas ali instaladas. Atualmente no espaço existe uma farmácia Panvel.
31	1962** - desconh. (1961 - desconh.)*****	Crazy Rabbit	Rua Garibaldi quase esquina com a Avenida Independência. ** **	Propriedade de Carlos Heitor de Azevedo. Primeira casa noturna "de dançar separado" da capital. Tinha quatro spots coloridos (um amarelo, um verde, um vermelho e um azul), que piscavam graças a um controle manual - um ferro que fechava contato para as luzes piscarem. Na entrada tinha uma porta tipo "vai-e-vem", estilo <i>salon</i> , típica dos filmes de faroeste. O local era chamado pelas autoridades públicas de "inferninho".** Carlos Heitor selecionava quem poderia entrar. Privilegiava gente bonita, chique e estilosa. O ritmo da boate era variado, a pista ficava lotada do princípio ao fim da noite. As músicas que eram sucesso e animavam a moçada tinham que tocar mais de uma vez. Repetir era sucesso. Isso porque muitas destas músicas não tocavam nas rádios, mas apenas em festas.* Talvez mesmo espaço do Baiuca.
32	1960/70 - desconh.	Whisky a Go-Go	Avenida Independência, 604 lj. B	Atualmente no espaço existe a loja Cia Natural.
33	desconh.	CABARET VOLTAIRE*****	Avenida Independência, 590	
34	1993***** - hoje	CABARET DO BECO ou Cabaret POA		
35	1967 - desconh.	Ratskeller	Rua Cristóvão Colombo, na curva dos bombeiros.	Restaurante de alta gastronomia.
36	déc. 80 - desconh.	Bistrô Pigalle¹	Na Rua Castro Alves, número 167 – entre as ruas Felipe Camarão e Ramiro Barcelos [...] (antes uma casa de chá).	
37	1968 - desconh.	Scavi	Avenida Independência, 588	

Alguns bares não foram localizados na pesquisa. Desta região, cita-se o Crazy Rabbit, o Bere & Ballare, a Discoate, Adega do Lajos, o Sheik e o La Locomotive (1964 -Para a inauguração da boate foi contratada a decoração do artista plástico Pérciles Gomide. A boate era em formato de trem estilizado. A cabine de som e o bar ficavam num vagão construído dentro do prédio. Neste vagão havia um apito de trem e um pequeno sino. Na parede lateral ficava uma tela de cinema onde eram projetados filmes em 16 milímetros, geralmente clássicos do cinema mudo, corridas de motos e imagens psicodélicas.****). Referências à Boate Vila Rica, do Salão Leopoldina Juvenil, que ao final dos anos 50 tinha destacada proeminência nas festas noturnas.

ROTEIRO DA DÉCADA DE 70:

A noite nos anos 70 em Porto Alegre tinha um roteiro. Começava pelo crepe da Torta de Panela, no Parcão. Barriga cheia, o povo rumava para a boate do Clube do Comércio, ou para o Barrico, no Petrópolis ténis Clube, ou a Vila Rica, no Leopoldina Juvenil. Quando sobrava dinheiro, as opções eram o Encouraçado Butikin, a Makumba, a Looking Glass e a Discoate. A noite acabava no Zé do Passaporte ou no Tia Dulce. No domingo, a ressaca pegava forte. Depois do almoço, na casa da mãe, era hora de ir para o Parcão, Redenção ou Timbuca, na Vila Assunção. E pra finalizar o domingo, a moçada atracava no Baile dos Magrinhos, no Sava Clube.*****

NOTAS:

¹ MELO, Itamar. Cinco restaurantes que deixaram saudade. <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/aniversario-de-porto-alegre/noticia/2013/03/cinco-restaurantes-que-deixaram-saudade-4072958.html>, em 04.06.13 às 17:28

² Informação no site do Arquiteto Dirceu Russi, responsável pelo projeto: <http://www.dirceurussi.com/projetos.html>

³ Informação em Folha da Tarde. Porto Alegre Dia e Noite. 07 de outubro de 1977.

* PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p.68

** PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p.28

*** PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. pp.125-128

**** PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p.54

***** PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p.119

***** PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p.75

***** Informação em <http://www.baladacerta.com.br/baladas.asp?idCasa=3793>

* PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p.52

** PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p.51

*** Informação em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/aniversario-de-porto-alegre/noticia/2013/03/cinco-restaurantes-que-deixaram-saudade-4072958.html>

**** VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p. 146

***** VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p. 147

***** Cidade Baixa em alta. Jornal Zero Hora. Capa 2º Caderno. Porto Alegre, 21/05/2003.

***** HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. À moda da casa: éticas e estéticas da cultura jovem no cenário contemporâneo do bairro Bom Fim, Porto Alegre. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte. Monografia de Especialização, 2011. p.11.

APÊNDICE I - Listagem dos filmes produzidos pela juventude (Bom Fim e Cidade Baixa)						
Tipo	Ano	Nome	Direção	Características	Resumo	Curiosidades
ALTERNATIVO	1981	DEU PRA TI ANOS 70	Nelson Nadotti e Giba Assis Brasil	Primeiro longa-metragem gaúcho, gravado em Super-8	<p>A narrativa se desenvolve sobre os encontros e desencontros de um casal de jovens, ao longo de uma década de convivência e compartilhamento de momentos importantes individuais e coletivos, como a frequência à Universidade, a participação no movimento estudantil, o envolvimento em ações subversivas, a participação em festas, o uso de drogas, etc.</p> <p>O filme desenvolve-se sobre ações e sociabilidades juvenis no decorrer da década de 70. Assim, representa seus espaços e ações sociais, como a frequência ao "Torta de Panela" (considerado espaço "burguês"), "Rib's" (considerado economicamente mais acessível) e o espaço "Sala 1 – Cinema Vogue", nos quais assistiam aos filmes de Fellini. Estes espaços situavam-se próximos à UFRGS, nos "altos" da Avenida Independência e seus arredores, e eram ponto de encontro para juventude, principalmente para os motorizados com "lambretas".</p> <p>Representando a politização estudantil, o filme apresenta o acesso dos Estudantes às Revistas Isto É e Veja, e os espaços frequentados para esta mobilização, à "Esquina Maldita".</p>	O título faz menção ao nome da canção de composição de Kleiton e Kleidir Ramil – representando a célebre frase "Deu pra ti", comumente utilizada na época, e representativa do sentimento deste momento – que se terminasse a década de 1970 - desejo espresso em pichações de muitas edificações, como representado no filme. No filme, participam os grupos de Teatro VEN DÊ SÊ SONHOS e o grupo FALTOU O JOÃO. Músicas de Nei Lisboa e Augusto Licks. Melhor Filme em Gramado, em 1981.
	1982	COISA NA RODA	Werner Schünemann	Longa-metragem, em Super-8	Conta a história de 4 amigos, que dividem um apartamento, de forma semelhante ao funcionamento de uma república ou casa de estudante, partilhando também comida, angústias e suas história, numa convivência muito harmoniosa, até a chegada de um quinto rapaz na casa, mais velho, e que permanece à parte desta organização.	Melhor Filme em Gramado, em 1982.
	1983	INVERNO	Carlos Gerbase	Longa-metragem, em Super-8	Conta a história de um rapaz, formado, que tem seu dia-a-dia dividido entre o emprego (trabalhando em área diferente a de sua formação), a família, os amigos e a namorada, e não se sente integrado a todos. Vive certa monotonia em dias nublados e cinzentos de inverno em Porto Alegre.	No filme, participa o grupo de Teatro VEN DÊ SÊ SONHOS. Melhor Filme Super-8 em Gramado, em 1983.
	1984	VERDES ANOS	Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil	Longa-metragem, em Super-8	Conta a história de um grupo de adolescentes vive suas preocupações cotidianas: futuro, reuniões dançantes, brigas de namoro, conflitos com os pais, em plena década de 1970, em meio à repressão política e à ideologia do "milagre brasileiro". Durante três dias eles vivem seus "verdes anos".	

APÊNDICE J - Listagem dos Cinemas (Centro, Bom Fim e Cidade Baixa)					
Bairro	Tipo	Período	Nome	Endereço	Curiosidades
Independência	alternativo	(1959 - desconh.)	Sala 1 Cinema Vogue	Avenida Independência, 640	cinema "cult"
		(déc. 1930 - desconh.)* (1941 - 2000)**	Baltimore	Avenida Osvaldo Aranha, 1060	cinema alternativo
Bom Fim	programação normal	(1967 - 1977)* (1970 - 1975)**	Mini Baltimore	Avenida Osvaldo Aranha, 1058	Ciclo de cinema - cinema "cult". Transforma-se na sala Baltimore 3.
		(1977 - desconh.)* (1975 - desconh.)**	Bristol		
	alternativo	aproxim. 1917 - desconh.	Cine Rio Branco	AV. PROTÁSIO ALVES, 274 - entre as Ruas Giordano Bruno e Miguel Tostes.	Entre as Ruas Giordano Bruno e Miguel Tostes. Atualmente existem 2 edifícios no lugar do antigo cinema: um de numeração desconhecida, que abriga, no prédio, as lojas Divina Presença e Bom Preço, e o número 274, que abriga, no térreo, as lojas femininas Tauchen e Secreta Vaidade.
		desconh.	Cine Atlas	Avenida Protásio Alves,	Esquina com Rua Alcidez Cruz.
		(1923-1926) (1929-desconh.) (1986-1996)	Cine Avenida	Avenida João Pessoa,	(Ex-Cine América). Primeir edifício foi parcialmente destruído numa ventania, em 1926. Permaneceu fechado para reformas e reabriu em novo prédio, em 1929.Programação comercial
Cidade Baixa		(1914 - desconh.)	Cine ABC	Rua Venâncio Aires, 77	Ciclo de cinema - cinema "cult"
		(1995 - hoje)	Guion Center Cinemas	Rua Lima e Silva, 776 lj. 11	

NOTAS:

* PICADA, Josiane. Baltimore se expande e seduz os espectadores. Zero Hora. Cinema.

** RIBEIRO, Milton. A migração dos cinemas de Porto Alegre (Parte 2 – alguns bairros). <http://miltonribeiro.sul21.com.br/2012/10/21/a-migracao-dos-cinemas-de-porto-alegre-parte-2-alguns-bairros/> (Publicado em 21 de outubro de 2012)

APÊNDICE L - Listagem dos Teatros (Centro, Bom Fim e Cidade Baixa)				
Bairro	Período	Nome	Endereço	Curiosidades
Bom Fim	aprox. 1968.	Centro de Arte, Sensibilização e Aprendizagem (CASA)*	Rua Barros Cassal,	Ali funcionavam cursos e ensaiavam-se espetáculos.
	aproxim. 1950 - desconh.	Clube de Cultura	Rua Ramiro Barcellos,	
Cidade Baixa	aprox. 1968.	CAD	Rua Venâncio Aires, 588	
	(1967-1979) + (1988 - hoje)	Teatro de Arena	Avenida Borges de Medeiros,	Foi fundado por um grupo de artistas do Grupo de Teatro Independente, liderados por Jairo de Andrade. A época era da ditadura militar, e Teatro se caracterizou pela sua atuação politicamente engajada, criticando o regime. Por fatores econômicos, foi dissolvido em 1979. Em 1988, foi considerado de utilidade pública e então foi incorporado pela Secretaria Estadual da Cultura. Foi reformado e reaberto em 1991.
	(1978 - 1984)	Teatro Ói Nós Aqui Traveiz (Grupo Terreira da Tribo)**	Endereço desconhecido	O espaço inicia-se com o grupo.
	(1984 - 1999)	Terreira da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz (Grupo Terreira da Tribo)**	Rua José do Patrocínio, 527	Trata-se de um centro de experimentação e pesquisa cênica . Uma Escola de Teatro Popular (de rua). A organização da Tribo é baseada no trabalho coletivo, tanto na produção das atividades teatrais como na manutenção do espaço. Terreira de Todas as Tribos é samba enredo da Escola de Samba Unidos da Zona Norte no Carnaval de Porto Alegre de 1999, homenageando a trajetória do grupo Ói Nós Aqui Traveiz. Neste ano a Terreira da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz muda-se para o bairro Navegantes, onde permanece até agora, na Rua Santos Dumont, 1186 - Bairro São Geraldo. Atualmente também dispõe de Território Cultural, à Rua João Alfredo, 709. Na casa da frente do antigo endereço, hoje encontra-se o Bar Apolinário.
	desconh.	Teatro de Câmara		
NOTAS:				
*Informação obtida em contato com a pesquisadora Maria Luiza Martini, via e-mail, para verificações de informações sobre seu artigo "Maio de 1968 no Rio Grande do Sul", em HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org.s) 1968: Contestação e utopia. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. pp. 109-120.				
** Informação no site do Grupo Teatral Terreira da Tribo: http://www.oioisquitraveiz.com.br/testes/historia.html				
*** Informação no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_de_Arena_de_Porto_Alegre				

APÊNDICE M - Listagem dos grupos de teatro (Bom Fim e Cidade Baixa)					
Nº	Período	Nome	Atuação/Ensaio	Composição	Curiosidades
1	1968	Grupo de Teatro Província*	Atuação no Centro de Artes Dramáticas - Avenida Venâncio Aires, 588		
2		Vem-Dê-Sê Sonhos		Marco, Kala, Cleide, Carioca, Angel, Rosa, Márcia, Cláudia, Ricardo, Martinha e Wanderlei	Participou dos Filmes "Deu pra ti, anos 70" (1981) e "Inverno" (1983).
3		C. T. Balaio de Gatos			
4		Ói Nós Aqui Traveiz**			
5		Faltou o João		Nico, Grüber, Ivonete, Werner e Elisa	Participou dos Filmes "Deu pra ti, anos 70" (1981).
6		Grupo Humberto Mauro		Participaram os depoentes Helton Bello, Júlio Reny e Nei Lisboa.	Além das peças teatrais e ensaios, o grupo montava sessões especiais no domingo pela manhã, no Bristol. Alugava filmes raros (nacionais e importados) e dividia o custo da locação entre os que assistiam às sessões.**
Demais grupos referenciados em propaganda do Cio da Terra: Esperando Godot, Vinte prás oito, Rainer Vianna, Linha de Montagem, In Vino Veritas.					
NOTAS:					
*MARTINI, Maria Luiza. Maio de 1968 no Rio Grande do Sul. In: HOLZMANN, Lorena, PADRÓS, Enrique S. (org.s) 1968: Contestação e utopia. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. pp. 109-120.					
*Informação no site do Grupo Teatral Terra da Tribo: http://www.oinoisquitraveiz.com.br/testes/historia.html					
** PEDRAZZI, Iria. As sessões malditas do Bristol.					

APÊNDICE N - Listagem das Casas de Estudantes (Centro, Bom Fim e Cidade Baixa)						
Bairro	Gênero	Período	Nome		Endereço	Curiosidades
Bom Fim		(1953 - hoje)	CASA DE ESTUDANTES DE SANTA CRUZ		Rua Tomaz Flores, 278	Só recebia (e só recebe, ainda) estudantes vindos da cidade de Santa Cruz, no estado do RS, e mediante seleção da diretoria da casa.
Centro	Casa de Estudante Masculina	1956 - hoje	CASA DO ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – CEUFRGS		Avenida João Pessoa, 41	A entidade é resultante da fusão da antiga CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO SUL (masculina, do início da década de 1950) com a CASA DA ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL (CEUFRGS) (feminina) (originária da residência das estudantes da Escola de Enfermagem - feminina, do início da década de 1950) .
		1934 - hoje	CASA DE ESTUDANTE APARÍCIO CORA DE ALMEIDA - CEUACA		Rua Riachuelo, 1355	Surge no início da década de 1930, a partir de uma mobilização estudantil por moradia para alunos carentes. Em 1934, estudantes da Faculdade de Direito fundam a "Casa do Estudante" - instituição sem sede própria que se utilizava de diversos espaços, muitas vezes inadequados as suas funções. Em 1944, o casal Israel Almeida e Maria Antônia Cora de Almeida doa o prédio do antigo edifício Almeida ao Estado para que ali fosse construída a Casa do Estudante do Rio Grande do Sul, motivados pela morte de seu filho, Aparício Cora de Almeida - um destacado líder estudantil, que participou de uma grande campanha em prol da assistência social aos estudantes universitários carentes. Era Somente masculina, até a década de 1980, quando começou a receber mulheres.
		1950 - ?		Unidade "CASA"	Rua General Vitorino (nº desconhecido)	Primeira casa de estudantes da entidade. Formada pela Associação dos Ex-Alunos do Colégio Sinodal (AEACS), de São Leopoldo, para abrigar os ex-estudantes daquele estabelecimento de ensino, em Porto Alegre. Chamava-se "CASA DO EX-ALUNO DO COLÉGIO SINODAL". Disponibilizava 20 vagas.
		(1954 - hoje)	CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO DE PORTO ALEGRE (CEUPA)(1968) - EX - CASA DO EX-ALUNO DO COLÉGIO SINODAL E EX - CASA DO ESTUDANTE EVANGÉLICO DO RGS (CEERGS) e EX - CENTRO EVANGÉLICO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO SUL (CEURGS)		Unidade Sarmento Leite - CASA I	Rua Sarmento Leite, 1053
(1960 - 1967/68)		Unidade Sarmento Leite - CASA II		Rua Sarmento Leite, 631	Terceira casa de estudantes da entidade. Criada pela necessidade de ampliação de vagas. Disponibilizava 21 vagas. Alguns anos após a abertura desta unidade, a casa troca de nome para CASA DO ESTUDANTE EVANGÉLICO DO RGS (CEERGS). A Casa II sofre ação de despejo e precisa remanejar alunas. Há alteração da entidade para CENTRO EVANGÉLICO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO SUL (CEURGS) e aquisição de duas novas casas, entre 1967/1968. A casa era mista ao final do ano de 1967.	
(1967/68 - hoje)		Unidade Luís Afonso		Rua Luís Afonso, 347	Em 1968 a entidade passa a se chamar CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO DE PORTO ALEGRE (CEUPA). Inicialmente masculina, a casa posteriormente passou a receber estudantes do sexo feminino, mas antes da alteração, já havia uma única moradora na residência.	
Cidade Baixa	Casa de Estudante Feminina	(1967/68 - hoje)		Unidade José do Patrocínio	Rua José do Patrocínio, 648	Recebeu à sua abertura as estudantes que precisavam ser deslocadas da Casa II. A casa posteriormente passou a receber estudantes do sexo masculino.

APÊNDICE O - Listagem dos espaços de lazer noturno dos altos da Av. Protásio Alves (1964 - 2006)				
Nº	Período	Nome	Endereço	Curiosidades
1	antes de 1968	Wiscaya ¹ ou Viscaya ²	Desconhecido	Pedida do local: Estrogonofe com Chateau Duvalier Rosé, ao som de Beatles e Johnny Rivers (jantar clássico). Foi nele também que os egressos do Congresso da UNE de 1968 foram recepcionados, com urros. ² Proprietários: Ieda Maria Vargas e seu marido, José Carlos Athanázio. ¹
2	desconh.	Bacco ¹	Do outro lado da rua, em relação ao Wiscaya, próximo à delegacia de polícia	Propriedade de Flávio Pinto Ribeiro. Era um bar pequeno mas muito acolhedor. A decoração era do artista plástico Péricles Gomide e a frequência era de belas mulheres e jovens rapazes. ¹
3	desconh.	Bond'Eu ¹	Em frente ao Bacco	Proprietário: Dudu Alvarez.
4	desconh.	Van Grogue ¹	Acima do Bacco, na mesma calçada	A iluminação usava lâmpadas dentro de garrafas de caso escuro. Ofereciam sanduíches abertos, petiscos e mais dois ou três pratos. Um era famoso: o picadinho Maria Luísa, com carne picada, arroz, farofa e ovo.
5	1965 ¹ - hoje	Bar e Restaurante Prinz ¹	Acima do Van Grogue	Conhecido e apreciado por seus saborosos filés. Considerado um dos melhores restaurantes da cidade. Hoje é só restaurante.
6	desconh.	Stardust ¹	Av. Protásio Alves,	Tinha fachada azul, com pequenas lâmpadas que formavam um céu de estrelinhas piscando. Hoje seria chamada de discoteca. ¹
7	desconh.	Scherazade ¹	Av. Protásio Alves,	
8	desconh.	Paddock ¹	Av. Protásio Alves,	
9	desconh.	bar Construção ¹	Av. Protásio Alves,	
10	desconh.	Fritz ²	Av. Protásio Alves,	
11	desconh.	Zambalu ¹	Av. Protásio Alves,	Tinha linda decoração de máscaras africanas
12	desconh. - hoje	Restaurante São Rafael	Av. Protásio Alves,	
13	desconh.	Cinema Ritz	Av. Protásio Alves,	
14	desconh. - hoje	Sorveteria	Av. Protásio Alves,	
15	desconh.	Pizzaria Forno	Av. Protásio Alves,	
16	desconh.	Snoopy Bar	Av. Protásio Alves,	
17	desconh.	Caverna do Ratão	Av. Protásio Alves,	
18	desconh.	Porto de Elis	Av. Protásio Alves,	
19	desconh.	Barranco	Av. Protásio Alves, 1578	
20	desconh.	Barrico ¹	no Petrópolis Tênis Clube	
21	desconh. - hoje	Trianon	Av. Protásio Alves,	
22	desconh.	Tívoli	Av. Protásio Alves,	Perto do Colégio Israelita
Alguns bares não foram localizados na pesquisa. Desta região, cita-se o Regional (à Avenida Protásio Alves).				
NOTAS:				
¹ PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha. Embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra & Vida: Editora da Cidade, 2012. p.146				
² De bar em bar, na noite de Portinho. Zero Hora. Tribos e Bares. Especial Zero Hora 30 anos. 30 de abril de 1995. p. 12				

APÊNDICE P - Listagem dos espaços de lazer noturno da Av. 24 de Outubro (1964-2006)				
Nº	Período	Nome	Endereço	Curiosidades
1	desconh.	AMARELINHO	Avenida Plínio Brasil Milano, antes da Crocco, do mesmo lado da rua.	Ao lado da "CROCCO", separado por alguns lotes, antes da Rua Marcelo Gama.
2	1978**	CROCCODILUS	Avenida Plínio Brasil Milano, do lado esquerdo sentido bairro - centro.	Conhecida como "CROCCO". Posteriormente no mesmo lugar funcionou a CHALLENGER. Neste período, no anexo (talvez subsolo) funcionava uma boate para público mais velho, equivalente ao Clube da Saudade, na Cidade Baixa, com entrada pela lateral.
3	desconh.	CHALLENGER		
4	desconh. - até hoje	PAIOL		Avenida Plínio Brasil Milano, 64
5	desconh.	GUT-GUT	Avenida Plínio Brasil Milano	Ficava em Frente à "CROCCO". Possivelmente seja a loja Dominó - nº 56 lj 1, mesma do Paiol.
6	desconh.	KILT BAR	Rua Silva Jardim	Seus porteiros ficavam vestidos de escocês, de saia kilt. Posteriormente no mesmo lugar funcionou o "LEI SECA" e o "A TORRE".
7	desconh.	LEI SECA		Anteriormente funcionou como bar Lei seca.
8	desconh.	A TORRE		Anteriormente funcionou como Bar A Torre
9	desconh.	433	Rua Silva Jardim, 433.	O número não foi encontrado no local. Atualmente existem 2 casas adjacentes, de número 425 e 449, sendo a última à esquina com a Rua Fabrício Pillar.
10	desconh.	BOTECO (PARA AQUECIMENTO)	Avenida Plínio Brasil Milano, na esquina com a Rua Silva Jardim.	No número 61 se encontra a Loja Arte com Ferro, bem na esquina. Antes e adjacente a esta, existe uma sapataria, sem número. Talvez seja o mesmo Pingas e Pinguins.
11	desconh.	PINGAS E PINGUINS	Avenida Plínio Brasil Milano, na esquina com a Rua Silva Jardim.	No número 61 se encontra a Loja Arte com Ferro, bem na esquina. Antes e adjacente a esta, existe uma sapataria, sem número. Talvez seja o boteco "de aquecimento".
12	desconh.	STATION		Especializado em batidas. A divulgação era feita por cartões escritos à mão, pela dona. Seu slogan era "batidas maliciosamente alcoólicas".
13	desconh.	LOURIVAL	Av. Plínio Brasil Milano, entre Ruas Mariland e N. York, do lado direito sentido bairro - centro	Possivelmente no nº 1470. Atualmente fechado.
14	desconh.	KILT BAR		Seus porteiros ficavam vestidos de escocês, de saia kilt. Posteriormente no mesmo lugar funcionou o "LEI SECA" e o "A TORRE".
15	1987 - 1997	FIM DE SÉCULO CLUB	Av. Plínio Brasil Milano, 427	Boate GLS. Atualmente no local encontra-se a NEO*.
16	1997 - hoje	NEO		Boate GLS.
17	desconh.	BIATUÊ		Quase em frente ao FIM DE SÉCULO.
18	desconh.	ICE	Rua Nova York	
19	Aprox. 1994	ZAPPA BAR	Avenida 24 de Outubro, quase esquina com a Rua Lucas de Oliveira, à esquerda sentido bairro - centro.	Possivelmente ao lado da edificação 1363 (Sleep Shop) - atualmente Tia Zeffa Lanches, ou no nº 1909 - atualmente loja NEXTEL. Quase ao lado do antigo AVENIDA PAULISTANA.
20	Aprox. 1994	AVENIDA PAULISTA	Avenida 24 de Outubro, quase ao lado do Zappa Bar	Possivelmente ao lado da edificação 1363 (Sleep Shop) - atualmente Tia Zeffa Lanches, ou no nº 1909 - atualmente loja NEXTEL. Quase ao lado do antigo ZAPPA BAR.
21	desconh.	KAFKA	Avenida 24 de Outubro, entre Rua Lucas de Oliveira e Rua Xavier Ferreira, do lado esquerdo sentido bairro - centro	
22	desconh.	PARALELO 18		
23	Aproxim. 2005	BUTIQUIM DO SAMBA	Av. Plínio Brasil Milano	
24	Aproxim. 2005	BODEGA	Av. Plínio Brasil Milano	

Alguns bares não foram localizados na pesquisa. Desta região, cita-se o Ghotam City, Crocodilus (Challanger), Amarelinho, Boteco dos "aqueces", 433, Kilt (Lei Seca/A Torre), Biatuê, Zappa Bar, Avenida Paulista e América e Manhattan. Talvez sejam da região: Bunker, Berlim, Tuim.

NOTAS:

* Informação em <http://www.baladacerta.com.br/baladas.asp?idCasa=3793>

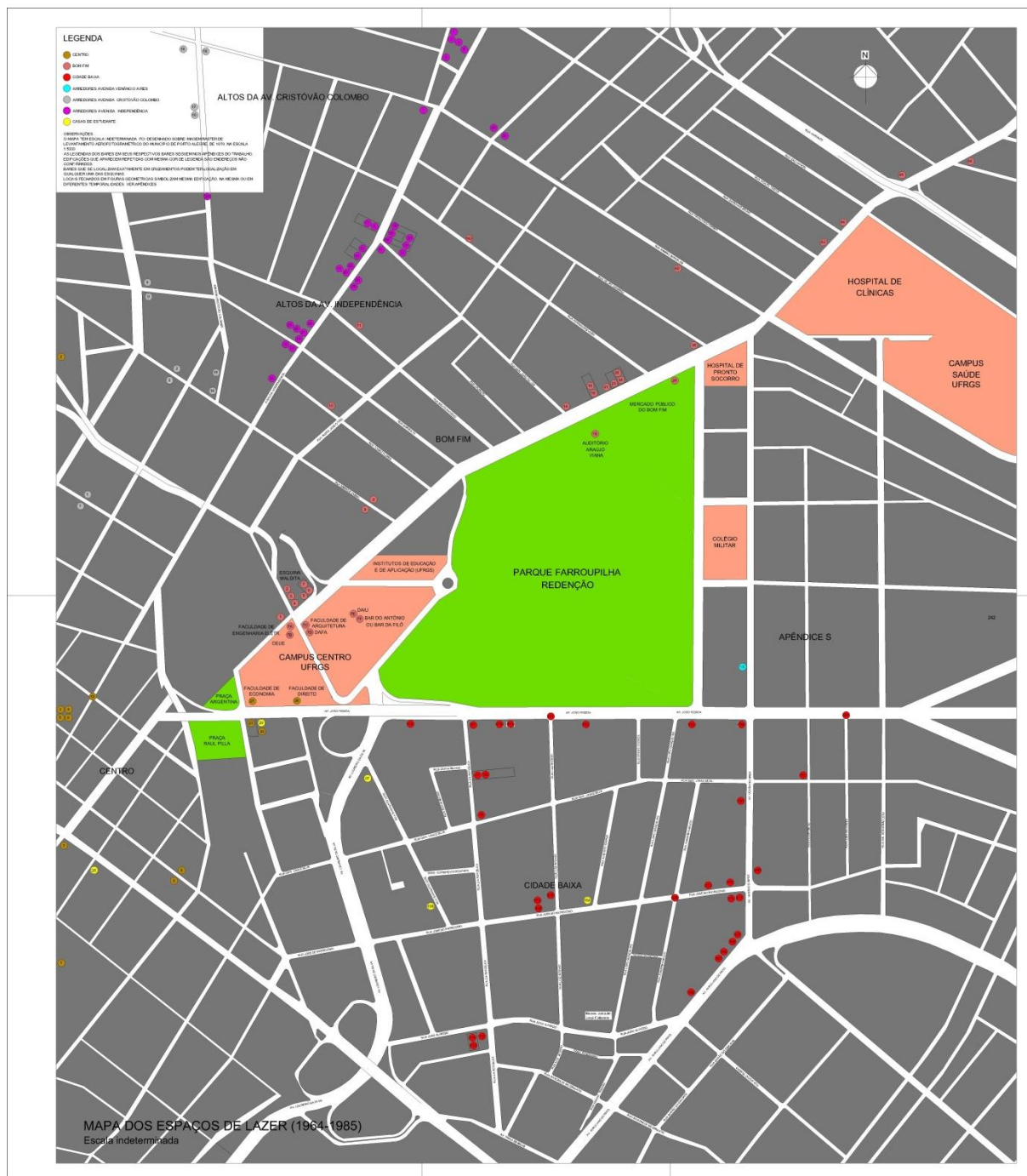
** Cidade Baixa em alta. Jornal Zero Hora. Capa 2º Caderno. Porto Alegre, 21/05/2003.

APÊNDICE Q - Espaços Históricos da Baixa Cidade				
Nº	Período	Nome	Endereço	Curiosidades
1		BAIXA CIDADE	Tal como ficou conhecida, desde meados do século passado, toda a região situada ao sul da colina da Rua Duque de Caxias. Sendo constituída a princípio apenas pela Rua do Arvoredo, que nasceu ainda no século XVIII, nos tempos da Vila, ampliou-se progressivamente à medida que o povoamento se estendia para a chamada Praia do Riacho (hoje Rua Washington Luís), para a Varzinha (hoje Demétrio Ribeiro) aberta a meio caminho entre a Arvoredo e a Praia do Riacho, para a Rua da Figueira (atual Cel. Genuíno), para a Rua da Olaria (Lima e Silva) e sua transversal, que é a Sarmento Leite ¹ .	
2		COLÔNIA AFRICANA	Atual bairro Rio Branco ²	Assim como o Areal da Baronesa, a Ilhota e as Travessas Pesqueiro e a Av. Luiz Guarana ³ , era considerada área perigosa.
3		EMBOSCADAS³	“Essa região que os antigos conheceram como “Emboscada” limitava-se, mais ou menos, entre a Venâncio Aires e a República, João Pessoa e hoje desaparecidas margens do Riachinho”. ⁴ “[...] o espaço compreendido entre as Ruas Lopo Gonçalves, Luiz Afonso, República e Concórdia (atual José do Patrocínio) e ia morrer à margem do Riachinho. Era um trecho de terra e mato conhecido, desde longa data, pelo nome de “Emboscadas”. ⁵	Durante a escravatura, essa zona era famosa e tomou o nome de “emboscadas” ⁶ . Os escravos que se revoltavam contra a tirania do seu dono, fugiam e encontravam naquele lugar um esconderijo dos maus tratos do cativo, porque a mata era espessa e eles encontravam, ali, frutas silvestres para se alimentarem. Dali seguiam, cedo da manhã seguinte, para pouso distante, antes de serem capturados pelo capitão do mato. A área era quase intransitável, pela quantidade de obstáculos, como moitas, capões, árvores, macegas, matos cerrados e outros acidentes. ⁷
4		PRAÇA DE TOUROS	Funcionava na esquina da Rua da Concórdia (José do Patrocínio) com a Rua da República. ⁸	
5		AREAL DA BARONESA	Área integrante da Chácara da Baronesa do Gravataí. ⁹	O loteamento do Areal da Baronesa se deu em 1879, subdividindo-a em ruas. ⁹
6		OLARIAS	No mapa de 1839, podemos ver, na legenda, que a área escolhida por Juca foi também à escolhida por vários Oleiros. Dos números 76 a 80 da legenda, da figura a seguir – um recorte do mapa histórico da Cidade, em 1839, há listagem de quatro olarias com seus devidos posicionamentos no mapa, e identificação do proprietário. São elas, em ordem crescente: Olaria do Pinheiro, do Joãozinho, do Jerônimo, do Tristão e do João Ignácio. Isso vem a comprovar o caráter da região para este serviço, devido ao tipo de solo existente no local. (ANEXO A)*	Nesta época, o Riacho era mais largo do que no momento de sua canalização, e se desenvolvia desde a sua embocadura com o Guaíba, até a ponte da Azenha. O arroio tomava largura e se bifurcava, indo num dos seus braços até a Olaria do Juca, estabelecida pelas proximidades da Igreja do Carmo, à margem dessa rua que, desde então, passou a ter o nome de Rua da Olaria. Pelo caráter do uso do riacho - para escoamento da produção local - descia da azenha com os trigo produzido lá, somado ao solo da região, argiloso, o local se tornou o lugar adequado para as olarias.*
7		RIACHO	Desenho retirado dos Mapas Históricos Municipais.	
8		CASA DO PRÍNCIPE NEGRO JOSÉ CUSTÓDIO JOQUIM DE ALMEIDA	Rua Lopo Gonçalves, 498**	Príncipe africano que morava na Cidade Baixa. Os fundos de sua casa dava para a rua dos Venezianos (atualmente Joquim Nabuco). A partir de ter mudado para Aquela rua, ela passou a ser preferida pelos negros. Desenvolveu religiosidade africana (batuque) e atendeu Borges de Medeiros, Júlio de Castilhos e Getúlio Vargas.**
9		ILHOTA	Este lugar ocupava os limites do atual quarteirão dividido nas quadras que abrigam, atualmente, o Centro Municipal de Cultura, A Vila do Tesourinha e o Ginásio de Esportes que dá nome à ocupação, sendo, mais precisamente, no local deste último e de parte da vila, o posicionamento correto da pequena ilha.***	Um lugar tipicamente negro, no território da Baixa Cidade era a Ilhota. Consagrado local de pobreza, beberegem, baderna e perigo, fôra território temido durante décadas.***

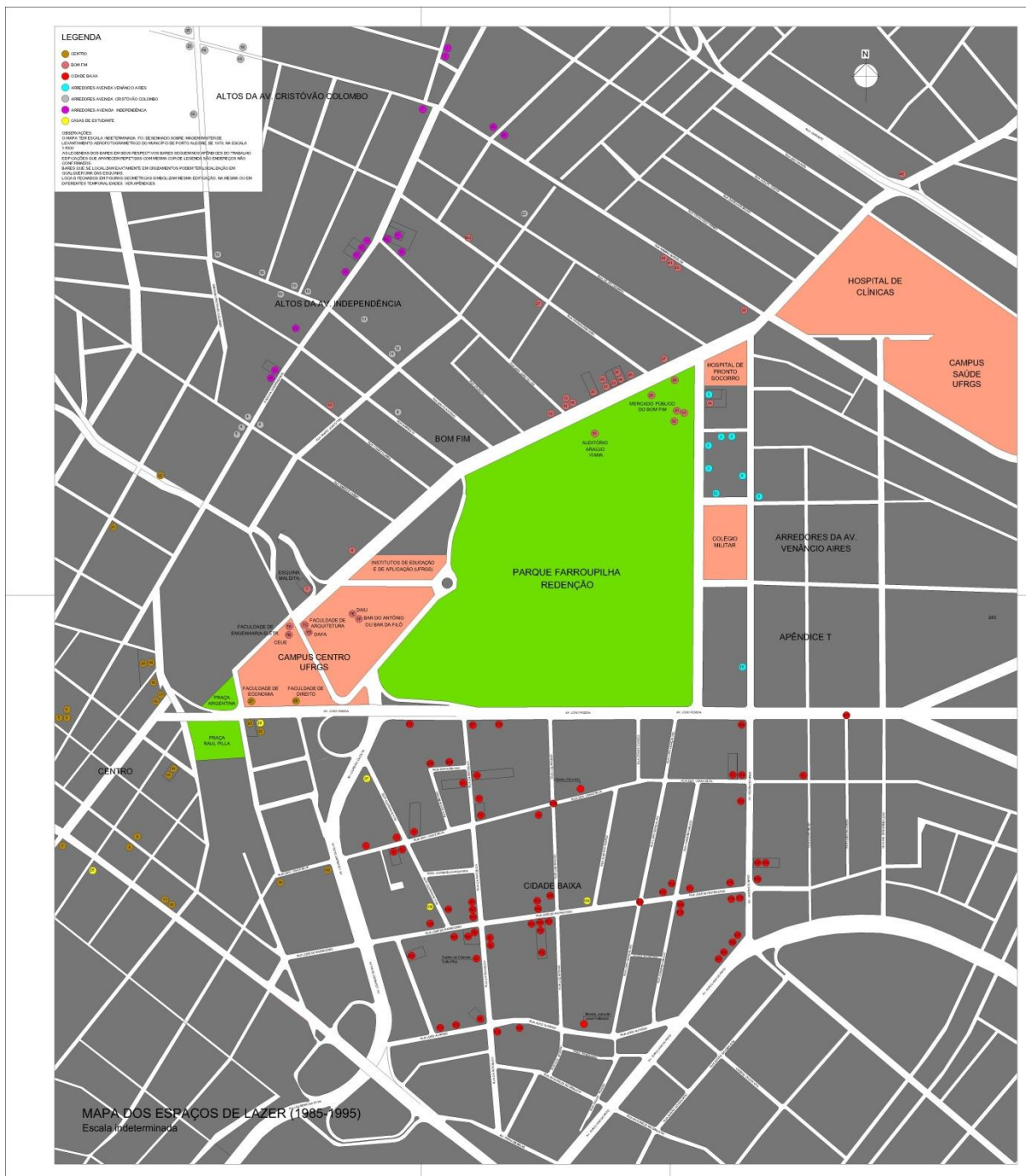
10		MATADOURO DO MINGOTE PENELLA	ficava entre o ex-Cinema Avenida e a Rua Quatro Jacós, antiga ponte do Menino Deus. Ai se esfolava o animal e o couro era estaqueado precisamente onde hoje é a Praça Garibaldi*****	A área para matadouro foi escolhida próxima do Arroio Dilúvio, para dar vazão ao sangue e detritos próprios da atividade.*****
11		POTREIRO DA VÁRZEA	Na atual Av. Venâncio Aires, entre a Praça Garibaldi e a Av. João Pessoa. ⁹	O loteamento do "Potreiro da Várzea" se deu em 1877. ⁹
<p>Alguns bares não foram localizados na pesquisa. Desta região, cita-se o Cavallo Branco.</p> <p>NOTA:</p> <p>¹ FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998. p.111-112.</p> <p>² MAUCH, Cláudia. Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890. In: Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade. Vargas, Anderson Zalewski; Mauch, Cláudia e Elmir, Cláudio Pereira. (org.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p.10</p> <p>³ MARQUES, Olavo Ramalho. Entre a avenida Luís Guarânia e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre. 2006. 165p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.</p> <p>⁴ SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p. 208</p> <p>⁵ PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940. p. 59.</p> <p>⁶ SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.203.</p> <p>⁷ PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940. p. 59</p> <p>⁸ FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998. p. 113.</p> <p>⁹ FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998. p.112</p> <p>* Detalhe da planta da Cidade de Porto Alegre, 1839. Autor: Luís Pereira Dias. Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal</p> <p>** 1 Pai Custódio, um príncipe africano na Cidade Baixa. Zero Hora, 25 de junho de 1989. DORNELLES, Renato. Príncipe Negro viveu em Porto Alegre. Memória. Zero Hora, 15 de julho de 1995. p. 63.</p> <p>*** Conforme mapa 1 (p. 166) e mapa 2 (p. 203) da Dissertação de Mestrado em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre de Íris Graciela GERMANO, intitulada "Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40." 1999. 278p.</p> <p>****SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.14.</p> <p>***** MACEDO, Francisco Riopardense de. História de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p.45.</p>				

APÊNDICE R - Listagem de depoentes - Entrevistas abertas								
Núm. Entrevistado	Entrevistado	Autoriza	Sexo	Idade	Profissão	Origem	Relação com o local	Familiaridade com o local em sua época de atuação
1	Andrea Martins	pseudônimo	F	30	Arquiteta	Vila Nova	Ex-morador CB/Usuário	Alta
2	Frank Jorge	nome	M	40	Músico	Bom Fim	Morador BF/Usuário	Média/Baixa
3	Cristiane Santos	pseudônimo	F		Funcionária Empresa privada	Cidade Baixa	Usuário	Média/Alta
	Luciano Telles	pseudônimo	M				Usuário	Alta
4	Eduardo Montelli	pseudônimo	M	41	Funcionário Público	Espírito Santo	Usuário	Média
5	Vânia Reck	pseudônimo	F	47	Arquiteta	Alto Petrópolis	Usuário	Mínima
6	Júlio Caetano da Silva	nome	M	51	Arquiteto	Auxiliadora	Ex-morador CB/Usuário	Média/Alta
7	Álvaro Santi	nome	M	42	Funcionário Público, músico e poeta	Santana	Ex-morador CB/Usuário	Média/Baixa
8	Renato Costa	pseudônimo	M		Arquiteto	Jardim Botânico	Ex-morador BF/Usuário	Média
9	Nei Lisboa	nome	M	48	Músico	Santa Cecília	Ex-morador BF e CB/Usuário	Mínima
10	Júlio Reny	nome	M	48	Músico	Cidade Baixa	Ex-morador CB/Usuário	Mínima
11	Helton Bello	nome	M	48	FP - Arquiteto	Jardim Botânico	Ex-morador CB e BF/Usuário	Alta
12	Tagôre Rodrigues	nome	M	53	FP - Historiador	Centro	Ex-morador CB e BF/Usuário	Alta
13	Carlos Gerbase	nome	M	48	Autônomo/ Professor Universitário	Farroupilha	Ex-morador BF/Usuário	Média/Baixa
14	João Telmo de Oliveira Filho	nome	M	38	FP - Advogado	Cidade Baixa/POA	Ex-morador CB/Usuário	Mínima
15	Carlos Alberto Sant'Ana	nome	M	43	FP - Arquiteto	Petrópolis	Ex-morador CB/Usuário	Média
16	Elton Campanaro	nome	M	46	FP - Arquiteto	Cidade Baixa	Morador CB/Usuário	Alta
17	Paulo Reyes	nome	M	44	Arquiteto	Centro	Ex-morador CB/Usuário	Média/Baixa
18	Cláudia Aristimunha	nome	F		Historiadora			
	Ângela Mendes	nome	F					
19	Mário Fernandes	nome	M		Comerciante	Aveiros/Portugal	Dono de Bar	Alta

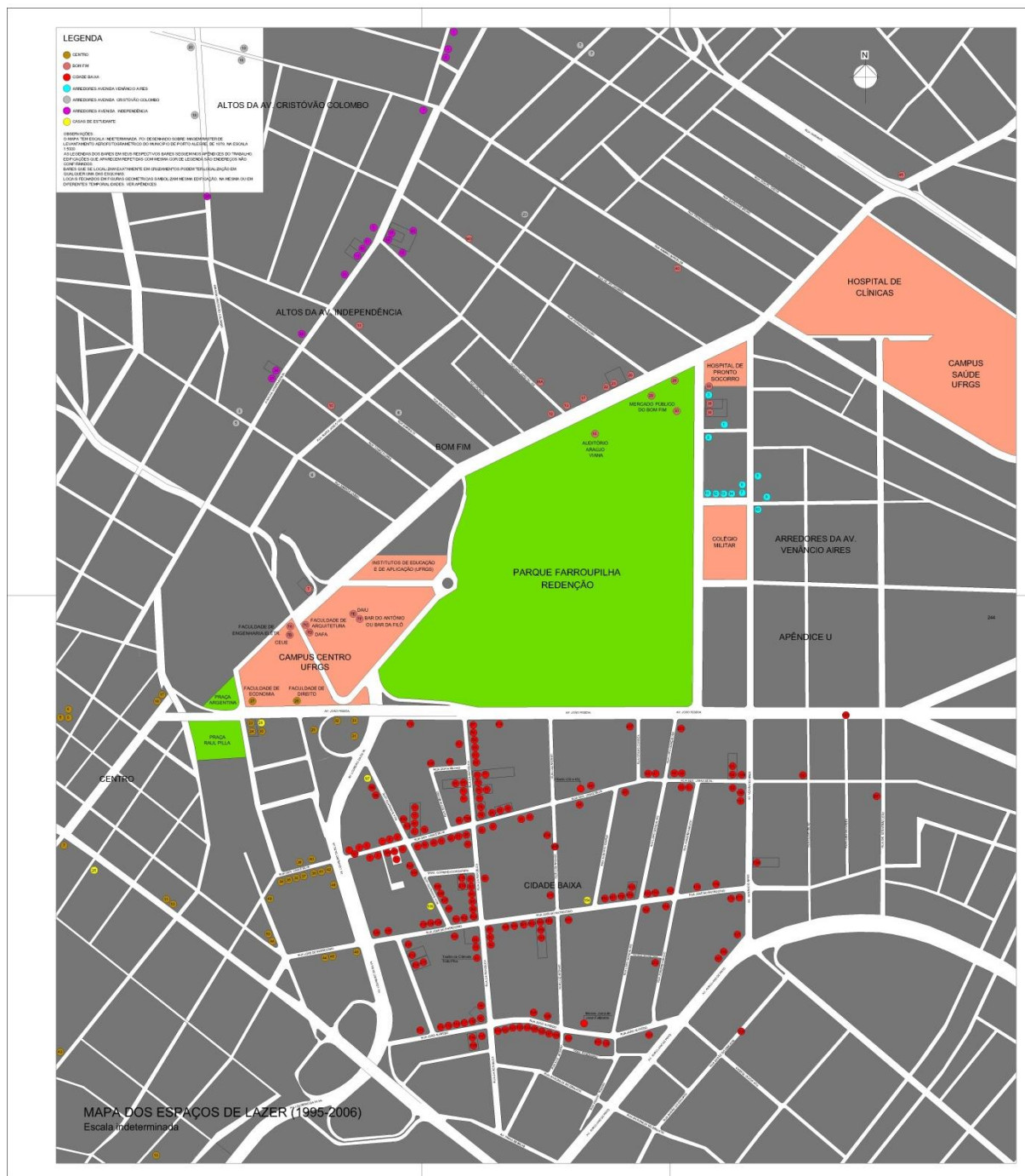
APÊNDICE S - Mapa dos espaços de lazer noturno Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Avenida Independência e Avenida Cristóvão Colombo (1964 – 1985)



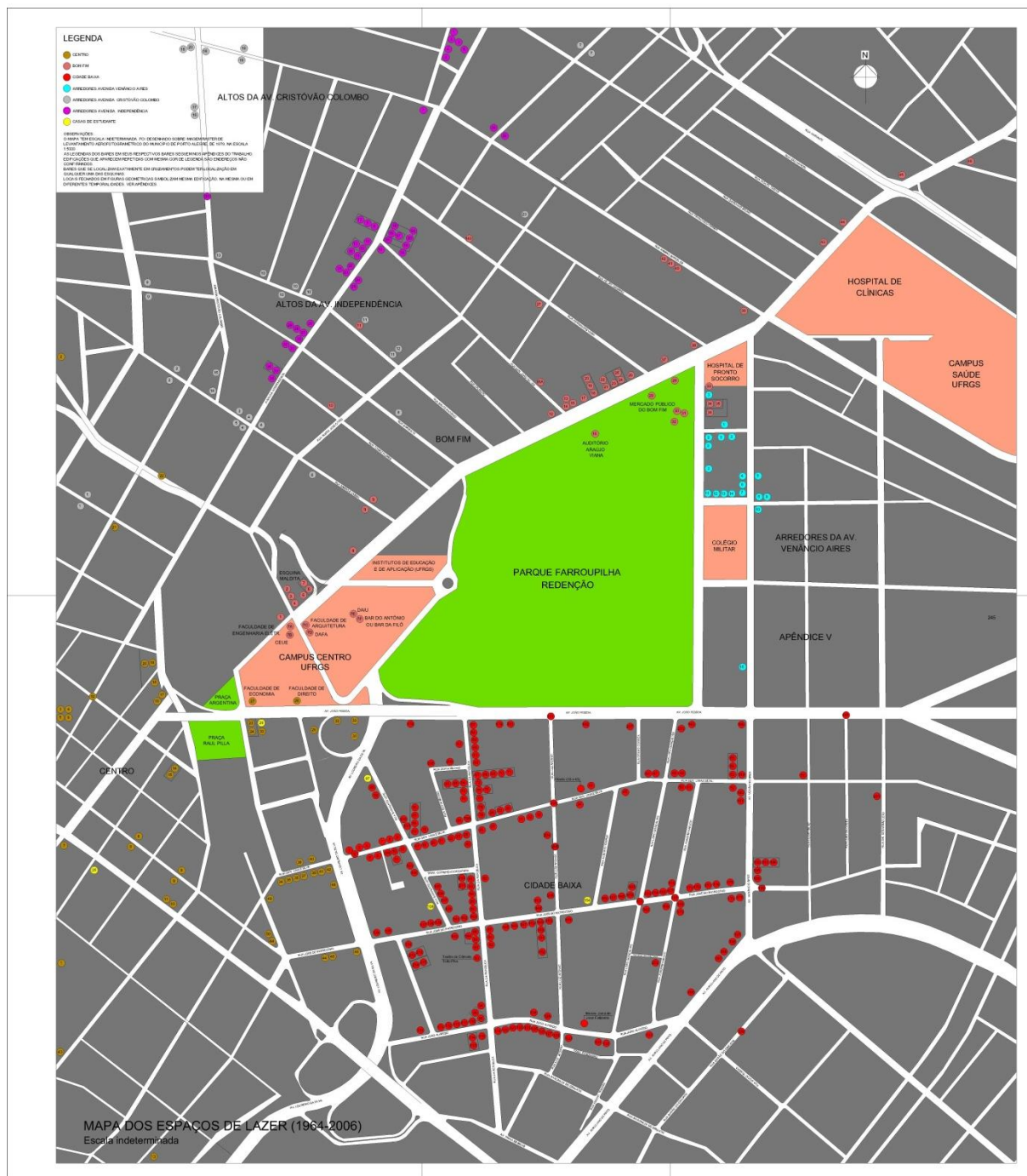
APÊNDICE T - Mapa dos espaços de lazer noturno Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Avenida Independência e Avenida Cristóvão Colombo (1985 – 1995)



**APÊNDICE U - Mapa dos espaços de lazer noturno Centro, Bom Fim, Cidade Baixa,
Avenida Independência e Avenida Cristóvão Colombo (1995 – 2006)**



APÊNDICE V - Mapa dos espaços de lazer noturno Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Avenida Independência e Avenida Cristóvão Colombo (1964 – 2006)



ANEXO A - Recorte da planta da Cidade de Porto Alegre, 1839. Autor: Luís Pereira Dias.



Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal.

ANEXO B - Recorte de Planta da Cidade de Porto Alegre pelo Engenheiro Henrique Breton, 1881.



Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal.

ANEXO C - Recorte de Planta da Cidade de Porto Alegre pelo Engenheiro Militar João Cândido Jacques, 1888.



Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal.

ANEXO D - Recorte de Planta da Cidade de Porto Alegre por Alexandre Ahrons, 1896.

Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal

ANEXO E – Recorte de Porto Alegre Antigo, 1906. Mapa Histórico. Escala Gráfica.



Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal

ANEXO F - Recorte da Planta da Cidade de Porto Alegre. Plano Geral de Melhoramentos por Moreira Maciel, 1914.



Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.

ANEXO G - Recorte da Planta da Cidade de Porto Alegre. Prefeitura Municipal. 1935.
Compilada e desenhada por F. Billanca.



Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal

**ANEXO H - Recorte da Planta da Cidade de Porto Alegre. Prefeitura Municipal. 1937.
Direção Geral de Obras e Viação. Organizada pela Direção de Cadastro e Patrimônio na
administração do Prefeito Major Alberto Bins.**



Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal

ANEXO I - Recorte da Planta da Cidade de Porto Alegre. 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre. 1959



Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal

ANEXO J - Recorte do Levantamento Aerofotogramétrico do Município de Porto Alegre, na administração de Alceu Collares. 1979



Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal

Catálogo na Fonte

R375 Reis, Vanessi
Do Bom Fim à Cidade Baixa : o uso dos espaços de lazer noturno (1964 – 2006) / Vanessi Reis. – Porto Alegre, 2013. 256 f.
Diss. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Dr^a Maria Lúcia Bastos Kern.

1. Cidade Baixa (Bairro) – Porto Alegre - História.
2. Bom Fim (Bairro) – Porto Alegre – História. 3. Porto Alegre – Lazer. 4. Bares de Porto Alegre. 5. Porto Alegre (RS) - Vida Social e Costumes. 6. Ditadura e Limitações ao Espaço Público. I. Kern, Maria Lúcia Bastos. II. Título.

CDD 981.651

Bibliotecário Responsável

Ginamara de Oliveira Lima
CRB 10/1204